UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

GISELE SOUZA MOREIRA

**Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol:
Discutindo a construção de referências nas duas línguas e os diferentes graus de
(in)definição em algumas expressões com demonstrativos.**

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS
ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol:
Discutindo a construção de referências nas duas línguas e os diferentes graus de
(in)definição em algumas expressões com demonstrativos.**

GISELE SOUZA MOREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

São Paulo
2012

*A Denísia e João, que tanto amo,
porque vocês são meu exemplo na vida e porque esta
conquista só foi possível graças a vocês.*

Agradecimentos

A Deus;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida;

Ao Professor Adrián Pablo Fanjul, que desde a graduação acreditou no meu trabalho e me incentivou, por ter sido um orientador tão presente e por ter me ensinado o que hoje sei sobre a pesquisa;

À Professora Zulma Moriondo, pelas valiosas contribuições no momento da qualificação e pela atenção durante o meu período de graduação e de pós-graduação;

À Professora Monica Zoppi-Fontana, pelas valiosas contribuições no momento da qualificação;

Às Professoras Neide González e Mirta Groppi, que desde a graduação despertaram a minha curiosidade e me motivaram a pesquisar;

Aos meus pais, Denísia e João, que sempre acreditaram que eu conseguiria, por todo o amor e por tudo que fazem por mim.

Ao meu irmão Giovanni, por tanto amor e pelo apoio incondicional com o qual sempre pude contar.

A minha cunhada Naiane, pela amizade e apoio; à Isabelle que, mesmo antes de nascer, já nos traz esperança e alegria.

À Virginia, irmã de coração que sabe tão bem apoiar, confiar e incentivar; por sempre estar ao meu lado.

A Daniele, Evelise e Jerusa, amigas tão queridas, pelo apoio desde o começo deste trabalho e por compreenderem minhas ausências;

A Sheila e Daniele, que são família e amigas e que sempre acreditaram tanto em mim;

A Lorena Menón, Martin Russo e Enrique Melone, amigos que tanto admiro, por discutirem comigo meu trabalho, me incentivarem, e sempre se mostrarem curiosos sobre a minha pesquisa;

Ao Marcelo que, com tanto carinho e compreensão, ficou ao meu lado nesta reta final.

Rios sem discurso

*Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.*

*O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.”*

João Cabral de Melo Neto

Resumo

Este estudo trata dos demonstrativos no português do Brasil e em espanhol a partir de uma análise quantitativa e do estudo de casos extraídos de um *corpus* de língua oral formado por intervenções de ouvintes em programas de rádios do Brasil, da Argentina e da Espanha. O estudo tem um enfoque enunciativo, privilegiando uma visão da linguagem como representação que constitui, no próprio discurso, relações entre as pessoas e os objetos representados; os demonstrativos são focalizados na sua participação na construção dessa representação. Para as análises feitas, consideramos os demonstrativos como formas cujo sentido só pode ser construído na enunciação e cujas referências também só se constituem no universo do discurso. O *corpus* inicial está formado por mil ocorrências de demonstrativos, que foram gravadas e transcritas, divididas por séries e contabilizadas. Foi constatada a hipótese inicial de uma distribuição das três séries que difere da que se apresenta em diversos instrumentos normativos e descritivos em relação às três pessoas do discurso. Partindo dos resultados encontrados, fazemos uma análise de casos que ilustram o funcionamento dos demonstrativos nas duas línguas, e as conclusões às quais chegamos sobre o nosso *corpus* explicitam semelhanças e diferenças no emprego dos demonstrativos no português do Brasil e em espanhol. Observamos uma alternância de formas para referir-se a um mesmo referente e observamos também expressões que têm um efeito de maior indefinição das quais os demonstrativos participam, o que nos levou a pensá-los como formas que talvez não se caracterizem somente por criar um efeito de definição da expressão nominal da qual participam, mas que têm funções que vão além da função referencial.

PALAVRAS-CHAVE: demonstrativos, referência, enunciação, discurso, português, espanhol.

Abstract

This study deals with demonstrative pronouns in Brazilian Portuguese and Spanish taken from a quantitative analysis and case studies drawn from a spoken language *corpus* consisting of radio listeners interventions in Spain, Brazil, and Argentina. The study has an enunciative approach, favoring a view of the language as a representation that constitutes, in the speech itself, relationships between people and the objects represented; the demonstrative pronouns are focused on their participation in the construction of this representation. For the cases studied, we considered the demonstrative pronouns as forms which meanings can only be built on enunciation and which references are also only in the universe of the speech. The initial *corpus* is composed of a thousand cases of demonstrative pronouns that were recorded and transcribed, divided by series and counted. The initial hypothesis of the three-series distribution that differs from the one that is presented in various normative and descriptive instruments in relation to the speeches of three people was verified. Based on the results, we make case analysis that illustrate the statements' operation in the two languages, and the conclusions which we arrived on our corpus elucidate the similarities and the differences in the use of pronouns in Brazilian Portuguese and in Spanish. It was observed an alternation of forms to refer to the same referent and we also noticed expressions that have an effect of greater uncertainty in which the statements are involved, which led us to think of them as forms that might not characterize themselves only by creating an effect definition of the nominal expression in which they participate, but that have functions that go beyond the referential function.

KEYWORDS: demonstrative pronouns, reference, enunciation, speech, Portuguese, Spanish.

Resumen

Este estudio trata de los demostrativos en el portugués de Brasil y en español a partir de un análisis cuantitativo y del estudio de casos extraídos de un *corpus* de lengua oral formado por intervenciones de oyentes en programas de radios de Brasil, Argentina y España. El estudio tiene un enfoque enunciativo, privilegiando una visión del lenguaje como representación que constituye, en el propio discurso, relaciones entre las personas y los objetos representados; los demostrativos se enfocan en su participación en la construcción de esa representación. Para los análisis hechos, consideramos los demostrativos como formas cuyo sentido solo se puede construir en la enunciación y cuyas referencias también se constituyen únicamente en el universo del discurso. El *corpus* inicial está compuesto por mil ocurrencias de demostrativos, que fueron grabadas y transcriptas, divididas por series y contabilizadas. Fue constatada la hipótesis inicial de una distribución de las tres series que difiere de la que se presenta en diversos instrumentos normativos y descriptivos en relación a las tres personas del discurso. Partiendo de los resultados encontrados hacemos un análisis de casos que ilustran el funcionamiento de los demostrativos en las dos lenguas, y las conclusiones a las cuales llegamos sobre nuestro *corpus* explicitan semejanzas y diferencias en el empleo de los demostrativos en el portugués de Brasil y en español. Observamos una alternancia de formas para señalar a un mismo referente y también observamos expresiones que tienen un efecto mayor de indefinición de las que participan los demostrativos, lo que nos llevó a pensarlos como formas que tal vez no se caractericen solamente por crear un efecto de definición de la expresión nominal de la cual participan, sino que también presentan funciones que van más allá de la función referencial.

PALABRAS-LLAVE: demostrativos, referencia, enunciación, discurso, portugués, español

SUMÁRIO

I.	Introdução.....	11
II.	Capítulo I: Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: reflexões sobre uma fundamentação teórica para o estudo de casos	13
i.	Introdução.....	13
ii.	Os demonstrativos: definição e descrição	14
iii.	As três séries dos demonstrativos	20
iv.	Os demonstrativos sob uma perspectiva enunciativa	26
v.	A construção de referências em expressões com demonstrativos	29
a.	A referência exofórica: os demonstrativos e a dêixis	33
b.	A referência endofórica: os demonstrativos e a anáfora	38
c.	A referência endofórica: os demonstrativos e a catáfora	44
vi.	Primeiras observações	45
III.	Capítulo II: os diferentes empregos dos demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: constituição do <i>corpus</i> e análise de casos	47
i.	Introdução.....	47
ii.	<i>Corpus</i> : constituição, motivação e gênero.....	48
iii.	Relato quantitativo sobre o <i>corpus</i>	55
iv.	Análise de casos do <i>corpus</i>	60
a.	Critérios para seleção e análise de casos.....	60
b.	Os demonstrativos no português do Brasil	61
i.	A segunda série e os seus diferentes espaços	62
ii.	Diferentes empregos da forma “ <i>aquele</i> ” em enunciados no português do Brasil	71
iii.	Os demonstrativos do português do Brasil em outros tipos de construções: de nomes próprios a expressões pejorativas	76
iv.	Reflexões gerais sobre o funcionamento dos demonstrativos no português do Brasil.....	79
c.	Os demonstrativos em espanhol.....	80
i.	E de que passado falamos? <i>¿ese o aquel?</i>	81
ii.	A primeira série em espanhol e a questão da referencia textual	85
iii.	Reflexões sobre o funcionamento dos demonstrativos em espanhol	89
d.	Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: comparando as duas línguas	90

v.	Algumas conclusões.....	92
IV.	Capítulo III: os diferentes graus de (in)definição nas construções com demonstrativos no português do Brasil e no espanhol.....	94
i.	Introdução.....	94
ii.	Os demonstrativos e a questão da definição: reflexões teóricas.....	96
iii.	Análise de casos.....	112
a.	Casos no português do Brasil.....	112
b.	Casos no espanhol.....	119
c.	Os demonstrativos em português e espanhol em construções com diferentes graus de definição – uma reflexão comparativa	125
iv.	Algumas conclusões	128
V.	Conclusão.....	130
VI.	Referências bibliográficas	133
VII.	Anexo – <i>corpus</i>	137

I. INTRODUÇÃO

Já no latim, os demonstrativos se caracterizavam pela divisão em três séries relacionadas às pessoas do discurso, divisão esta que também aparece no português do Brasil (*este, esse, aquele*) e no espanhol (*este, ese, aquel*). Contudo, alguns estudos sobre o português do Brasil atual, aos quais faremos referência ao longo deste trabalho, apontam uma tendência à transformação do sistema de ternário para binário, como resultado de uma aparição crescentemente restringida do demonstrativo de primeira série.

Em espanhol, parece também haver uma menor ocorrência de uma das séries dos demonstrativos, porém se trataria de um uso mais baixo da terceira série (*aquel*). Nossa intuição inicial era de que haveria, portanto, uma desestabilização no emprego dessas formas, em ambas as línguas, mas a partir de diferentes séries, sendo que a segunda série (*esse/ese*) teria uma maior flexibilidade, ocupando, no discurso, os diferentes espaços que caberiam às outras séries.

A observação do funcionamento dessas formas na língua oral nos interessou, inicialmente, devido a essa desestabilização no emprego das séries dos demonstrativos, e acreditamos ser este um tema que merece atenção dentro do campo dos estudos linguísticos, principalmente no que se refere ao estudo comparativo entre o português do Brasil (doravante PB) e o espanhol (doravante E). Delimitamos nosso *corpus* selecionando somente enunciados de língua oral pois as pesquisas lidas nos levam a antecipar a diferença que haveria, no emprego dessas formas, se tomássemos casos do âmbito escrito. Selecionamos rádios de diferentes regiões para compor o nosso *corpus*, porém esclarecemos que não pretendemos fazer um estudo de variação linguística.

O objeto de estudo desta dissertação são os demonstrativos, formas que nos chamaram tanto a atenção devido a sua importância na construção de sentido no discurso e porque são formas comumente relacionadas a expressões referenciais. Parece-nos importante pensar os demonstrativos a partir de uma visão que considere a enunciação levando em conta, portanto, que os demonstrativos são formas que só podem ser explicadas quando pensadas na enunciação, tudo isso entendendo a linguagem como representação que constitui, no próprio discurso, relações entre as pessoas e os objetos representados.

O nosso interesse em estudar os demonstrativos partiu de uma observação do caráter referencial que podem ter essas formas, pensando na referência como algo que se constitui no discurso e os demonstrativos como formas que estão presentes em expressões que se referem a um universo de discurso. Posteriormente, a observação do *corpus* levantado, levou-nos a refletir sobre casos em que esse caráter referencial fica questionado, assunto ao qual dedicaremos o terceiro capítulo desta dissertação.

No primeiro capítulo, revisaremos textos sobre os demonstrativos nessas duas línguas e também textos sobre o referencial teórico que nos interessa aplicar a este estudo. Já num primeiro momento da pesquisa, citaremos alguns casos do *corpus* para verificar a aplicabilidade das teorias que serão apresentadas.

No segundo capítulo, apresentaremos dados quantitativos sobre a ocorrência de demonstrativos no nosso *corpus*, dividindo-os por sua série para observar o funcionamento das três séries no emprego dos demonstrativos; faremos análises individuais de alguns casos pensando nos espaços ocupados por elas, o que nos permitirá refletir sobre outras expressões nas quais os demonstrativos participam em construções mais indefinidas, o que nos levou a pensar os demonstrativos como formas que talvez não se caracterizem somente por criar um efeito de definição da expressão nominal da qual participam, mas que têm funções que vão além da referencial.

Esta dissertação está organizada, portanto, de modo que reflete o percurso que teve a própria pesquisa: começaremos com reflexões teóricas sobre os demonstrativos, passaremos à constituição e à análise do *corpus*, pensando em diferentes empregos dos demonstrativos no PB e no E, e terminaremos com o começo de uma reflexão sobre um tipo de expressão que nos chamou a atenção durante a análise do *corpus*: os diferentes graus de (in)definição nas construções com demonstrativos, assunto sobre o qual apresentaremos o que é, por enquanto, mais uma interrogação sobre o funcionamento dessas formas; traçaremos, a modo de conclusão, uma reflexão comparativa sobre o funcionamento de tais construções no PB e no E.

II. CAPÍTULO I: Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: reflexões sobre uma fundamentação teórica para o estudo de casos

i. Introdução

No que concerne aos demonstrativos, o PB e o E apresentam um sistema formado por três séries com uma diversificação de formas bastante análoga, porém no funcionamento de cada língua encontramos substanciais diferenças.

A tradição gramatical e alguns estudos sobre os demonstrativos apontam a dêixis como sua função principal, e entendem os demonstrativos como formas que estabelecem referência entre algo do discurso e o mundo “real”, não considerando, muitas vezes, a enunciação. Pretendemos, neste capítulo, discutir questões teóricas acerca dos demonstrativos, sempre partindo da perspectiva de que são formas cuja ocorrência participa na produção de sentido no enunciado.

Inicialmente, faremos uma exposição de algumas definições dos demonstrativos partindo de sua origem no latim e sua evolução até o PB e o E atuais; trataremos brevemente da discussão sobre a classe à qual pertencem essas formas, e também passaremos por alguns estudos sobre os usos que fogem às sistematizações tradicionais, tanto em PB quanto em E, como é o caso da segunda série (*esse/ese*)¹ que apresenta consideráveis diferenças no seu emprego nas duas línguas.

Logo, construiremos uma reflexão sobre os demonstrativos a partir da teoria da enunciação (BENVENISTE, 1985). Estudos como os desse autor e de outros autores que, com diferentes pontos de vista quanto ao papel do sujeito, pensam a língua a partir da enunciação, serão usados para nortear-nos na análise que será feita em capítulos posteriores, por isso acreditamos ser de grande importância tratar dessas noções neste primeiro momento da pesquisa.

Por fim, passaremos a uma reflexão sobre as noções de *dêixis*, *anáfora* e *catáfora*, já que são conceitos sempre ligados aos demonstrativos e, muitas vezes, associados às funções principais dessas formas. Estudaremos tais fenômenos considerando o enunciado como ponto de partida para as análises que caracterizam os demonstrativos como elementos dêiticos.

¹ Para facilitar nossa exposição, de agora em diante nos referiremos às séries dos demonstrativos a partir de sua forma singular masculina, e com isso entenda-se que nos referimos a toda a série.

Neste primeiro capítulo pretendemos, portanto, traçar um panorama dos estudos sobre os demonstrativos, discutindo a base teórica com a qual trabalharemos em capítulos posteriores dedicados a análises de casos. Para ilustrar alguns conceitos e teorias, citaremos eventualmente casos do nosso *corpus*; contudo, as questões relativas ao gênero e à constituição desse *corpus* serão trabalhadas no capítulo II desta dissertação.

ii. Os demonstrativos: definição e descrição

Nesta primeira seção, tentaremos descrever os demonstrativos a partir das suas definições correntes e das funções que geralmente são atribuídas a eles, o que nos dará um panorama de como têm sido entendidas essas formas. O conhecimento desses estudos também possibilitará, posteriormente, a construção de uma reflexão sobre o funcionamento dos demonstrativos em PB e E, com base na teoria que será discutida ainda neste capítulo e nas análises dos casos do *corpus*, que caberão ao capítulo II.

Partiremos de uma breve consideração sobre a história e evolução dos demonstrativos desde o latim para começar a trabalhar numa descrição dessas formas. Silva Neto (1970) afirma que:

“o sistema dos demonstrativos era constituído por hic (relativo à primeira pessoa), iste (relativo à segunda) e ille (da terceira), is (empregado para todas as pessoas) e ipse (marca de identidade). Desde cedo, porém, a língua corrente adotou, na ordem de proximidade, iste, ipse e ille. Foram reforçados com a partícula de relêvo eccum, largamente documentada: eccum iste (port. arc. aqueste), eccum ipse (port. arc. aquesse) e eccum ille, que se mantém no português aquêlê.” p. 235

Os demonstrativos no latim já se caracterizavam pela divisão em três séries de acordo com uma ordem de proximidade a partir de uma relação estabelecida com as pessoas do discurso que partiria de “*este*” (mais próximo) até “*aquele*” (mais distante) do enunciador, e já apresentavam um caráter dêitico. Com isso, podemos notar que os demonstrativos, em latim, aparecem relacionados às três pessoas do discurso, o que, como veremos mais adiante, ainda é uma associação corrente em estudos atuais, tanto no PB quanto em E.

Ainda tratando da evolução dessas formas, Galembeck (2011) questiona, em seu texto, se os demonstrativos com esse sistema tripartite vindo do latim se mantêm vivos no PB; depois de uma análise da evolução dessas formas, o autor conclui afirmando que:

“a classe dos pronomes demonstrativos vem sofrendo reestruturações sucessivas, marcadas pelo abandono de certas formas, pela introdução de novas formas e pelo acréscimo de novos usos. Verifica-se, assim, o desaparecimento de hic, o surgimento e o desaparecimento das formas reforçadas, a introdução de ipse como demonstrativo de segunda pessoa. Quanto ao uso, cabe apontar o incremento do emprego anafórico (representado por esse/isso) e, no emprego dêitico, a substituição do sistema ternário (este, esse, aquele) pelo sistema binário.” p.153

Das reestruturações citadas pelo autor, uma nos chama bastante a atenção e foi, inclusive, uma das motivações iniciais da nossa pesquisa: a suposta substituição do sistema ternário por um sistema binário no PB, fato que observávamos também, em certa medida, no E, porém cada língua estaria abandonando uma série diferente: no caso do E, teríamos uma substituição de *“aquele”* por *“ese”*, e, no caso do PB, uma substituição de *“este”* por *“esse”*.

Contudo, desde a nossa hipótese inicial sobre tal mudança, não nos sentíamos confortáveis em afirmar que os demonstrativos haviam passado a funcionar num sistema binário, principalmente pelo fato de ainda encontrarmos, como explicaremos posteriormente, usos que só se realizam, em ambas as línguas, com a série que se estaria perdendo, *“este”* no caso do PB, e *“aquele”* no caso do E.

Ao longo do nosso trabalho, observaremos os usos das três séries dos demonstrativos no nosso *corpus* e comentaremos com mais detalhes a possibilidade de existência ou não de um sistema binário dos demonstrativos em PB, conforme afirmam alguns estudos como o citado anteriormente; verificaremos, também, se o mesmo fenômeno aconteceria em E. De qualquer forma, a observação da organização do sistema dos demonstrativos já nos mostra que tais formas vêm passando por mudanças desde suas formas iniciais do latim.

A classe dos demonstrativos está composta por três séries tanto em PB quanto em E, e em cada uma dessas séries encontramos o singular e plural das formas do masculino e feminino, e uma forma neutra. Vejamos algumas descrições que organizam o sistema dos demonstrativos nessas três classes para que, posteriormente, possamos comparar tais divisões e as explicações sobre elas com os casos encontrados no nosso *corpus*.

Castilho (2010) apresenta um quadro explicativo sobre o sistema ternário dos demonstrativos, sobre o qual afirma que *“não corresponde ao uso contemporâneo do PB.”* p.498. Reproduzimos, a seguir, o quadro:

Quadro 11.5 – Esquema ternário dos pronomes demonstrativos. p.497

PESSOA	PRONOME PESSOAL	DEMONSTRATIVO
Primeira	eu	este
Segunda	você/tu	esse
Terceira	ele	aquele

No E encontramos, em diversas gramáticas, a mesma divisão apresentada anteriormente no PB. Como exemplo, podemos citar a “*Gramática funcional del español*”, na qual Alarcos Llorach (1994) afirma que:

“las referencias de los demostrativos son paralelas a las de los pronombres personales, unidades que efectúan también una deixis (...) los tres lexemas demostrativos de este, ese, aquel, que indicarían la combinación del lexema “deixis” con respectivamente los lexemas “en relación con 1ª persona”, “en relación con 2ª persona” y “en relación con lo que no es ni 1ª ni 2ª personas”.” p. 302-303

Assim como em Castilho (2010), na citação anterior os demonstrativos são relacionados às pessoas do discurso, comparados aos pronomes pessoais; sendo assim, poderíamos resumir essas informações recorrentes em gramáticas, nas duas línguas, construindo a seguinte tabela, que reproduzimos para uma melhor visualização dessas descrições correntes sobre os demonstrativos, embora não acreditemos que seja capaz de descrever o funcionamento dos demonstrativos em ambas as línguas:

	PORTUGUÊS	ESPANHOL
1ª pessoa	este(a)/s, isto	este(a), estos, estas, esto
2ª pessoa	esse(a)/s, isso	ese(a), esos, esas, eso
3ª pessoa	aquele(a)/s, aquilo	aquel, aquellos, aquellas, aquello

Apesar dos demonstrativos serem descritos, geralmente, como formas relacionadas às três pessoas do discurso como na tabela anterior, no nosso estudo não nos apoiaremos nessa divisão para explicar o funcionamento de tais formas, já que analisaremos diversos casos do *corpus* nos quais as correspondências entre pessoa do discurso e série do demonstrativo não é aplicável. Em alguns momentos da pesquisa, partiremos dessa divisão para observar em que

medida muitos casos não se encaixam nela, e é por isso que nos interessava apresentar a tabela anterior.

Nas tabelas e citações expostas há a menção às pessoas do discurso. De acordo com tal divisão, poderíamos afirmar que no campo da primeira pessoa está tudo o que se relaciona com quem enuncia, e o tempo e espaço nos quais esse enunciador está inserido; a segunda pessoa refere-se ao domínio da pessoa com quem se fala; e a terceira, a tudo que não está nem no domínio da primeira nem da segunda pessoa do discurso, aquilo que Benveniste (2005) caracteriza como “*não pessoa*”, e que trabalharemos com mais detalhes posteriormente.

Se tomamos a tabela apresentada e a relação com as pessoas do discurso como ponto de partida da nossa observação, deduziríamos que a estrutura do sistema dos demonstrativos em PB e E seria similar, a série *este/este* se referiria ao que está no domínio da primeira pessoa do discurso, a série *esse/ese* ao domínio da segunda e *aquele/aquel* ao domínio da terceira. Porém, conforme afirmávamos anteriormente, os demonstrativos em ambas as línguas não seguem rigorosamente tal divisão.

Para explicar mais claramente por que não nos parece que haja uma correspondência entre as duas línguas quanto ao emprego dos demonstrativos, poderemos valer-nos de casos do *corpus*; porém, antes de passar a esse ponto, parece-nos importante que pensemos um pouco na função dessas formas na língua e nas discussões sobre a delimitação de uma classe na qual os demonstrativos estariam contidos.

Benveniste (1989) define os demonstrativos como “*termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo*” p.85. Já nos parece importante esclarecer que entendemos os demonstrativos como formas que participam na produção de sentido no enunciado, trata-se de pronomes que funcionam como elementos referenciais, mas essa referência deve ser pensada a partir da enunciação.

A referência da qual tratamos é a que se faz ao mundo representado na enunciação, não a uma realidade exterior que o enunciado reproduziria fielmente. Embora em muitos momentos nos referiremos a “situação” ou “conteúdos” referidos por expressões que contém demonstrativos, para nós essa “situação” e esses “conteúdos” são os representados na enunciação. Ducrot e Todorov (2001) afirmam que:

“tendo a comunicação linguística muitas vezes por objeto a realidade extralinguística, os locutores devem poder designar os objetos que a constituem: é a FUNÇÃO REFERENCIAL da linguagem (os objetos designados por uma expressão formam seu referente). Essa realidade não é todavia necessariamente a realidade, o mundo. As línguas naturais têm com efeito o poder de construir o universo ao qual elas se referem; podem pois obter um UNIVERSO DE DISCURSO imaginário” p. 229

É com esta ideia que seguiremos por todo o nosso estudo: pensaremos os demonstrativos a partir da sua participação na construção de sentido em cada enunciado. Observando a função dessas formas, Neves (2000) destaca duas possibilidades de emprego dos demonstrativos: *“como referenciador textual (uso endofórico)”*, no qual explica os usos que se apresentam como catáfora ou anáfora, e como *“referenciador situacional (uso exofórico)”* p.495-498, que trata do que estabelece relações fora do texto. Ainda neste capítulo dedicaremos uma seção a essas funções.

Castilho (1993) discute diferentes opiniões sobre como delimitar uma classe na qual estejam contidos os demonstrativos. Partindo dessa discussão propõe que exista a classe dos *mostrativos*, que tem a função de *“retomar conteúdos e a de indicar a posição espacial, temporal ou textual ocupada pelo referente”* p.122. Segundo o autor, a classe dos *mostrativos* incluiria as formas: *“ele, o (pronome pessoal e artigo indefinido), este, esse, aquele, isto, isso, aquilo, mesmo, próprio, tal, semelhante”* p.122.

O autor repensa a classe dos demonstrativos motivado pela observação de que a função de indicar a posição ocupada pelo referente também pode ser notada em outras classes de palavras. No campo dos estudos descritivos sobre o espanhol, também temos discussões a respeito da classe à qual pertencem essas formas. Bosque (2009) ao pensar na definição de uma classe para os demonstrativos, afirma que *“algunos autores analizan los demostrativos subrayados en este libro, aquella idea o ese aire como adjetivos, mientras que otros los consideran determinantes”* p.1278 .

Depois de expor essas duas possibilidades de análise do demonstrativo, como adjetivo ou determinante, o mesmo autor, Bosque (2009) explica que:

“el criterio tradicional para incluir estas voces en la clase de los adjetivos, en lugar de hacerlo en la de los determinantes, es fundamentalmente morfológico: los demostrativos concuerdan en género y número con el sustantivo, tal como lo hacen los adjetivos. Sin embargo su función dentro del grupo nominal es distinta. Mientras

que los adjetivos modifican la INTENSIÓN nominal, los determinantes afectan a su extensión, puesto que convierten el grupo nominal en una expresión referencial”
p.1278

Também nos estudos sobre o PB é comum relacionar os pronomes demonstrativos à classe dos adjetivos devido ao que afirma o autor anteriormente citado: uma semelhança morfológica entre ambas as classes; contudo, a função que cumpre o adjetivo é diferente da função do demonstrativo, já que este, como afirma o autor, tem a possibilidade de transformar o sintagma nominal em referencial. Lembremos também um caráter dos demonstrativos que tem sido considerado nesta pesquisa: são formas que participam na construção de diferentes referências em cada enunciação.

Alarcos Llorach (1994), numa discussão também sobre a classificação dos demonstrativos, propõe a seguinte questão: “¿qué motivos lingüísticos obligan a seguir reconociendo como una clase especial los elementos significativos a los llamados demostrativos?” p.287. E, mais adiante, o mesmo autor explica:

“hay en el sistema (por de pronto en el del castellano, que aquí consideramos) otras unidades que también se caracterizan semánticamente por la misma propiedad mostrativa (por ejemplo, los adverbios locales, los pronombres personales, que igualmente hacen siempre referencias “ocasionales” dependientes de la situación y el acto lingüístico concretos)” p.290

A interrogação de por que se deveriam separar os demonstrativos em uma classe única é proposta a partir da afirmação de que outras formas também podem cumprir a função dêitica que têm os demonstrativos. Posteriormente, o autor afirma que, para reconhecer os demonstrativos como uma classe diferente, deve-se buscar razões funcionais; conclui, então, que os demonstrativos podem exercer duas funções: a de adjetivo junto a um substantivo e a de pronome.

De acordo com este autor (Alarcos Llorach, 1994), os demonstrativos cumprem basicamente as mesmas funções de um adjetivo, porém, não classificam os objetos, e sim os identificam. Enfim, afirma que “los demostrativos constituyen un subsistema dentro del paradigma funcional de los adjetivos.” p.301.

O autor reconhece as diferentes funções dos demonstrativos e dos adjetivos, porém considera pertinente classificar os demonstrativos como uma subclasse dentro dos adjetivos, reconhecendo suas particularidades.

As propostas de reclassificação dos demonstrativos já nos mostram o quão discutidas essas formas são. Não pretendemos redefinir os demonstrativos ou localizá-los dentro de uma classe diferente, porém acreditamos que essas propostas nos auxiliarão em nossa reflexão devido às motivações de autores que, ao propor uma reclassificação ou discutir as classificações existentes, são levados a repensar as particularidades dessas formas. Sendo assim, algumas definições da classe dos demonstrativos nos ajudam a entender não só a dificuldade de localizá-los dentro de uma classe, mas também a dificuldade de análise dessas formas, o que discutiremos no capítulo seguinte, dedicado à análise de casos.

Nas nossas análises, consideraremos toda a classe dos demonstrativos, tanto no seu funcionamento substantivo como determinante. Analisaremos os demonstrativos que cumprem a função de determinantes pelo efeito que causam na representação daquilo denominado pelo sintagma nominal, e observaremos as formas demonstrativas que se apresentam como substantivos; também será considerado o papel dos demonstrativos em construções com valor de indefinição, assunto ao qual o capítulo III estará dedicado.

Neste ponto, tentamos expor as definições correntes dos demonstrativos, discutindo suas funções e particularidades para começar uma reflexão sobre essas formas. A seguir, o nosso foco estará no tema da divisão dos demonstrativos em três séries e em estudos que questionam a validade de tal divisão para o PB e o E atuais.

iii. As três séries dos demonstrativos

No começo deste capítulo, fizemos uma breve exposição sobre como a relação dos demonstrativos com as pessoas do discurso é geralmente o ponto de partida das explicações nas gramáticas tradicionais sobre essas formas, pensaremos agora em cada uma dessas séries com mais detalhes.

Não acreditamos que a divisão dos demonstrativos em três séries dê conta da realidade do emprego dessas formas, embora seja uma divisão recorrente. Faremos, portanto, uma breve reflexão sobre cada uma das três séries para, posteriormente, pensar sobre os espaços que ocupa cada uma no uso em PB e em E.

Para dar exemplos do emprego de cada série, anteciparemos alguns casos do nosso *corpus*, mas esclarecemos que no próximo capítulo fundamentaremos a escolha e constituição desse *corpus*, bem como explicaremos os critérios para seleção e análise dos casos. Bechara (2004) afirma que os demonstrativos:

“... são os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. (...) Esta localização pode ser no tempo, no espaço ou no discurso, (...) nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos, muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática” p.167

O autor comenta a divisão dos demonstrativos reconhecendo que muitas vezes o emprego real dessas formas difere de tal descrição. Estudos anteriores ao nosso já destacavam essa impossibilidade de fazer uma correspondência direta entre as séries dos demonstrativos e as pessoas do discurso, já que em muitos casos os demonstrativos não obedecem a essa distribuição. Bosque (2009), ao comentar a interpretação tradicional que relaciona cada classe dos demonstrativos com uma das pessoas do discurso, afirma que:

“otra interpretación, más reciente, cuestiona este análisis y postula en su lugar una oposición binaria entre este, que denota cercanía al hablante, y aquel, que indica lejanía. El demostrativo ese sería un elemento no marcado que puede tomar ambos valores y que se usa en situaciones en las que la relación de proximidad no es relevante”. p.1280

O autor fala em oposição binária, sem excluir o emprego de *ese* em E, definindo a segunda série como elemento não marcado, que pode assumir outros valores. O problema da definição anterior é que nem sempre essa flexibilidade da segunda série se vê somente em casos nos quais a proximidade não é relevante. Vejamos os dois casos a seguir, ambos são transcrições de falas de ouvintes, extraídas de rádios: a primeira, de uma rádio argentina; e a segunda, de uma rádio brasileira.

[...] vino Cámpora... que trajo a un ministro este:: del interior... un joven ministro de interior Esteban Righi... este:: que hizo el mayor acto de justicia... liberó a todos los presos políticos... entre los cuales salió François (Shiat)... un... este:: narcotraficante internacional que estaba este:: () de voto y y salió con... a ver... la protección de Abal Medina y toda esa caterva... este:: que figuraba en ese

*momento... Juan Perón alababa a **esa** juventud maravillosa... después **esa** juventud maravillosa pasaron a ser unos miserables [...]*

(E.11 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:56)

*[...] o que acontece aqui **nesse** país é que há impunidade... a justiça é... super lenta [...] o caso do mensalão... está lá já desde dois mil e cinco e ninguém foi punido... se houve **isso** se houve **aquilo**... não precisa de ouvir mais ninguém... o país inteiro... o mundo inteiro sabe o que aconteceu... o próprio Lula disse... numa entrevista na França... que existe caixa dois... caixa três... não sei o que não sei o que lá... ele admitiu... e ele sabe... ele é uma velha raposa... então **isso** é preocupante porque a impunidade é que está fazendo **esse** país ser (solapado) do jeito que está [...] então infelizmente nós estamos **desse** jeito... hoje pela manhã eu ouvi na Jovem Pan... que a a que foi instalada a CPI do do MST e ouvi **aquele**:: ... senadorzinho de Sergipe... Almeida Lima... dizer... que não... eu vou tirar férias agora... o negócio vou só para fevereiro [...] entregou a a o galinheiro pras raposas... pros lobos... **este** país do jeito que está não dá [...]*

(P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16)

Nos dois casos, retirados do *corpus*, podemos perceber que a proximidade tem importância no contexto. No primeiro caso o ouvinte que liga para a rádio, fala do passado político da Argentina e a distância não nos parece algo irrelevante. O uso de “ese” tem uma marcação temporal clara: o passado.

No segundo caso, quando a ouvinte da rádio enuncia “o que acontece aqui *nesse* país é que há impunidade”, há uma referência dêitica ao país no qual está o enunciador, tanto é assim que no final do trecho transcrito, ela muda o demonstrativo empregado para construir a mesma referência: “*este* país do jeito que está não dá”. Estes e outros casos serão analisados com mais detalhes no capítulo II, mas já podemos, a partir da sua observação, questionar a divisão que postula uma relação direta entre as três séries dos demonstrativos e as pessoas do discurso.

Castilho (1993) afirma que os demonstrativos “*não mostram uma estrita adesão às três pessoas do discurso, na forma como isso foi formulado*” p.127-128. A partir de dados do *Projeto de Gramática do Português Falado*, o autor observa que a frequência de uso da forma *esse* foi maior, num *corpus* com 91 ocorrências de demonstrativos:

“*este 13% / esse 58% / aquele 29%*” p.127

Nossa hipótese inicial era de que teríamos uma baixa frequência de uso da primeira série no *corpus* em PB, que seria substituída em diversos casos pela segunda, como apontam os resultados no estudo anteriormente citado. Posteriormente, com a exposição dos resultados do nosso *corpus*, veremos que a nossa hipótese se confirma.

No E, conforme comentávamos anteriormente, temos alguns estudos que indicam o emprego de *ese* no lugar de *aquel* para referir-se ao que não pertence nem ao campo da primeira pessoa nem ao campo da segunda. Sobre esse emprego dos demonstrativos em espanhol, Kany (1969) afirma:

“(...) en el español de América existe una tendencia a hacer caso omiso de aquél y sustituirlo por ése en la mayoría de las circunstancias. De esta manera, ése soporta una doble carga, perdiendo su expresividad. En realidad, semejante uso se puede hallar en el español peninsular y se remonta al lenguaje antiguo, en el cual se empleaba ése con frecuencia allí donde la lengua consagrada actual exige aquél”
p.170

A afirmação do autor nos parece um pouco problemática por começar definindo que é no “*español de América*” que *aquel* é substituído por *ese*. O nosso *corpus*, por exemplo, mostra que essa divisão não é adequada para o espanhol atual, já que também encontramos diversos usos de *ese* substituindo *aquel* na parte do nosso *corpus* que foi gravada de uma rádio da Espanha, e porque, também na rádio da Argentina, encontramos casos de *aquel*. Vejamos os dois casos a seguir que ilustram tal afirmação:

*[...] yo en el año ochenta y cuatro... me quedo embarazada [...] me pongo de parto... me voy a urgencias... y ahí justamente la misma noche... en la que yo me pongo de parto antes de subirme a planta... ya me están hablando y diciendo si puedo dar a la niña en adopción... ya sabemos que es una niña por ecografía... ¿vale?... ya lo están comentando... yo en **aquel** momento quiero salir de allí corriendo pero ya los dolores son tan fuertes que no puedo salir andando ni en **ese** momento puedo avisar a nadie porque por acá entonces no habían teléfonos móviles... y mi familia no se encontraba cerca [...]*

(E.93 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:29)

*[...] estaba escuchando el tema **este** de Maradona... Maradona es como somos todos... acá parece ser... que **aquellos** que tienen la... la... que reciben la varita mágica para ser personalidades [...] ¿qué era más difícil? ¿ser Maradona de Villa Fiorito o ser Maradona de hoy? yo creo que es **esa** la cuestión [...]*

(E.39 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:24)

No primeiro caso temos a transcrição da fala de uma ouvinte de uma rádio espanhola, na qual podemos perceber o uso de “*aquel*” em um primeiro momento, e, posteriormente, o emprego do demonstrativo “*esse*” para referir-se ao mesmo momento. Mais adiante, verificaremos que neste caso outros fatores influenciam no emprego dessas diferentes séries, porém nos interessava, inicialmente, mostrar que o demonstrativo de segunda série também é empregado, na rádio da Espanha, para referir-se ao passado.

No segundo caso, podemos observar o emprego do demonstrativo de terceira série numa rádio argentina, o que também vai contra a afirmação de que haveria uma substituição da terceira série pela segunda no que o autor denomina “*español de América*”.

Fanjul (2006, p.169) já constatava a impossibilidade de afirmar que há uma desapareição de *aquel* no que Kany generaliza como o *español de América* a partir da observação do trabalho de De Kock (1997, p.147), no qual o autor apresenta ocorrências de *aquel* em escritores hispano-americanos.

Bosque (2009) também afirma que é somente em alguns países da América que se pode observar o uso de *ese* no lugar de *aquel*. Vejamos:

“En algunos países americanos se reducen las series ternarias a series binarias de otra manera: el demostrativo aquel queda reservado para los usos literarios, o para la deixis evocadora a la que se hace referencia en el § 17.2s, de forma que la deixis ostensiva se lleva a efecto con los demostrativos este y ese (y SUS variantes morfológicas). Así, en buena parte de las áreas rioplatense, andina y chilena, pero también en otras, es infrecuente el uso de aquel con interpretación ostensiva. [...] La preferencia de ese en lugar de aquel se extiende a algunas expresiones idiomáticas. En el español europeo es común la locución adverbial en aquel entonces. En casi todos los países americanos se usa en ese entonces, unas veces en alternancia con la variante en aquel entonces y otras como forma mayoritaria o exclusiva.” p.1280-81

O autor se refere a dêixis evocadora, que segundo ele é uma manifestação da “*deixis en ausencia*” (p.1283), que expressa distância invocando um âmbito conhecido por ambos, locutor e interlocutor, e à dêixis ostensiva, que está relacionada ao gesto de apontar. Ainda neste capítulo estudaremos o conceito de dêixis como uma das funções dos demonstrativos.

Na citação anterior, o autor também comenta a questão da variação geográfica em relação ao emprego das séries dos demonstrativos. Não consideraremos, na nossa dissertação,

a possibilidade de variação geográfica no emprego dessas formas já que esse não é o foco do nosso estudo e não teríamos dados suficientes para fazer afirmações sobre qualquer tipo de variação, o que sim faremos a partir do nosso *corpus* é uma primeira quantificação e, posteriormente, uma reflexão de tipo qualitativo sobre alguns traços semânticos que aparecem relacionados ao emprego das séries dos demonstrativos encontrados. Essas questões serão melhor esclarecidas no segundo capítulo, no qual faremos uma caracterização do *corpus*.

De qualquer modo, como afirmam os autores que citamos e como poderemos observar no nosso *corpus*, há uma desestabilização no emprego das três séries dos demonstrativos em PB e E, o que não condiz com a relação de cada série com uma das pessoas do discurso. Observando as três séries podemos perceber que a segunda é a que ocupa um lugar de desestabilização quando comparamos as duas línguas: no PB, se emprega para referências nas quais se esperaria o emprego da primeira série; no E, é empregada em casos nos quais se esperaria a terceira série.

Como dito anteriormente, levaremos em conta que a relação dos demonstrativos com as três pessoas do discurso não dá conta da descrição dos empregos dos demonstrativos na língua oral em PB e E. Sobre essa variação no emprego das séries, que nos motivou no começo desta pesquisa, Bosque (2009) faz uma interessante afirmação:

“es el hablante el que establece subjetivamente la medida de la distancia en los casos mencionados. De hecho, se ha observado que los hablantes que emplean series ternarias alternan con frecuencia ese y aquel en función de interpretaciones particulares. (...) la distancia respecto del centro deíctico que los demostrativos ponen de manifiesto en las series ternarias no es tanto física, como PERCEPTIVA o VALORATIVA.” p.1282

Duas palavras usadas pelo autor para definir a distância que os demonstrativos evidenciam nos parecem interessantes: *perceptiva* e *valorativa*. A afirmação é feita sobre o E, mas poderíamos pensá-la também para o PB, já que analisaremos diversos casos do *corpus* nos quais a série dos demonstrativos empregada evidencia a perspectiva do enunciador em relação ao que enuncia.

A questão do emprego das três séries dos demonstrativos será retomada no capítulo II, no qual faremos uma exposição dos resultados de nosso *corpus* e analisaremos casos desse *corpus*, retomando inclusive os que antecipamos nesta seção.

iv. Os demonstrativos sob uma perspectiva enunciativa

“Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi favorecida pelo Papa, logo obteve a submissão dos ingleses, que precisavam de líderes, e nos últimos tempos se tinham habituado à usurpação e à conquista. (...) Edwin e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria, pronunciaram-se a favor dele, e até Stigand, o patriótico arcebispo de Cantuária, achando isso conveniente...”

- Achando o quê? – perguntou o Pato.

- Achando isso – replicou o Rato já meio aborrecido – Naturalmente você sabe o que “isso” quer dizer.

- Sei muito bem o que “isso” quer dizer quando sou eu que acho alguma coisa – explicou o pato. – Em geral, uma rã ou um verme. Mas a questão é: o que foi que o arcebispo achou?”

(Lewis Carroll, 1980:53-54)

Nessa passagem traduzida de *Alice no País das Maravilhas*, o rato está contando uma história a Alice e a alguns animais, e a dúvida do pato diz respeito à composição do verbo “*achar*” acompanhado do demonstrativo neutro “*isso*” utilizado para fazer referência ao dito anteriormente. A confusão se dá pois o pato considera somente uma acepção para o verbo “*achar*”, a que significa “*encontrar*”, e não consegue entendê-lo, na frase, como *ter opinião sobre algo*. A partir disso, o grande problema do diálogo se torna:

O que a palavra “isso”, nesse caso precedida pelo verbo “achar”, significa? A que se refere esse demonstrativo?

Em resposta ao questionamento do pato, o rato diz: “*naturalmente você sabe o que “isso” quer dizer*”. Poderíamos pensar que o rato emprega o demonstrativo neutro *isso* como uma palavra que apresenta uma referência fixa. O advérbio *naturalmente* reforça a ideia de como parece evidente para o rato o significado do pronome *isso*.

Porém, o pato logo responde alegando que sabe o que a palavra *isso* quer dizer quando é ele que a profere, no caso ele afirma usar a construção *achar* + *demonstrativo* para falar do resultado de uma busca: “*Sei muito bem o que “isso” quer dizer quando sou eu que acho alguma coisa – explicou o pato. – Em geral, uma rã ou um verme*”.

Ao estudar os demonstrativos, na maioria das vezes somos levados diretamente ao conceito de referência, e, como vimos anteriormente, algumas gramáticas afirmam que os demonstrativos representam algo do mundo “real”. Porém, o questionamento do pato na

história de Alice nos faz lembrar que a referência é algo que se constrói no processo enunciativo, e que não é fixa.

Na próxima seção, analisaremos questões relacionadas à participação dos demonstrativos na construção de referências, porém antes, pretendemos olhar para os demonstrativos a partir de uma perspectiva enunciativa, conforme nosso subtítulo, e, para isso, parece-nos importante passar por alguns conceitos da teoria da enunciação, tentando aplicá-los ao estudo dos demonstrativos.

Benveniste (1989) afirma que os demonstrativos “*são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo*” p.85. A ideia de que são formas que cada vez se referem a algo novo tem a ver com o que postula esse autor a respeito da realização sempre única e irrepetível do enunciado.

Em outras formulações, como a de Guimarães (1989) a enunciação é pensada como uma unidade discursiva. O mesmo autor, Guimarães (1989), afirma que “*algo só é enunciado se relacionado a um conjunto de entidades da mesma natureza, outros enunciados. Ou seja, não seria possível imaginar a existência de um enunciado único*” p.74.

O que nos interessa, neste momento, é entender os demonstrativos como formas que têm função referencial, mas uma função que é sempre construída na enunciação. Vejamos uma afirmação de Benveniste (1989) sobre a constituição do centro de referência:

“A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é a de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” p.84

Os demonstrativos e algumas outras formas da língua, como os advérbios, não fazem referência direta ao mundo real. Como afirma o autor, são formas que têm a função de evidenciar a relação do locutor com o enunciado. Partiremos dessa ideia para estudar os empregos de demonstrativos quando há mais de uma possibilidade e o locutor seleciona determinada série, e pensaremos nos efeitos que esse emprego tem na construção do sentido no enunciado e das relações estabelecidas entre locutor, enunciado e interlocutor.

Há algumas formas na língua que são plenas em relação a que referências constroem, como os nomes próprios que, mesmo quando se apresentam em diferentes enunciados, farão referência ao mesmo elemento. Sobre isso, Benveniste (1989,) afirma:

“É preciso então distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de ‘indivíduos’ que a enunciação cria em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor” p.86

Benveniste (2005) num capítulo intitulado “*A natureza dos Pronomes*” observar o pronome pessoal *eu*, que só tem referência na enunciação, e afirma que:

“‘eu’ só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. Não tem valor a não ser na instância na qual é produzido (...) a forma ‘eu’ só tem existência linguística no ato de palavras que a profere” p.279

O pronome pessoal *eu* só adquire referência na instância do discurso e a referência dos demonstrativos dependerá da instauração desse *eu*. Se no caso do pronome pessoal “*eu*”, há uma referência plena, no caso dos demonstrativos isso não acontece. Mais adiante, no mesmo texto, Benveniste (2005) passa a observar os pronomes demonstrativos e destaca um traço definido por ele como:

“novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa: esse será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância do discurso, a referência implícita na forma (por exemplo, hic oposto a iste) associando-o a eu, a tu.” p.279

Entendemos que os demonstrativos, quando empregados numa sentença, combinam-se a outras formas da língua, como os pronomes ou advérbios, e participam da construção da referência, o que não quer dizer que eles, isolados, façam referência a algo.

Além da questão da construção do sentido no enunciado, pretendemos pensar na função dos demonstrativos na construção das relações entre locutores e interlocutores e nas

posições assumidas pelo locutor na enunciação, evidenciadas muitas vezes pela eleição de uma das séries dos demonstrativos. Ducrot (1984) afirma que:

“una lingüística de la enunciación postula que muchas formas gramaticales, muchas palabras del léxico, giros, y construcciones tienen la característica constante de que, al hacer uso de ellos, se instaura, o se contribuye a instaurar relaciones específicas entre los interlocutores.” p.134

Portanto, em nossas análises, tentaremos levar em conta tudo o que expusemos neste ponto e manter, como perspectiva teórica, uma visão não-referencialista da língua, considerando sempre os demonstrativos como formas que participam na produção de sentido na enunciação e que só podem ser pensadas a partir dela.

v. A construção de referências em expressões com demonstrativos

Anteriormente, afirmávamos que os demonstrativos têm suas funções comumente relacionadas à construção de referência, seja ela dêitica ou anafórica, porém, para fazer tal afirmação, parece-nos importante definir o que entendemos como referência e quais seriam as funções que cumprem os demonstrativos em construções referenciais.

Podemos afirmar que a interpretação de expressões consideradas referenciais não está condicionada ao fato de buscar um antecedente ou algo concreto do mundo real. Pensemos um pouco na construção da referência.

Como afirmávamos anteriormente, ao buscar a definição de “referência” no *Dicionário enciclopédico das linguagens* de Ducrot e Todorov (2001) encontramos que “as línguas naturais têm como efeito o poder de construir o universo ao qual elas se referem, podem pois obter um UNIVERSO DE DISCURSO imaginário” p.229

Aceitar que as línguas constroem o universo ao qual se referem não é suficiente para afirmar que os demonstrativos por si só são referenciais, o que poderíamos pensar é que são formas que participam na construção da referência dentro da enunciação, conforme exposto na seção anterior. Ducrot e Todorov (2001) fazem a seguinte afirmação sobre os demonstrativos:

“notar-se-á que “isto” ou “aquilo”, mesmo levando-se em conta o gesto de designação, não podem bastar para delimitar um objeto. Como saber se aquilo, que me mostram sobre a mesa, é o livro em sua totalidade, ou sua capa, ou sua cor, ou o contraste entre sua cor e a da mesa ou a impressão particular que ele me causa neste momento.” P.232

A citação anterior é uma reflexão sobre a propriedade dêitica dos demonstrativos, a propriedade que essas formas têm de apontar a algo do mundo real. Talvez essa seja a função atribuída primeiramente aos demonstrativos quando pensados a partir da referência, mas assim mesmo os autores fazem ressalvas quanto à incerteza em relação ao referente, isso se considerarmos os demonstrativos como formas referenciais por si só, ou seja, os demonstrativos isolados, fora de um contexto, não seriam capazes de construir uma referência única.

Por isso pensamos que, como concluem os mesmos autores, Ducrot e Todorov (2001), *“nem o demonstrativo, nem o gesto de designação são portanto em si mesmos referenciais”* p.232. E é por isso que, mesmo considerando os demonstrativos como formas que participam de diversas construções referenciais, isso não dá a eles o caráter de referenciais por si só. Seguiremos, portanto, com a ideia que desenvolvemos na seção anterior de que toda construção de referência deve ser pensada a partir da enunciação, e que os demonstrativos são formas que muitas vezes participam dessas construções.

Kock (2004), ao falar de *referência* e *referenciação*, afirma que *“nosso principal pressuposto no que diz respeito a essa questão é o da referenciação como atividade discursiva, que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem”* p.53. Nosso estudo partirá de uma visão, como define a autora, não-referencial da língua e da linguagem, acreditando que a referência é construída dentro do discurso, não havendo, assim, uma relação direta com os objetos do mundo, mesmo quando há uma referência exofórica, conforme veremos ao longo deste estudo. Kock (2004) entende a referência da seguinte forma:

“como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos-do-mundo.” p.57

Entendemos que o enunciador, conforme afirma a autora, cria a situação discursiva referencial, e que os demonstrativos participam na construção da referência a objetos de discurso. Não podemos negar o caráter dêitico dos demonstrativos, e é isso que faz com que essas formas apareçam, diversas vezes, em construções referenciais; porém, a sua função dêitica, como já vimos, não é suficiente para dar aos demonstrativos o caráter de formas puramente referenciais, caráter, inclusive, que não caberia a nenhuma forma da língua.

A partir das nossas reflexões sobre as construções referenciais, pensaremos nos tipos de referência possíveis de serem construídas em expressões com demonstrativos. NEVES (2007) afirma que:

“a primeira noção de referência é a de construção de referentes. Por outro lado, os objetos-de-discurso vão montar no texto a rede referencial que constitui uma das marcas da própria textualidade, o que leva a uma segunda noção de referência, que é a de identificação de referentes.”. p. 241

Nesta seção, trabalharemos com as questões relacionadas aos diferentes tipos de construções referenciais das quais os demonstrativo podem participar, deixando um pouco de lado a questão da identificabilidade do referente, que, devido a sua complexidade e grande relevância para este estudo, terá um espaço de maior destaque no terceiro capítulo. Recorreremos à diferenciação entre “*endofórico*” e “*exofórico*” proposta por Halliday e Hasan (1976) para pensar como tais conceitos poderiam ser aplicados ao desenvolvimento teórico que estamos seguindo.

Halliday e Hasan (1976), num capítulo dedicado ao estudo da referência, afirmam que “*as a general rule, therefore, reference items may be exophoric or endophoric; and, if endophoric, they may be anaphoric or cataphoric*” p.33

No nosso *corpus*, encontramos casos de referência endofórica e exofórica, e analisaremos ambos. Por se tratar de um *corpus* composto por conversas extraídas de uma rádio, que não conta, portanto, com a presença dos locutores no mesmo espaço físico, observaremos que há mais casos de referência endofórica que exofórica. Porém, trabalharemos a caracterização do *corpus* com mais detalhes no segundo capítulo desta dissertação. Halliday e Hasan (1976), afirmam que:

“Exophora is not simply a synonym for referential meaning. (...) an exophoric item, however, is one which does not name anything; it signals that reference must be made to the context of situation. Both exophoric and endophoric referency embody an instruction to retrieve from elsewhere the information necessary for interpreting the passage in question” p.33

Os autores falam sobre a referência exofórica como algo que mostra que a referência deve ser feita de acordo com o contexto, com a situação. Podemos pensar essa como uma das diferenças entre este tipo de referência e a endofórica, já que, no caso da referência exofórica, não dependemos de algo que já foi dito ou explicitado anteriormente, mas sim do contexto situacional da enunciação.

Numa expressão referencial, há diversas possibilidades, e as escolhas do enunciador farão diferença na construção do que se quis expressar. Podemos pensar, por exemplo, no quanto seria diferente a mesma referência feita empregando um demonstrativo ou um artigo. Dedicaremos um espaço no capítulo III desta dissertação para refletir sobre o tema das expressões definidas com artigo e as diferenças que podem ser estabelecidas com relação às construções com demonstrativos.

Para pensar no caso dos demonstrativos e das construções referenciais das quais essas formas participam, dividiremos a próxima parte de nossa exposição em três seções: “*a referência exofórica: os demonstrativos e a dêixis*”, “*a referência endofórica: os demonstrativos e a anáfora*”, e “*a referência endofórica: os demonstrativos e a catáfora*”, tentando pensar nas funções atribuídas aos demonstrativos para que possamos, no capítulo II, partir para as análises dos casos do nosso *corpus*.

Faremos tal divisão pensando em expor as diferentes formas de construir uma referência com o emprego de um demonstrativo, porém, não pretendemos dividir e quantificar os casos do *corpus* pensando nas divisões entre dêixis, anáfora e catáfora, já que esses conceitos nos servirão nas análises que faremos no próximo capítulo, porém não serão o nosso foco principal. Halliday e Hasan (1976) afirmam que:

“a reference item is not itself exophoric or endophoric; it is just ‘phoric’ – it simply has the property of reference. Any given INSTANCE of reference may be either one or the other, or it may even be both at once” p.37

A observação dos autores segue a mesma linha do que expusemos anteriormente: uma forma da língua que seja considerada referencial, por si só, não constrói uma referência endofórica ou exofórica, dependeremos sim de todo o contexto para entender de que tipo de referência se trata, e a referência, pode ser, inclusive, exofórica e endofórica ao mesmo tempo.

a. A referência exofórica: os demonstrativos e a dêixis

*“Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?”*

Legião Urbana, Que país é esse?

No *Dicionário enciclopédico das linguagens* de Ducrot e Todorov (2001), os autores constataam, sobre os dêiticos, que *“entendem-se por esse termo expressões cujo referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores”* p.232. Por isso, neste ponto do nosso estudo, tentaremos traçar algumas considerações sobre a dêixis pensando sempre que se trata de uma relação construída na enunciação.

Na música cujo trecho abre esta reflexão, temos a sentença *“que país é esse?”*. A canção, que teve grande êxito nos anos noventa, é uma crítica à situação política e econômica do Brasil, e era cantada por uma banda brasileira e de circulação nacional; ou seja, temos um contexto que permite entender que o demonstrativo *“esse”* participa de uma construção que se refere ao país no qual estamos, o Brasil.

O fato de que se empregue um pronome de segunda série para fazer referência ao lugar no qual se encontra o enunciador tem a ver com uma característica da segunda série dos demonstrativos em PB e é uma discussão que formularemos mais adiante, o que nos interessa agora é destacar a participação de um demonstrativo, independente da sua série, na construção de uma referência dêitica.

O conceito de dêixis está muito atrelado aos demonstrativos e é encontrado em diversas explicações teóricas sobre essas formas. Benveniste (2005) caracteriza os demonstrativos como dêiticos, mas também adverte:

“não adianta definir esses termos e os demonstrativos em geral pela dêixis, como se costuma fazer, se não se acrescenta que a dêixis é contemporânea da instância do discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere.” p.279-280

Tentaremos abordar a dêixis a partir desse ponto de vista, discutiremos definições de outros autores que se dedicaram ao estudo de tal fenômeno, mas atentando sempre para o fato de que a referência do demonstrativo se dá na instância do discurso.

Benveniste (2005) afirma que *“o essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância do discurso”* p.280. Sendo assim, devemos pensar na relação que o demonstrativo estabelece com o discurso, e não em alguma suposta relação direta com o mundo real.

Depois de analisar os demonstrativos e outras expressões que, como os advérbios, são caracterizadas como dêiticas, Benveniste (2005) conclui que essas formas funcionam na língua como solução do problema da comunicação intersubjetiva, já que se trata de *“um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância de seu discurso”* p.280.

Acreditamos na importância de atentar para a dêixis neste estudo já que em diversas definições dos demonstrativos, tanto em gramáticas quanto em estudos linguísticos, encontramos afirmações que os relacionam com esse fenômeno. Como exemplo, podemos citar a *Nueva Gramática de la lengua española*, na qual Bosque (2009) afirma que: *“los demostrativos constituyen los representantes más característicos del paradigma de las categorías deícticas”* p.1269.

A dêixis, palavra que vem do grego e significa apontar, sempre está relacionada a essa função, ao gesto, ao ato de mostrar ou indicar algo. Eguren (1999), ao tratar da referência, afirma que:

“La referencia es, por tanto, un fenómeno más general que engloba a la deixis, y debe trazarse, en consecuencia, una clara línea divisoria entre las expresiones referenciales deícticas (tú, esta casa, allí, entonces...) y las no deícticas (Juan, la casa, París, en 1975...)” p.932

O autor explica que no caso da dêixis, o entendimento da referência depende do enunciador, de quem produz o enunciado, de que lugar e de que momento enuncia. Especificamente sobre a dêixis, o mesmo autor, Eguren (1999), afirma:

“la deixis es un tipo de vínculo referencial entre ciertas unidades o expresiones lingüísticas y aquello que representan en el mundo o en el universo del discurso, por medio del cual se identifican “individuos” en relación con las variables básicas de todo acto comunicativo: el hablante, el interlocutor (o los interlocutores) y el momento y el lugar en que se emite un enunciado” p.932

O autor fala em referência entre uma unidade linguística e o que ela representa no mundo ou no universo do discurso, e, como dissemos no começo deste capítulo, estabelecer um referente depende da produção do enunciado, já que a referência se constrói a partir de um *eu*, um *aqui* e um *agora*, que, por sua vez, só produz sentido no enunciado. Assim, reiteramos que os demonstrativos e sua função dêitica só podem ser pensados a partir da enunciação.

Os demonstrativos são apontados muitas vezes como os maiores representantes da categoria dos dêíticos, mas há outros elementos que também têm essas características, como os pronomes pessoais, possessivos, advérbios, morfemas verbais, etc. Muitas vezes esses elementos se combinam com os demonstrativos nos enunciados do nosso *corpus*, como nos casos a seguir:

*[...] o que acontece **aqui** nesse país é que há impunidade... a justiça é... super lenta [...]*

(P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16)

*“já tem seis meses que eu fiz o pedido **dessa** máquina Cielo [...] quando foi no dia onze **desse** mês **agora**... a máquina parou porque o carregador da máquina não está carregando [...]*

(P.77 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 08:25)

No primeiro exemplo, a forma “*aquí*” reforça a ideia de que se trata do país no qual está o enunciador, função que também cumpre a forma “*agora*” no segundo exemplo, referindo-se ao mês em questão. Esses e outros casos nos quais os demonstrativos se relacionam com outras formas dêiticas serão também estudados no próximo capítulo.

Podemos distinguir três tipos de dêixis: dêixis pessoal, dêixis locativa ou espacial e dêixis temporal. Geralmente, os demonstrativos são relacionados à dêixis espacial, e sobre esse tipo de dêixis, García Negroni (2001) observa que “*los deícticos reflejan la ubicación del locutor en el espacio y en el tiempo que ocupa en el momento de la enunciación*” p.89, e afirma que essa localização pode ser feita pelos demonstrativos.

Nem sempre se trata de uma posição física do enunciador, mas sim uma localização que deixa transparecer marcas de subjetividade, já que o enunciador pode assumir diversas perspectivas a respeito do que enuncia e os demonstrativos muitas vezes evidenciam isso.

Retomemos a questão do tipo de referência construída pelos demonstrativos. Eguren (1999, p.933) estuda os “*deícticos opacos*”, que são incompletos em alguns contextos e pressupõem uma informação adicional para identificar seu referente, como seria o caso dos demonstrativos; e os “*deícticos transparentes*”, como o pronome pessoal *eu*, que é completo. O autor descreve os dêiticos opacos a partir de três características:

- “(a) Su mera enunciación no garantiza la exacta identificación del referente
- (b) Es posible la referencia a distintos elementos de la situación de enunciación
- (c) Puede cambiarse la referencia por medio de gestos”. (EGUREN, 1999, p. 935)

Se pensamos no item (a), já podemos perceber o que constatávamos anteriormente sobre os demonstrativos só produzirem sentido no enunciado; quando só o demonstrativo é proferido, é impossível afirmar que se trata de um elemento referencial, já que é uma forma vazia. O autor também diferencia a dêixis primária da secundária. E afirma que:

“*la deixis secundaria implica la reinterpretación de las dimensiones espacio-temporales de los contextos deícticos primarios. Así, por ejemplo, las relaciones (primarias) de proximidad relativa de los demostrativos este, ese y aquel con respecto al centro deíctico pueden verse alteradas como consecuencia del grado de implicación emocional o de las actitudes del hablante con respecto a su interlocutor o a algún otro elemento del contexto de la enunciación*” p.935

O autor esclarece que a dêixis secundária também pode ser chamada de “*deixis emocional o empática*”. Assim, entenderíamos a dêixis primária como representação do tempo e do espaço nos quais está o locutor; porém, devemos lembrar que o demonstrativo, inserido na enunciação, não faz referencia direta a algo concreto, já que, como afirmávamos anteriormente, é uma forma que sempre se refere ao discurso. Vejamos o seguinte caso do *corpus*:

[...] yo en el año ochenta y cuatro... me quedo embarazada [...] me pongo de parto... me voy a urgencias... y ahí justamente la misma noche... en la que yo me pongo de parto antes de subirme a planta... ya me están hablando y diciendo si puedo dar a la niña en adopción... ya sabemos que es una niña por ecografía... ¿vale?... ya lo están comentando... yo en **aquel** momento quiero salir de allí corriendo pero ya los dolores son tan fuertes que no puedo salir andando ni en **ese** momento puedo avisar a nadie porque por acá entonces no habían teléfonos móviles... y mi familia no se encontraba cerca... me ingresaron... me tuvieron... no sé a quien estaban esperando porque yo estaba de parto y me decían que estaban () que con mis veinte y pocos años... es que estás tan jovencita que no sabéis lo que queréis... no estáis preparadas para ser madre... ¿cómo no estoy preparada para ser madre?... a mí me duele mucho... yo soy madre... mi hijo está naciendo... en **este** caso mi hija... y bueno... **aquello** fue... ponerme tranquilizantes... dormirme [...] cuando me dijeron que la niña había muerto... a todo **esto** yo me escapé al nido a buscar a mi hija porque yo me quité las gomas... con toda la... la... bueno... pues... después de una cesárea... yo subí a ver a mi niña al nido... y allí me dijeron que cuidadito que **esto** era una locura y que si siguiera así la van a mandar al psiquiatra [...] has tenido mucha suerte de estar viva y ahora tienes que vivir por ti porque mira tu hija... mira si hubiera nacido habría sido un parto muy raro... estaría así ((ruidos)) me hacía **esos** gestos horribles [...] a todo **esto**... mi madre cuando llegó [...] yo moví cielo y tierra... porque yo llamé a un amigo mío que hoy está trabajando como médico en Francia... y él vino y me dijo... no te preocupes que yo voy a investigar dónde está **esa** niña [...] y la monja diciéndole a mi madre que la niña es preciosa... que la niña se le parece mucho a ella y que tiene que olvidar porque como está muerta no la puede ver porque es que **eso** es un trauma [...]

(E.93 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:29)

A ouvinte começa narrando a história e diz “*yo en aquel momento*” e depois passa a “*yo en ese momento*” porque há uma aproximação com a história que está contando a ouvinte da rádio. O desespero da lembrança parece aproximá-la da representação do momento vivido no passado, e traz esse momento, imaginariamente, para mais próximo do presente.

Devemos, portanto, considerar as perspectivas assumidas pelo locutor em relação ao seu enunciado. A citação anteriormente exposta (Eguren, 1999) é interessante pois podemos

perceber que seria impossível estudar a dêixis sem levar em conta o que é descrito pelo autor como uma “*implicación emocional*”.

Embora a dêixis seja muito comum quando há o emprego de um demonstrativo, não temos tantos casos dêiticos no nosso *corpus*, conforme já afirmamos, devido a uma particularidade na construção dele: extraímos falas de ouvintes de rádios, ou seja, não há contato visual entre locutor e interlocutor, algo indispensável na dêixis. Porém, temos no nosso *corpus* um caso no qual a referência é construída como se houvesse contato visual entre locutor e interlocutor:

[...] chamaram a polícia pro pessoal [...] chegou um policial todo fortinho... todo malhadinho... foi lá com um pedaço de pau desse tamanho na mão... um porrete na mão [...]

((reclamação sobre o sistema de transporte Ferry Boat))

(P.101 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 07:00)

Embora não haja contato visual, no caso anterior, o ouvinte da rádio parece valer-se de recursos que seriam possíveis no caso de conversas presenciais, o que se evidencia pelo emprego de “*um pedaço de pau desse tamanho na mão*”, expressão que pareceria exigir uma visualização do gesto que apontaria o tamanho do pedaço de pau.

Analisaremos poucos casos de demonstrativos que participam em construções dêiticas, já que não são muito comuns em conversas telefônicas, como as que recolhemos para o nosso *corpus*. Porém, trabalharemos melhor a questão da caracterização do *corpus* e suas justificativas no capítulo II.

b. A referência endofórica: os demonstrativos e a anáfora

Na seção anterior, trabalhamos com o conceito de dêixis, que é um dos modos de referenciar do qual os demonstrativos participam com frequência. Nesta parte, nos dedicaremos a pensar sobre as formas de remissão dentro do texto. De acordo com Neves (2007):

“pode-se falar em dois modos de referenciar textualmente, o construtivo e o identificador: no modo construtivo o falante usa um termo para que o ouvinte

construa um referente em seu modelo mental; no modo identificador, por outro lado, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já de algum modo esteja disponível, o que ocorre quando há uma fonte para identificação.” P. 241

Dentro do que se chama “*referência endofórica*”, temos dois fenômenos: a anáfora e a catáfora. Começaremos tratando da anáfora, que é o tipo de referência endofórica mais comum em ambas as línguas e predominante no nosso *corpus*. De acordo com Marcuschi (2005):

“originalmente, o termo anáfora, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Hoje, na acepção técnica, anáfora anda longe da noção original e o termo é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial.” Pg.54-55

Pensemos, por tanto, a anáfora como um fenômeno que trabalha na organização textual, já que serão expressões que se referem a algo já apresentado no discurso, e que servem para ir construindo a rede de referências no texto. Marcuschi (2000) define a “*organização referencial*” como “*aspecto central da textualização*”, que “*dá continuidade e estabilidade ao texto, contribuindo decisivamente para a coerência discursiva*” p.191. Visto que a anáfora é um tipo de referência que faz parte da organização referencial do texto, observemos os seguintes casos do *corpus* nos quais o demonstrativo cumpre um papel anafórico:

[...] eu tenho filho que eu dou a pensão [...] então esse filho... aos dezoito anos [...] e ao fazer dezoito anos eu dei entrada para desoneração do... do... dessa pensão... já vai fazer vinte e dois anos... e isso até hoje rola aqui no fórum de Lauro de Freitas e não resolveu nada [...]

(P.56 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:33)

[...] usted tiene polémica entre el oyente y eso es lo grandioso porque está tocando temas de la realidad... con respecto a eso yo le voy a robar un minuto [...]

(E.21 – Radio Mitre 01/02/10 – 22:28)

No primeiro caso, o ouvinte da rádio menciona que tem um filho (*“eu tenho um filho que eu dou a pensão”*) e logo volta a falar do filho que já foi mencionado através da construção *“esse filho”*, a mesma retomada é feita com *“pensão”*, na construção *“dessa pensão”* que já fora mencionada no primeiro enunciado.

Assim como no caso do PB, no segundo caso, agora extraído do E, há uma retomada de algo já apresentado no discurso através do emprego de um demonstrativo de segunda série: *“eso”* se refere a *“usted tiene polémica entre el oyente”*, sentença anterior no discurso. Estes casos de anáfora serão melhor analisados no capítulo II, mas já os colocamos aqui para uma exemplificação do conceito desse tipo de referência.

A anáfora pode ser realizada através de diversas classes de palavras, mas consideraremos somente os demonstrativos neste primeiro momento. No capítulo III desta dissertação, discutiremos as retomadas feitas com demonstrativos e com artigos definidos, e, para isso, retomaremos e aprofundaremos alguns conceitos que estamos discutindo neste momento.

Ao contrário da dêixis, a anáfora é um fenômeno encontrado em grande quantidade no *corpus*, e por isso conseguiremos analisar diversos tipos de construções com demonstrativos que participam desse tipo de referência. Ducrot e Todorov (2001) afirmam sobre a anáfora:

“Um segmento de discurso é chamado anafórico quando é necessário, se quisermos dar-lhe uma interpretação (ainda que simplesmente literal), referir-se a um outro segmento do mesmo discurso; chamaremos “interpretante” o segmento ao qual se é remetido pelo anafórico” p.257

Conforme vimos nos dois casos anteriores, dependemos de um segmento anterior para entender as referências que se constroem com o emprego dos demonstrativos. Os mesmos autores, Ducrot e Todorov (2001), ainda afirmam:

“uma concepção difundida consiste em imaginar a anáfora como uma substituição: a expressão anafórica é “posta em lugar de” seu interpretante, cuja repetição evita (um caso particular é a definição tradicional do pronome como substituidor de um nome, definição oriunda de uma citação truncada de Apolônio, onde era dito que o pronome substitui o nome próprio). Segundo Port-Royal, uma preocupação com a elegância (a repetição é enfadonha) dá origem à anáfora; os modernos julgam-se mais científicos falando de uma preocupação com economia. Essa concepção

substitutiva suscita sérias dificuldades, sendo a menor a de obter-se frequentemente uma frase não-gramatical se se substituir pura e simplesmente o anafórico por seu interpretante.” P.259

A anáfora é, de fato, um processo complexo que não pode ser definido como um simples processo de substituição, já que, diversas vezes, a anáfora é construída com a introdução de um novo termo que tem relação semântica com o que seria o seu referente. Vejamos o seguinte discurso de uma ouvinte:

*[...] a partir do momento que uma pessoa grávida não respeita a própria barriga... e anda com **aquela** barrigão aparecendo... que torna-se até feio... porque uma mulher grávida é bonita... ela tem que se amar... ela tem que se respeitar... ela tem que... nossa... ela tem que se endeusar **nessa** época... **essa** época de gravidez é uma coisa muito linda... mas tem que haver respeito... como que fica hoje as grávidas por aí? você vê né? as barrigas fica tudo de fora... fica **aquela** coisa horrorosa [...] e aí **essa** criança nasce... ela também não foi preparada pra ser mãe nem pra ter família... sabe? [...]*

(P.27 – Rádio Capital 25/03/10 – 12:01)

No caso anterior notamos a expressão “*essa criança*” sem que nenhuma criança fosse mencionada anteriormente, porém, devido às relações semânticas que a palavra criança tem com *grávida* e *barriga*, é como se a ideia da presença de uma criança já houvesse sido exposta. De qualquer forma, trata-se da construção de uma referência menos específica; retomaremos este caso no capítulo III que se dedicará a esse tipo de expressões menos específicas. De acordo com Marcuschi (2000):

“a idéia de continuidade dos referentes, que a referenciação suscita, no caso da progressão referencial, não implica necessariamente retomada dos mesmos referentes, nem sua manutenção completa, pois o encadeamento referencial organiza-se num sistema de correlações como uma rede multidimensional.” P.191

A anaforização exige, segundo Marcuschi (2000), “*atividades inferenciais intermediárias retrospectivas ou prospectivas para a interpretação*” p.192. Por se tratar de um processo complexo, é que analisaremos alguns casos do *corpus* individualmente a partir do capítulo II. A partir dessa análise, traçaremos considerações sobre a construção de expressões referenciais com demonstrativos, mas sempre lembrando a complexidade e a

necessidade de que se analise cada caso em particular. Kock (2004) afirma sobre a interpretação de uma expressão anafórica:

“defendemos que a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento lingüístico (“antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva.” P.59

A citação anterior confirma o que já havíamos observado sobre a construção de uma referência. O emprego de um demonstrativo com função anafórica não pressupõe a busca de um referente concreto, muitas vezes o demonstrativo constrói uma referência que depende da retomada de algo que está presente na memória discursiva do interlocutor ou mesmo a construção de um novo referente, já que muitas vezes há a pressuposição do locutor sobre o que é conhecido pelo interlocutor. Vejamos mais um caso do *corpus*:

*[...] eu estou há um ano e meio na fila esperando uma ressonância magnética... pra mim poder operar... né? pra ver se precisa operar... só que **essa** dor que eu tenho [...] e até hoje... Paulo Lopes... um ano e meio... eu não consegui uma ressonância pelo estado... agora eu estou lutando... juntando dinheiro pra poder pagar particular... que é quinhentos e cinquenta reais... **nesses** popular pra pobre... sabe?... aí você paga menos que é quinhentos e cinquenta... pra fazer uma ressonância da coluna cervical... pra ver si **essa** dor que estou no peito é o nervo que está me repuxando [...] aí você chega lá com a receita... é remédio controlado... você fala pro médico... olha... eu tomo **esse** aqui que o ortopedista me passa... acabou... e eu não tenho consulta pra **esses** dias [...] eu sofro com **essa** dor... só quem sente sabe... Paulo*

(P.44 – Rádio Capital 11/06/10 – 11:40)

No caso que transcrevemos anteriormente, o substantivo “*dor*” aparece antecedido pelo demonstrativo “*essa*”, poderíamos pensar que se trataria de uma retomada de algo já dito, porém, é a primeira vez que a palavra dor aparece. Na verdade, há uma relação estabelecida entre o fato contado anteriormente, de que a pessoa está na fila para uma operação e a dor é dada como identificável, já que associamos, culturalmente, uma intervenção médica com alguma dor sentida. Vemos, portanto, que as relações entre anáfora e antecedente são complexas.

Ao discutir o conceito de anáfora, pensamos também em correferência. Sobre isso, NEVES (2007) afirma que:

“é no caso de referência a um elemento já introduzido no discurso (uma terceira pessoa) que se pode falar em correferência. Há correferência quando um referente determinado tem para nomeá-lo um termo que o traz como elemento dado, e não apenas como elemento conhecido, porque, além de referir, correferre. No caso de correferência absoluta, existe uma identidade total entre o antecedente e a anáfora, isto é, o indivíduo (ou os indivíduos) que a anáfora representa é o mesmo indivíduo designado pelo antecedente, e, portanto, para o falante ele é sempre identificado, embora possa não ser identificável pelo ouvinte.” P. 247

A autora destaca como funções anafóricas que podem ser cumpridas pelos demonstrativos a nominalização e a recategorização.

A nominalização seria *“a criação de objetos-de-discurso mediante expressão nominal de um estado de coisas que já entrou previamente no discurso, o que pode ocorrer de diversas maneiras”*, p. 273 e a recategorização seria a *“que parafraseia outra denominação já conferida a uma ou mais entidades, numa grande extensão de efeitos referenciais.”* P. 274

De acordo com Maingueneau (2011), a anáfora pode retomar um termo em suas três dimensões:

“Como tendo o mesmo referente

Como tendo o mesmo significado

Como tendo o mesmo significante”. p. 195-196

No próximo capítulo, de análise de casos, teremos diversos enunciados que retomam termos com as diferentes possibilidades expressas na citação anterior. Isso nos mostra o quão complexo é o processo da anáfora, e levaremos em conta os diferentes modos de construí-la encontrados no nosso *corpus*.

c. A referência endofórica: os demonstrativos e a catáfora

Esto soñé
Que el caminante es suma del camino,
y en el jardín, junto del mar sereno,
le acompaña el aroma montesino,
ardor de seco henil en campo ameno;

que de luenga jornada peregrino
ponía al corazón un duro freno,
para aguardar el verso adamantino
que maduraba el alma en su hondo seno.

Esto soñé. Y del tiempo, el homicida,
que nos lleva a la muerte o fluye en vano,
que era un sueño no más del adanida.

Y un hombre vi que en la desnuda mano
mostraba al mundo el ascua de la vida,
sin cenizas el fuego heraclitano.

Machado, Antonio

O poema de Antonio Machado, com o qual abrimos esta reflexão, tem, no seu título, o demonstrativo neutro: “*esto*”. A expressão “*esto soñé*” se refere ao que virá depois, a toda a descrição do sonho que o poeta fará ao longo de seu texto. A mesma expressão, “*esto soñé*”, será repetida na terceira estrofe, no meio do poema, que continuará descrevendo o sonho que corresponde ao demonstrativo “*esto*”. Temos aqui um caso de referência catafórica, já que o pronome aparece antes do seu referente.

De acordo com Neves (2007), “*a catáfora também constitui processo fórico textual em que atuam os demonstrativos. Em português podem ser identificados diversos tipos de segmentos de texto que são anunciados por um sintagma nominal com demonstrativo*” p. 274. Em espanhol, também encontramos casos de catáfora. Vejamos, como exemplo, o caso a seguir que foi retirado do *corpus*:

*[...] había este::... una toma de la facultad de ciencias sociales... la que está en la calle ()... mi nieta va a ciencias sociales de la que está frente al parque Centenario... que por allá debe conocer... entonces **eso** a mí ya me trajo una inquietud [...] entonces la llamé justo la encontré que se iba a la facultad... y la expliqué... porque la mamá estaba trabajando... le digo... Sofía... pasa **esto**... ocho colegios secundarios tomados más una facultad de ciencias sociales [...] hace un rato escuché que... en el noticiero que () que no es santo de mi devoción... pero no importa... había dicho que todo **esto** que hacen los estudiantes... están quitándole derecho a los que realmente quieren ir a estudiar [...]*

(E.68 – Radio Mitre 301/09/10 – 21:14)

No trecho “*le digo... Sofia... pasa esto... ocho colegios secundarios tomados más una facultad de ciencias sociales*”, a ouvinte que participa do programa emprega o demonstrativo “*esto*” para referir-se à informação que virá depois: “*ocho colegios secundarios tomados más una facultad de ciencias sociales*”, o que constitui um caso de catáfora. Da mesma forma, encontramos, ainda em E, o seguinte caso:

- A [...] y la otra cuestión es esta... ¿la mujer... de treinta o alrededor de treinta... está teniendo una vida parecida a la de los hombres?
- O ¿en no buscar compromiso?
- A sí
- O y un porcentaje actualmente sí... la verdad es que sí... la mujer está muy independiente... las que tienen profesión con ... que están empezando su carrera... y le dedican mucho tiempo a *eso*... la mayoría no quiere tener hijos [...]

(E.05 – Radio Mitre 11/01/10 – 21:29)

O apresentador do programa emprega, na primeira sentença, o demonstrativo “*esta*” para referir-se à pergunta que virá a seguir: “¿la mujer... de treinta o alrededor de treinta... está teniendo una vida parecida a la de los hombres?”.

O fenômeno da catáfora não tem uma grande ocorrência no nosso *corpus*, por isso, não teremos nenhuma seção específica para análise de casos de catáfora. Contudo, pareceu-nos interessante comentar este fenômeno para que fizéssemos uma breve reflexão sobre todos os três fenômenos que geralmente são relacionados ao emprego dos demonstrativos: a dêixis, a anáfora e a catáfora.

vi. Primeiras observações

Tentamos, com esta primeira reflexão teórica, tratar de alguns estudos sobre os demonstrativos relacionando-os com estudos enunciativos, construindo uma base teórica através da qual analisaremos os casos do nosso *corpus*. De acordo com García Negroni (2001, p.68):

“Podemos decir que los deícticos resultan reflexivos con respecto a la enunciación, ya que no remiten a la realidad, ni a posiciones objetivas de la persona en el espacio y en el tiempo, sino a la enunciación, cada vez única, que las contiene.”

Os demonstrativos, como outras formas dêiticas, são possibilidades; não podemos entender sua significação fora da enunciação, sem conhecer o enunciador, o momento e o lugar de construção desse enunciado, e, claro, as perspectivas que o enunciador assume em relação aos objetos construídos no discurso. Todas as funções atribuídas aos demonstrativos devem ser pensadas dentro dessa enunciação, daí a necessidade que teremos nesta pesquisa de selecionar casos do *corpus* e analisá-los individualmente, observando não só os números de ocorrência de cada série.

A análise que nos propomos a fazer neste estudo não se refere unicamente ao emprego das três séries dos demonstrativos em PB e E, mas também ao efeito que alguns empregos de demonstrativos têm em enunciados que não seriam, inicialmente, vistos como referenciais.

No próximo capítulo, pretendemos aplicar essas noções teóricas às primeiras análises que faremos do nosso *corpus*, e apontar hipóteses iniciais sobre o efeito que tem o emprego de determinadas séries dos demonstrativos na construção do sentido no enunciado.

Feita uma reflexão sobre os conceitos de referência, podemos terminar este tópico reiterando nossa afirmação inicial: os demonstrativos podem ser caracterizados como elementos referenciais se lembramos que qualquer tipo de referência só se constitui e produz sentido na enunciação, e se refere não à realidade, mas sim ao universo do discurso.

No próximo capítulo nos dedicaremos a selecionar e analisar alguns casos do *corpus*, levando em consideração a reflexão teórica traçada neste primeiro capítulo, também apresentaremos a composição do *corpus* e resultados quantitativos nas duas línguas. Outras questões sobre referência, como a discussão sobre a unicidade do referente, serão trabalhadas no capítulo III desta dissertação, e voltaremos a discutir, com outro apoio teórico, as questões que o estudo da referência nos traz.

III. CAPÍTULO II: OS DIFERENTES EMPREGOS DOS DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO ESPANHOL: CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E ANÁLISE DE CASOS

i. Introdução

No capítulo anterior discutimos algumas definições sobre os demonstrativos, os conceitos e a classe na qual estão inseridos para observar como essas formas vêm sendo pensadas; refletimos sobre alguns estudos enunciativos aplicados à análise dos demonstrativos e comentamos o valor referencial dessas formas de um ponto de vista que considera que a construção da referência só pode ser pensada a partir da enunciação.

Os conceitos teóricos revisados no primeiro capítulo nos dão uma visão geral das muitas possibilidades que devemos levar em conta na análise do emprego de um demonstrativo em determinada construção. Neste capítulo, trataremos da análise de casos a partir dos conceitos desenvolvidos, e, por isso, alguns desses conceitos serão retomados e aplicados ao *corpus*.

Iniciaremos este capítulo com o detalhamento do nosso *corpus*, desde sua escolha até o seu processo de formação, incluindo motivação e justificativa; logo, passaremos à exposição dos resultados de caráter quantitativo através de tabelas que demonstram a ocorrência de cada série no *corpus* das duas línguas. A pesquisa quantitativa nos apoiará nas afirmações que faremos sobre alguns casos que serão analisados individualmente, e nos possibilitará traçar conclusões sobre o funcionamento dos demonstrativos no *corpus* estudado.

Feito o estudo quantitativo do *corpus*, passaremos às análises, que estão divididas por língua, levando em conta os casos que nos chamaram a atenção principalmente porque estão no limite da tendência, ou seja, voltaremos nossa atenção para:

- alguns casos das séries com menor ocorrência em cada *corpus*, que corresponde a casos da terceira em E e da primeira em PB;
- os casos que apresentam alternância de séries para o mesmo referente na mesma interlocução;

- casos através dos quais conseguiremos comentar a flexibilidade do emprego da segunda série nas duas línguas, já que se trata de uma série que pode ocupar diferentes espaços no discurso;
- alguns casos de empregos não-dêiticos dos demonstrativos, em construções com nomes próprios ou em expressões pejorativas.
- alguns casos de terceira série que nos chamaram a atenção no PB devido ao efeito que têm na construção de algumas expressões de caráter mais argumentativo.

Depois de passar pela constituição do *corpus* e apresentação da pesquisa quantitativa, dedicaremos uma seção deste capítulo à explicação do critério para a seleção de casos, esse esclarecimento será feito antes que comecemos as análises propriamente ditas, com as quais encerramos este capítulo.

ii. *Corpus*: constituição, motivação e gênero

Para desenvolver esta pesquisa, optamos por um *corpus* que nos permitisse analisar os empregos dos demonstrativos num tipo de manifestação oral pouco monitorada. Acreditamos que é nesse âmbito do PB e do E que seremos capazes de observar os demonstrativos em suas ocorrências menos condicionadas pelo peso da normativa e, através do estudo desses enunciados, poderemos traçar reflexões sobre os efeitos que têm, na construção do sentido na enunciação, os diferentes empregos das três séries.

Ilari e Basso (2006) afirmam que “*existe uma gramática do português falado que não coincide com a gramática do português escrito*” p.185, podemos entender essa afirmação quando observamos, entre muitas outras formas da língua, os demonstrativos: no âmbito escolar geralmente são ensinados a partir do esquema que relaciona as três séries dos demonstrativos com as três pessoas do discurso; enquanto, no uso, o emprego das três séries foge a tal descrição.

Se nesta pesquisa nos dedicássemos ao estudo da língua escrita, provavelmente encontraríamos, no PB, mais empregos de demonstrativos de primeira série do que encontramos no nosso *corpus*, que foi formado a partir de enunciados orais.

Considerando tais diferenças e com o objetivo de estudar os demonstrativos em enunciados menos monitorados, construímos o *corpus* desta pesquisa a partir de intervenções de ouvintes em rádios em PB e em E. Nas falas dos ouvintes encontramos diversas situações, que são, na maioria das vezes, falas sem muita preparação prévia ou preocupação com a correção e a norma, inclusive porque, muitas vezes, o apresentador faz perguntas inesperadas ao ouvinte que ligou para a rádio.

Tentaremos caracterizar o *corpus* apoiados em alguns estudos sobre texto e discurso. À medida que discutiremos as características do *corpus*, também poderemos apresentá-lo com mais detalhes antes de passar às análises.

Decidimos formar nosso *corpus* a partir de gravações de rádios dada a dificuldade em encontrar um *corpus* de conversação, no qual pudéssemos observar o emprego dos demonstrativos, já que era essencial que os diálogos fossem pouco monitorados, o que dificultaria o uso de entrevistas, nas quais o falante está, imaginariamente, mais singularizado. Mesmo com a escolha do *corpus* entendemos as particularidades que uma gravação de intervenções de rádio nos traz pelo fato de que não há presença física dos sujeitos. Marcuschi (2001) afirma que:

“a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de usos” p. 25

Entendemos, conforme afirma o autor, que a oralidade compreende diversos gêneros. Delimitamos o nosso *corpus* pensando num gênero que fosse mais informal, mas entendemos também que o nosso *corpus* não se encaixa num protótipo da fala. O mesmo autor, Marcuschi (2001), afirma que:

“A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano.” P.25

Poderíamos caracterizar o nosso *corpus* dizendo que se trata de conversas telefônicas, já que os ouvintes ligam para a rádio com o objetivo de dar sua opinião sobre diferentes assuntos. Nesse caso, temos a necessidade de uma tecnologia (o telefone) para estabelecer a comunicação, mas mesmo não se tratando de um protótipo de fala, consideramos que o nosso *corpus* é suficiente para o que nos propomos neste estudo: analisar quantitativa e qualitativamente empregos de demonstrativos em PB e E que ocorrem numa conversação com pouco monitoramento.

Ainda tratando da definição de fala, consideremos o que afirma BARROS (2000):

“a definição plena da fala prevê a presença dos sujeitos envolvidos na conversação que dialogam face a face e que podem empregar mais facilmente ou preferencialmente os dêiticos e recursos de outras ordens de expressão (visual, tátil, etc.), tais como os gestos ou as expressões faciais, pois se encontram em um mesmo espaço e partilham o mesmo contexto situacional. O texto escrito, por sua vez, não tem seu destinador e seu destinatário centrados em um mesmo espaço e, conseqüentemente, faz uso de outros recursos em lugar dos dêiticos, dos gestos, das expressões faciais. P.64

Conforme comentávamos anteriormente, considerando que a realização ideal da fala pressupõe uma conversa face a face, o nosso *corpus* não representa o ideal de fala. A autora citada também destaca a importância da presença física dos interlocutores num mesmo espaço para possibilitar o emprego dos dêiticos, e, por isso, destacávamos no capítulo anterior que, no nosso *corpus*, encontraremos mais casos de demonstrativos empregados como anafóricos que dêiticos, embora os poucos empregos dêiticos nos interessem bastante na análise de casos que será feita neste capítulo.

A impossibilidade de caracterizar o nosso *corpus* como um protótipo de fala não nos preocupa, principalmente porque devemos lembrar que a fala e a escrita formam um contínuo, e não são oposições. Na fala encontramos traços que seriam próprios da escrita assim como na escrita encontramos traços que seriam próprios da fala.

Marcuschi (2003) destaca cinco características constitutivas da conversação:

*“(a) interação entre pelo menos dois falantes
(b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
(c) presença de uma seqüência de ações coordenadas;*

(d) *execução numa identidade temporal;*
(e) *envolvimento numa “interação centrada”*” p.15

Nos casos do nosso *corpus*, temos a interação entre pelo menos dois falantes: apresentador do programa e ouvinte que liga para a rádio; inclusive, em alguns momentos, temos a interação entre mais falantes, já que muitas vezes há uma mesa de discussões composta por convidados do programa. O nosso *corpus* também apresenta o ponto (b) e (c) da citação anterior, como em qualquer conversação que ocorra num espaço compartilhado por ambos locutor e interlocutor.

Marcuschi (2003) afirma que *“a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, como no caso das conversações telefônicas”* p.15. Na conversação telefônica, temos espaços diferentes, mas mantemos o mesmo tempo, o que já coloca nosso *corpus* de acordo com o ponto (e) da citação anterior.

Acreditamos que a grande perda que temos no caso da análise de demonstrativos em conversas telefônicas, tal como faremos, é o fato de que não contamos com os gestos do corpo, os olhares e outros elementos paralinguísticos; porém, tendo consciência de tais restrições, conseguiremos traçar as análises que nos interessam sobre o emprego dessas formas em PB e E.

Ainda sobre a fala, Barros (2000) afirma que: *“na fala, elaboração e produção coincidem no eixo temporal, enquanto na escrita há dois momentos diferentes, o primeiro em que se elabora o texto, o segundo em que ele é efetivamente produzido”* p.59. A mesma autora destaca então três características da fala: não-planejamento, presença de marcas de formulação e reformulação, descontinuidade.

No nosso *corpus*, a produção dos sujeitos está inserida no mesmo eixo temporal, porém não no mesmo espaço físico. Pensemos nas três características tratadas pela autora e na sua validade nas gravações que analisaremos neste trabalho.

A primeira característica destacada pela autora é o *não-planejamento*. As gravações consideradas para este estudo são aquelas falas produzidas por ouvintes que ligam para a rádio durante programas que possibilitam e encorajam esse tipo de participação. Os motivos para as ligações são os mais diversos, tais como: pedidos, opiniões, desejos de compartilhar uma experiência, etc.

Muitas vezes pode haver um planejamento dessa fala, já que o ouvinte liga por algum motivo, porém esse planejamento tem a ver com o assunto da fala e não com o modo como isso será feito, e a conversa pode tomar outros rumos a partir das intervenções do apresentador do programa. Marcuschi (2003) afirma, sobre os telefonemas, que:

*“(a) neles o canal de contato é puramente lingüístico;
(b) todos os problemas devem ser resolvidos verbal e explicitamente;
(c) é uma das poucas conversações das quais se pode obter o início, o desenvolvimento e a conclusão integralmente” p.54*

Em nossas gravações, percebemos que muitas vezes o locutor da rádio faz perguntas inesperadas para o ouvinte e o tópico do diálogo muda. No diálogo a seguir, o tema sobre o qual a ouvinte pretendia e se planejou para falar era o tema do futebol, mas o locutor da rádio a surpreende com uma pergunta que não tem nada a ver com o tema anterior e que muda totalmente o rumo da conversa, que agora será sobre o caso de um assassino que está em liberdade.

O [...] en los dos mundiales que salimos campeones... el pueblo todo en la calle... desahogados... festejando... viviendo *esa* alegría que es única... porque nosotros lo vivimos así... sería muy hipócrita prohibirle... a nuestros hijos... la posibilidad de disfrutar de un partido... yo lo veo de *esa* manera [...]
A Alicia... ya que te tengo ahí... sabes que Luis Luque salió en libertad condicional ¿no?
O sí... sí sí sí
A el asesino de Maria Soledad Morales
O lo escuché *esta* mañana con Madalena
A ¿sabés lo primero que dijo cuando salió?
O no... *eso* no sé [...]
(discusión sobre la posibilidad de que los niños vieran los partidos del mundial en los colegios)

(E.54 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:30)

Sobre a segunda característica destacada pela autora: a presença de marcas de formulação e reformulação, podemos observar no *corpus* tal fenômeno, já que estamos lidando com conversas nas quais o enunciador reformula diversos enunciados ao longo de sua fala. No caso a seguir há a reformulação da sentença “*pra mim poder operar*” para “*pra ver se precisa operar*”, o que nos serve como exemplo da característica de reformulação dos enunciados:

*[...] eu estou há um ano e meio na fila esperando uma ressonância magnética... pra mim poder operar... né? pra ver se precisa operar... só que **essa** dor que eu tenho*

(P.44 – Rádio Capital 11/06/10 – 11:40)

A última característica apontada pela autora é a descontinuidade, que pode ser percebida em grande parte dos enunciados do *corpus*, inclusive no penúltimo caso citado, no qual o tema da conversa vai mudando, o que provoca essa descontinuidade tão típica de enunciados orais.

É de grande importância, na comparação entre duas línguas, selecionar um gênero correspondente. Essa era a nossa preocupação inicial ao decidirmos trabalhar com os programas de rádios em diferentes línguas, e acreditamos ter conseguido alcançar essa correspondência, já que nos preocupamos, inclusive, em selecionar programas que fossem estruturalmente parecidos.

Feitas essas considerações sobre o gênero do *corpus* escolhido para a nossa pesquisa, esperamos ter esclarecido a visão que temos sobre as gravações que serão analisadas. A seguir, comentaremos a formação desse *corpus*.

Para formar o *corpus*, selecionamos quatro rádios e fizemos gravações desde setembro de 2009 até dezembro de 2010. Antes dessa seleção, pesquisamos rádios de diferentes regiões do Brasil e de diferentes países de língua espanhola. Interessava-nos, com essa pesquisa inicial, encontrar rádios que contassem com uma participação ativa dos ouvintes. Depois da pesquisa, selecionamos as seguintes rádios:

- Rádio Capital, de São Paulo - Brasil
- Rádio Sociedade, de Salvador - Brasil
- Radio Mitre, de Buenos Aires - Argentina
- Radio Onda Cero, de Madri – Espanha

Nas rádios citadas, procuramos programas que apresentassem grande variedade de assuntos e uma participação ativa dos ouvintes, pois seriam as falas desses ouvintes que

comporiam o *corpus*. Selecionados os programas, as gravações eram feitas durante várias horas e, posteriormente, editávamos e transcrevíamos os trechos nos quais havia falas dos ouvintes com a presença de demonstrativos. Transcrevemos todas as falas nas quais havia pelo menos um demonstrativo, e todas essas transcrições formam o *corpus* da nossa pesquisa².

Reiteramos que os ouvintes, em nossas gravações, ligam para a rádio com diferentes objetivos: fazer pedidos, reclamações, denúncias, relatar uma experiência, dar sua opinião sobre determinado assunto que está sendo discutido, participar de promoções da rádio, etc.

Para o estudo do PB, temos duas rádios, uma de São Paulo, estado do Sudeste, e uma da Bahia, estado do Nordeste do Brasil; já para o estudo do E, temos uma rádio da Argentina e uma da Espanha. Essa seleção foi feita pensando nas possibilidades de gravação das rádios conforme esclarecemos a seguir.

Todas as gravações foram feitas pela internet, acessando o site da emissora. Em várias emissoras, a qualidade do som não era suficiente para o estudo que pretendíamos, pois era difícil inclusive, em alguns casos, identificar se escutávamos um demonstrativo de primeira ou de segunda série. Sendo assim, após a tentativa de gravação de diversas rádios, selecionamos as emissoras nas quais o acesso a boas gravações era possível.

Não pretendemos fazer um estudo de variação linguística opondo as rádios de São Paulo e Salvador ou de Buenos Aires e Madrid, embora em algum momento dividamos os dados por rádio para uma melhor visualização. Entendemos que o nosso *corpus* não seria suficiente para um estudo de variação e este, tão pouco, é o nosso objetivo. De qualquer forma, traçaremos algumas observações sobre diferenças encontradas no emprego dos demonstrativos nessas rádios, mas não pretendemos traçar conclusões gerais sobre o funcionamento dos demonstrativos em relação à localização geográfica de cada rádio.

Com as gravações feitas, começamos a selecionar as falas nas quais havia a presença de pelo menos um demonstrativo, os recortes foram feitos com o cuidado de verificar se o contexto fica claro e se o antecedente do demonstrativo em casos de anáfora está presente no trecho selecionado.

² O *Corpus* completo está anexo.

Para transcrever as falas dos ouvintes que haviam sido gravadas, optamos por uma transcrição simples, sem muitos símbolos. Tratamos, portanto, de fazer uma transcrição ortográfica, seguindo a escrita-padrão em relação à ortografia, mas respeitando a produção real no caso de concordâncias verbais ou alguns outros fenômenos. O nosso *corpus* está baseado nas transcrições da Análise Conversacional, adaptadas às nossas necessidades³.

iii. Relato quantitativo sobre o *corpus*

Por meio de algumas tabelas que apresentaremos a seguir, trataremos de descrever a frequência das séries dos demonstrativos no nosso *corpus* para criar um panorama geral do emprego dessas formas nas gravações em PB e E. Acreditamos ser de grande importância apresentar os resultados antes de passar a análises de casos, já que nossa seleção de casos estará baseada nos resultados quantitativos.

No total, o nosso *corpus* está composto por 1000 demonstrativos: 500 em PB e 500 em E, divididos entre as quatro rádios; temos então 250 demonstrativos de cada rádio. Esses dados estão descritos na tabela a seguir para uma melhor visualização:

Tabela 1: Total de demonstrativos no “*corpus*”

LÍNGUA PESQUISADA	RÁDIO GRAVADA	NÚMERO DE DEMONSTRATIVOS TRANSCRITOS	NÚMERO DE DEMONSTRATIVOS EM CADA LÍNGUA	TOTAL
Português do Brasil	Rádio Capital	250	500	1000
	Rádio Sociedade	250		
Espanhol	Radio Mitre	250	500	
	Radio Onda Cero	250		

Com o *corpus* constituído, pudemos observar a frequência de cada série dos demonstrativos. Na tabela 2 expomos o número de ocorrências em PB e em E de cada série, somando as quatro rádios pesquisadas; e, na tabela 3, temos os mesmos dados em forma de porcentagem, para uma melhor visualização da frequência.

³ Ver “critérios para transcrição” na primeira página do *corpus* anexo.

Tabela 2: Ocorrência das três séries dos demonstrativos em PB e E

	1ª SÉRIE (ESTE/ESTE)	2ª SÉRIE (ESSE/ESE)	3ª SÉRIE (AQUELE/AQUEL)	TOTAL
NÚMERO DE DEMONSTRATIVOS NO <i>CORPUS</i> EM PORTUGUÊS DO BRASIL	8	405	87	500
NÚMERO DE DEMONSTRATIVOS NO <i>CORPUS</i> EM ESPANHOL	203	273	24	500

Tabela 3: Porcentagem de ocorrência das três séries dos demonstrativos em PB e E

	1ª SÉRIE (ESTE/ESTE)	2ª SÉRIE (ESSE/ESE)	3ª SÉRIE (AQUELE/AQUEL)
PORCENTAGEM DE DEMONSTRATIVOS NO <i>CORPUS</i> EM PORTUGUÊS DO BRASIL	1,6%	81%	17,4%
PORCENTAGEM DE DEMONSTRATIVOS NO <i>CORPUS</i> EM ESPANHOL	40,6%	54,6%	4,8%

A partir da análise dessa contabilização das ocorrências dos demonstrativos descrita nas tabelas anteriores, podemos perceber que os números variam muito de uma série para outra e que, como já destacávamos no início deste estudo, há uma assimetria no emprego das três séries dos demonstrativos nas duas línguas pesquisadas. Pelo observado no nosso *corpus*, tanto em PB como em E há um uso maior da segunda série: 405 em PB e 273 em E, mas as grandes diferenças se apresentam no número de demonstrativos encontrados nas outras duas séries.

Em PB, num *corpus* de 500 ocorrências, temos apenas 8 demonstrativos de primeira série, isso é possível pois observamos que, muitas vezes, a forma *esse* ocupa o lugar que, segundo a tradição, se esperaria da forma *este*. Já em E, é o demonstrativo de terceira série que aparece com a menor frequência: 24 demonstrativos, o que corresponde a apenas 4,8% do total de demonstrativos coletados em E.

Já que temos rádios de diferentes países, vejamos os números de ocorrência dos demonstrativos em cada rádio, começando pelo *corpus* do PB. Os dados estão, portanto, separados por rádio, a partir de uma tabela com o número de ocorrências e outra com a porcentagem:

Tabela 4: OCORRÊNCIA DOS DEMONSTRATIVOS EM PORTUGUÊS

	1ª SÉRIE (ESTE/ESTE)	2ª SÉRIE (ESSE/ESE)	3ª SÉRIE (AQUELE/AQUEL)
RÁDIO CAPITAL SP, BRASIL	1	207	42
RÁDIO SOCIEDADE BA, BRASIL	7	198	45

Tabela 5: PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DOS DEMONSTRATIVOS EM PORTUGUÊS

	1ª SÉRIE (ESTE)	2ª SÉRIE (ESSE)	3ª SÉRIE (AQUELE)
RÁDIO CAPITAL SP, BRASIL	0.4%	82.8%	16.8%
RÁDIO SOCIEDADE BA, BRASIL	2.8%	79.2%	18%

Observando as tabelas 4 e 5, percebemos que o emprego do demonstrativo *este* tem frequência maior na rádio da Bahia, mas mesmo assim, trata-se de um número pequeno de ocorrências: 7, num *corpus* de 250. No nosso *corpus* do PB, dividido por rádios, os empregos dos demonstrativos de segunda e terceira série não se alteram muito, e a segunda série é a mais empregada em ambas as línguas.

Vejamos as mesmas divisões, mas a partir dos dados sobre o espanhol:

Tabela 6: OCORRÊNCIA DOS DEMONSTRATIVOS EM ESPANHOL

	1ª SÉRIE (ESTE)	2ª SÉRIE (ESE)	3ª SÉRIE (AQUEL)
RADIO MITRE BUENOS AIRES, AR	108	139	3
RÁDIO ONDA CERO MADRI, ESPANHA	95	134	21

Tabela 7: PORCENTAGEM DE OCORRÊNCIA DOS DEMONSTRATIVOS EM ESPANHOL

	1ª SÉRIE (ESTE)	2ª SÉRIE (ESE)	3ª SÉRIE (AQUEL)
RADIO MITRE BUENOS AIRES, AR	43.2%	55.6%	1.2%
RÁDIO ONDA CERO MADRI, ESPANHA	38%	53.6%	8.4%

Podemos observar, nos resultados do nosso *corpus* em E, divididos por rádios, que há mais usos do pronome de terceira série nas gravações da rádio de Madri que nas de Buenos Aires (8.4% contra 1.2%), porém essa diferença não será considerada no nosso estudo, inclusive porque, como poderemos ver nas análises que apresentaremos aqui, empregos da segunda série com um valor esperado da terceira não estão excluídos dessa parte do *corpus*. De qualquer forma, voltaremos a esta questão nas análises que serão feitas ainda neste capítulo.

A última tabela que queremos expor é a que trata do número de ocorrências dos demonstrativos neutros. Chamou-nos a atenção o fato de que 24,6% dos demonstrativos em PB são demonstrativos neutros e, em E, 47,2% das ocorrências do *corpus* também são de demonstrativos neutros.

Tabela 8: Demonstrativos neutros

	1ª série	2ª série	3ª série	Total
Português	0	106	17	123
Espanhol	80	145	11	236

Não analisaremos especificamente o emprego dos demonstrativos neutros no nosso *corpus*, embora em alguns momentos nos refiramos a casos nos quais há a presença desses demonstrativos, porém fazemos isso referindo-nos a aspectos mais gerais, como a série a qual pertencem ou o fato de um demonstrativo neutro ser empregado num determinado contexto.

Acreditamos que os empregos de neutros mereceriam uma análise detalhada pensando nas suas particularidades, mas por uma questão de delimitação do tema que trabalhamos nesta

dissertação, optamos por deixá-los de lado neste momento, assim como mereceriam ser indagados possíveis motivos de uma diferença tão grande na ocorrência de neutros entre ambas as línguas, porém este também não é objetivo deste estudo.

Com os resultados obtidos, podemos pensar sobre o funcionamento dos demonstrativos em PB e em E num *corpus* composto por 1000 ocorrências em enunciados de língua oral. Sobre os dados apresentados, podemos observar, inicialmente, que no nosso *corpus*:

- nas duas línguas, a série mais empregada é a segunda (*esse/ese*);
- a primeira série em português (*este*) é a que tem menor ocorrência em todo o *corpus*;
- em espanhol, a série de menor frequência é a terceira;
- quando comparadas as rádios de São Paulo e de Salvador, em PB, vemos que há um uso maior do demonstrativo de primeira série na rádio de Salvador, mas que mesmo assim é um uso baixo, de 8 num *corpus* de 250 demonstrativos gravados;
- quando comparadas as rádios de Madri e Buenos Aires, percebemos que há um uso maior da terceira série na rádio de Madri, mas que, mesmo assim, são somente 21 ocorrências num *corpus* de 250 demonstrativos.
- Os demonstrativos neutros no *corpus* apresentam a seguinte porcentagem: 24,6% em PB e 47,2% em E

Todas as observações traçadas anteriormente sobre os dados do *corpus* mostram a desestabilização no emprego das séries dos demonstrativos nos casos encontrados e a impossibilidade de colocar tais formas num padrão de referência que esteja de acordo com as três pessoas do discurso. Esses resultados nos servirão como base para que possamos analisar alguns casos do *corpus*, portanto, nos referiremos a eles ao longo desta dissertação.

iv. Análise de casos do *corpus*

Feita a quantificação dos casos de demonstrativos encontrados no *corpus* e as considerações baseadas nessa quantificação, passaremos, neste ponto da pesquisa, a uma análise de caráter mais qualitativo sobre alguns casos encontrados.

No estudo que faremos nesta seção do nosso trabalho, conseguiremos ilustrar os resultados apresentados anteriormente. Seremos capazes, a partir da seleção de diferentes casos do *corpus*, de observar os usos de demonstrativos que, conforme comentávamos, tinham ocorrência mais comum em cada língua, bem como os casos das séries que têm menor frequência.

Dividiremos as análises por língua, começando pelos casos do PB e chegando aos casos do E, para, posteriormente, traçar considerações comparando as duas línguas. Em cada subtítulo das análises teremos casos do *corpus* que estão numerados para facilitar a exposição, muitos desses casos não serão expostos integralmente, mas podem ser encontrados no *corpus* anexo.

a. CrITÉRIOS para seleção e análise de casos

Os resultados apresentados anteriormente se referem ao *corpus* completo, foi uma contagem feita a partir de todos os demonstrativos encontrados, e, partindo dos resultados, faremos uma seleção de alguns casos para análise. Antes de passar às análises propriamente ditas, esclarecemos a seguir nosso critério para a escolha desses casos.

A nossa seleção está baseada nos resultados obtidos e expostos anteriormente. Seleccionamos, portanto, os casos que se mostram no limite da tendência e que nos instigavam a uma comparação dessas formas nas duas línguas estudadas, bem como os casos que têm uma grande ocorrência em cada língua ou uma ocorrência muito baixa.

Pensando no grande número de ocorrências da segunda série nas duas línguas, será por ela que começaremos nossas análises tanto em PB quanto em E, a diferença será que em PB selecionaremos inicialmente casos de emprego da segunda série em contextos nos quais há uma referência construída com base no campo da primeira pessoa; enquanto em E, consideraremos a alternância dessa série com a terceira, já que, conforme vimos, é comum que haja um uso da segunda série em E com valores que esperaríamos da terceira.

A nossa análise está separada por língua, primeiro apresentaremos as análises referentes ao PB, estas estarão divididas em diferentes seções, e, logo, faremos o mesmo com o E. Essa divisão mais geral por língua nos permitirá ilustrar os resultados criando um panorama dos usos encontrados em cada língua traçando reflexões sobre o efeito que têm tais empregos no discurso. Posteriormente, a partir desse panorama, seremos capazes de fazer uma análise comparativa, pensando nos empregos dos demonstrativos nas duas línguas.

Em PB, dividiremos as análises em três partes: empregos da segunda série (nos quais já incluiremos os poucos empregos da primeira série, já que sempre se alternam com a segunda), empregos da terceira série, e empregos de demonstrativos em outras construções, como aquelas nas quais os demonstrativos antecedem nomes próprios ou participam na construção de expressões pejorativas.

Em E, começaremos também com os diferentes espaços ocupados pela segunda série, pensando já na sua alternância com a terceira; passaremos aos empregos da primeira série, e, logo, passaremos a uma consideração mais geral sobre o emprego dessas formas.

Em cada caso selecionado, tentaremos analisar o emprego do demonstrativo e os efeitos que têm tais empregos no enunciado. Para isso, consideraremos as reflexões teóricas traçadas no primeiro capítulo e os resultados expostos no começo deste capítulo. Pretendemos, com estas análises, tornar mais visual os resultados expostos e chegar a conclusões sobre o emprego dos demonstrativos no *corpus* selecionado.

b. Os demonstrativos no português do Brasil

No primeiro capítulo, tratamos da fundamentação teórica que nos norteia nesta dissertação. Neste capítulo começamos com a apresentação e justificativa do *corpus*, e mostramos os resultados sobre os empregos das séries dos demonstrativos no *corpus* pesquisado. Com a fundamentação teórica e os resultados obtidos, chega o momento de apresentarmos as análises dos casos selecionados⁴ de acordo com os critérios expostos anteriormente.

⁴ Todos os trechos aos quais nos referiremos neste ponto fazem parte de transcrições maiores de falas de ouvintes das rádios. Essas transcrições estão anexas no final da dissertação e podem ser encontradas através da denominação que vemos entre parênteses ao final de cada caso, como P15, no primeiro trecho que será citado.

O que mais nos chamou a atenção nas gravações das rádios do Brasil foi o baixo número de ocorrências de demonstrativos de primeira série, 8 numa amostra de 500. Notamos, a partir da observação do *corpus*, que a forma *esse* é muitas vezes empregada no lugar de *este*, o que, como já havíamos destacado, é uma das características do sistema de demonstrativos em PB.

Pretendemos pensar em que valores são atribuídos na enunciação e na relação entre o locutor e o interlocutor quando se emprega um demonstrativo de segunda série onde se poderia empregar um de primeira. Partiremos, portanto, dos empregos dessa série.

i. A segunda série e os seus diferentes espaços

Bechara (2004) destaca usos de demonstrativos de segunda série substituindo a primeira, quando “*se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2ª pessoa*” p.187, e cita como exemplo o trecho “*quero ver esse céu da minha terra/ Tão lindo e tão azul*”. p.187

Concordamos com o autor quando ele afirma que alguns usos da segunda série não se inserem no campo de referência da segunda pessoa do discurso, mas devemos perceber que a forma *esse* também é empregada em muitos casos nos quais não há um distanciamento da pessoa que fala, como observaremos no caso a seguir:

CASO 1

“[...] a São Paulo... esse solo bendito... é... parece casa de aluguel... as pessoas moram numa casa... vive ali... alguém fez um esforço pra fazer aquela casa... mas a pessoa diz... eu não vou fazer nada aqui porque a casa não é minha [...] eu não sou daqui... eu nasci em Sergipe e acabei de me criar na agricultura do interior de São Paulo... mas eu nunca fui passear no São João... nem nas festas de fim de ano no Norte... porque aquele dinheiro era pra mim construir uma casa [...] é falta de respeito... de compromisso com o lugar que eles vivem... essas pessoas que diz que voltam... se eles quisessem eles já tinham voltado em condição de viver lá... mas aqui é onde se ganha tudo... esse solo aqui é um solo bendito”

(P.15 – Rádio Capital 20/01/10 – 13:00)

No trecho final o demonstrativo *esse* é empregado para referir-se ao lugar onde está a pessoa que enuncia, sendo assim, “*esse solo aqui*” refere-se à cidade de São Paulo; há,

inclusive, um marcador de lugar, a forma *aqui*, que reforça a ideia de que é o lugar onde o locutor está no momento que enuncia. Não seria possível explicar esse uso a partir da ideia de afastamento da pessoa que fala, a atitude é de proximidade de quem enuncia: trata-se de uma mulher que expressa sua satisfação por morar em São Paulo.

O que poderíamos afirmar neste caso é que a forma *aqui* tem papel importante na construção da localização espacial no enunciado, é como se complementasse o demonstrativo *esse*, produzindo no enunciado o efeito de certeza do lugar de onde se fala e um reforço dessa localização da pessoa que enuncia.

Cunha e Cintra (2001) afirmam que “*uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo esse em lugar de este*” p.332

Em alguns contextos, o emprego de um demonstrativo de segunda série pode evidenciar essa atitude de desinteresse ou desagrado da qual falam os autores, mas temos casos no *corpus* que nos mostram que mesmo com atitudes contrárias a essas, o demonstrativo empregado é o de segunda série. Vejamos o caso a seguir:

CASO 2

A [...] mora onde Rosângela?

O Santo André

A ah...é verdade... Santo André... minha querida amiga de Santo André... boa a cidade de Santo André... hein?

O muito boa... eu amo *essa* cidade [...]⁶

(P.37 – Rádio Capital 30/07/10 – 12:15)

A atitude não é de desinteresse ou desagrado, ao contrário, a relação que se estabelece é positiva. A ouvinte liga para a rádio para dizer que ama a cidade onde vive, e se vale de um demonstrativo de segunda série para referir-se ao lugar: “*eu amo **essa** cidade*”. Vale destacar também que neste caso não temos o emprego de um advérbio que reforce o lugar, como temos com a forma “*aqui*” no caso 1, por isso não é possível afirmar, como poderia parecer à

⁵ Grifos nossos

⁶ Quando há falas do locutor da rádio, marcamos com **A** (de apresentador) suas falas, e marcamos com **O** (de ouvinte) as falas dos ouvintes que ligam para a rádio.

primeira vista, que o demonstrativo de segunda série no PB perdeu sua expressividade e demanda sempre um advérbio como complemento.

Também podemos citar o caso a seguir, no qual vemos uma ocorrência de *esse* sem que haja uma atitude de desinteresse:

CASO 3

*“[...] e eu só tenho **essa** rádio... que **essa** rádio é a mãe **desse** povo **dessa** Bahia[...]”*

(P.106 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 07:05)

A gravação é da Rádio Sociedade, em Salvador, e a ouvinte está na Bahia, o que significa que ela está inserida no grupo ao qual se refere: “**desse** povo... **dessa** Bahia”, faz parte das pessoas que contam com a ajuda da rádio, e mesmo assim, sem nada que evidencie uma atitude de desinteresse, emprega demonstrativos de segunda série.

Como pudemos ver, algumas gramáticas tradicionais mencionam as variações no emprego das séries dos demonstrativos, mas explicam essa alternância baseadas em conceitos que nem sempre são suficientes, como nos casos que vimos até aqui.

Como afirmamos no começo deste capítulo, o fato de que há mais demonstrativos de segunda série não exclui o emprego da primeira em alguns casos do *corpus*. Os usos de *este* aparecem com uma baixa frequência, e, muitas vezes, se alternam com o uso de *esse*, inclusive na mesma fala e para referir-se ao mesmo objeto. Observemos o caso a seguir:

CASO 4

*“então hoje quando eu peguei o Estadão... sou assinante do Estadão há trinta e um anos... eu li aqui... me deu até uma:: vontade de vomitar... desculpe a expressão... porque:: o senhor Lula diz... é difícil atacar corrupção porque às vezes o corrupto é o cara que tem a cara mais de anjo... é **aquele** cara que mais fala contra a corrupção... é **aquele** cara que mais denuncia porque acha que não vai ser pego... está se auto-retratando né? [...] o que acontece aqui **nesse** país é que há impunidade... a justiça é... super lenta [...] o caso do mensalão... está lá já desde dois mil e cinco e ninguém foi punido... se houve **isso** se houve **aquilo**... não precisa de ouvir mais ninguém... o país inteiro... o mundo inteiro sabe o que aconteceu... o próprio Lula disse... numa entrevista na França... que existe caixa dois... caixa três... não sei o que não sei o que lá... ele admitiu... e ele sabe... ele é uma velha raposa... então **isso** é preocupante porque a impunidade é que está fazendo **esse** país ser (solapado) do jeito que está [...] então infelizmente nós estamos **desse** jeito...*

*hoje pela manhã eu ouvi na Jovem Pan... que a a que foi instalada a CPI do do MST e ouvi **aquele**:: ... senadorzinho de Sergipe... Almeida Lima dizer... que não... eu vou tirar férias agora... o negócio vou só para fevereiro [...] entregou a a o galinheiro pras raposas... pros lobos... **este** país do jeito que está não dá [...]*

(P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16)

No trecho “o que acontece aqui **nesse** país”, podemos observar novamente a forma *aqui* reforçando o caráter de espaço no qual o falante está inserido no momento da enunciação. Depois, temos o trecho “o que está fazendo **esse** país”, no qual *esse* também corresponde ao Brasil, o país de onde fala a ouvinte da rádio, porém, no final de sua fala, ela encerra com “**este** país do jeito que está não dá”.

“**Este** país” parece ter um efeito, no enunciado, de relevo, já que o demonstrativo de segunda série aparecera anteriormente para referir-se ao mesmo *país*. Trata-se de um sintagma informativamente realçado, temos, portanto, um sujeito sintático, função que ocupam poucos dos muitos casos da segunda série. Também vale destacar a prosódia, observando que a fala dessa ouvinte da rádio, nesta última frase, é pausada, firme, e mais alta.

O caso de *esse* ocupando um lugar que corresponde ao campo da primeira pessoa está muito difundido em PB, ora aparece acompanhado de algo que reforça essa marca de presente, que, como a forma *aqui* no caso 4, parece complementar o demonstrativo; ora aparece sozinho, sem complemento, como no caso anterior, o que, mesmo assim, não causa nenhum tipo de estranhamento para um interlocutor falante de português.

A partir desse caso, poderíamos formular a hipótese de que é possível referir-se ao campo da primeira pessoa através do emprego de *este* ou *esse*, sendo que é mais comum o emprego da segunda série, e a primeira, quando usada, pode aportar outros significados na construção do sentido no enunciado.

Por isso, neste momento, observaremos algumas das poucas ocorrências da 1ª série no nosso *corpus* do PB. Vejamos o seguinte caso:

CASO 5

[...] a empresa que serve ao aeroporto... chamada (Aerosaque)... ainda não pagou o décimo terceiro dos operários... como é que estes operários vão fazer natal sem dinheiro?

((gravação na caixa postal da rádio, fala pausada.))

(P.110 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:05)

Conforme observação feita após a transcrição, podemos perceber que trata-se não de uma conversa, mas sim de um recado deixado na caixa postal da rádio. Optamos por manter este caso no nosso *corpus*, devido justamente a aparição do demonstrativo de primeira série, algo que não foi comum na formação do *corpus*, e porque, mesmo se tratando de uma gravação, ainda faz parte do recorte que buscamos: *intervenções de ouvintes em rádios*. Por se tratar de um recado a fala é mais pausada, o que pode também ter contribuído para o emprego da primeira série, porém também se trata de um caso como o anterior no qual a construção com o demonstrativo é topicalizada.

Vejamos outro caso do *corpus*, no qual uma ouvinte reclama da confusão feita por uma faculdade à respeito de um pagamento que, segundo ela, foi efetuado e não é reconhecido pela instituição:

CASO 6

[...] eu estou com um problema com um aluno da Área 1... eu sou mãe... e na rematrícula eu fui fazer esse pagamento na própria faculdade e agora eles estão me cobrando... dizendo que o aluno está sem este pagamento [...] eu tenho xerox desse documento que eu paguei... não é a primeira vez... e isso realmente é um transtorno para mim [...]

(P.73 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:47)

É interessante observar que “*pagamento*” é um substantivo introduzido no discurso por um demonstrativo de segunda série, que logo será retomado com um demonstrativo de primeira série. No caso de “*este pagamento*” trata-se de uma voz de outra pessoa, algo que depois poderá ser observado também no *corpus* em espanhol: a ocorrência de uma série não-usual para diferenciar algo na cena representada. Nessa fala em discurso indireto livre, o objeto se faz mais “presente”, como se também no tempo houvesse um deslocamento mais para o presente.

Conforme afirmávamos anteriormente, não são muitos os casos nos quais os demonstrativos de primeira série são empregados nas nossas gravações, porém, vejamos outros recursos que aproximam os demonstrativos de segunda série do que seria o espaço ocupado pela primeira. Observemos o caso a seguir:

CASO 7

*[...] aqui na rua... que é uma rua com mil metros de extensão... agora vieram asfaltar a rua... não colocaram meio-fio... não colocaram saneamento básico... estão asfaltando só duzentos metros... e o restante da rua fica entre a poeira... lama quando chove... rato... cheia de buraco... será que quem mora após **esses** duzentos metros que foram asfaltados é cachorro? ou então não é ser humano? eu queria que o Balanço Geral trouxesse uma reportagem aqui a respeito **dessa** rua aqui que a gente mora... que **isso** aí... não estão tratando a gente como ser humano... estão tratando a gente como bicho... e agora não é possível que a gente vai ficar aqui **nessa** lama e poeira... meu protesto é **esse** aí... e se não tomar providência a gente vai fechar a BR... fechar a via aqui que vai para ()... fechar tudo aí até tomar providência... e asfaltar a rua toda... uma rua **dessa** aqui que dá acesso até ao Hospital do Subúrbio*

(P.76 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 07:26)

Observamos que o advérbio *aqui* em determinados contextos complementa o demonstrativo de segunda série, aproximando-o mais do campo da primeira pessoa, quando o que se pretende construir é uma referência espacial. Vejamos o caso a seguir, no qual a referência construída tem caráter mais temporal:

CASO 8

*“já tem seis meses que eu fiz o pedido **dessa** máquina Cielo [...] quando foi no dia onze **desse** mês agora... a máquina parou porque o carregador da máquina não está carregando [...]”*

(P.77 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 08:25)

O ouvinte começa falando do passado: há seis meses fez o pedido da máquina operadora de cartões de crédito da marca *Cielo*. Depois, o enunciado “*esse mês*” vem acompanhado de “*agora*”, que trata de não deixar dúvidas sobre qual é o mês. Pensemos no que afirma Castilho (2008) sobre o emprego dos demonstrativos:

“a presença dos demonstrativos em nossas sentenças fornece ao interlocutor pistas sobre o processamento mental, pré-verbal, levado a cabo pelo locutor. Por meio dessas palavras ele passa ao interlocutor a seguinte mensagem: “você sabe do que eu estou falando, você conhece o referente deste sintagma nominal, que foi explicitado nos atos de fala precedentes, ou que pode ser inferido em nossa situação de fala”. p.118

Se considerarmos válido o que diz o autor, poderíamos pensar que o emprego de algum advérbio junto ao demonstrativo poderia facilitar essa compreensão por parte do falante, mesmo quando o demonstrativo empregado é flexível e pode estar presente em mais de um campo de referência, como é o caso da segunda série, que ora está no campo da primeira pessoa, ora no campo da segunda. Porém, na verdade, quando não temos um advérbio, a comunicação não é afetada, e o demonstrativo, seja ele de primeira ou segunda série, dá conta de determinada referência na constituição de sentido no enunciado.

Pensando nas definições tradicionais dos demonstrativos que os relacionam com as três pessoas do discurso, também poderíamos relacioná-los com os advérbios de lugar, assim teríamos:

1ª série: <i>este, esta, estes, estas, isto</i>	<i>Aqui</i>
2ª série: <i>esse, essa, esses, essas, isso</i>	<i>Aí</i>
3ª série: <i>aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo</i>	<i>Lá</i>

Com relação à primeira e à terceira série, talvez pudéssemos observar uma correspondência com a forma como está descrito na tabela, mas dois advérbios diferentes podem relacionar-se ao mesmo demonstrativo. Vejamos um caso:

CASO 9

*[...] a gente sofre também **nessa** área **aí** do Iguatemi e Parelela... muitas das vezes... principalmente à noite... como você falou... **nessa** área aqui[...]*

(P.95 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 07:14)

A segunda série dos demonstrativos em PB parece ser a mais flexível no sentido de que permite empregos referenciais que remetem a diferentes tempos e espaços, variando, inclusive, no discurso de um mesmo falante (caso 4). Temos, no *corpus*, muitos casos nos quais essa flexibilidade se vê claramente, e nos quais também os demonstrativos vêm acompanhados de outras formas, como os advérbios. Citaremos a seguir alguns trechos para exemplificar:

CASO 10

*“todos **esses** crimes aí... vão ter que passar pela lei”*

(P.46 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:07)

CASO 11

*“está querendo sair daí **desse** bairro”*

(P.85 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 08:28)

CASO 12

*“mas não estou entrando na modernidade **dessa** garagem aqui não rapaz”*

(P.29 – Rádio Capital 30/03/10 – 11:55)

Todos os demonstrativos empregados nos casos citados são da segunda série. Nos dois primeiros casos, estão combinados com as formas “aí” e “daí” para que a referência construída seja a algo que não pertence ao campo do enunciador, ou seja, cria-se alguma distância entre os crimes em “*esses crimes aí*” e o bairro em “*daí desse bairro*”. Já no caso 12, “*essa garagem aqui*” constrói uma referência ao que está próximo ao enunciador, que está no seu domínio.

Embora o demonstrativo de segunda série seja muito empregado para referir-se ao que seria o campo da primeira pessoa, também é uma série encontrada em enunciados nos quais participa da construção de uma referência ao que não pertence ao campo da primeira pessoa, como vimos observando em casos anteriores. Sobre isso, vejamos o seguinte caso:

CASO 13

*[...] eu queria saber o que o a a população tem contra a época da ditadura [...] porque a maioria do pessoal da minha idade... você está entendendo?... que viveu **essa** época... você está entendendo? eu não vejo ninguém reclamar da ditadura... você entendeu?... eu vou ser sincero pra você... a gente vivia muito melhor... é que muita gente não viveu **essa** fase... mais os antigos talvez [...] só que é o seguinte... o povo... não tem condição de chegar e ir pra rua porque pra todo mundo está bem... você entendeu? todo mundo reclama mas ninguém faz nada... eu se não posso sair na rua sozinho... gritando... você está me entendendo? porque eu não vou ter como fazer nada... sozinho eu não vou ter... você entendeu? **isso** precisa mudar... certo? mas está bom pra quem tem dinheiro... você está entendendo? está bom pra uma série de pessoas aí... você está me entendendo? que não estão se importando com o que está acontecendo com **aqueles** que não tem condição [...] o que nós estamos vivendo **nesse** país é uma vergonha [...] o que a gente está vivendo é **isso** daí e ninguém faz nada... certo? a polícia é... uma grande parte dela é é:: corrupta... você entendeu? e a gente está **desse** jeito aí do... **nessa** situação que a gente está vivendo aí.*

(P.09 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:04)

O ouvinte da rádio, no caso anterior, comenta a época da ditadura e se refere a tal momento através do emprego de “**essa** época”. Embora a mesma expressão (“**essa** época”) em PB possa ser empregada para fazer referência ao presente, ninguém duvidaria, no contexto da fala do ouvinte, a que momento ele se refere, fica clara a referência ao passado.

No final de sua fala, o ouvinte conclui com a expressão “**nessa** situação que a gente está vivendo **aí**”, na qual temos uma referência ao presente e um advérbio que, se analisado pela sua forma, distanciaria a referência da primeira pessoa, assim como em “o que a gente tá vivendo é **isso** **daí** e ninguém faz nada”. Porém não é o que acontece, a referência continua sendo ao presente, o que nos mostraria mais uma vez que os advérbios também têm suas referências construídas na enunciação e podem variar, tal como as séries dos demonstrativos.

Vejamos outra ocorrência na qual podemos perceber a segunda série num emprego que permite uma referência temporal ao passado e ao presente, em enunciados do mesmo falante:

CASO 14

*[...] hoje **esse** programa está uma coisa maravilhosa... principalmente porque ele nos transportou a tempos vividos... viu Paulo? eu estou com setenta e seis anos e vivi uma... uma boa parte **desse** tempo do Trio de Ouro... e **essa** minissérie da Globo está uma coisa sensacional... como tudo que eles fazem... né? [...]*

(P.10 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:48)

No caso anterior, podemos observar que a expressão “*desse tempo*” se refere ao passado, à época do Trio de Ouro, mas logo em seguida temos “*essa minissérie da Globo*”, que é a minissérie que estão exibindo no momento, o que pode ser comprovado pelo contexto e também pelo verbo *estar* no presente em “*está uma coisa sensacional*”. Mais uma vez, podemos comprovar a flexibilidade da segunda série em português, que participa de construções que se referem a diferentes âmbitos.

Com isso, podemos ver que o que de fato caracteriza a segunda série em PB é a flexibilidade no seu emprego, podendo referir-se ao campo da primeira ou da segunda pessoa sem problemas para a compreensão da referência.

Deixaremos, por enquanto, os demonstrativos de segunda série, e passaremos a uma reflexão sobre alguns casos da terceira série que encontramos no *corpus* e que nos parecem interessantes para este estudo.

ii. Diferentes empregos da forma “*aquele*” em enunciados no português do Brasil

A terceira série em PB não apresenta a mesma flexibilidade que a segunda, ou seja, não ocupa outros espaços senão os que pertencem ao campo da terceira pessoa. O demonstrativo *esse* também pode aparecer em contextos de passado em alguns enunciados. Vejamos um caso no qual temos o emprego de *aquele* com a função de marcar anterioridade:

CASO 15

- O** [...] eu acho que quem fez **isso** daí merecia um castigo muito grande... viu?... é um safado... é é:: é **esses** nóia que não tem o que fazer na vida... que fica fazendo **isso**... sabe?
- A** é... você falou **esses** nóia... o que que é nóia?
- O** ah... **essas** que fuma craque... maconha... **esses** doido
- A** [ah ta...tá...tá]
- O** bêbado... **essas** coisas ridículas aí
- A** [é verdade [...]]
- O** um santo que ajuda tanta gente... como eu também fiquei muito brava quando fizeram **aquilo** com a Nossa Senhora... né? [...]
- ((comentário sobre a notícia de que vândalos atearam fogo a uma imagem de Santo Expedito em Ourinhos, SP.))

(P.24 – Rádio Capital 23/06/10 – 11:28)

O demonstrativo “*isso*” se refere ao incidente com a imagem de Santo Expedito, e “*aquilo*” ao que aconteceu anteriormente com a imagem de Nossa Senhora. O enunciador, posicionado no presente, parece empregar demonstrativos de diferentes séries para estabelecer uma diferença entre um passado e outro anterior. Um uso também muito comum da terceira série no *corpus* é a construção *demonstrativo de 3ª série + que*, que tem função de identificar algo ou alguém conhecido por ambos locutor e interlocutor, como em:

CASO 16

“aquele juiz que está... né? que foi preso lá... agora ele entrou na justiça pra receber o dinheiro dele”

(P.07 – Rádio Capital 07/01/10 – 11:57)

CASO 17

“minha mãe sempre foi aquela que levava e buscava no colégio”

(P.54 – Rádio Capital 18/08/10 – 11:48)

No caso 16, trata-se de alguém específico: “*aquele juiz que*” só pode ser um juiz definido, que é conhecido pelo locutor e dado como conhecido também pelo interlocutor, enquanto no caso 17, temos “*aquela que*” como indicador de “*tipo de*”: a mãe tem atitudes que a colocam dentro de um grupo de tipos de mães, referência também dada pelo locutor como conhecida por ambos. Esses casos também serão analisados no terceiro capítulo, quando pensaremos nos diferentes graus de definição em construções com demonstrativos.

Dentre os casos do *corpus* nos quais temos o emprego de demonstrativos de terceira série, chamou-nos a atenção alguns empregos dessa série em PB que mostravam uma função diferente atribuída a essas formas, uma função que não seria a comumente representada pelos demonstrativos. Analisaremos, portanto, três fragmentos de intervenções de ouvintes da Rádio Capital, de São Paulo, e, para a análise desses casos, nos permitiremos passar por alguns conceitos da teoria da argumentação e da polifonia.

CASO 18

eu quero dizer que aqui em São José dos Campos... também está assim... em vista de São Paulo aqui é um... é como se fosse um bairro de São Paulo... né?... mas no domingo é aquela paz e:: é... aquela paz... parece uma cidadezinha[...]
(Ouvinte reclama do trânsito da cidade em que vive, no interior de São Paulo)

(P.03 – Rádio Capital 14/12/09 – 12:07)

CASO 19

[...] o meu marido... ele me ilude há mais de dez anos... ele faz o mesmo jogo [...] e o cara nunca ganha... ele repete os números há dez anos... e eu estou naquela ilusão... sabe? um dia eu vou ganhar.
((Ouvinte conta que nunca ganhou na loteria, mas continua jogando e acreditando que um dia ganhará.))

(P.06 – Rádio Capital 05/01/10 – 12:15)

CASO 20

[...] de noite eu ficava igual zumbi... não dormia de jeito nenhum... quando dava cinco horas da manhã me batia aquele sono... que se deixasse eu dormia até uma hora da tarde.

(P.21 – Rádio Capital 26/01/10 – 12:55)

Começamos a análise por dois trechos extraídos do caso 18: “*em São José dos Campos... também está assim [...] mas no domingo é **aquela** paz*”. O tema da discussão era o trânsito na cidade de São Paulo, por isso o enunciado “*também está assim*” orienta a pensar que São José dos Campos sofre com o mesmo problema, dedução que seria a conclusão desse termo, já que se faz uma comparação entre as duas cidades.

Quando se introduz outro enunciado que começa com “*mas*” não é que se negue toda a conclusão do primeiro termo, não se nega o fato de que o trânsito esteja ruim em São José dos Campos. Porém, podemos pensar que no enunciado “*Mas domingo é **aquela** paz*”, o conector adversativo apresenta uma informação nova: como é o trânsito nos domingos, que, sem dúvidas, se opõe ao trânsito de toda a semana; o enunciado não nega o primeiro termo ou sua conclusão, mas sim contrapõe a situação da cidade durante a semana e aos domingos.

Pensemos no emprego do demonstrativo nesse trecho. Como propõe a teoria polifônica da enunciação, num enunciado há diferentes pontos de vista. Nesse caso, o locutor parece postular um enunciador que mostra seu ponto de vista e outros que permitem dizer que “*aquela paz*” é uma paz conhecida por mais gente.

Uma das indicações que nos dá o enunciado é pensar que paz seria essa. A continuidade discursiva “*parece uma cidadezinha*” nos mostra que “*aquela paz*” remete a algo conhecido por locutor e interlocutor, mas nada referente ao termo “*paz*” foi mencionado antes para que isso seja uma retomada de algum conhecimento expresso anteriormente.

A forma “*aquela*” funciona quase como um intensificador, dentro de uma escala argumentativa da palavra “*paz*”. Mas neste caso, além de intensificar, inclui o outro na fala. É

como se a introdução do termo “*aquela*” seguido por “*paz*”, levasse ambos, locutor e interlocutor, a um cenário conhecido pelos dois, o que parece alterar o efeito argumentativo do enunciado.

Para esclarecer porque a argumentação é diferente, basta imaginar o mesmo enunciado com um adjetivo intensificador: “*mas no domingo é uma imensa paz*”. “*Uma imensa paz*” não é “*aquela paz*”, a paz conhecida e entendida por qualquer um. O demonstrativo empregado dá à argumentação um sentido mais definido de paz, e parece também estar no topo da escala argumentativa, porém “*aquela paz*” parece ser uma paz maior que “*uma imensa paz*”.

O locutor, ao colocar em cena os enunciadores, mostra uma asserção, se identifica com o ponto de vista positivo, e a continuação discursiva “*parece uma cidadezinha*” desenvolve a ideia positiva de que existe paz, dá continuidade ao enunciado.

Parece-nos possível afirmar que a palavra “*cidadezinha*” mantém um laço tópico com “*paz*”, por isso é possível que essa seja a continuidade discursiva. Essa palavra, no grau diminutivo, nos remete a ideia de calma, de pouca gente, de tranquilidade. Seria impossível, por exemplo, imaginar os enunciados “*aquela paz... parece uma cidade grande*” ou “*aquela paz... nem parece uma cidadezinha*”, salvo em contextos muito específicos.

Analisemos o caso 19: “*e eu estou naquela ilusão... sabe? um dia eu vou ganhar*”. Percebemos aqui um uso parecido do demonstrativo de terceira série, pois ao empregar novamente o pronome “*aquela*” mais o substantivo “*ilusão*”, parece haver uma tentativa de identificação, de inserção, é como afirmar que, de alguma maneira, todos estão familiarizados com tal ilusão.

Benveniste (1985) afirma que “*el acto individual de apropiación de la lengua introduce al que habla en su habla*”. (p.84). É isso o que vemos no exemplo, já que na continuação do discurso percebemos a necessidade de confirmação do interlocutor com o enunciado: “*sabe?*”. Não queremos dizer que com esse enunciado o locutor esteja passando o turno ao outro, mas sim que, mais uma vez, inclui o outro no discurso.

Na sequência se apresenta o enunciado “*um dia eu vou ganhar*”, que também mantém relações de significado com a palavra “*ilusão*”, relacionada a coisas boas que uma pessoa deseja que aconteça, seria impossível pensar, por exemplo, na construção: “*e eu estou*

naquela ilusão sabe? nunca vou ganhar”. Principalmente porque o emprego do demonstrativo antes da palavra nos leva a pensar na ilusão como maior, já que, como dito anteriormente, a forma “*aquela*” parece ser mais alta na escala argumentativa, parece levar ao grau máximo a intensificação de “*ilusão*”.

A gravação do caso 18 foi feita segunda-feira, 14 de dezembro de 2009, e a afirmação que se faz é sobre os domingos no geral, ou seja, não é o tempo do presente da enunciação. Parece ser mantido um traço da forma “*aquele*”: forma que não se refere ao presente da enunciação, nem ao que está no campo da primeira pessoa do discurso. Os enunciados “*esta paz*” e “*essa paz*”, no PB, provavelmente levariam o interlocutor a entender que se falaria da paz do próprio momento de enunciação.

Já no caso 19, “*e eu estou naquela ilusão*”, o enunciador está inserido em tal ilusão no presente da enunciação. Assim se poderia pensar que seria possível construir a mesma frase com os demonstrativos da primeira série: “*e eu estou nesta ilusão*”. A realização de tal enunciado seria perfeitamente compreensível por um falante de português, mas não teria o mesmo valor argumentativo, porque “*nesta ilusão*” só diz respeito ao que sente o locutor, faz referencia a ilusão do momento, não apresenta nenhum grau de intensificação.

O demonstrativo “*aquele*” parece ter como traço, a partir destes exemplos, o fato de que, ao pressupor algo que não está nem no campo do enunciador, nem do interlocutor e também não está no espaço da enunciação, remete a algo comum não só às pessoas que fazem parte da comunicação, mas sim a qualquer sujeito dentro de uma mesma comunidade de fala, que seria capaz de entender, já que é conhecido por todos. Os enunciados “*aquela paz*” ou “*aquela ilusão*” tratam da paz ou da ilusão que todos são capazes de identificar.

Nos três casos comentados é possível perceber que o demonstrativo não tem valor de referência direta, uma função gestual, mas sim tem valor argumentativo, intensifica a palavra seguinte de uma forma única. No terceiro capítulo desta dissertação, analisaremos outros casos nos quais os demonstrativos participam na construção de diferentes sentidos no enunciado e retomaremos esses enunciados com “*aquele*” no PB para compará-los aos que selecionaremos para o terceiro capítulo.

iii. *Os demonstrativos do português do Brasil em outros tipos de construções: de nomes próprios a expressões pejorativas*

Começamos as análises do PB pelos demonstrativos que participam na construção de referências no enunciado; passamos, posteriormente, a alguns empregos da terceira série que têm valor argumentativo, e, para encerrar as análises do PB neste capítulo, passaremos a casos nos quais podemos observar uma ocorrência do demonstrativo seguido de um nome próprio e, logo, a algumas expressões pejorativas nas quais os demonstrativos participam. Vejamos dois casos do *corpus* nos quais há ocorrência de demonstrativos antecedendo nomes próprios:

CASO 21

O mas esse Ari Toledo é uma comédia... né? [...] é assim olha... eu eu tenho um filho gay... eu já liguei pra vocês... já comentei sobre isso... e dentro da medicina... a medicina ainda não descobriu... né?

A exatamente

O a medicina não tem um estudo certo sobre isso... a psicóloga me falou que isso é um é é no cérebro mesmo [...]

((Ari Toledo, participante da mesa de debates, havia acabado de contar uma piada))

(P.40 – Rádio Capital 03/08/10 – 12:00)

CASO 22

[...] aos jovens... foi dado muitos direitos... o ECA está aí... que pai não pode faz/educar... não pode dar uma palmada... não pode fazer nada... mas não deu dever nenhum pra eles... e::... não dando... se você dá o direito e não dá o dever... é isso que vai dar sempre... é só isso que vai dar... você pega aquele idiota daquele Bruno... que ri... na cara de todo mundo... da barbaridade que ele fez... o jovem chega naquilo... e:: e é só isso que a gente vai ver [...] com o miolinho que eles têm agora com quinze... dezesseis anos... informação... eles vão achar que é bonito... que é lindo aquilo

((comentário sobre o caso do jogador de futebol que foi acusado de assassinar a ex-namorada))

(P.53 – Rádio Capital 13/08/10 – 12:57)

Do primeiro caso, interessa-nos a expressão “*mas esse Ari Toledo é uma comédia*”, que constitui um comentário feito pela ouvinte a respeito de um dos participantes que compunha a mesa do programa. O comentário é decorrente de uma piada contada por ele antes da ligação da ouvinte.

O demonstrativo tem, muitas vezes, a função de definir o substantivo que o segue, mas no caso de um nome próprio, temos uma classe de palavras que já contem o traço de definição independente de que se agregue outra forma como um demonstrativo. Então, caberia

perguntar: que efeito tem o emprego do demonstrativo antes do nome próprio? E a resposta dependeria do contexto de cada emprego.

No caso de “*esse Ari Toledo é uma piada*” a valoração da ouvinte sobre o Ari Toledo é positiva, e o demonstrativo parece agregar o valor de familiaridade, ou seja, ela e todos os outros ouvintes estariam familiarizados tanto com a identidade de Ari Toledo como com o fato de que ele é uma pessoa engraçada. A expressão “*esse Ari Toledo é uma piada*” não parece ter caráter informativo, é somente uma constatação de algo que todos já sabem e, pressupõe-se, concordam.

Já no segundo caso, a expressão “*aquele idiota daquele Bruno*” também remete a alguém dado como conhecido, porém, neste caso, a valoração é negativa. A composição de dois demonstrativos colocados na expressão na qual está o nome “*Bruno*” transforma tal expressão em uma construção pejorativa. Vejamos outra construção pejorativa com demonstrativos, mas que não está pensada para um nome próprio:

CASO 23

- O** [...] quando meu marido se aposentou... meu marido se aposentou sobre dez salários mínimos que ele pagava... hoje ele recebe menos... éh:... um pouquinho mais de cinco salários mínimos... quer dizer que defasou o dinheiro dele... então... quer dizer que a gente tem que viver com **aquele** mesmo dinheiro... mas apertando o cinto porque... senão... e quanto a **esse** negócio do cheque pré-datado... é **aquela** coisa... cheque... cartão... você compra no cheque... no cartão... só que você não prevê um incidente [...]
- A** quer dizer que na sua opinião... a coisa não está boa não?
- O** é lógico que não... Paulo... não está... não está boa não... é ilusão do Lula falar que está... sabe? e **essa** porcaria **desse** filme dele ninguém está vendo porque a pobreza é feia... não é bonita não [...]

(P.16 – Rádio Capital 21/01/10 – 11:32)

A construção “*essa porcaria desse filme*” tem a mesma estrutura da expressão “*esse idiota desse Bruno*” que analisávamos anteriormente, porém, neste caso, temos o substantivo “*filme*”. Em ambas as expressões há a construção de uma expressão pejorativa e os demonstrativos empregados não poderiam ser pensados unicamente a partir da construção de uma referência. Também os demonstrativos antecedendo as palavras “*idiota*” e “*porcaria*” parecem permitir que essas palavras atuem como adjetivos, já que qualificam o substantivo.

Vejamos mais um caso, no qual uma ouvinte comenta uma cena de vandalismo contra uma igreja:

CASO 24

*[...] olha... eu estou horrorizada de de ter acontecido **isso** com **essa** igreja... eu:: estou aqui arrepiada éh::... de como que as autoridades não conseguem localizar **esses** vândalos... **esses** bandidos... **esses** marginais [...]*

(P.32 – Rádio Capital 01/04/10 – 11:46)

No caso anterior, “vândalos”, “bandidos” e “marginais” são palavras que se referem às mesmas pessoas, ao grupo de bandidos responsáveis pela depredação da imagem do santo, sendo assim, os demonstrativos, nesse caso, parecem ser empregados para reforçar os adjetivos que os seguem e a construção parece assumir, no enunciado, um caráter depreciativo.

Para encerrar esta breve reflexão sobre alguns empregos de demonstrativos que parecem ter funções mais voltadas para a construção de expressões pejorativas, vejamos outro caso:

CASO 25

*[...] o que mais me envergonha é as autoridades... ontem mesmo **esse** crime da criança de dez anos que **aquele** sujeito pegou e jogou debaixo do carr/do ônibus... **aquilo** ali deveria ter pena de morte [...] não deveria ter advogado para tirar um homem **desse** da cadeia [...]*
((a pergunta proposta pelo apresentador do programa era: o que mais te envergonha no Brasil?))

(P.63 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 09:51)

A expressão “*aquilo ali*” tem um demonstrativo neutro referindo-se a uma pessoa, mais especificamente a “*aquele sujeito*” e o caráter depreciativo da expressão fica claro nesse emprego do demonstrativo. Tal caráter depreciativo da expressão parece ser aumentado devido ao fato de que se emprega um demonstrativo neutro para referir-se a uma pessoa, construção pouquíssimo frequente em PB.

É esse tipo de expressões com demonstrativos nas quais essas formas não tem como função principal a referência, seja ela dêitica ou anafórica, que nos mostram as inúmeras possibilidades dos demonstrativos, que vão além da função referencial geralmente atribuída a

eles. No terceiro capítulo nos dedicaremos mais ao emprego dos demonstrativos em construções com diferentes funções.

iv. Reflexões gerais sobre o funcionamento dos demonstrativos no Português do Brasil

Retomando as considerações feitas sobre a quantificação da ocorrência dos demonstrativos em PB podemos lembrar que:

- a série mais empregada é a segunda (*esse*);
- a primeira série em PB (*este*) é a que tem uma menor ocorrência em todo o *corpus*;
- quando comparadas as rádios de São Paulo e de Salvador, em PB, vemos que há um uso maior do demonstrativo de primeira série na rádio de Salvador, mas que mesmo assim é um uso baixo, de 8 num *corpus* de 250;

Agora que temos algumas análises feitas, podemos traçar considerações sobre cada uma das constatações anteriores.

Começemos pelo fato de que a segunda série é a mais empregada no PB. A segunda série se apresenta em PB como a série dos demonstrativos que tem maior flexibilidade no seu emprego, podendo ocupar espaços referentes aos campos da primeira e de segunda pessoa. Conforme vimos nos casos analisados, embora em alguns momentos outras formas contribuam para a constituição da referência como os advérbios, essas formas não são imprescindíveis, ou seja, a segunda série é eficiente por si só em referir-se a qualquer um dos dois campos, dependendo, para o seu entendimento, do contexto no qual se insere.

As poucas ocorrências da primeira série nesta língua nos mostram que o emprego dela não está extinto no PB, mas que ocorre em contextos nos quais também caberia um emprego da segunda série, e se alterna, inclusive na mesma fala, com essa série. O que parece ocorrer é um apagamento entre as diferenças no emprego das duas primeiras séries, ou seja, qualquer uma delas caberia num mesmo contexto, embora a preferência, na maioria das vezes, seja para o emprego da segunda série, e, quando empregada a primeira, somos capazes de identificar certos efeitos de sentido, como nos casos mostrados no *corpus* em que a primeira série acrescenta relevo, ou diferencia um discurso indireto livre.

Não havíamos apontado nenhum fato sobre a terceira série nas conclusões que temos sobre a parte quantitativa do *corpus*, porém, com a análise de alguns casos, podemos concluir que a terceira série mantém como traço característico o fato de que sempre se referirá a algo que não pertence aos campos da primeira e da segunda pessoa, e parece manter esse traço mesmo quando a função atribuída ao demonstrativo se distancia um pouco do que seria uma função dêitica.

Ainda sobre o campo da terceira série, foi possível observar que em alguns contextos a segunda série pode ocupar o espaço no qual se esperaria o emprego da terceira, fator que observaremos com muito mais frequência no *corpus* do E, e pudemos ver que se trata de uma série em PB que tem outros valores que vão além da função referencial, conforme vimos nas análises.

Feitas essas considerações sobre os casos analisados, passaremos às análises de casos do E, e, posteriormente, retomaremos as observações sobre os empregos dos demonstrativos em PB para compará-los aos empregos que serão analisados a seguir.

c. Os demonstrativos em espanhol

Passaremos, neste ponto do nosso texto, a algumas análises de casos retirados do *corpus* em E. Chamamos a atenção, na exposição dos resultados quantitativos sobre essa parte do *corpus*, para o fato de que houve uma baixa ocorrência da terceira série, e que, quando comparados os resultados com os dados do PB, houve uma grande ocorrência da primeira série nas gravações em E.

Assim como em PB, selecionamos para a análise alguns casos do *corpus* em E que nos parecem interessantes já que nos permitem mostrar o que observávamos com a contabilização dos resultados obtidos. Partindo, portanto, dos resultados quantitativos apresentados, chegamos, nesta seção, às análises de caráter qualitativo das ocorrências de demonstrativos no *corpus* em E.

A partir da observação dos casos, pudemos perceber que a segunda série muitas vezes ocupa um espaço no qual se esperaria a terceira; e é desse ponto que partiremos: a alternância entre *ese* e *aquel* no *corpus* em espanhol. Consideraremos, na sua maioria, os casos narrativos

nos quais os ouvintes das rádios contam algum fato ocorrido no passado, seja este um passado recente ou mais distante.

Logo, passaremos ao estudo dos casos de primeira série, já que esta série tem grande frequência no *corpus* e não é comum o seu emprego no PB. Enquanto analisamos os casos da primeira série, observaremos alguns empregos da segunda para que fique clara a diferença entre o emprego dessas duas séries nos casos do *corpus* em E, já que depois passaremos à comparação desses empregos com os encontrados no PB.

Por último, faremos um estudo de alguns casos nos quais os demonstrativos trabalham na construção de referências textuais, sejam elas anafóricas ou catafóricas, o que também tem a ver com a alternância das séries e seus diversos empregos, já que selecionaremos casos da primeira e da segunda série e pensaremos sobre os seus diferentes empregos como referenciadores textuais.

Partindo dos dados expostos, das análises do PB e, por último, das análises dos casos do E, seremos capazes de traçar comparações entre o emprego dos demonstrativos nas duas línguas pesquisadas para encerrar este capítulo.

i. E de que passado falamos? ¿ese o aquel?

Os demonstrativos têm muitos empregos possíveis, tanto como referenciadores dêiticos como anafóricos. Na análise que nos propomos a fazer dos empregos das formas de segunda e terceira séries, resolvemos voltar a nossa atenção para as construções que se referem ao passado com o uso de “*ese*” ou “*aquel*” em espanhol, porque acreditamos ser este um ponto interessante de reflexão sobre as muitas possibilidades dessas duas séries em E. Observemos, para começar a discussão, dois casos:

CASO 1

[...] la protección de Abal Medina y toda esa caterva este:: que figuraba en ese momento... Juan Perón alababa a esa juventud maravillosa... después esa juventud maravillosa pasaron a ser unos miserables [...]

(E.11 Radio Mitre 27/01/10 – 21:56)

CASO 2

[...] no fue el ejército el que actuó mal en la época de la represión... fueron los que en aquel momento la conducían... lo conducían... hay un sector de chicos preparados... que son los que después entraron como voluntarios [...] yo me pregunto... bajo una buena conducción... esa mano de obra que fue muy bien formada... o sea... por conocimiento ¿no?... de lo poco que yo puedo saber de lo que pasaba dentro de ese ejército... creo que con una muy buena conducción pueden hacer las cosas bien... es una opinión personal ¿no?

(E.13 Radio Mitre 26/01/10 – 21:27)

Em muitas gravações de ouvintes da Radio Mitre, de Buenos Aires, emprega-se o demonstrativo de segunda série para fazer referência ao passado como na expressão “*ese momento*”, encontrada no caso 1; é comum que encontremos a segunda série empregada para fazer referência ao alheio: outro tempo, outro lugar, etc. Temos, no caso 2, o único emprego de *aquel* no *corpus* argentino para referir-se ao passado (“*aquel momento*”). Pensemos na variação entre essas duas séries.

No caso 2, podemos observar que o ouvinte da rádio, depois de enunciar “*aquel momento*”, emprega um demonstrativo de segunda série para referir-se a “*mano de obra*” e ao “*ejército*” daquela época. De acordo com Alarcos Llorach (1994, p.303), “*la situación que señalan los demostrativos no es objetivamente absoluta, sino resultado de la perspectiva subjetiva de cada hablante*”. A partir disso poderíamos entender por que existe uma alternância entre as duas séries, inclusive na mesma fala de um mesmo enunciador, e poderíamos nos perguntar o que nos indica essa alternância sobre as questões da subjetividade.

Poderíamos propor que “*aquel momento*” é um momento que está sendo recuperado na cena construída, só que nessa cena os outros dois referentes, o exército e a mão de obra, são o que, para o enunciador, foi mais duradouro; podemos pensar que o exército e a mão de obra formados na época da ditadura argentina continuaram existindo por algum tempo, sendo assim, esses dois referentes têm maior possibilidade de serem projetados ao presente.

O caso 2 apresentou, conforme exposto anteriormente, o único emprego da terceira série para referir-se ao passado encontrado no *corpus* da rádio argentina, porém, na rádio de Madri é um uso que apresenta uma ocorrência mais frequente, já que, como vimos nas tabelas

6 e 7⁷, há mais empregos de demonstrativos de terceira série na rádio espanhola que na rádio argentina. Vejamos alguns desses usos encontrados no *corpus* da rádio espanhola:

CASO 3

[...] yo en el año ochenta y cuatro... me quedo embarazada [...] me pongo de parto... me voy a urgencias... y ahí justamente la misma noche... en la que yo me pongo de parto antes de subirme a la planta... ya me están hablando y diciendo si puedo dar a la niña en adopción... ya sabemos que es una niña por ecografía... ¿vale?... ya lo están comentando... yo en aquel momento quiero salir de allí corriendo pero ya los dolores son tan fuertes que no puedo salir andando... ni en ese momento puedo avisar a nadie porque por acá entonces no habían teléfonos móviles... y mi familia no se encontraba cerca

(E.89 Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:29)

CASO 4

[...] yo hace cuatro años doy la luz a una niña y me llama una hermana de mi madre para felicitar me por el acontecimiento... hacía muchos años que no teníamos trato porque ellas no se llevaban bien... y en esa primera llamada pues aprovecha para decirme... que mi padre antes de morir le había dicho que yo era adoptada... y que buscara porque yo era adoptada [...] en principio llamo donde se suponía que yo había nacido... a mí siempre me habían dicho que había nacido en la clínica L'Alianza de Tortosa... entonces a la partida de nacimiento ponía una calle... yo la había visto muchas veces entonces di por eso que la clínica estaba en esa calle... entonces con el catastro de Tortosa compruebo que no... que lo que había en esa calle... en aquel año... mil novecientos sesenta y ocho... era la fonda [...]

(E.88 Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:25)

No caso 3, temos o emprego de “*aquel*” e “*ese*” precedendo a palavra “*momento*”. Ambas as expressões foram enunciadas pela mesma ouvinte, que relata uma experiência vivida no ano de 1984, trata-se de uma história triste, da tentativa de roubo de sua filha recém-nascida. O que ela denomina como “*aquel momento*” é um passado narrado por ela através do presente histórico. Porém, logo passa a “*ese momento*”, porque parece voltar à cena, revivê-la, inclusive como um recurso para mostrar o quão desesperador foi. É como se ela se transportasse para mais perto da cena. Usos como os anteriores também foram encontrados no *corpus* em PB.

Já no caso 4, a ouvinte descreve toda a cena do que viveu há 4 anos, empregando demonstrativos de segunda série: “*esa primera llamada*”, “*esa calle*”, mas logo depois passa para “*aquel año*”, isso ocorre porque ela começa falando de um passado que aconteceu há

⁷ Ver páginas 57 e 58

quatro anos, e depois precisa de algo que a permita diferenciar o que vai dizer desse passado, já que pretende referir-se a um momento anterior, o ano de 1968. Eguren (1999) afirma que:

“las relaciones (primarias) de proximidad relativa de los demostrativos este, ese y aquel con respecto al centro deíctico pueden verse alteradas como consecuencia del grado de implicación emocional o de las actitudes del hablante con respecto a su interlocutor o a algún elemento del contexto de la enunciación” p.935

Com a citação de Alarcos Llorach (1994, p.303), a de Eguren (1999, p.935), e os quatro casos apresentados até agora, podemos perceber que o grau de implicação emocional do falante ou suas relações e atitudes com o narrado influenciam na seleção da série a ser empregada; sendo assim, no caso de relatos do passado o emprego da segunda ou terceira série dependerá, em grande parte, da relação do enunciador com o que enuncia, e também parece haver, em alguns casos, um emprego para diferenciar a cronologia interna do relato, conforme vimos com o caso anterior.

Afirmamos que temos, no nosso *corpus*, mais ocorrências de demonstrativos de terceira série na rádio de Madri. Algo que também nos chamou a atenção foi o número de ocorrências do demonstrativo de terceira série neutro nessa parte do *corpus*. Embora não dedicaremos uma seção para estudar exclusivamente os demonstrativos neutros, gostaríamos de comentar estes dois casos:

CASO 5

[...] tengo dos hermanas... que son gemelas... pero exactas... exactas como dos gotas de agua... y cuando eran pequeñas mi padre no las conocía... entonces mi padre pensó... pues le pongo una medalla a cada una... de su nombre () las corresponde y bueno pues ya... las distinguimos... pero claro se fue un rollo... en un rato saca la medalla... total... que al final aquello no dio resultado [...]

(E.101 Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:31)

CASO 6

[...] yo lo que te voy a decir es que en el año noventa y tres yo estaba en Alemania... en una ciudad que es la Selva Negra... y ese año en Europa hizo... yo no sé si alguien se acordará... una cantidad de calor [...] estoy yendo todos los veranos () las navidades así que... que conozco aquello... muchacho... pero vamos... allí tan pronto está lloviendo y te hace calor [...]

(E.77 Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:40)

No caso 5, temos o emprego do demonstrativo neutro “*aquello*” para referir-se a uma situação do passado e, no caso 6, a forma neutra aparece também num relato sobre o passado, mas se refere a outro lugar, a uma cidade da Alemanha numa situação específica: o calor de 1993.

A forma neutra do demonstrativo parece ter seu uso relacionado a discursos no passado, como nos casos anteriores. EGUREN (1999) afirma que “*los referentes canónicos o característicos de los demostrativos neutros no son entidades humanas*” p.946. Constata ainda que podem referir-se a “*entidades de segundo y tercer orden (acontecimientos o estados de cosas y proposiciones)*” p.946.

ii. A primeira série em espanhol e a questão da referencia textual

Em espanhol, de 500 demonstrativos selecionados para o *corpus*, 203 pertencem à primeira série, número muito diferente do *corpus* em PB, no qual há somente 8 ocorrências dessa série. Pensando na considerável frequência da primeira série em E e na diferença que se poderia estabelecer com o PB, acreditamos que é interessante dedicar uma seção do nosso trabalho a este tema. Vejamos o seguinte caso:

CASO 7

[...] *a mí me parece que es ilógico una persona que aportó cuarenta y cinco años... se va a jubilar con cuarenta y siete que en este país creo que los cuentan con los dedos de las manos gente así [...]*

(E.28 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:00)

A construção “*este país*” se refere ao país no qual está inserida a pessoa que enuncia. Em PB analisávamos o mesmo caso, de referência ao espaço no qual se encontra o enunciador, expresso pela construção “*nesse país*”. O emprego de um demonstrativo de segunda série em E para referir-se ao campo do enunciador não foi encontrado no *corpus*, o que já caracteriza o uso do demonstrativo de primeira série nessa língua. O mesmo acontece com os seguintes casos:

CASO 8

*[...] tengo algunas medidas... apoyo crítico al gobierno... crítico... y otras realmente... y algunas proceden realmente... realmente me parece este:: muy contrarios al que yo pienso... pero **eso** no valida situaciones de reivindicar el pasado... este:: **este** gobierno so sometió en las elecciones [...]*

(E.10 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:49)

CASO 9

*[...] mirá... sin la logística militar ... te guste o no te guste... la critiques o no la critiques... de Estados Unidos... en **estos** momentos Haiti será/ Haiti sería peor de lo que está padeciendo [...]*

(E.20 – Radio Mitre 18/01/10 – 22:12)

No caso 8, “*este gobierno*” se refere ao governo que está no poder no momento da enunciação, e a construção em E com “*ese gobierno*” provavelmente construiria a referência a outro governo, que poderia ser qualquer um, menos o atual. Fica muito claro, quando analisamos o *corpus* das rádios em espanhol que a primeira série é a única que funciona na construção de referências relacionadas ao campo da primeira pessoa do discurso.

No caso 9, vemos a expressão “*estos momentos*” que se refere à atualidade, ou seja, a primeira série, mais uma vez, participa na construção de referências no campo da primeira pessoa, sejam tais referências espaciais ou temporais. Neste caso também podemos pensar que a referência seria diferente se o que tivéssemos fosse uma expressão construída com uma forma de segunda série. Teríamos, nesse caso, uma referência ao passado, e “*esos momentos*” não seriam os momentos presentes. Vejamos outro caso:

CASO 10

- O** *[...] hay una diferencia entre la infidelidad masculina y la infidelidad femenina [...] es algo puramente sentimental... y yo diría que prohibido... algo que logre ponerla en contacto con la vitalidad y la seducción... y algo que consiga hacerla volver a sentir **esa** droga natural de enamoramiento... que que fluye a través de su cuerpo*
- A** *sentirse deseada*
- O** *claro... **este** tipo*
- A** *[es fundamental para una mujer sentirse deseada*
- O** *[pero por supuesto... por **esto** creo que curiosamente son diferentes... y en cuanto a que el hombre no ama... yo estaba escuchando recién a Frank Sinatra y yo digo... si si pudiera interpretar su letra... **esto** es lo que dice un hombre enamorado [...] estoy profundamente enamorado de mi pareja que es mi segunda mujer... con la que no vivo y estoy feliz en cada reencuentro y podemos este::... descubrir en esto:: segundo... en **este** segundo capítulo en nuestras vidas [...] yo te aseguro... te aseguro que sí... todo **esto** que te estoy contando es para decirle a Raquel* que acá hay un señor... que nadie conoce... que está enamorado [...]*

A *porque ahí hay gente que se muere sin haber conocido a un gran amor*
O *o ningún amor*
A *o ningún amor*
O *claro... y además este::: yo creo que hay que poner en su justo valor al amor*
A *sin haber amado... ay qué triste que es eso... la peor condena*
O *sí... yo creo que sí...*
A *es la peor condena que te puedo tocar en la vida*
O *porque **esta** historia de tener una alegría uno solo es una alegría por la mitad... y el dolor es el doble ¿no? [...]*
(**Raquel fue la mujer que habló antes y afirmó que los hombres no aman*))

(E.04 – Radio Mitre 14/12/09 – 22:24)

No caso anterior, estão discutindo a questão da fidelidade e de se os homens são capazes de amar; no final do trecho transcrito, temos a expressão “*porque esta historia de tener una alegría uno solo es una alegría por la mitad*” o demonstrativo “*esta*” se refere a tudo o que vem depois, que é, no caso, a história sobre a alegria pela metade. Temos, portanto, o demonstrativo participando na construção de uma referência catafórica.

É comum no nosso *corpus*, inclusive por se tratar de conversas que não são presenciais, que encontremos muitos casos de demonstrativos que cumprem uma função anafórica ou catafórica, por isso observaremos alguns casos do E nos quais tanto a primeira quanto a segunda série trabalham na construção de referências textuais.

Como em espanhol há um número considerável de ocorrências tanto da primeira quanto da segunda série, pareceu-nos interessante analisar a referência textual nesta língua, já que no PB, como quase não há ocorrências de formas da primeira série, as referências textuais se concentram nas formas da segunda série.

Vejamos o seguinte caso:

CASO 11

A *[...] y a vos te adoptaron... ¿y vos te enteraste cuándo... que te habían adoptado?*
O *bueno... yo de **esto** me enteré cuando tenía trece años [...]*
A *¿y se supone... se supone... entre comillas... que tus padres... te dejaron ahí abandonada?*
O *bueno... te explico... era una joven pareja que venía... éh:: de Buenos Aires... del sur... pero supuestamente de Buenos Aires ...es la historia que contó la señora que atendía el hotel... porque el micro... el único micro que viajaba del sur al norte... éh:: paraba en el único hotel que había en **ese** momento acá*
A *sí...¿y la señora que contó de ese hotel... de qué hotel allí? ... ¿por qué fuiste vos a ese hotel?*
O *hotel éh:: Centro... era una pareja que venía del sur hacia el el norte*
A *pero... ¿cómo sabés que la pareja paró ahí? ... ¿porque eso te lo contó tu mamá?*

- O** *eso me lo contó la señora del hotel.... eso me lo contó la señora del hotel... este:: la chica **esta** entró en trabajo de parto*
- A** *y la chica la chica que sería tu mamá... ¿vino del del sur de la República Argentina?*
- O** *sí... lo que ella... Marta... la señora **esta** que la conoció... que los conoció a ellos dos... sobretodo con ella habló más... le dijo que ellos este:: eran de Buenos Aires [...] eran de Buenos Aires... el dato que me dijo la señora... con familiares en el Norte... éh:: Tinogasta supuestamente... lo los familiares de él eran de Tinogasta y se iban a **ese** lugar [...]*

(E.01 – Radio Mitre 21/09/09 – 21:17)

O apresentador do programa faz a afirmação “*y a vos te adoptaron*” e depois continua com a pergunta “*¿y vos te enteraste cuándo...que te habían adoptado?*”. Para responder a pergunta, a ouvinte da rádio emprega um demonstrativo de primeira série em “*yo de esto me enteré cuando tenía trece años*”. A forma “*esto*” retoma o exposto anteriormente por outra pessoa: “*que te habían adoptado*”.

Posteriormente, o apresentador do programa faz a seguinte intervenção: “*pero... ¿cómo sabés que la pareja paró ahí?... ¿porque eso te lo contó tu mamá?*”. E a ouvinte responde repetindo o demonstrativo “*eso*” que já havia sido empregado pelo apresentador: “*eso me lo conto la señora del hotel*”. Temos aqui dois casos de referencia anafórica, um com um demonstrativo de primeira série, e um com um demonstrativo de segunda série.

No caso de “*yo de esto me enteré*” a ouvinte além de retomar o que acaba de dizer o apresentador do programa, refere-se ao assunto que está tratando no momento, “*esto*” é tudo o que ela está contando nesta ligação, ou seja, a ouvinte usa “*esto*” na primeira menção, e é algo relacionado a ela. O apresentador depois usa “*eso*”, e ela repete, porém se trata de um episódio específico dentro da história, relacionado mais indiretamente com a ouvinte.

Ainda sobre o caso 10, temos um demonstrativo de primeira série colocado depois do substantivo em “*la señora esta*” e “*la chica esta*”. Construções como esta são recorrentes em E, porém, não encontramos esse tipo de construção no *corpus* do PB. O demonstrativo colocado depois do substantivo parece ter um caráter enfático sobre o substantivo que o precede, mantendo um grau considerável de definição desse substantivo pois “*la señora esta*” e “*la chica esta*” são dadas como possíveis de identificar.

Vejamos mais um caso no qual a diferença que vimos comentando sobre os empregos da primeira e da segunda série em espanhol pode ser percebida:

CASO 12

- O** [...] me gustó mucho lo que dijo Pedro... eh: me gusta/ perdón... Pedro no... Carlos
- A** Carlos
- O** Carlos... un acto fallido... Carlos me pareció muy interesante porque me:: cuando yo tengo alguna duda consulto con algún amigo... yo no creo en la amistad del hombre y la mujer ¿eh?
- A** ¿no? ¿por qué?
- O** no no no.. porque **este** amigo en algún momento tuvimos algo y quedamos amigos... entonces yo a veces lo consulto [...] yo en realidad estuve casada veintitrés años... me casé a los veinte... con un señor de veintiuno... y estuve viviendo veintitrés años de tortura psíquica con él... y el señor me fue infiel [...] no me di cuenta nunca de lo que estaba haciendo él... cuando me separó hasta él mismo me lo tiro en cara
- A** pero vos no te dabas cuenta que él tenía otra:: otra:: ¿no?
- O** [no... para nada... para nada]
- A** ¿pero a veces viste que se percibe **eso**?
- O** vos sabés que no... nunca lo percibí... pero ahora que pasó... después de todas **esas** experiencias... **esta** sobretodo... entonces sí me pongo ya más al tanto de que... bueno... cuidado pero **esto** pasó hace mucho... yo tengo setenta años [...]

(E.03 – Radio Mitre 14/12/09 – 21:52)

No caso 12, temos o enunciado “vos sabés que no... nunca lo percibí... pero ahora que pasó... después de todas **esas** experiencias... **esta** sobretodo”, no qual há um contraponto entre o demonstrativo de primeira e de segunda série. “Todas esas experiencias” se referem a experiências mais gerais da sua vida, e “sobretodo esta” se refere especificamente à experiência do casamento.

iii. Reflexões sobre o funcionamento dos demonstrativos em espanhol

Retomando as considerações feitas sobre a quantificação da ocorrência dos demonstrativos em E, podemos lembrar que:

- a série mais empregada é a segunda (*ese*);
- a série de menor frequência é a terceira (*aquel*);
- quando comparadas as rádios de Madri e Buenos Aires, percebemos que há um uso maior da terceira série na rádio de Madri, mas que, mesmo assim, são somente 21 ocorrências num *corpus* de 250 demonstrativos.

- Os demonstrativos neutros nessa parte do *corpus* apresentam a seguinte porcentagem: 47,2%.

Nos resultados obtidos com o *corpus* em E podemos constatar que, embora haja uma ocorrência maior da segunda série (273), a ocorrência da primeira também é grande (203), e por isso tentamos nesta análise passar pelos usos recorrentes dessas duas séries, já que, pensando nos números, seria a maior diferença que poderíamos encontrar quando comparados os *corpus* do E e do PB.

No nosso *corpus*, não há ocorrências da segunda série dos demonstrativos em E ocupando um lugar no qual se esperaria a primeira, fator que observávamos com grande frequência no PB; e a forma *este* parece ser empregada somente em casos nos quais a referência está no campo da primeira pessoa do discurso, havendo portanto uma separação clara entre os empregos da primeira série e das demais.

Também em E, a segunda série está num lugar mais flexível, a diferença é que ela aparece muitas vezes num espaço que corresponderia à terceira série, que é inclusive a menos empregada no *corpus* em E, como vimos nas tabelas apresentadas no começo deste capítulo e conforme pudemos comprovar a partir das análises dos casos selecionados. Também observamos diferenças significativas quando há o emprego de um demonstrativo de segunda ou terceira série, como nos casos nos quais o emprego dessas duas séries trabalha na diferenciação cronológica dentro de um enunciado.

d. Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: comparando as duas línguas

Conforme expusemos no primeiro capítulo, o que motivou nossa pesquisa foi o diferente emprego dos demonstrativos em duas línguas que apresentam um paradigma similar de três séries, compostas por formas femininas, masculinas e neutras. E também a possibilidade que os demonstrativos têm, como elementos dêiticos, de serem definidores para a comunicação e tão importantes na produção de sentido no enunciado.

Pelo visto nas análises de alguns casos do *corpus* com demonstrativos em PB e E, podemos perceber que a segunda série é a que está num lugar mais instigante em ambas as línguas, é a mais flexível no sentido de que pode ocupar lugares que corresponderiam a outras

séries. Nos casos que analisamos ao longo deste capítulo, pudemos perceber alguns efeitos desses empregos da segunda série nas duas línguas.

Em PB, o demonstrativo “*esse*” ocupa espaços nos quais poderíamos esperar a forma *este*, o que não pudemos perceber em E. Já em E, o demonstrativo “*ese*” ocupa espaços que estão no campo da terceira pessoa, o que também é possível em PB, porém menos frequente. Encontramos, no PB, alguns casos, como o que transcrevemos a seguir:

CASO 1

*[...] eu queria saber o que o a a população tem contra a época da ditadura [...] porque a maioria do pessoal da minha idade... você está entendendo?... que viveu **essa** época... você está entendendo? eu não vejo ninguém reclamar da ditadura... você entendeu?... eu vou ser sincero pra você... a gente vivia muito melhor... é que muita gente não viveu **essa** fase [...] o que nós estamos vivendo **nesse** país é uma vergonha [...] o que a gente está vivendo é **isso** daí e ninguém faz nada... certo? a polícia é... uma grande parte dela é é:: corrupta... você entendeu? e a gente está **desse** jeito aí do... **nessa** situação que a gente está vivendo aí*

(P.09 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:04)

“*Essa época*” se refere à época da ditadura, como também observamos no caso 1 das análises do E com a expressão “*ese momento*”, referida ao passado, à “*época de la represión*” na Argentina.

É interessante observar, na fala desse ouvinte, que o demonstrativo de segunda série é empregado tanto para fazer referência à época da ditadura (campo que pertenceria à terceira pessoa), quanto para referir-se ao Brasil, na expressão “*nesse país*”, exemplificando bem a flexibilidade da segunda série, sobre a qual pensávamos anteriormente. Uma construção como esta parece pouco provável em E, já que, como observávamos, a primeira série tem sua função bem definida em relação às referências ao campo da primeira pessoa do discurso. Observemos outro caso:

CASO 2

*O [...] que rádio maravilhosa é **essa**... menino! [...]*
A Maria... meu amor... me conte uma coisa... você deixa de sair a noite com medo da violência?
O com certeza
A é mesmo?
*O olha... eu frequento **essa** igreja... igreja aí de Iguatemi... eu não vou de noite [...] porque tem **essas** passarelas aqui que é um roubo total [...] eu morava lá do lado de Irará... desde pequena que eu ouço **essa** rádio Sociedade... os*

meninos disse... bota esse rádio logo nessa Sociedade que mãe não pode viver sem essa Sociedade [...] e Marcelinho Guimarães... esse lindo... que graças a Deus ele não foi deputado para cuidar do Bahia [...]

(P.119 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 09:54)

Constatamos uma grande flexibilidade da segunda série em relação aos espaços referentes ao campo da primeira pessoa no PB, e observávamos tal flexibilidade inclusive em relação aos advérbios, como no caso anterior, em “*eu frequento essa igreja... igreja aí do Iguatemi*” e, logo em seguida, “*tem essas passarelas aqui*”, nos quais o demonstrativo de segunda série se combina com diferentes advérbios (“*aí*” e “*aqui*”).

Nas análises do *corpus* em E, passamos por alguns empregos de demonstrativos como referenciadores textuais, o que não fizemos em PB. Como no *corpus* em PB não encontramos muitas ocorrências de demonstrativos de primeira série, as construções anafóricas ficavam a cargo dos demonstrativos de segunda série, enquanto em E foi possível observar um alternância entre essas duas séries nesse tipo de construção.

v. Algumas conclusões

Concluiremos retomando o percurso deste capítulo. Iniciamos o nosso texto esclarecendo as motivações e o gênero do nosso *corpus* e justificando a escolha de trabalhar com intervenções de ouvintes em rádios. Passamos à constituição do *corpus*, e logo, aos resultados obtidos, que nos parecem importantes já que não havíamos encontrado estudos quantitativos comparando essas duas línguas. Explicitadas as características e a formação do *corpus*, passamos à explicação dos critérios para seleção dos casos que foram escolhidos.

Iniciamos as análises dos casos do *corpus* a partir da segunda série dos demonstrativos em cada uma das duas línguas. Escolhemos alguns casos que nos chamaram a atenção por apresentarem empregos de demonstrativos muito difundidos na oralidade, e as suas inúmeras possibilidades de construção de diferentes sentidos na enunciação. Por isso analisamos, nas duas línguas, principalmente casos da segunda série, dando maior atenção para os casos, em PB, que estão no domínio da primeira pessoa e, em E, a ocorrência de “*ese*” num lugar no qual esperaríamos o emprego de “*aquel*”.

Toda a nossa análise foi baseada nos resultados que haviam sido expostos anteriormente, e pretendemos com tais análises também ilustrar melhor esses resultados. Para isso, passamos por breves análises de casos e pela exposição dos resultados da pesquisa nas rádios, relacionando sempre as ocorrências dos demonstrativos em PB e E, e concluímos com uma seção dedicada a comparação propriamente dita dessas línguas.

Se pensamos na extensão do *corpus*, vemos que ficariam tantos outros casos cuja análise seria interessante mas, por uma questão de economia expositiva, tivemos que selecionar os que nos pareciam mais importantes para este momento da pesquisa.

Para concluir este capítulo, gostaríamos também de destacar que, quanto ao estudo que se fez entre duas rádios em E (uma de Madri e uma de Buenos Aires), percebemos que as tendências à absorção de funções da terceira série pela segunda e a um uso limitado da terceira série também se manifestam na Espanha, o que nos parece interessante destacar já que, a partir de alguns estudos comentados, vimos que se tende a pensar que tal fenômeno se daria somente no uso do espanhol definido como “americano”.

No momento de análise e comparação entre os empregos dos demonstrativos nas duas línguas, chamou-nos a atenção algumas estruturas indefinidas que pareciam realizar-se empregando diferentes séries dos demonstrativos em ambas as línguas. Sobre isso, dedicaremos o terceiro e último capítulo desta dissertação, e esperamos com ele terminar esta reflexão sobre os demonstrativos deixando uma interrogação sobre outros efeitos de sentido dos quais essas formas participam.

IV. CAPÍTULO III: OS DIFERENTES GRAUS DE (IN)DEFINIÇÃO NAS CONSTRUÇÕES COM DEMONSTRATIVOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL E NO ESPANHOL

i. Introdução

Pensados geralmente como formas dêiticas, os demonstrativos mantêm relação direta com a enunciação, pois identificam referentes a partir de coordenadas espaço-temporais de acordo com o centro dêítico. Nesse sentido, os demonstrativos participariam na construção de referentes possíveis de ser identificados, seja no contexto situacional (função dêítica), seja retomando um referente já exposto no discurso (função anafórica), como vimos na fundamentação teórica e nos diversos casos observados no capítulo anterior.

Nas análises feitas até este ponto da pesquisa, consideramos usos anafóricos e dêíticos dos demonstrativos e percebemos, na maioria deles, traços de definição, já que os usos anafóricos retomavam algo já dito anteriormente e os empregos dos demonstrativos com função dêítica construíam uma referência mais definida de acordo com o contexto situacional, bem como podiam introduzir novos referentes.

Contudo, já no capítulo anterior apontávamos alguns casos nos quais o demonstrativo não necessariamente participava na construção de uma referência a algo do discurso, e vimos funções que vão além da questão da referência e que poderiam ser atribuídas a essas formas. Incluímos, no capítulo II, análises de construções pejorativas e com nomes próprios, e, neste capítulo, voltaremos nossa atenção para uma questão específica referente às funções que poderiam ser atribuídas a um demonstrativo considerando um ponto pouco abordado em relação a essas formas: os diferentes graus de definição em algumas construções das quais participam os demonstrativos.

Leonetti (2000) afirma que os demonstrativos “*muestran propiedades anafóricas características de la definitud, por lo que pueden remitir a informaciones ya presentes en el contexto*” p.800. O autor fala sobre casos com empregos anafóricos dos demonstrativos como os que analisamos no capítulo anterior, e apresenta “*la definitud*” como uma das propriedades desses demonstrativos. Entretanto, ao observar certos casos do *corpus*, percebemos que alguns deles apresentavam uma referência difícil de descrever se nos baseamos nas teorias

trabalhadas no primeiro capítulo, já que não encontrávamos referentes anafóricos ou situacionais que justificassem o emprego do demonstrativo naquele contexto, e assim chegamos a este terceiro capítulo, cuja motivação, bem como os objetivos, esclarecemos a seguir.

Reconhecemos que os demonstrativos estão associados à referência e fazem parte de um grupo de formas da língua conhecidas como *determinantes* e, em especial, costumam ser identificados como *definidos* já que acrescentam identificabilidade ao referente da expressão nominal que determinam, como vimos na citação anterior. Apesar disso, o que nos chamou a atenção foi que, a partir da observação e análise de alguns enunciados, notamos que os demonstrativos podem participar também na construção de um efeito de indefinição em alguns enunciados do nosso *corpus*.

Pensando nesse efeito de indefinição ao observar alguns casos encontrados no *corpus*, constatamos que a definição da referência, que geralmente está presente em construções com demonstrativos, perde-se ou sofre um enfraquecimento que pode ser observado em diferentes graus. Mesmo quando consideramos que o referente é apresentado pelo enunciador como identificável, este referente pode ser tratado como *mais genérico* ou como *mais específico*, tudo isso considerando diferentes graus de generalidade ou especificidade para estas construções.

Vejamos, para começar a ilustrar tal discussão, um enunciado como o seguinte, no qual poderemos perceber que os demonstrativos “*isso*” e “*aquilo*” não têm um referente de identificação óbvia.

*[...] o caso do mensalão... está lá já desde dois mil e cinco e ninguém foi punido... se houve **isso** se houve **aquilo**... não precisa de ouvir mais ninguém... o país inteiro... o mundo inteiro sabe o que aconteceu [...]*

(P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16)

Os demonstrativos destacados anteriormente se referem não a fatos apresentados como pontuais, mas tentam construir a representação de qualquer coisa que pode haver ocorrido naquele momento, são demonstrativos que dão lugar à construção de certa generalidade. Entretanto, por mais que se trate de um emprego mais genérico, o uso de demonstrativos neste caso parece aproximar enunciador e ouvinte de uma representação, mesmo se tratando de uma

referência não tão definida. O enunciador constrói a pressuposição de que os ouvintes podem “reconhecer” a que se referem os demonstrativos “*isso*” e “*aquilo*”.

Ao longo deste capítulo comentaremos com mais detalhes o caso anterior, no qual os dois demonstrativos destacados parecem participar de uma expressão mais fixa no PB. Veremos, inclusive, outro caso no qual esses mesmos demonstrativos são empregados.

Observamos esse tipo de construções com demonstrativos (que apresentam diferentes graus de definição) tanto no *corpus* do PB como do E, e começamos a perceber que a série dos demonstrativos empregada em algumas dessas construções tendia a ser diferente nas duas línguas. Sendo assim, o tema da definição e indefinição nas construções com demonstrativos parece-nos um instigante ponto de comparação entre o PB e o E e por isso decidimos encerrar nossa dissertação com este capítulo que pretende ser o começo de uma reflexão sobre o tema, ou melhor, a construção de uma interrogação sobre o tema.

A determinação no PB e no E é um tema que já foi pensado por autoras como González (2006) que estuda a “*genericidad*” e a “*especificidad*” em diversos enunciados, e Celada (2006) que analisa casos de presença e ausência de determinantes, relacionando esse fenômeno a alguns modos de representar o coletivo social. Consideraremos estudos anteriores sobre o tema e traçaremos reflexões a partir dos casos do nosso *corpus*.

Começaremos este capítulo trabalhando com as noções que permeiam a ideia de definição porque isso nos servirá como base para o estudo dos casos do PB e do E que selecionamos para este capítulo; logo, passaremos ao estudo de casos, que está dividido em “*casos no português do Brasil*” e “*casos no espanhol*” para, enfim, chegar à comparação entre os demonstrativos, nas duas línguas, que participam na construção de um efeito de determinação com diferentes graus de definição.

ii. Os demonstrativos e a questão da definição: reflexões teóricas

Pensando inicialmente nos demonstrativos como formas geralmente relacionadas a um maior grau de definição da expressão nominal que determinam, e antes de passar a construções mais genéricas, citamos a seguir uma explicação de Leonetti (1999) sobre as expressões definidas e a questão da identificabilidade do referente, com a qual queremos começar esta reflexão:

“el rasgo central de las expresiones definidas no es, por tanto, el conocimiento previo del objeto por parte del receptor, sino la identificabilidad del referente, es decir, la presuposición de que el receptor puede construir una representación mental adecuada del mismo. Un SN definido transmite el supuesto de que el referente es identificable de forma unívoca, sin ambigüedad” p.39

De acordo com o autor, nas expressões definidas há a suposição, por parte do enunciador, de que o interlocutor será capaz de identificar o referente de forma única, como acontece com vários empregos dos demonstrativos no nosso *corpus*, cujas análises estão contempladas nos capítulos anteriores.

Quando usamos a expressão “*identificação do referente*” não queremos que ela seja entendida como a necessidade de um conhecimento prévio do “objeto” referido, mas sim a partir da construção de uma suposição, por parte de quem enuncia, de que o ouvinte pode, a partir do discurso, construir um referente para o que foi dito, e que esse referente pode ser apresentado sem ambiguidade. Essa construção é um fato discursivo, pelo qual também não deve interpretar-se que o falante empírico “acredite” ou “finja acreditar” em algo em torno dos conhecimentos de seu interlocutor. Antes, deve entender-se com um valor argumentativo, relacionado à construção de um ponto de vista “comum”. Ducrot (1984) afirma que:

“muchas formas gramaticales, muchas palabras del léxico, giros, y construcciones tienen la característica constante de que, al hacer uso de ellos, se instaura, o se contribuye a instaurar relaciones específicas entre los interlocutores” p.134

A questão da unicidade do referente é complexa, e para continuar uma reflexão sobre o assunto, vejamos o seguinte caso retirado do nosso *corpus* e pensemos em como está organizada a identificação de um referente:

yo pienso no... en realidad... que el hombre debe usar... en una determinada edad... pantalones... ya sean de sport de ot/ hay muchas variadas clases que ellos saben muy bien pero no pantalones cortos... bermudas así... porque... principalmente si van a lugares trámites públicos... así interesantes uhn a veces vemos que en las oficinas donde estamos nosotras viene gente así pero no muestran un aspecto bien... algunos tienen bastantes vellos en las piernas no nos gustan no nos gustan... no nos gusta a nosotras así... y además en la confitería... en los bares... estamos sentadas en la calle Perú... fin de semana... en una confitería... bueno... lindo ... lindo el

lugar... pero estos hombres con estas piernas así con estas... no no... estos pantalones cortitos así... no no quedan elegantes...no quedan finos

(E.12 – Radio Mitre 26/01/10 – 19:46)

A ouvinte, no caso anterior, dá sua opinião sobre os homens que usam bermudas ou calças mais curtas. Os demonstrativos de primeira série empregados em “*pero estos hombres con estas piernas así con estas... no no... estos pantalones cortitos así... no quedan elegantes*” participam na construção de uma referência na qual se supõe que o interlocutor possa sim identificar um referente, mas este será menos específico.

Até o momento não haviam sido mencionados os homens dos quais fala a ouvinte. Trata-se, portanto, de qualquer homem dentro de um determinado grupo: o grupo de homens que usam calças curtas; a única menção a “*homens*” antes desse enunciado acontece em “*el hombre debe usar... en una determinada edad... pantalones*”, mas também não é uma referência a um homem específico, e sim a uma classe: *os homens*, grupo que, na sequência, é especificado como “*en una determinada edad*”.

Sendo assim, neste caso, temos: uma primeira referência genérica à classe “*homem*”, que é reduzida a homens de uma certa idade; logo, temos a referência aos homens que usam bermudas, que, por mais que sejam introduzidos por demonstrativos (“*estos hombres*”), não têm um referente identificável pelo ouvinte. É construída uma suposição, por parte do enunciador, que tal identificação ocorrerá, já que o ouvinte concorrerá em uma representação sobre que tipo de homem está sendo citado. Ao construir a referência a uma classe, o demonstrativo está, por tanto, participando na construção de uma referência mais genérica.

Sendo assim, o discurso construído com demonstrativos parece estabelecer, como no caso anterior, uma ideia de que o ouvinte será solidário com o enunciador. Solidário no sentido de que ele será levado a entender a referência que se constrói através de uma suposição do enunciador. Esta suposição seria de que, no caso anterior, o interlocutor já teria visto esses homens que andam com bermudas e mais, teria construído uma determinada representação deles.

Leonetti (2000), ao falar sobre os demonstrativos genéricos, explica:

“En primer lugar, un demostrativo genérico debe estar ligado a un referente perceptible en la situación de comunicación (cuando, por ejemplo, un hablante usa

la expresión ¡estos chicos! para quejarse del ruido que producen unos niños al jugar, aludiendo a alguna propiedad general de los chicos como la de ser ruidosos) o a un antecedente discursivo (por ejemplo, en un fragmento como este: A: -Me van a regalar un Cocker. B: - Ah, esos cockers son encantadores.)” p.803

No exemplo dado na citação anterior, o demonstrativo faz alusão a um antecedente discursivo, conforme explica o autor; ou seja, o demonstrativo está relacionado a um referente que pode ser identificado na situação de comunicação.

O que parece acontecer com a ouvinte da rádio, no nosso exemplo, é que ela constrói a cena descrita, inclusive por tratar-se de uma cena que segundo ela é recorrente, e a partir dessa cena imaginada é que ela se refere aos homens que usam bermudas. Assim, podemos perceber que há um referente perceptível, no sentido do que explica o autor na citação anterior, mas ainda assim o demonstrativo “*estos*” não parece participar na construção de uma referência específica de algum (ou alguns) “*hombres*”. O mesmo autor, Leonetti (2000), constata também que:

“la clase denotada por un demostrativo genérico (en plural) debe ser no solo familiar para el oyente como tal clase, sino además suficientemente específica o bien delimitada como para construir un conjunto homogéneo y carente de contrastes o distinciones internas” p.803

O autor, conforme exposto na citação anterior, entende que o demonstrativo genérico precisa construir um conjunto homogêneo e sem contrastes internos. Na verdade, temos que pensar no demonstrativo como uma forma que participa na construção de uma expressão, e todo o enunciado trabalhará no sentido de construir esse “*conjunto homogéneo y carente de contrastes o distinciones internas*” p.803.

Podemos dizer que o demonstrativo participa na construção de um efeito de indefinição, o que caracterizamos como um emprego do demonstrativo que difere dos que até o momento havíamos estudado, por tratar de referir-se a algo que é mais genérico. O que vemos é outro tipo de construção com os demonstrativos, porém, ao longo deste capítulo, perceberemos que assim mesmo o demonstrativo não perde alguns traços que lhe são característicos.

Coseriu (1973), no texto intitulado “*Determinación y entorno*” comenta os problemas de uma linguística da fala e, entre eles, está a questão da determinação. Sobre as operações da língua que cumprem a função de determinar, o autor afirma:

“corresponden al ámbito de la determinación todas aquellas operaciones que, en el lenguaje como actividad, se cumplen para decir algo acerca de algo con los signos de la lengua, o sea, para actualizar y dirigir hacia la realidad concreta un signo virtual (perteneciente a la lengua, o para delimitar, precisar y orientar la referencia de un signo (virtual o actual).” P.291

Ao falar sobre os exemplos que usará no texto, o autor observa que os diversos determinadores nominais têm diferentes funções, mas que *“esto, sin embargo, no implica que los determinadores tengan cada uno una función constante y una sola función”*. p.292. Reconhecemos as propriedades de definição atreladas aos demonstrativos, mas neste ponto do nosso estudo, o que tentamos é mostrar também que estas mesmas formas podem cumprir uma função distinta. O autor localiza os demonstrativos num tipo de determinação ao qual chama *“situación”* que define como:

“la operación mediante la que los objetos denotados se sitúan, es decir, que se vinculan con las personas implicadas en el discurso y se ordenan con respecto a las circunstancias espacio-temporales del discurso mismo.” P.301.

Assim, devemos pensar na construção de referentes identificáveis ou não, sejam eles mais específicos ou mais genéricos, dentro do próprio discurso. E, mesmo ao pensar na questão da unicidade do referente, olharemos para o discurso, já que é nele que estão estabelecidas as relações de referência.

As dificuldades a respeito de uma teoria sobre denotação e referência foram discutidas em textos que pertencem ao campo da filosofia da linguagem e nos interessam alguns pontos dessa discussão, sobre os quais traçaremos a seguir uma reflexão.

Russell (1973) abre uma discussão com a publicação do texto *“Sobre el denotar”*⁸. O que nos interessa nos textos da filosofia da linguagem são as reflexões feitas a respeito da

⁸ Título original: “On denoting”, publicado em 1905.

construção de uma referência e da unicidade do referente, e é sobre essas questões que discorreremos a seguir. Russell (1973) afirma que podemos distinguir três casos de frases denotativas:

“(1) una frase puede ser denotativa, y, sin embargo, no denotar nada; por ejemplo, ‘el actual Rey de Francia’; (2) una frase puede denotar un objeto definido; por ejemplo, ‘el actual rey de Inglaterra’ denota a un hombre determinado; (3) una frase puede denotar ambiguamente; por ejemplo, ‘un hombre’ no denota a muchos hombres, sino a un hombre indeterminado” p.29

Em todo o seu texto, o autor expõe e defende uma teoria que, segundo ele, dá conta da interpretação das frases anteriores, que constituem seu ponto de partida na elaboração dessa teoria sobre o denotar. O autor constrói sua reflexão sobre este tema afirmando que:

“el principio de la teoría del denotar que deseo defender es el siguiente: las frases denotativas no tienen significado alguno en sí mismas, pero toda proposición en cuya expresión verbal figuran tiene un significado”. P.29

Com sua teoria, o autor nega o que já havia sido desenvolvido antes por outros autores, como a teoria de Meinong, que *“considera que toda frase denotativa gramaticalmente correcta representa un objeto. Así se supone que ‘el rey de Francia’ es un objeto genuino”*. p. 35. Do mesmo modo, contrapõe-se à teoria de Frege, segundo a qual *“las frases denotativas expresan un significado y denotan una denotación. Así, ‘el rey de Francia’ denotaría una clase nula”* p.36. Russell defende que só às vezes há uma denotação, ou seja, que nem sempre a denotação está presente. Assim, o autor não concorda com nenhuma das teorias e propõe abandonar a ideia de que as proposições que contêm frases denotativas são *“concernientes a la denotación”*. P.37

Partindo da reflexão deste autor, mas deixando um pouco de lado toda a discussão construída a respeito da veracidade das expressões que ele analisa, já podemos pensar que, como citávamos na abertura deste capítulo, nem todas as expressões construídas como referenciais têm de fato essa como sua função principal. Saussure (1972) já observava que o signo linguístico não une uma palavra a uma coisa.

Já no primeiro capítulo desta dissertação comentávamos a importância de se pensar no discurso ao interpretar uma referência, e não a uma correspondência direta a algo do mundo. E neste momento, quando analisamos expressões com demonstrativos que não têm como função principal a de construir um referente específico, vemos a necessidade de analisar, a partir do próprio discurso, todas as construções que geralmente são consideradas referenciais.

Como afirmávamos anteriormente, não entraremos na discussão da veracidade das frases, como faz o autor, pois o que nos interessa sobre sua teoria (e sobre as outras que contestam a deste autor) é a discussão sobre a dificuldade de delimitar um referente a partir de certas expressões, ou seja, a questão propriamente da unicidade do referente.

Strawson (1950) responde a Russell discordando da questão da veracidade das frases a partir da sentença *“the king of France is wise”*, e o que nos interessa é o fato de que Strawson, ao discordar de alguns pontos da teoria de Russell, traça interessantes considerações sobre o ato de referir que é, inclusive, o título de seu texto: *“on referring”*.

Strawson (1950) parte do ponto de que *“‘mentioning’, or ‘referring’, is not something an expression does; it is something that some one can use an expression to do”* p.326 Assim, não é a função única de uma frase fazer referência a algo, porém, uma expressão pode ser usada com tal objetivo. A afirmação do autor nos faz pensar que é preciso analisar as frases não unicamente buscando uma referência para elas, e é isso que tentaremos fazer com os casos encontrados no nosso *corpus*. O autor comenta as possibilidades de se construir uma referência única:

“what in general is required for making a unique reference is, obviously, some device, or devices, for showing both that a unique reference is intended and what unique reference it is; some device requiring and enabling the hearer or reader to identify what is being talked about. In securing this result, the context of utterance is of an importance which it is almost impossible to exaggerate; and by “context” I mean, at least, the time, the place, the situation, the identity of the speaker, the subjects which form the immediate focus of interest, and the personal histories of both the speaker and those he is addressing.” P.336

Para a construção de um referente único é necessário, segundo este autor, mostrar a intenção de que haja somente uma referência e valer-se de alguns recursos que permitam que o interlocutor construa essa referência. O autor também destaca, na citação anterior, a

importância de que se analise o contexto do discurso, bem como as relações entre o locutor e seu interlocutor. O autor cita o caso do pronome de primeira pessoa do singular:

“in the limiting case of the word “I” the contextual requirement is that the thing should be identical with the speaker; but in the case of most expressions which have a referring use this requirement cannot be so precisely specified.” P. 336-337.

O próprio autor, Strawson (1950), já define o caso do pronome de primeira pessoa do singular como um caso limite, já que não se fazem necessárias outras informações para que se construa uma referência única. Porém, se pensamos em expressões como os demonstrativos, não é tão simples fazer uma ligação entre a expressão e um referente único considerando somente o demonstrativo empregado, é necessário que consideremos diversos outros recursos do discurso para isso.

Passemos agora a algumas considerações sobre o texto *“Reference and definite descriptions”* de Donnellan (1966), que também contesta a teoria de Russell porque entende que “referir” não é o mesmo que “denotar”, e que o uso referencial de descrições definidas não está contemplado na visão de Russell. Além disso, o autor também acredita que a visão de Strawson não serve para tratar dessas descrições definidas. Mesmo contestando as teorias propostas pelos autores anteriores, ele explica que tais autores poderiam estar corretos ao tratar do uso de descrições definidas e seu uso não-referencial.

Interessa-nos o que comenta o autor, Donnellan (1966), sobre dois usos de uma descrição definida: o uso atributivo (*attributive use*) e o uso referencial (*referential use*):

“a speaker who uses a definite description attributively in an assertion states something about whoever or whatever is the so-and-so. A speaker who uses a definite description referentially in an assertion, on the other hand, uses the description to enable his audience to pick out whom or what he is talking about and states something about that person or thing.” P.364

Para exemplificar, a autora usa a sentença *“O assassino de Smith é louco”*⁹. A partir dessa frase, segundo a autora, poderíamos assumir que o assassino de Smith não é conhecido;

⁹ A sentença no texto original, em inglês, é *“Smith’s murderer is insane”*.

o que justificaria a afirmação de que ele é louco é o fato de que saberíamos que Smith é uma boa pessoa e/ou que o assassinato foi brutal. Isso seria um uso atributivo de uma definição definida.

Por outro lado, propõe que imaginemos que o assassino de Smith foi encontrado e está em julgamento e que há uma discussão sobre o estranho comportamento desse assassino durante o julgamento, assim, se poderia construir a seguinte afirmação, “*o assassino de Smith é louco*” e isso seria, de acordo com o autor, um uso referencial de uma descrição definida.

Na nossa análise de casos levaremos em conta as possibilidades de que, mesmo construções que consideramos não ter um grau de definição do referente tão alto, podem traçar algum tipo de referência, sempre construída no discurso. Por isso, pareceu-nos interessante considerar as ideias do autor sobre os usos atributivos e referenciais de expressões definidas.

Pareceu-nos importante passar, mesmo que de forma breve, pela abordagem da filosofia da linguagem a respeito do conceito de determinação e referência e revisarmos discussões sobre a questão da unicidade do referente. Para seguir nesta discussão, discutiremos dois textos que abordam os demonstrativos pensados de maneira diferente do que vimos no primeiro capítulo: Apothéloz e Chanet (2010), e Gary-Prieur e Noailly (2010). A partir da leitura desses textos, observaremos os demonstrativos quando apresentam uma função que não seria, inicialmente, característica dessa classe.

Apothéloz e Chanet (2010), no texto “*Definido e demonstrativo nas nomeações*”, estudam diversos enunciados nos quais observam como se dão as nomeações, que definem como “*operação discursiva que consiste em referir-se, por meio de um sintagma nominal, a um processo ou estado que foi anteriormente expresso por uma proposição*” p.132. Entre os enunciados citados pelos autores, está o seguinte caso:

“*A polícia local de Schwytz prendeu um suposto falsificador de dinheiro. (...) A prisão aconteceu em colaboração com a Interpol. (Le Martin 1.6.1994)*” p.132

Os autores comentam a nomeação feita através do substantivo “*prisão*”, que recupera a proposição anterior. Vejamos o que afirmam eles sobre a diferença entre a nomeação e as operações usuais de correferência:

“em contraste com as operações de correferência no sentido usual do termo, a principal particularidade das nomeações reside no fato de elas darem um estatuto de referente, ou de objeto de discurso, a um conjunto de informações (as informações suporte) que antes não tinham esse estatuto discursivo).” P. 134

Os autores relacionam o termo “*informações-suporte*” à proposição que antecede a nomeação e afirmam que o demonstrativo é uma das formas que pode executar uma operação de nomeação. O que fazem em seu texto é comparar as nomeações executadas por demonstrativos e por artigos definidos, para traçar uma reflexão sobre as diferenças entre tais empregos. Embora o texto se refira a casos da língua escrita, interessam-nos algumas reflexões traçadas sobre as diferenças entre nomeações com demonstrativo e com definido para as análises que faremos posteriormente.

Sobre as nomeações feitas através de demonstrativos, Apothéloz e Chanet (2010) dão como exemplo alguns enunciados. Reproduzimos um deles a seguir:

“[crítica de discos] A Orquestra Sinfônica de Londres se perde sob o peso das cordas, os únicos detalhes que percebemos são as intervenções dos solistas mais evidentes. Isso estraga.” P. 135

Sendo assim, as nomeações não obrigatoriamente tem que ocorrer através de uma expressão lexical, como se pode ver com o caso anterior no qual há um emprego do demonstrativo. Para estudar esse tipo de nomeação, os autores apresentam uma distinção entre “*demonstrativo*” e “*definido*”, que acreditamos ser essencial para começar esta reflexão:

“em nosso caso, cerca de 3 em cada 4 casos são SNs demonstrativos. Parece, por outro lado, que se pode praticamente sempre substituir uma nomeação definida por uma demonstrativa, mas que o inverso não é verdadeiro (Chanet, 1994). Isso se deve ao fato de que, na maioria das vezes, nenhum outro processo contrasta com o processo designado pelo SN nomeador; portanto, sabemos que uma das situações

do emprego do definido é aquela em que o objeto designado entra em contraste com um outro objeto”. P.142

Alguns fatores, de acordo com os autores, orientam a escolha do determinante entre um definido e um demonstrativo. Eles esclarecem: *“deixemos claro ainda que concebemos estes fatores não como restrições absolutas, mas apenas como elementos que favorecem um ou outro determinante.”* P.143. Veremos com o estudo dos casos do nosso *corpus* que, de fato, há uma mudança no efeito se substituimos o demonstrativo por um definido em alguns enunciados. Já podemos antecipar um caso, para que resulte mais claro entender essa substituição:

*[...] a partir do momento que uma pessoa grávida não respeita a própria barriga... e anda com **aquela** barrigão aparecendo... que torna-se até feio... porque uma mulher grávida é bonita... ela tem que se amar... ela tem que se respeitar... ela tem que... nossa... ela tem que se endeusar **nessa** época... **essa** época de gravidez é uma coisa muito linda... mas tem que haver respeito... como que fica hoje as grávidas por aí? você vê né? as barrigas fica tudo de fora... fica **aquela** coisa horrorosa [...] e aí **essa** criança nasce... ela também não foi preparada pra ser mãe nem pra ter família... sabe? **essas** adolescentes... não começa de hoje... já começa de uns trinta... cinquenta anos prá cá... as famílias... elas já estão assim meio que despedaçadas... sabe? **aquela** rosa meio murcha [...]*

(P.27 – Rádio Capital 25/03/10 – 12:01)

As autoras expõem alguns fatores que favorecem o emprego do demonstrativo. Primeiramente, há uma tendência para o demonstrativo *“todas as vezes que o substantivo escolhido requalifica de maneira pouco predizível seu objeto.”* p.144, ou seja, quando se retoma com uma qualificação diferente a proposição anterior. Como exemplo, os autores destacam, entre outros, o seguinte trecho:

“(21) enquanto a economia vai bem, as coletividades se comportam frequentemente como novos ricos: queimam seus recursos até o último tostão, e até bem mais. Esta imprevidência tem dois efeitos negativos maiores. (Courrier Neuchâtelois, 10.3.1993) p.144

Outra tendência para o emprego do demonstrativo é, de acordo com o texto, *“quando o substantivo escolhido é, por uma razão ou por outra, colocado à distância, por exemplo,*

por aspas de conotação autonímica” p. 145. O seguinte caso apontado por elas ajuda a compreender esta tendência:

“(23) A grande casa [a Comédia Francesa] deverá modificar seus hábitos. A sala Richelieu fechará para obras até o mês de dezembro, os espetáculos se darão no Mogador e na Ópera Cômica. Simultaneamente a esta “deslocalização”, a trupe será renovada, aumentada. (Le Monde, 27.4.1994)

O substantivo “deslocalização” é colocado entre aspas e é antecedido pelo demonstrativo, uma substituição do demonstrativo por um definido não caberia bem nesse contexto, por conta da distância desse substantivo e seu referente. Por último, ainda sobre a questão da tendência para o emprego de um demonstrativo, as autoras afirmam que:

“Conduzem igualmente a uma determinação demonstrativa as expressões nas quais o substantivo predador é qualificado por meio de uma expressão não-determinativa (adjetivo ou complemento nominal), quer dizer, não pertinente para a identificação do referente. p. 146

E como exemplo para essa tendência, destacam, entre outros, o seguinte caso:

“(24) A Microsoft e a Motorola anunciam que a partilha do sistema de exploração do Windows NT para a arquitetura do Power PC está em andamento. Este anúncio muito importante dá ainda mais credibilidade e peso ao padrão PowerPC. (Univers Mac, janeiro de 1994) p.147

Retomemos o caso do nosso *corpus* exposto anteriormente. Se substituíssemos o enunciado “e aí **essa** criança nasce”, por “e aí **a** criança nasce” haveria uma mudança no efeito do enunciado. O enunciado com o artigo definido levaria a uma leitura ainda mais genérica e se perderia a saliência, o destaque construído com “*essa criança*”. Sobre uma importante diferença entre demonstrativo e definido, as autoras afirmam:

“De um modo geral, o demonstrativo é estreitamente solidário com o valor não determinativo do material lexical que qualifica o substantivo. O definido, ao

contrário, tem por efeito tornar referencialmente relevantes todas as informações que figuram no sintagma nominal” p.147

Com essa afirmação, e a partir do caso estudado pelas autoras, percebemos que em “*este anúncio muito importante*” o demonstrativo não transforma a expressão “*muito importante*” numa expressão determinativa, enquanto se tivéssemos “*o anúncio muito importante*”, toda a expressão teria um caráter mais definido, já que a informação “*muito importante*” seria relevante para a identificação de um referente (aquele anúncio que é “*muito importante*”, não outros).

É interessante notar que uma forma tão comumente associada à referência como o demonstrativo, é a forma que neste caso não contribui para dar ao substantivo um valor mais definido, função que ficaria a cargo de um emprego do definido, como no caso que analisávamos. Outro caso comentado pelas autoras nos parece interessante para a discussão que estamos propondo:

“(28) Era-lhes necessário comer nas bodegas, por algumas moedas, entre a escória e a vulgaridade, uma comida que ele não suportava. Para esta refeição, ele iria procurar Tonka pontualmente, como se se tratasse de um dever.” P.151

Sobre o exemplo citado, os autores traçam a seguinte reflexão:

“é preciso interpretar esta refeição como designando a ação de comer, ou como aquilo que há dentro do prato? (...) é importante notar que este tipo de ambiguidade, ou melhor, de indeterminação da referência, não provoca nenhuma reação normativa da parte dos sujeitos falantes, e passa mesmo completamente despercebida, ao ponto de a qualificação “ambiguidade” parecer aqui imprópria.” P.152

Conforme observado na citação anterior, quando pensamos em “*indeterminação da referência*” não falamos em ambiguidade, já que não há uma posta em dúvida sobre a referência que se constitui, ou seja, não há uma falta de entendimento do enunciado em questão.

Feita esta breve reflexão e partindo da ideia de que os demonstrativos não acrescentam características aos substantivos que determinam - já que a sua função é, no geral, a de localização das expressões nominais, seja por anáfora ou dêixis – podemos afirmar que tanto nos casos do nosso *corpus* quanto nos casos trabalhados por Apothélos e Chanet (2010) fica evidente a participação de demonstrativos em construções mais indefinidas. Continuaremos nossas reflexões para explicar os diferentes sentidos que podemos atribuir aos demonstrativos quando participam dessas construções.

Com a análise dos casos que veremos a seguir, poderemos perceber que se constrói uma referência indefinida, que está a serviço de determinados efeitos argumentativos, como levar o interlocutor para uma mesma representação. Veremos que, muitas vezes, o locutor constrói inferências, e o demonstrativo empregado não vem acompanhando uma expressão nominal que necessite referência definida. O demonstrativo também parece, em muitos desses casos, destacar o substantivo que vem na sequência, como veremos na seção de análise de casos.

Antes de começar as análises de casos, passemos ao texto de Gary-Prieur e Noailly (2010), que analisam textos do século XX e selecionam demonstrativos que não tem valor dêitico ou anafórico, e que são caracterizados pelas autoras como “*insólitos*”, já que não são tão comuns, ou melhor, apresentam uma função que não está comumente relacionada aos demonstrativos.

Geralmente, o demonstrativo retoma algo que já foi explicitado no discurso, que está presente na situação na qual estão inseridos os participantes da conversação ou algo que está presente na memória. Porém, em alguns casos que estudam as autoras, o demonstrativo introduz um novo referente. Todo o estudo dessas autoras está baseado num *corpus* de língua escrita, um *corpus* literário. Porém, muitas das reflexões traçadas por elas, assim como as reflexões traçadas por Apothélos e Chanet (2010) no texto que comentávamos anteriormente, nos servem na análise que faremos dos casos encontrados no nosso *corpus*.

Vejamos um caso estudado por Gary-Prieur e Noailly (2010):

“Desde que eu compreendi que eram cinco horas, larguei o livro no meio dos outros e tomei um taxi que me conduziu à estação de Saint-Lazare. Eu passei uns vinte minutos sobre aquela plataforma e, depois, eu os avistei”. P.231.

A partir de casos como o anterior, as autoras pensam sobre enunciados nos quais os demonstrativos parecem, de fato, introduzir um referente ao invés de retomar algo que já havia sido explicitado no discurso. Especificamente sobre o caso anterior, elas afirmam que:

“evoca o fenômeno bem conhecido como anáfora associativa: plataforma está de fato em relação lexical com estação. Mais precisamente, se compararmos o encadeamento que temos aqui com uma anáfora associativa, avaliaremos a diferença radical que separa o demonstrativo do definido.” P.232.

Assim como comentávamos que a expressão “*e aí essa criança nasce*”, retirada do nosso *corpus* não seria equivalente se substituíssemos o demonstrativo por um definido, as autoras também fazem tal reflexão a respeito do caso anterior. Elas explicam que “*a escolha de um demonstrativo exige uma reidentificação, que dá ao referente uma autonomia relativa em relação àquele que o precede*” p.233

As autoras destacam algumas propriedades que podem ser atribuídas ao sentido do demonstrativo, são elas: *destaque* e *saliência*. Sobre o *destaque*, afirmam:

“nós sempre frisamos a propriedade que tem o demonstrativo de isolar o referente que ele constrói. Esse isolamento aumenta ao máximo nos empregos que acabamos de assinalar. Os GN propostos como exemplos apresentam sempre, com efeito, um objeto destacado de toda a continuidade narrativa”. P.238

Parece-nos que a função determinada por elas como destaque está presente, conforme analisaremos nos casos do nosso *corpus* e é de grande importância, é como se o demonstrativo em “*e aí essa criança nasce*” destacasse a aparição de uma criança, que é o assunto que será comentado na continuação do discurso, o descaso com a educação das crianças que nascem sem planejamento.

Ao comentar a questão da *saliência*, as autoras afirmam que “*o eu constitui para o leitor o único indício que permite a localização do referente*” p.243. Ou seja, o objeto pode ser entendido como saliente se consideramos o pensamento do enunciador, mas não do interlocutor. Elas acrescentam que “*o texto ressalta sempre o fato de que é ou o olhar, ou a*

memória que dão existência ao objeto designado pelo GN demonstrativo.” p. 244. Ainda sobre a saliência, temos a seguinte reflexão:

“Muitos linguistas consideram hoje que o demonstrativo serve para apresentar um objeto “saliente”, quer dizer, presente na memória imediata do destinatário. Portanto, nos exemplos que nos interessam aqui, se existe mesmo “saliência” (como mostra o desenvolvimento anterior), é unicamente na memória do “locutor-autor”. O fenômeno mais evidente em todos os enunciados que nós encontramos é aquele em que o GN demonstrativo introduz um objeto que só é recuperável no universo do sujeito da enunciação” p.243

Voltamos à questão que comentávamos anteriormente de que é o enunciador quem constrói a pressuposição de unicidade do referente e a identificabilidade deste referente não é algo que dependa do interlocutor. Alguns referentes são identificáveis desde um ponto de vista do “eu”. Sendo assim, Nos casos que selecionamos para análise, os demonstrativos geralmente só são salientes, como afirmam as autoras, se pensados no universo do sujeito da enunciação; ou seja, a referência construída não é algo que esteja presente na memória do interlocutor, mas isso muitas vezes faz com que o interlocutor seja chamado a participar do universo do enunciador.

Terminando esta reflexão, as autoras postulam que *“o problema é então saber como o leitor pode, apesar de tudo – e se o pode -, construir uma referência”*. p. 231. Poderíamos pensar em acrescentar a este questionamento a seguinte pergunta: *“o interlocutor precisa construir uma referência?”*, ou ainda: *“que tipo de referência constrói o interlocutor neste caso?”*. Se pensamos que o interlocutor entende a mensagem do enunciador, já podemos responder a pergunta sobre se esse interlocutor constrói uma referência, e a resposta seria positiva. Por outro lado, há de considerar-se que a referência construída, nesses casos, é mais genérica, e por isso nos parece tão interessante analisá-los.

Sendo assim, baseados nestas considerações, passaremos a analisar empregos dos demonstrativos que não conseguimos definir como anafóricos ou dêiticos, casos nos quais não é possível encontrar um referente específico para a expressão nominal da qual participa o demonstrativo.

iii. Análise de casos

Levando em consideração o exposto sobre os demonstrativos e a discussão sobre os conceitos relacionados à definição, passaremos neste ponto à análise de alguns casos selecionados do *corpus*, porém antes esclarecemos a metodologia de seleção de tais casos.

No segundo capítulo, conforme exposto, selecionamos para análise os casos que ilustravam os resultados obtidos na pesquisa quantitativa, que foram: alguns casos dentro das séries com maior frequência, e outros que se mostravam no limite da tendência e que nos instigavam a uma comparação dessas formas nas duas línguas estudadas. Ao longo dessas análises, percebemos alguns casos que nos chamavam a atenção devido à singular ocorrência do demonstrativo na construção de referências mais genéricas.

Neste capítulo, selecionamos casos que primeiramente nos chamaram a atenção devido à dificuldade de encontrar um referente dêitico ou anafórico para o demonstrativo empregado, o que começamos a relacionar à construção de enunciados com um maior efeito de indefinição.

Optamos, neste ponto da pesquisa, por não quantificar os demonstrativos que consideramos participar de construções mais indefinidas, pois, conforme observaremos ao longo das análises, não seria pertinente dividir os demonstrativos em “*definidos*” e “*indefinidos*” ou “*específicos*” e “*genéricos*” já que nessas construções o que percebemos são diferentes graus de definição ou generalidade. Nesse sentido, não seria possível dividir os demonstrativos de forma tão objetiva. E por esse mesmo motivo, optamos nas análises por empregar os termos “*identificação de referente mais definido ou específico*” e “*identificação de referente menos definido ou específico*” para as construções que analisaremos, considerando as dificuldades de delimitação desses conceitos.

a. Casos no português do Brasil

No PB, não encontramos nenhum caso no qual um demonstrativo de primeira série participe de uma construção mais indefinida, na qual a identificação do referente seja menos específica, o que é fácil entender se consideramos o escasso número de ocorrências da primeira série no PB (8 em todo o *corpus* que está composto por 500 demonstrativos do PB).

Consideraremos, por tanto, as ocorrências da segunda e terceira série no PB e faremos algumas análises baseadas nos conceitos teóricos explorados anteriormente e que pretendem ser o começo de uma reflexão sobre estas construções com os demonstrativos que tanto nos chamam a atenção. Observemos a seguir o primeiro caso que selecionamos para este estudo:

CASO 1

*[...] a partir do momento que uma pessoa grávida não respeita a própria barriga... e anda com **aquele** barrigão aparecendo... que torna-se até feio... porque uma mulher grávida é bonita... ela tem que se amar... ela tem que se respeitar... ela tem que... nossa... ela tem que se endeusar **nessa** época... **essa** época de gravidez é uma coisa muito linda... mas tem que haver respeito... como que fica hoje as grávidas por aí? você vê né? as barrigas fica tudo de fora... fica **aquela** coisa horrorosa [...] e aí **essa** criança nasce... ela também não foi preparada pra ser mãe nem pra ter família... sabe? **essas** adolescentes... não começa de hoje... já começa de uns trinta... cinquenta anos prá cá... as famílias... elas já estão assim meio que despedaçadas... sabe? **aquela** rosa meio murcha [...]*

(P.27 – Rádio Capital 25/03/10 – 12:01)

A ouvinte começa falando sobre as mulheres grávidas e a exposição que fazem das barrigas. Na construção “*aquele barrigão*”, o substantivo aumentativo “*barrigão*” pode ser associado à expressão “*pessoa grávida*”, e tem relação com o substantivo “*barriga*” anteriormente citado. Contudo, a ideia de “*barrigão*”, no aumentativo, parece ser introduzida pelo demonstrativo “*aquele*”.

Retomando as reflexões feitas anteriormente, podemos pensar que, se tivéssemos a mesma construção com um artigo definido: “*e anda com o barrigão aparecendo*”, haveria um efeito diferente sendo construído, já que o demonstrativo produz foco e relevância em relação ao substantivo que o segue. O que, no caso deste enunciado, também se relaciona com o uso expressivo de “*aquele*” encontrado no capítulo II. De qualquer forma, constrói-se um efeito de maior indeterminação do substantivo “*barrigão*”, indeterminação no sentido de que tem um efeito de indicação de referente menos específico.

O que nos chamou mais a atenção foi o trecho “*e aí essa criança nasce*”, que já vínhamos comentando anteriormente, no qual o demonstrativo “*essa*” junto ao substantivo “*criança*” formam uma expressão nominal que não faz referência a uma criança específica, já mencionada ou conhecida pelo interlocutor, é a menção a qualquer criança que possa nascer

de uma mulher como a descrita anteriormente, que tão pouco é uma mulher específica. A referência construída com o demonstrativo, neste caso, é de um referente menos específico, porém saliente, destacando o substantivo seguinte.

Ninguém, ao ouvir tal enunciado, formularia a questão: “*que criança nasce?*”, isso porque não é que falte um referente para a expressão construída, mas sim que esse referente é mais genérico. Apothéloz e Chanet (2010) comentam, como citamos nas nossas reflexões teóricas, que não se pode pensar em ambiguidade em casos como estes.

Mais adiante, temos a construção “*essas adolescentes*”, na qual o demonstrativo introduz o substantivo “*adolescentes*”, que não havia aparecido até este momento. Não se trata de qualquer adolescente, mas sim aquelas que se inserem no contexto da fala da ouvinte, ou seja, as adolescentes que engravidam.

Como este é um caso que já comentávamos na seção dedicada às reflexões teóricas, passemos a observar a fala de outra ouvinte:

CASO 2

*então hoje quando eu peguei o Estadão... sou assinante do Estadão há trinta e um anos... eu li aqui... me deu até uma:: vontade de vomitar... desculpe a expressão... porque:: o senhor Lula diz... é difícil atacar a corrupção porque às vezes o corrupto é o cara que tem a cara mais de anjo... é **aquele** cara que mais fala contra a corrupção... é **aquele** cara que mais denuncia porque acha que não vai ser pego... está se auto-retratando né? [...] o que acontece aqui **nesse** país é que há impunidade... a justiça é... super lenta... a justiça... eu fico assim... indignada de ver como que se recorre do recorrido do recorrente... e vai empurrando com a barriga... o caso do mensalão... está lá já desde dois mil e cinco e ninguém foi punido... se houve **isso** se houve **aquilo**... não precisa de ouvir mais ninguém... o país inteiro... o mundo inteiro sabe o que aconteceu [...]*

(P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16)

No caso apresentado, temos uma ouvinte comentando a reportagem que leu no jornal. Os demonstrativos no trecho “*se houve isso se houve aquilo*” também trabalham na construção de um referente menos específico. Ela cita o *mensalão*, nome dado a um esquema político de compra de votos, e os demonstrativos *isso* e *aquilo* não levam o interlocutor a fatos específicos desse escândalo, mas sim generalizam, seria como dizer: *se houve qualquer coisa, se houve mais alguma coisa*, etc.

O enunciado composto por “*isso*” e “*aquilo*” é uma expressão que circula no PB, e aparece em outro caso do *corpus*. Trata-se de uma expressão que, mesmo sendo composta por dois demonstrativos, não contribui para a construção de um efeito de especificação da referência, ao contrário, cumpre uma função de generalizador no enunciado.

Ainda no caso apresentado, temos a construção “*aquela + substantivo + que*”, sobre a qual pensaremos logo, porém antes, vejamos outro caso no qual um enunciado com “*isso*” e “*aquilo*” é empregado:

CASO 3

[...] eu loquei um carro numa locadora aqui em Campina de Pirajá... e ao entregar esse carro eu tive uma surpresa... certo? que uma gradezinha que tem na lateral do carro... no pára-choque dianteiro... caiu na estrada... e eu tenho certeza que essa grade já estava solta porque até o local que eu viajei não tive nenhum buraco na pista... sabe? tomar porrada e cair... ao entregar esse carro... esse (cara) da locadora... pessoal da locadora disse que o carro teve isso teve aquilo... faltou tanta coisa [...] aí eu quero te pedir uma ajuda para que eu possa resolver isso aí... Zé Eduardo [...]

(P.59 – Rádio Sociedade 12/11/10 – 08:45)

No caso anterior, o enunciador comenta os problemas com um carro alugado e diz que as pessoas da locadora afirmaram que o carro “*teve isso teve aquilo*”, mas os problemas apontados pelas pessoas da locadora não são expostos pelo ouvinte que se queixa da injustiça de tais reclamações. Na verdade, o que parece ser destacado é que não interessa o que foi acusado pela locadora como problema, porque não é a verdade.

Na menção “*esse cara da locadora*” trata-se da primeira vez em que se menciona a pessoa da locadora, e podemos perceber que a anteposição do demonstrativo “*esse*” faz com que a expressão nominal tenha um caráter pejorativo, o que também ajuda na construção do sentido de que não é pertinente o que foi falado na locadora, “*isso ou aquilo*” é a expressão de qualquer reclamação injusta que façam sobre o estado do carro.

Voltando ao caso 2 e pensando nos diferentes graus de definição de uma expressão nominal, podemos observar o caso de “*aquela + que*”, construção que apresenta certo grau de indefinição do referente e é uma construção possível tanto no PB como no E. Ao final deste capítulo faremos as comparações entre esses usos nas duas línguas.

Fernández Ramírez (1987) fala em “*mención evocativa*”, que é uma “*clase de señalamiento al objeto no presente o al objeto inmaterial, realizado de una manera especial y que da origen a estructuras típicas*” p.119. O caso de “*aquele cara que*” pode ser pensado, no contexto, como a expressão não de uma pessoa específica, mas sim de um tipo de pessoa, o que também poderíamos analisar como uma identificação de referente menos específico. O mesmo autor, Fernández Ramírez (1987), afirma que:

“en esta mención sugerente o evocativa del pronombre, los datos distintivos singularizan en unos casos, tipifican en otros. A la tipificación de una clase para caracterizar un ejemplar se llega a través de la fórmula un (el, algún, etc.)... de esos... o uno de esos...: “una calle de esas para un escritor no comprendido o para un sabio” (Baroja, Los últimos románticos, x, 124);” p.120-121

Pensamos na menção evocativa para comentar estas expressões que parecem carregar um caráter de expressões que tipificam, como em “*aquele cara que mais denuncia*”. Também observamos nestas construções que a definição se dá em diferentes graus. No caso do enunciado anterior há um grau menor de definição se o comparamos com outra construção com demonstrativo de terceira série como no seguinte caso:

CASO 4

O [...] só tem uma salvação para o Vitória*... sabe qual é?

A qual é?

O contratar **aquela** sonda que o pessoal tirou os mineiros lá do buraco... lá do Chile [...]

((*Vitória: time de futebol da Bahia))

(P.61 – Rádio Sociedade 16/11/10 - 08:18)

A referência construída pelo demonstrativo “*aquela*” e o substantivo “*sonda*” tem um maior grau de especificidade, trata-se, pois, de uma sonda específica, aquela usada na mina do Chile, onde trabalhadores ficaram presos; por outro lado, poderia também referir-se mais a uma classe de sondas, ou seja, contratar uma sonda como a que tirou o pessoal da mina, expressão que teria mais precisão do que a que analisávamos anteriormente em “*aquele que*”. E por isso falamos em diferentes graus de definição nessas construções.

No capítulo anterior, pensamos em algumas construções com demonstrativos antecedendo nomes próprios. Vejamos a seguir um caso no qual o demonstrativo é empregado antes de um nome próprio para que possamos observá-lo a partir das ideias que vimos desenvolvendo ao longo deste capítulo:

CASO 5

O mas *esse* Ari Toledo é uma comédia... né? [...] é assim olha... eu eu tenho um filho gay... eu já liguei pra vocês... já comentei sobre *isso*... e dentro da medicina... a medicina ainda não descobriu... né?

A exatamente

O a medicina não tem um estudo certo sobre *isso*... a psicóloga me falou que *isso* é um é é no cérebro mesmo [...]

((Ari Toledo, participante da mesa de debates, havia acabado de contar uma piada))

(P.35 – Rádio Capital 22/06/10 – 12:15)

No caso exposto, temos o demonstrativo de segunda série “*esse*” empregado antes do nome “*Ari Toledo*”. Os nomes próprios já carregam referências dêiticas, e não seria necessário o emprego de um demonstrativo para construir tal referência. O que parece acontecer nesse caso é um emprego do demonstrativo sem qualquer função referencial. Leonetti (2000) comenta que quando o demonstrativo é empregado antes de um nome próprio, trata-se de uma questão estilística:

“al referirse a alguien por medio de expresiones como esta Vicky o ese López, el habl ante introduce diversos matices evaluativos sirviéndose del contenido de cercanía o lejanía del demostrativo, así como de la indicación de accesibilidad y familiaridad del referente (cf. El uso genérico ya citado en ¡estos chicos!); es lo que se denomina ‘deixis empática o emocional’”. P.804

Pensando no que afirma o autor citado, podemos entender o emprego do demonstrativo antes do nome próprio como uma dêixis emocional, que expressa a familiaridade e a identificação da ouvinte com a pessoa citada. Vejamos, em PB, o último caso que queremos comentar:

CASO 6

[...] vai haver aumento de transporte público em janeiro... porque eles fizeram isso agora? desde o ano passado... né? porque não tem aula [...] eu sou totalmente contra... eu acho que não... o povo não merece isso [...] eu acho que o policial tem que ganhar mais do que esses políticos que não fazem nada.... o policial tem que ser bem equipado... olhe... eu sou a favor até que os delegados tenham carro blindado... é um absurdo o que ganha um policial... principalmente aqui na Bahia... ficam esses candidatos aí sem fazer nada pelo povo [...] mas eu quero que você bata nesse aumento do transporte [...]

(P.93 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 07:22)

No enunciado “*esses políticos que não fazem nada*” temos pela primeira vez a ocorrência do substantivo “*políticos*”, que já é introduzido por um demonstrativo, porém não tem função dêitica como se poderia esperar de uma construção na qual um substantivo é introduzido por um demonstrativo.

A introdução do substantivo pelo demonstrativo parece possível por causa da relativa “*que não fazem nada*”, ou seja, é como se houvesse uma especificação de quais são esses políticos, e se pensamos que se trata de uma relativa restritiva, vemos que há uma generalização, mas não de todos os políticos, somente dos que não fazem nada. Por outro lado, se pensamos que se trata de uma relativa explicativa estamos pensando em todos os políticos e acrescentamos uma explicação sobre eles.

Pechêux (2012) discute a questão da classificação das orações relativas partindo da distinção feita usualmente entre relativas restritivas e explicativas e constata, a partir da exposição de alguns enunciados, a dificuldade de aplicar essa classificação em muitos casos.

Segundo Pechêux (2012), a explicativa “*constitui a evocação de uma propriedade característica da noção do círculo; trata-se de uma aposição explicativa que poderíamos colocar entre vírgulas*” p.132. Por outro lado, a restritiva não remete a uma propriedade do conceito ao que estamos nos referindo. Após estudar algumas frases, o mesmo autor, Pechêux (2012) expõe a impossibilidade de separar as relativas nessas duas categorias. Neste estudo também consideramos difícil, em muitos casos, explicar as relativas a partir de tal divisão, como no caso da relativa “*que não fazem nada*”.

Nesse caso também a referência é posterior, é um pouco mais especificada em “*principalmente aqui na Bahia*”. O mesmo acontece com o substantivo “*candidatos*”, que é antecedido pelo demonstrativo “*esses*”. Teríamos que considerar também, neste caso, o tom

de voz dessa ouvinte na gravação, que já mostra a sua revolta em relação às políticas públicas, o que também contribui para a construção de um efeito pejorativo dos enunciados “esses políticos” e “esses candidatos”.

Ainda sobre a questão das relativas, Gary-Prieur e Noailly (2010) afirmam que:

“não percebemos, como com o definido, uma espécie de correlação entre o determinante e a relativa; esta última parece muito mais acrescentar informações acerca de referente que já tinha sido constituído, independentemente dela, pelo demonstrativo. Portanto, podemos encontrar depois deste N expansões cujo conteúdo é inteiramente insuficiente para permitir ao leitor identificar o objeto considerado” p.234

De acordo com as autoras, neste tipo de construção que estamos analisando com demonstrativos, as relativas não contribuem para a identificação de um referente mais específico, elas só acrescentam alguma informação que não será definidora para a compreensão da referência, já que esta fora construída anteriormente. Pensando nisso, Gary-Prieur e Noailly (2010) afirmam que *“uma expansão, depois de este GN não se destina prioritariamente a identificar o referente do GN em questão.” p.235.*

Selecionamos, do *corpus* em PB, casos que nos pareciam interessantes pelo emprego de demonstrativos em construções nas quais não era possível identificar claramente uma referência, seja ela anafórica ou dêitica. Casos nos quais essas formas (os demonstrativos) foram empregados com funções geralmente não atribuídas a elas. No próximo ponto trataremos de casos selecionados do *corpus* em espanhol.

b. Casos no espanhol

Começamos as análises dos casos do PB comentando que não encontramos enunciados nos quais um demonstrativo de primeira série participasse na construção de uma referência mais indefinida, o que já é possível observar em E considerando inclusive que há uma maior ocorrência da primeira série nesta língua. Começamos, por tanto, com um caso no qual um demonstrativo de primeira série participa numa construção com identificação de referente menos definido:

CASO 1

*[...] yo lo que quiero es que se vayan cuanto antes... al día de hoy me deben ochenta mil euros... trabajo con la sanidad pública... tengo una pequeña empresa... y estamos () los ahorros que tenemos porque hemos tenido la cabeza un poquito muy () todos **estos** años y tenemos para poder ir () y no quiero nada de nada de **estos** socialistas porque es la ruina... por lo menos en mi casa... y es porque nosotros no lo prevemos y no lo... comemos todo... pero mi marido y yo y mis hijos... mis hijo ya están trabajando porque ya... uhn... mi marido y yo... y es una vergüenza... y **esto** es lo que hay... no los quiero ni ver [...]*

(E.81 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:25)

No caso apresentado, a ouvinte da rádio comenta problemas com relação à economia e política de seu país. Na expressão “*estos socialistas*”, é o demonstrativo que introduz o substantivo “*socialistas*”, que até este momento não havia aparecido no discurso. Além de ter um sentido pejorativo, de crítica, não há um referente específico para quem seriam os “*socialistas*” dos quais fala a ouvinte da rádio.

Se pensamos no contexto da crítica, podemos perceber que, na memória coletiva, a expressão “*estos socialistas*” pode adquirir uma referência no enunciado. Há a pressuposição, da qual já falamos durante a reflexão teórica traçada, por parte do enunciador, de que o referente será identificável pelo interlocutor, embora esteja sendo tratado como mais genérico. Reconhecendo que há diferentes graus do que chamamos de especificidade, podemos dizer que este caso é uma construção com identificação de um referente menos definido.

CASO 2

*y cada vez hay más gente española en el albergue... porque antes era más... se lo documentaba una señora... que era más negros... más gente africana o marroquíes... pero cada vez hay más españoles y lo que pasa es que yo pensaba que era... que un albergue era... pues **eso**... indigentes... drogadictos... toda **esa** gente cuando te das cuenta... cuando estás adentro... te das cuenta de que es impresionante la gente que hay... gente con cultura... gente que desde la noche a la mañana pues les ha cambiado la vida... y que si no fuera por **estas** organizaciones (yo creo que se hubiera liado una buena)*

(E.133 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:58)

No caso anterior, o demonstrativo na expressão “*esa gente*” participa na construção de uma referência a algo apresentado anteriormente no discurso: “*indigentes... drogadictos...*”, porém, além de retomar, caracteriza uma generalização, já que não se trata somente de

“*indigentes*” ou “*drogadictos*”, mas de outros tipos de pessoas que são generalizadas pela construção com o demonstrativo “*esa*” antecedendo o substantivo “*gente*”.

O demonstrativo, além de ser anafórico, parece participar na construção de uma referência mais aberta no sentido de que permite a incorporação de outros elementos, possibilitando que o interlocutor perceba que outras pessoas também fazem parte desse grupo.

Ainda no caso anterior, temos a construção “*estas organizaciones*” que se refere a algo que poderíamos definir como “*este tipo de organização*”, ou seja, aqui também constatamos o emprego de um demonstrativo mais genérico, já que se refere a uma classe de “*organizaciones*” como a descrita na fala dessa ouvinte.

Assim como observávamos em PB, os demonstrativos de terceira série em E participam algumas vezes na construção de certos referentes que dizem respeito mais a uma classe do que a um elemento específico. Vejamos dois casos do *corpus* para que possamos observar o emprego da terceira série dos demonstrativos no tipo de construção que estamos analisando neste momento da pesquisa.

CASO 3

[...] estaba escuchando el tema **este** de Maradona... Maradona es como somos todos... acá parece ser... que **aquellos** que tienen la... la... que reciben la varita mágica para ser personalidades [...] ¿qué era más difícil? ¿ser Maradona de Villa Fiorito o ser Maradona de hoy? yo creo que es **esa** la cuestión [...]

(E.39 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:24)

CASO 4

A vos decís... Horacio... que a partir de El Secreto... por ejemplo... Ley de la Atracción... ¿tu vida cambió?
O sí... te digo que sí... seguro... primero... dejé de tener la bronca... justificada o no justificada... contra **aquellas** personas que me agredían... primero... ¿por qué? porque yo digo bueno que (hagan) su vida... que a mí me interesa la mía [...]

(E.42 – Radio Mitre 13/04/10 – 21:54)

Assim como temos nos casos estudados em PB, em E encontramos casos nos quais a terceira série na construção “*demonstrativo + substantivo + que*” ou “*demonstrativo + que + verbo*” participa na construção de expressões com referentes menos definidos. Comparemos dois enunciados dos casos expostos anteriormente: “*aquellas personas que me agredían*” e “*aquellos que tienen la... que reciben la*”.

Retomando o que afirmávamos sobre os casos estudados em PB, parece aqui tratar-se de, como afirma Fernández Ramírez (1987), construções que tipificam uma classe: “*aquellos que*” é um grupo de pessoas especificado por “*reciben la varita mágica*”, dentro do qual está Maradona, ou seja, poderíamos dizer que, de certa forma, “*aquellos que reciben la varita mágica*” retoma anaforicamente Maradona.

De qualquer forma, mesmo havendo uma explicação ou uma especificação, há a identificação de um referente menos definido, já que não se sabe quais seriam as pessoas que “*reciben la varita mágica*” além do exemplo dado com Maradona, embora possamos deduzir que se trata das pessoas que tiveram sorte, fama ou algo que as fez destacar-se, trata-se, portanto, de quaisquer pessoas dentro desse grupo.

Outro dado que temos sobre as pessoas às quais se refere o enunciador é que ele não se inclui, já que haveria, em E, a possibilidade de inclusão do enunciador, com a expressão “*aquellos que **recibimos** la varita mágica*”. No caso original, por mais que se trate da construção de uma referência menos específica, já sabemos que se trata de um grupo que incluiria Maradona e que excluiria o enunciador.

Já no caso de “*aquellas personas que me agredían*”, há um referente mais definido, que mesmo estando presente somente na memória do enunciador, é definido por ele: são as pessoas que em algum momento o agrediam. Nesse caso, não é que o enunciador pressupõe que o interlocutor saiba de quem se trata, mas sim que tal informação não interessa para a construção do referente, o que importa é saber que alguém o agredia.

Se pensássemos na mesma expressão com um definido, teríamos: “*dejé de tener la bronca... justificada o no justificada... contra **las** personas que me agredían*” parece haver um maior distanciamento. Talvez fosse uma expressão empregada num contexto no qual essas pessoas houvessem sido citadas, e, nesse caso, parece ser que a construção com o demonstrativo destacaria a subjetividade do enunciador, que poderia ser considerada também como uma tentativa de aproximação com o interlocutor, que, por mais que não saiba de quem se trata, é convidado a fazer parte do mundo do enunciador.

Passemos a outro caso do *corpus* no qual seguiremos observando construções com referências menos específicas a partir do emprego, neste caso, de um demonstrativo de primeira série:

CASO 5

[...] los jubilados estamos amenazados... (a ser ya) reiteradamente estafados... pero del todo... entonces yo... lo único que pido... es a los señores jubilados... que traten de mantener su... su posición como tal frente a la sociedad y que traten en lo posible... de que nos paguen con el dinero que nos tienen que pagar... no con dinero trucho... para captar a todas *estas* personas sin vergüenzas que no hacen más que devorar nuestros intereses y nuestro dinero que hemos ganado con todo el sacrificio de tantos años de trabajo... para *eso*... para destruir a toda *esta* toda *esta* sociedad inmunda que tenemos lo único que sirve es la muerte... entonces yo... creo... que hay que ir armados al banco... que los jubilados tenemos que ir armados al banco... pues cuando un cajero no pague con dinero falso... pegarle un tiro... es de la única manera que vamos a terminar con la corrupción... terminado con los corruptos... si no... *esto* no se termina más... no es posible... que un pobre jubilado tenga que esperar para ir a cobrar la miseria que cobra para que encima se la de con dinero que es totalmente falso... *esto* está pasando en bancos importantes... yo le pediría al señor (Piano) que diga como entra *ese* dinero falso en el banco... por que por un agujerito no entra... ¿eh? son muchos millones los que entran de dinero falso... entonces *eso* es yo lo que quiero hablar [...]

(E.40 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:28)

O tema era o dinheiro falso com o qual os aposentados estavam sendo pagos. Porém, a revolta passa a ser contra a sociedade de um modo mais geral, e, em determinado momento, a frase “*para captar a todas estas personas sin vergüenzas que no hacen más que devorar nuestros intereses y nuestro dinero*” constrói um referente mais genérico, já que o demonstrativo “*esta*” antecede o substantivo “*gente*” e formam uma expressão que não tem um referente tratado como específico.

No caso de “*toda esta sociedad inmunda*” temos um referente mais definido por se tratar de um demonstrativo de primeira série acompanhando a palavra sociedade, que, por sua vez, faz referência a um grupo de fácil identificação no discurso: é a sociedade na qual o enunciador está inserido, caracterizando um emprego do demonstrativo com função dêitica. Vejamos outro caso:

CASO 6

a ver... pues mira... yo te cuento... yo soy farmacéutico... yo hubiera querido estudiar medicina... lo que pasa es que bueno... con *estas* cosas de las notas [...] te encuentras que las posibilidades cuando terminas la carrera farmacia... pues *eso*... trabajar en una oficina de farmacia o entrar en la industria farmacéutica [...] para que te concedan una licencia pues *eso*... tienes que llevar años trabajando en una farmacia [...] los que podemos estar trabajando muchos años... no podemos acceder a *eso* [...] estuve siete meses en paro... *esos* siete meses en paro sin cobrar desempleo [...] tengo treinta y dos años... casi no tengo experiencia en nada porque no hay manera de conseguir experiencia para luego conseguir algo.... *esto* está muy difícil [...]

(E.95 – Radio Onda Cero 05/10/10– 10:25)

No caso 6, na sentença “*con estas cosas de las notas*”, aparece pela primeira vez o substantivo “*notas*”, que mesmo assim parece ser apresentado como identificável pelo interlocutor e é apresentado como algo conhecido. Gary-Prieur e Noailly (2010) afirmam sobre os casos examinados em seu texto que:

“a tarefa interpretativa do leitor é, contudo, facilitada, em todos os casos que examinamos, pela presença, ao lado do demonstrativo, de um nome cujo sentido lexical permite ao menos construir uma referência virtual.” P.245.

Nos casos analisados poderíamos pensar que as frases precedentes preparam para o aparecimento do GN demonstrativo, já que o interlocutor não se choca com o aparecimento de um demonstrativo. Sobre isso, as autoras fazem a seguinte afirmação: “*mas se tal raciocínio ajuda a compreender a presença do nome que figura no GN demonstrativo, ele não permite identificar o referente desse GN.*” P.233.

Poderíamos pensar, a partir disso, que o ouvinte da rádio começa dizendo que queria estudar medicina, o que já coloca o interlocutor num campo semântico relacionado a estudos. Na sequência, há a menção às notas, que é algo que se insere neste contexto e, o próprio substantivo “*notas*” leva o interlocutor a entender que o problema são as notas altas que se exigem para ingressar na carreira de medicina. Contudo, “*estas cosas de las notas*” não constrói um referente específico para a palavra “*coisas*” que é antecedida pelo demonstrativo. Observemos mais um caso:

CASO 7

[...] además el banco de alimentos tiene un problema adicional... antes contaba básicamente con excedentes de grandes superficies... supermercados... la crisis () cada día (estos) supermercados y grandes superficies (aquilatan) más sus pedidos... y ya no tenemos ese excedente que era lo de los cuatro días antes de que caducara el producto [...] hay que buscar a la gente... que lo necesita porque de alguna manera... o sea... se avergüenza de algo de lo que no es culpable... hay que enterarse de buscar dónde está esa persona... esa familia que está necesitando [...] y ahora... y voy a aprovechar esto... porque está en relación directa a caritas y el banco de alimentos precisamente (Marbella) que de alguna manera parece una ciudad frívola y que no lo es en absoluto... tenemos este fin de semana un bazar... a favor enteramente de caritas que se nutre la generosidad de esta ciudad que es maravillosa [...]

Temos a expressão “*dónde está esta persona... esa familia que está necesitando*”, que faz referência a qualquer pessoa que possa estar precisando de ajuda, ou seja, os demonstrativos “*esta*” e “*esa*” participam, aqui também, de uma construção menos específica, já que pretende referir-se a qualquer pessoa “*que está necesitando*”. Observemos o último caso que queremos comentar:

CASO 8

*[...] yo agradezco que puedas tocar **este** tema [...] tuvimos una denuncia... entre comillas... de una vecina de donde nosotros estamos que... bueno... pues que **esa** persona tenía [...] yo pediría por favor... me parece muy bien la labor... hoy martes concretamente somos nueve personas... voluntarias las que nos ponemos a repartir alimentos en la asociación donde estamos... por no hacer publicidad no la digo... pero que yo pido por favor que **esto** se extreme mucho la información [...] yo pido desde mi humilde voz que por favor **esto** se esté vigilando [...] pero hay veces nos enfadamos nosotros mismos... los voluntarios... diciendo ¿cómo **esta** persona puede venir a por alimentos? [...]*

(E.131 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:51)

Assim como no caso 7, aqui temos uma expressão que é menos específica, mesmo construindo-se com um demonstrativo. O enunciado “*¿cómo esta persona puede venir a por alimentos?*” não se refere a alguma pessoa que já foi citada anteriormente, mas sim a qualquer pessoa que não precise de ajuda e que mesmo assim vá até o banco de alimentos.

c. Os demonstrativos em português e espanhol em construções com diferentes graus de definição – uma reflexão comparativa

Feitas as análises de casos selecionados do PB e do E, passemos a algumas comparações entre as duas línguas partindo das reflexões teóricas traçadas e das diferenças e semelhanças encontradas no emprego dos demonstrativos nesses casos nos quais há um efeito de maior indefinição da expressão.

Não há em PB nenhum caso no qual um demonstrativo de primeira série participe de uma construção que poderíamos identificar como mais indefinida, enquanto em espanhol é

fácil localizar, no *corpus*, construções desse tipo que contém demonstrativos de primeira série. É claro que devemos levar em conta que empregos de primeira série em todo o *corpus* do PB são escassos, partiremos desse ponto para começar a traçar uma reflexão comparativa sobre essas duas línguas.

Em PB, comentávamos o caso do enunciado “*acho que o policial tem que ganhar mais do que esses políticos que não fazem nada*”, no qual o demonstrativo empregado é o de segunda série. Já em E, observávamos o seguinte enunciado:

*[...] para captar a todas **estas** personas sin vergüenzas que no hacen más que devorar nuestros intereses y nuestro dinero que hemos ganado con todo el sacrificio de tantos años de trabajo [...]*

(E.40 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:28)

O que percebemos no caso anterior é que há um uso do demonstrativo de primeira série participando de uma expressão que tem valor mais indefinido, o que em PB é construído com a segunda série. Na verdade, esta constatação sobre as expressões mais indefinidas do nosso *corpus* também reforça os resultados que apresentávamos no segundo capítulo, no qual afirmávamos a existência de uma neutralização entre a primeira e a segunda série dos demonstrativos em PB, com uma preferência para o emprego da segunda, conforme podemos observar também nesta parte do *corpus*.

Em PB, também comentávamos a ocorrência de um enunciado comum nessa língua composto pelos demonstrativos neutros de segunda e terceira série postos lado a lado, como em “*se houve **isso** se houve **aquilo***”, enunciado que transmite a ideia de indefinição do referente no sentido de que trata de generalizar, de dizer que *isso* e *aquilo* se referem a qualquer coisa.

Não encontramos no nosso *corpus* em E uma expressão equivalente, porém, parece-nos que em E essa mesma construção se daria com as formas neutras da primeira e da terceira série, evidenciando, mais uma vez, a preferência do E pela primeira série nesse tipo de expressão.

Em uma busca simples no site de buscas www.google.com, encontramos 1,610,000 resultados quando digitamos, entre aspas, a expressão “*esto o aquello*”, enquanto

encontramos 106,000 ocorrências quando digitamos a expressão “*eso o aquello*”. De qualquer forma, a expressão “*eso o aquello*” é muito comum em sites traduzidos, enquanto “*esto o aquello*” é uma expressão mais comum em todos os tipos de sites.

Sobre a afirmação que fazíamos anteriormente a respeito da referência construída pela expressão “*isso ou aquilo*” em PB, vejamos uma observação de Neves (2007):

“A ambiguidade de certas descrições indefinidas não provém de haver ou não haver referente no mundo real, mas de o falante ter ou não ter um indivíduo particular em mente. E, desse modo, a intenção que o falante tem de referir-se a algum indivíduo é um componente importante na compreensão da referencialidade que envolve o universo discursivo, nascido de uma negociação entre os interlocutores para estabelecimento das entidades que nele devem existir” p. 244

É algo dessa ordem que nos parece ocorrer no caso estudado anteriormente, o enunciado não apresenta uma diferenciação pontual dos fatos relatados e, por isso, constrói uma expressão mais indefinida, que se refere a tais fatos de uma maneira imprecisa. Tal fenômeno também parece ocorrer no caso de enunciados como:

*[...] que **aque**llos que tienen la... la... que reciben la varita mágica para ser personalidades [...]*

(E.39 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:24)

Parece-nos que o ponto de comparação mais produtivo entre as duas línguas no que se refere ao estudado neste terceiro capítulo diz respeito propriamente ao emprego da primeira série em E, que não ocorre em PB. Retomemos, para ilustrar o que afirmamos, mais dois casos, em E, de construções com a primeira série:

*[...] no quiero nada de nada de **estos** socialistas porque es la ruína [...]*

(E.81 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:25)

*[...] con **estas** cosas de las notas [...]*

(E.95 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:25)

Nas duas línguas encontramos construções nas quais os demonstrativos participam contribuindo para um efeito de maior indefinição do sintagma nominal que determinam. Pudemos constatar alguma diferença, pensando na opção pela primeira série em E em muitos casos como os que apresentamos neste capítulo e nos efeitos causados por tais construções. As reflexões comparativas apresentadas aqui pretendem ser o começo de um estudo sobre esses casos, porém acreditamos que ainda há muito para ser observado sobre estas formas.

iv. Algumas conclusões

A partir da observação dos casos expostos e das reflexões traçadas sobre eles, ficamos com a pergunta, que também foi feita por GARY-PRIEUR e NOAILLY (2010): *“qual o efeito desses GN demonstrativos?”* p.238. As autoras se referiam a demonstrativos como os que estudamos neste terceiro capítulo, que não participam na construção de expressões com referentes tão definidos.

GARY-PRIEUR e NOAILLY (2010) concluem seu texto com dois pontos de vista sobre a questão do emprego dos demonstrativos insólitos:

“podemos atribuir a esses demonstrativos uma função conativa, para retomar a noção de Jakobson, quer dizer, uma orientação do discurso para o destinatário: empregando um demonstrativo quando o leitor não é capaz de identificar o referente, o autor convida o leitor a partilhar seu universo (...) ou, então, quase ao contrário, podemos perceber mais esses demonstrativos como uma maneira irônica que o autor utiliza para enviar o leitor ao exterior do universo que seu texto faz aceder à existência. Não dando ao leitor os meios nos quais legitimamente ele tem o direito de confiar para poder construir o objeto de referência, o autor, de qualquer maneira, mantém à distância, o próprio leitor, e mantém fechado o acesso ao seu mundo interior.” P. 246

Observamos em alguns casos que estudamos neste capítulo, e também nos casos da terceira série em PB estudados no capítulo II, que de fato, como afirmam as autoras, há muitas vezes, no emprego do demonstrativo, a intenção de convidar o interlocutor para fazer parte do universo do enunciador.

Ao mesmo tempo, o emprego de um demonstrativo para o qual é difícil encontrar um referente direto pode ter o efeito de distância em alguns casos, como se não interessasse a construção de uma referência a partir de um demonstrativo, como comentávamos com as

perguntas que expusemos na seção de reflexões teóricas e que agora, depois das análises, retomamos: “*o interlocutor consegue entender a construção da referência?*”, que depois reformulamos para “*o interlocutor precisa construir uma referência nesses casos?*”, ou ainda: “*que tipo de referência constrói o interlocutor neste caso?*”

Parece-nos que de todas as análises que fizemos neste capítulo nos interessa deixar claro que nem sempre construções das quais participam os demonstrativos são construções puramente referenciais nas quais é imprescindível localizar um referente para o demonstrativo, mas sim que os demonstrativos são formas às quais podemos atribuir diversas funções no universo do discurso.

Em todos os casos analisados não há problema para a compreensão da referência, e, muitas vezes, não há, inclusive, a necessidade de que se construa uma referência definida para a expressão que contém o demonstrativo, o que nos mostra a flexibilidade dessas formas.

V. CONCLUSÃO

Traçadas as reflexões que pretendíamos com esta dissertação nos três capítulos que a compõem, queremos concluir este trabalho esclarecendo, primeiramente, que ainda há muito para ser estudado no que diz respeito aos demonstrativos em PB e E e que esta dissertação pretendeu ser a continuação, posto que há estudos anteriores sobre o tema, de uma reflexão que também pode contribuir com os estudos que seguirão sobre essas formas. Concluiremos este estudo retomando o percurso da pesquisa, os resultados obtidos, as principais constatações sobre os diversos empregos dos demonstrativos no nosso *corpus*, e nos permitiremos traçar, enfim, as últimas conclusões deste trabalho.

Nosso estudo foi motivado pela observação de que a distribuição das séries dos demonstrativos (que seria similar em PB e em E) apresenta um funcionamento diferente nessas duas línguas. A nossa hipótese inicial era de que haveria uma neutralização nos usos da primeira e da segunda série em PB e dos usos da segunda e da terceira série em E, com preferência pelo emprego da segunda série em ambas as línguas, assim, em E, acreditávamos que a terceira série estaria sendo substituída, em muitos contextos, pela segunda; já em PB, a primeira série seria a que estaria se perdendo por ser substituída pela segunda.

Nossa hipótese inicial se confirmou com os resultados obtidos a partir da constituição e observação do *corpus* que compusemos totalizando 1000 demonstrativos, sendo 500 do PB e 500 do E. Como não encontramos pesquisas quantitativas que dessem conta dos empregos dos demonstrativos no discurso oral nessas duas línguas comparando-as, destacamos a importância de trabalhar numa pesquisa que também fosse quantitativa e, por isso, contabilizamos todos os empregos de demonstrativos encontrados no *corpus*, conforme exposto no capítulo II e que retomamos brevemente a seguir.

Em PB, encontramos 8 demonstrativos de primeira série, 405 de segunda e 87 de terceira; enquanto em E tivemos 203 demonstrativos de primeira série, 273 de segunda e 24 da terceira série. Com os resultados, comprovamos nossa hipótese inicial de que a segunda série viria ocupando um interessante espaço no paradigma dos demonstrativos nas duas línguas, já que a forma de segunda série pode ocupar espaços nos quais se esperaria *este* em PB e *aquel* em E.

Também observamos que, quanto ao estudo da variação em E, nossa pesquisa mostra também a tendência à absorção de funções da terceira série pela segunda e que um uso limitado da terceira série também se manifesta na Espanha. Parece-nos importante destacar esta observação sobre o funcionamento dos demonstrativos em E, já que, como pudemos observar no levantamento da bibliografia, tende a ser divulgada a ideia de que se trata de um fenômeno de um espanhol que é caracterizado como "americano".

Para analisar os casos a partir dos resultados obtidos, apoiamo-nos em estudos enunciativos, como Benveniste (1985) e outros autores que também consideravam o enunciado como ponto de partida para o estudo do funcionamento de certas formas linguísticas, como os demonstrativos.

Partindo, portanto, dos resultados obtidos e de todas as reflexões teóricas que já haviam sido feitas no capítulo I, pudemos selecionar e analisar diversos casos dos demonstrativos que nos pareciam interessantes por ilustrar as muitas possibilidades de empregos dos demonstrativos nos diferentes contextos. Escolhemos, para isso, focalizar o que aparecia como menos frequente. Feitas as análises dos casos, pudemos passar para algumas conclusões a respeito do nosso *corpus*, que retomamos a seguir.

Há maior ocorrência dos demonstrativos de segunda série nas duas línguas estudadas. Isso se dá porque a segunda série vem ocupando espaços que, se considerássemos uma possível relação das pessoas do discurso com as séries dos demonstrativos, esperaríamos de outras séries; porém, isso se dá de forma diferente nas duas línguas: no PB, *esse* substitui *este*, o que notamos inclusive porque o demonstrativo *este* aparece de forma bastante escassa no *corpus*, enquanto em E a forma *ese* ocupa, em vários casos, o lugar que corresponderia ao demonstrativo *aquel*.

Essa tendência a uma substituição não nos mostra um desaparecimento total de nenhuma das séries, já que em alguns contextos, como nas expressões cristalizadas na língua, os demonstrativos dessas séries com menor ocorrência ainda se mantêm.

Os demonstrativos participam na construção de expressões referenciais. No caso do nosso *corpus*, conseguimos estudar referências anafóricas em maior número, devido a particularidade dos casos coletados que, em se tratando de um discurso oral, não contam com a presença dos participantes num mesmo espaço físico, o que fez com que não fosse comum encontrar tantas referências dêiticas.

Partindo dos empregos que já esperávamos encontrar, acabamos nos deparando com outras construções das quais participam os demonstrativos e que olhávamos como construções mais indefinidas, chegamos, por tanto, ao capítulo III, no qual pudemos constatar, a partir da análise de casos selecionados, que os demonstrativos, além dos empregos mencionados nos capítulos I e II, são capazes de participar de construções mais indefinidas.

Com esta pesquisa esperamos ter contribuído com um *corpus* de língua oral que conta com diferentes empregos dos demonstrativos, podendo inclusive ser usado em estudos futuros sobre o tema. Também esperamos ter contribuído com reflexões sobre os demonstrativos que comparam o PB e o E e que podem também ser pensadas do ponto de vista do ensino/aprendizagem de língua estrangeira entre estudantes que tem uma dessas línguas como nativa e a outra como estrangeira já que, a partir dessas formas, pensamos nos diferentes modos de criar referências.

Entendemos alguns empregos do demonstrativos como formas que participavam na construção de uma referência que conseguia trazer o interlocutor para a construção de um pressuposto ou de um valor determinado no mundo construído no discurso e, por isso, terminamos este trabalho, no capítulo III, com o que pretendeu ser o começo de uma reflexão sobre os demonstrativos nesse tipo de construção. Esperamos, com o último capítulo, termos sido capazes de expressar uma interrogação que nos surgiu ao analisar os casos e começar uma reflexão sobre este tema que, como toda a reflexão sobre os demonstrativos, ainda pode ser muito explorado.

Acreditamos que este estudo mostra a produtividade do referencial teórico utilizado, reafirmando a necessidade de manejar determinadas categorias semânticas como *definição* e *indefinição*, *generalidade* e *especificidade* como categorias que devem ser pensadas a partir dos graus de algo que se representa na enunciação.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCOS LLORACH, Emilio. Los demostrativos en español. In: *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Editorial Gredos, 1994, pp.287-306.

APOTHÉLOZ, Denis e CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 131-176.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000, pp. 57-77.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BENVENISTE, Émile. El aparato formal de La enunciación. In: *Problemas de lingüística general II*. México: Siglo veintiuno editores, 1985, pp. 82-91.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989, pp.81- 90.

_____. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 2005, pp. 277-283.

BOSQUE, Ignacio. Los demostrativos. In: *Nueva Gramática de la lengua española. Volumen I*. Madrid: Espasa, 2009, pp. 1269-1335.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice. Tradução e Organização de Sebastião Uchoa Leite*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1980.

CASTILHO, Ataliba T. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.) *Gramática do português falado. Vol. III. As abordagens*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, pp. 119-138.

_____. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Vol II*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008

_____. *Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: contexto, 2010.

CELADA, María Teresa. *Estructura y cristalización. Acerca de la productividad de ciertas formas lingüísticas del portugués brasileño en los procesos de homogeneización ideológica*. In.: CONGRESO INTERNACIONAL ALFAL, 2006, Monterrey. CD Rom con los trabajos del XIV CONGRESO INTERNACIONAL ALFAL. Santiago do Chile: ALFAL, 2006. pp. 1-6.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1973.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DE KOCK, Josse. *Gramática española: enseñanza e investigación*. Salamanca: Ed. Univ. de Salamanca, 1997

DONNELLAN, Keith S. Reference and Definite description. In: *Readings in the philosophy of language*. Edited by LUDLOW, Peter. 1957, pp. 361-381.

DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit, Traduc. De Irene Agoff de 1984, *El decir y lo dicho: Polifonía de la enunciación*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1984.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

EGUREN, Luis. (1999) Pronombres y adverbios demostrativos. Las relaciones deícticas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V.: *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol.1. Madrid: Espasa. pp. 929-972.

FANJUL. Adrián P. Ese día, esse dia; no siempre el mismo día. Demostrativos y referencia en español y portugués. In: *Hispanismo*. 2006, pp.168-172.

FERNÁNDEZ RAMÍREZ, Salvador. *Gramática española, 3.2, El pronombre*. 2ª ed. Madrid: Arco Libros, 1987.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Os pronomes demonstrativos: história e uso no português falado culto no Brasil. In: PRETI, Dino. *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011, pp.133-155.

GARCÍA NEGRONI, M.M. y TORDESILLAS, M. *La enunciación en la lengua. De la deixis a la polifonía*. Madrid: Gredos, 2001.

GARY-PRIEUR, Marie-Noelle e NOAILLY, Michele. Demonstrativos insólitos. In: *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2010, pp.229-249.

GONZALEZ, N. T. M. . *Genericidad vs. Especificidad: estudio contrastivo de algunos enunciados en portugués brasileño y en español*. In: CONGRESO INTERNACIONAL ALFAL, 2006, Monterrey. CD Rom con los trabajos del XIV CONGRESO INTERNACIONAL ALFAL. Santiago do Chile : ALFAL, 2006. pp. 1-10.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) *História e sentido na Linguagem*. Campinas: Pontes, 1989, pp.71-79.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. Reference. In: *Cohesion in English*. Longman, 1976, pp.31-87.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente. A língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

KANY, Charles. *Sintaxis Hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 1969.

KOCK, Ingedore G. V. *Introdução à linguística textual. Trajetória e grandes temas*. Martins Fontes: São Paulo, 2004.

LEONETTI, Manuel. Los demostrativos. In: *Los determinantes*. Madrid: Arco Libros, 1999. pp.69-83

_____. El artículo indefinido. In: BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2000, pp.787-890.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, Dino (org). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000, pp. 191-240.

_____. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. pp.53-101.

NEVES, Maria Helena de Moura. A Referência e sua expressão. In: *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP, Campinas: Pontes Editores, 2007, pp.241-277.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2012.

RUSSELL, Bertrand. Sobre el denotar. In: *Thomas Moro Simpson (comp.), Semántica filosófica: problemas y discusiones*, Madrid: Siglo XXI, 1973, Pp. 29-48.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SILVA NETO, Serafim. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

STRAWSON, P. F. *On referring*. *Mind*, New series, vol.59, nº235. (jul.1950), pp.320-344.

VII. ANEXO – CORPUS

Alguns símbolos usados nas transcrições e seu respectivo significado:

... pausa

[sobreposição de vozes

() palavras que temos dúvidas ou que não foi possível entender na gravação.

[...] pausas durante a transcrição. Quando há este símbolo significa que algo da gravação não foi transcrito dada à extensão de algumas intervenções de ouvintes, selecionamos os trechos que contem os demonstrativos e o contexto necessário para entendê-los. De qualquer forma, aclaramos que o CD anexo a esta dissertação têm as gravações completas de cada intervenção.

Cada um dos itens a seguir corresponde à gravação completa de uma intervenção de ouvinte, porém só transcrevemos os trechos nos quais há o emprego de pelo menos um demonstrativo, indicamos entre parênteses quais são esses trechos. A denominação “P” corresponde às transcrições de rádios do português do Brasil e “E” às transcrições em espanhol. As gravações estão no CD com as mesmas denominações usadas na lista a seguir.

PORTUGUÊS

- P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16** (00:00 – 00:29; 00:45 – 00:51; 01:01 – 01:32; 02:18 – 02:37; 02:56 – 03:04)
P.02 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:47 (00:00 – 00:41)
P.03 – Rádio Capital 14/12/09 – 12:07 (00:00 – 00:21)
P.04 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:30 (00:00 – 00:35)
P.05 – Rádio Capital 05/01/10 – 11:37 (00:05 – 00:16; 01:00 – 01:03; 01:23 – 01:25; 02:09 – 02:13)
P.06 – Rádio Capital 05/01/10 – 12:15 (00:31 – 00:52)
P.07 – Rádio Capital 07/01/10 – 11:57 (00:29 – 01:06; 01:36 – 01:52)
P.08 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:00 (00:10 – 00:36)
P.09 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:04 (00:13 – 00:16; 00:47 – 01:00; 00:19 – 01:44; 01:49 – 01:51)
P.10 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:48 (00:16 – 00:34)
P.11 – Rádio Capital 08/01/10 – 12:17 (00:00 – 00:40)
P.12 – Rádio Capital 08/01/10 – 12:50 (00:06 – 00:54)
P.13 – Rádio Capital 08/01/10 – 12:50 (00:00 – 00:08; 00:16 – 00:28)
P.14 – Rádio Capital 20/01/10 – 12:34 (00:05 – 00:26; 00:41 – 00:47; 01:02 – 01:07; 01:28 – 01:34)
P.15 – Rádio Capital 20/01/10 – 13:00 (00:19 – 00:26; 00:51 – 01:09; 01:28 – 01:37; 02:06 – 02:15)
P.16 – Rádio Capital 21/01/10 – 11:32 (00:16 – 00:49; 01:40 – 01:56)
P.17 – Rádio Capital 21/01/10 – 11:58 (00:09 – 00:11; 01:32 – 01:38)
P.18 – Rádio Capital 22/01/10 – 11:56 (00:27 – 00:54)
P.19 – Rádio Capital 25/01/10 – 11:32 (00:15 – 00:29; 00:37 – 00:46; 00:57 – 01:03)
P.20 – Rádio Capital 25/01/10 – 12:36 (00:03 – 00:13; 00:21 – 00:29; 00:45 – 00:52; 01:01 – 01:10)
P.21 – Rádio Capital 26/01/10 – 12:55 (00:29 – 01:08)
P.22 – Rádio Capital 19/01/10 – 11:35 (00:17 – 00:25; 01:05 – 01:16)
P.23 – Rádio Capital 19/01/10 – 11:58 (00:17 – 00:39; 00:54 – 00:57; 01:15 – 01:24)
P.24 – Rádio Capital 23/06/10 – 11:28 (00:15 – 00:34; 00:41 – 00:49)

P.25 – Rádio Capital 23/06/10 – 11:32 (00:42 – 00:48; 00:53-01:08; 01:30 – 01:33; 01:49 – 02:03; 02:07 – 02:13)
P.26 – Rádio Capital 25/03/10 – 11:21 (00:20 – 00:27; 00:47 – 00:56)
P.27 – Rádio Capital 25/03/10 – 12:01 (00:00 – 00:29; 00:32 – 00:51; 00:59 – 01:02; 01:30 – 01:48; 01:59 – 02:06; 02:22 – 02:35)
P.28 – Rádio Capital 30/03/10 – 11:29 (00:02 – 00:09; 00:26 – 00:37; 00:40 – 00:44; 01:17 – 01:20)
P.29 – Rádio Capital 30/03/10 – 11:55 (00:17 – 00:29; 00:46 – 00:51; 01:40 – 02:17; 02:35 – 02:56)
P.30 – Rádio Capital 31/03/10 – 11:23 (00:02 – 00:08)
P.31 – Rádio Capital 31/03/10 – 11:45 (02:00 – 02:30)
P.32 – Rádio Capital 01/04/10 – 11:46 (00:14 – 00:33)
P.33 – Rádio Capital 01/04/10 – 12:20 (00:39 – 00:47)
P.34 – Rádio Capital 22/06/10 – 11:48 (00:58 – 01:14; 01:22 – 01:37)
P.35 – Rádio Capital 22/06/10 – 12:15 (00:00 – 00:29; 00:50 – 01:07; 01:23 – 01:27; 01:47 – 02:15)
P.36 – Rádio Capital 22/06/10 – 12:46 (00:00 – 00:08; 00:35 – 01:05)
P.37 – Rádio Capital 30/07/10 – 12:15 (00:06 – 00:15; 00:57 – 00:59; 01:10 – 01:17; 01:43 – 01:46; 02:10 – 02:23)
P.38 – Rádio Capital 30/07/10 – 12:39 (00:05 – 00:18; 00:25 – 00:27; 01:10 – 01:41)
P.39 – Rádio Capital 02/08/10 – 11:52 (00:00 – 00:06)
P.40 – Rádio Capital 03/08/10 – 12:00 (00:07 – 00:10; 00:15 – 00:31)
P.41 – Rádio Capital 05/08/10 – 11:33 (00:08 – 00:11; 01:39 – 01:42; 01:52 – 01:59)
P.42 – Rádio Capital 09/06/10 – 11:25 (00:03 – 00:09; 00:29 – 00:31; 00:50 – 00:55)
P.43 – Rádio Capital 08/06/10 – 11:20 (00:00 – 00:26; 00:32 – 00:47)
P.44 – Rádio Capital 11/06/10 – 11:40 (00:30 – 00:39; 00:58 – 01:20; 01:36 – 01:45; 02:19 – 02:24)
P.45 – Rádio Capital 06/08/10 – 11:35 (00:00 – 00:05; 00:49 – 00:51; 01:14 – 01:31)
P.46 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:07 (00:03 – 00:09; 00:27 – 00:56)
P.47 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:19 (00:00 – 00:05; 00:27 – 00:47)
P.48 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:23 (00:00 – 00:15)
P.49 – Rádio Capital 12/08/10 – 11:28 (00:11 – 00:13; 01:13 – 00:16)
P.50 – Rádio Capital 12/08/10 – 12:00 (00:39 – 00:48)
P.51 – Rádio Capital 12/08/10 – 12:14 (00:17 – 00:20)
P.52 – Rádio Capital 13/08/10 – 12:24 (00:22 – 00:45; 00:50 – 00:56)
P.53 – Rádio Capital 13/08/10 – 12:57 (00:27 – 00:54; 00:57 – 00:59; 01:13 – 01:21)
P.54 – Rádio Capital 18/08/10 – 11:48 (00:39 – 00:47; 01:17 – 01:21; 02:41 – 02:44)
P.55 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:25 (00:00 – 00:27)
P.56 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:33 (00:07 – 00:08; 00:10 – 00:11; 00:20 – 00:33)
P.57 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:45 (00:08 – 00:10; 00:14 – 01:06)
P.58 – Rádio Sociedade 09/11/10 – 08:45 (00:14 – 00:20; 00:32 – 00:42)
P.59 – Rádio Sociedade 12/11/10 – 08:45 (00:08 – 00:38; 01:05 – 01:09)
P.60 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 08:16 (00:00 – 00:06; 00:26 – 00:33; 00:37 – 00:44)
P.61 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 08:18 (00:03 – 00:11)
P.62 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 08:46 (00:25 – 00:37; 00:43 – 01:05; 01:12 – 01:15; 01:20 – 01:24)
P.63 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 09:51 (00:00 – 00:14; 00:21 – 00:24)
P.64 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 09:53 (00:12 – 00:16; 00:26 – 00:29; 00:37 – 00:42)
P.65 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:40 (00:03 – 00:10; 00:16 – 00:19; 00:31 – 00:49)
P.66 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:42 (00:00 – 00:16)
P.67 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:43 (00:37 – 00:44; 00:50 – 01:15)
P.68 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:45 (00:00 – 00:18; 01:13 – 01:17)
P.69 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 09:33 (00:20 – 00:34; 00:54 – 01:03)
P.70 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 06:29 (01:22 – 01:26)
P.71 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 06:46 (00:03 – 00:22; 00:44 – 00:47; 01:24 – 01:29)
P.72 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:45 (00:18 – 00:23; 00:50 – 00:52; 01:00 – 01:22; 01:28 – 01:36; 01:56 – 02:01)
P.73 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:47 (00:05 – 00:22; 00:33 – 00:38)
P.74 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:50 (00:02 – 00:19; 01:09 – 01:34)
P.75 – Rádio Sociedade 24/11/10 – 15:12 (01:18 – 01:24; 01:51 – 01:56; 03:13 – 03:19; 03:24 – 03:34)
P.76 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 07:26 (00:06 – 01:02)
P.77 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 08:25 (00:00 – 00:05; 00:18 – 00:36; 00:44 – 00:49)
P.78 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 09:42 (00:37 – 00:39; 00:46 – 00:48; 02:08 – 02:11)
P.79 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 09:51 (00:39 – 00:49)
P.80 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 06:29 (00:01 – 00:07; 00:36 – 00:40)

P.81 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 06:42 (00:29 – 00:36)
P.82 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 06:52 (00:03 – 00:16; 00:36 – 00:40)
P.83 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 07:09 (00:48 – 01:17; 01:23 – 01:34; 02:00 – 02:05)
P.84 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 07:27 (00:00 – 00:14; 00:57 – 01:06)
P.85 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 08:28 (00:04 – 00:10; 00:35 – 00:38)
P.86 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 08:30 (00:15 – 00:18; 00:33 – 00:37; 01:07 – 01:10; 01:14 – 01:33; 02:17 – 02:45)
P.87 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 09:42 (00:06 – 00:08; 00:14 – 00:38)
P.88 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 09:51 (01:09 – 01:28)
P.89 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 10: 06 (00:06 – 00:09)
P.90 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 06:41 (01:42 – 01:47; 02:13 – 02:17)
P.91 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 06:44 (00:28 – 00:43; 01:12 – 01:22)
P.92 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 06:58 (02:17 – 02:33)
P.93 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 07:22 (00:17 – 00:26; 00:47 – 00:54; 01:43 – 02:03; 02:13 – 02:15)
P.94 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 09:24 (00:41 – 00:49; 01:16 – 01:26; 01:45 – 01:53; 02:09 – 02:14)
P.95 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 07:14 (00:00 – 00:19; 00:49 – 02:03; 02:50 – 02:59; 03:12 – 03:19; 03:33 – 03:45; 03:46 – 03:59)
P.96 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 08:15 (00:02 – 00:27)
P.97 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 08:26 (00:34 – 00:36; 00:48 – 00:53; 01:13 – 01:30; 01:48 – 01:59)
P.98 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 06:24 (00:15 – 00:21; 00:27 – 00:32; 01:13 – 01:25; 01:41 – 02:04)
P.99 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 06:27 (00:17 – 00:20; 00:42 – 00:46)
P.100 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 06:45 (00:00 – 00:16; 00:52 – 00:59; 01:04 – 01:07)
P.101 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 07:00 (00:29 – 00:32; 00:47 – 00:54)
P.102 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 08:24 (00:04 – 00:11; 00:17 – 00:19)
P.103 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 08:26 (00:11 – 00:18; 00:20 – 00:22; 00:36 – 00:43; 00:47 – 00:50)
P.104 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 06:27 (00:09 – 00:15; 00:42 – 00:50)
P.105 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 06:53 (00:08 – 00:22; 00:49 – 01:08)
P.106 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 07:05 (00:14 – 00:30; 00:35 – 00:44; 00:59 – 01:10; 01:54 – 01:57; 02:23 – 02:28)
P.107 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 07:14 (00:10 – 00:35)
P.108 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 08:52 (00:02 – 00:15)
P.109 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 09:24 (00:19 – 00:26; 01:52 – 01:58; 02:26 – 02:38)
P.110 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:05 (00:00 – 00:24)
P.111 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:24 (00:31 – 00:54; 01:10 – 01:37)
P.112 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:36 (00:00 – 00:23)
P.113 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:47 (00:24 – 00:32)
P.114 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 07:05 (00:04 – 00:08; 00:28 – 00:42)
P.115 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 07:16 (00:04 – 00:26; 00:37 – 00:44; 01:39 – 01:56; 02:45 – 02:52)
P.116 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 07:27 (00:27 – 00:46)
P.117 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 08:22 (00:09 – 00:23)
P.118 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 09:51 (00:34 – 00:48; 01:04 – 01:10)
P.119 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 09:54 (00:08 – 00:10; 00:13 – 00:23; 00:29 – 00:33; 01:12 – 01:22; 01:52 – 02:00)
P.120 – Rádio Sociedade 20/12/10 – 08:08 (00:16 – 00:21; 00:28 – 00:37; 00:42 – 00:51; 01:04 – 01:09; 02:07 – 02:09; 02:21 – 02:25)
P.121 – Rádio Sociedade 20/12/10 – 08:13 (00:23 – 00:54)
P.122 – Rádio Sociedade 20/12/10 – 09:37 (01:14 – 01:22)

ESPANHOL

E.01 – Radio Mitre 21/09/09 – 21:17 (00:00 – 00:10; 01:04 – 02:20; 02:47 – 03:00)
E.02 – Radio Mitre 14/12/09 – 21:25 (00:24 – 00:32; 00:45 – 00:56; 02:32 – 02:38)
E.03 – Radio Mitre 14/12/09 – 21:52 (00:19 – 00:44; 01:12 – 01:23; 01:56 – 02:26)
E.04 – Radio Mitre 14/12/09 – 22:24 (00:03 – 00:08; 00:27 – 01:05; 01:53 – 02:08; 04:24 – 04:33; 05:13 – 05:37)
E.05 – Radio Mitre 11/01/10 – 21:29 (00:00 – 00:32)
E.06 – Radio Mitre 28/01/10 – 21:55 (00:00 – 00:32)
E.07 – Radio Mitre 28/01/10 – 21:57 (00:00 – 00:11)
E.08 – Radio Mitre 28/01/10 – 22:00 (02:27 – 03:10; 03:34 – 03:45; 04:25 – 04:40)

E.09 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:36 (02:23 – 02:39; 02:49 – 03:23)
E.10 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:49 (02:35 – 02:54)
E.11 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:56 (03:11 – 03:55)
E.12 – Radio Mitre 26/01/10 – 19:46 (00:02 – 00:06; 00:11 – 00:18; 00:27 – 00:45)
E.13 – Radio Mitre 26/01/10 – 21:27 (00:37 – 00:52; 01:54 – 02:16)
E.14 – Radio Mitre 26/01/10 – 21:50 (00:05 – 00:20; 00:46 – 00:52)
E.15 – Radio Mitre 28/01/10 – 22:04 (00:03 – 00:38)
E.16 – Radio Mitre 25/01/10 – 21:33 (00:00 – 00:12)
E.17 – Radio Mitre 25/01/10 – 22:14 (01:00 – 01:37)
E.18 – Radio Mitre 21/01/10 – 22:13 (00:32 – 00:37; 00:57 – 01:03)
E.19 – Radio Mitre 21/01/10 – 22:35 (00:30 – 00:52; 01:09 – 01:32; 01:42 – 01:57; 02:25 – 02:40; 02:56 – 03:10; 03:30 – 03:34)
E.20 – Radio Mitre 18/01/10 – 22:12 (00:00 – 00:13)
E.21 – Radio Mitre 01/02/10 – 22:28 (00:18 – 00:27; 01:29 – 01:52; 03:27 – 03:48)
E.22 – Radio Mitre 24/06/10 – 21:28 (00:04 – 00:11; 00:34 – 00:55; 01:00 – 01:06)
E.23 – Radio Mitre 24/06/10 – 21:40 (00:00 – 00:21)
E.24 – Radio Mitre 24/06/10 – 21:56 (00:00 – 00:04; 00:18 – 00:42)
E.25 – Radio Mitre 24/06/10 – 22:07 (00:08 – 00:14; 00:26 – 00:51)
E.26 – Radio Mitre 24/06/10 – 22:28 (00:00 – 00:07)
E.27 – Radio Mitre 24/06/10 – 22:59 (00:00 – 00:43)
E.28 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:00 (00:54 – 01:04)
E.29 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:16 (00:00 – 00:14; 00:54 – 01:30; 03:43 – 03:50)
E.30 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:36 (00:30 – 00:33)
E.31 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:45 (00:02 – 00:23; 01:25 – 01:43)
E.32 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:50 (00:00 – 00:10; 00:32 – 00:40)
E.33 – Radio Mitre 23/06/10 – 23:52 (00:00 – 00:10; 00:32 – 00:40)
E.34 – Radio Mitre 23/06/10 – 21:42 (00:00 – 00:10; 00:21 – 01:19)
E.35 – Radio Mitre 23/06/10 – 22:03 (00:00 – 00:44)
E.36 – Radio Mitre 23/06/10 – 22:14 (00:00 – 00:16)
E.37 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:17 (00:00 – 00:36)
E.38 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:22 (00:15 – 00:31)
E.39 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:24 (00:00 – 00:17; 00:29 – 00:37)
E.40 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:28 (00:04 – 01:40)
E.41 – Radio Mitre 13/04/10 – 21:23 (00:21 – 00:38; 01:11 – 01:21)
E.42 – Radio Mitre 13/04/10 – 21:54 (00:00 – 00:29; 01:04 – 01:19)
E.43 – Radio Mitre 13/04/10 – 22:06 (00:00 – 00:19)
E.44 – Radio Mitre 13/04/10 – 22:51 (00:03 – 00:49; 01:16 – 01:35; 02:18 – 02:25)
E.45 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:18 (04:14 – 04:34; 05:24 – 05:30)
E.46 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:34 (00:00 – 00:04; 00:30 – 00:34; 00:40 – 00:58)
E.47 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:41 (00:53 – 00:56; 01:33 – 01:46; 02:19 – 02:36)
E.48 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:53 (00:30 – 00:43)
E.49 – Radio Mitre 09/04/10 – 22:37 (00:03 – 00:30; 00:44 – 00:47; 00:57 – 01:03; 01:22 – 01:26)
E.50 – Radio Mitre 05/04/10 – 21:58 (00:05 – 00:20; 01:10 – 01:26; 02:06 – 02:21)
E.51 – Radio Mitre 05/04/10 – 22:05 (00:00 – 00:25)
E.52 – Radio Mitre 05/04/10 – 22:12 (00:08 – 00:13; 00:30 – 01:15; 01:34 – 01:46)
E.53 – Radio Mitre 05/04/10 – 22:55 (00:01 – 00:03; 00:26 – 00:36; 00:38 – 01:08; 01:18 – 01:27; 01:39 – 01:47)
E.54 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:30 (00:31 – 00:54; 02:10 – 02:24)
E.55 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:33 (00:09 – 00:13; 01:39 – 01:49; 02:57 – 03:07; 03:14 – 04:10; 05:58 – 06:09)
E.56 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:40 (01:32 – 01:36; 01:53 – 02:04)
E.57 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:43 (00:34 – 00:50)
E.58 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:56 (00:46 – 01:07; 02:58 – 03:01)
E.59 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:17 (00:06 – 00:09; 00:55 – 01:09)
E.60 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:23 (00:34 – 00:43; 01:57 – 02:08)
E.61 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:25 (00:15 – 00:36)
E.62 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:40 (00:26 – 00:39; 01:12 – 01:51)
E.63 – Radio Mitre 30/08/10 – 22:07 (00:11 – 00:21; 00:58 – 01:03)
E.64 – Radio Mitre 31/08/10 – 21:13 (00:05 – 01:08; 01:22 – 01:28; 01:34 – 01:41; 02:38 – 02:41)
E.65 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:24 (00:05 – 00:20; 00:23 – 00:41)

E.66 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:37 (00:18 – 00:20; 00:30 – 00:56; 01:09 – 01:13; 01:20 – 01:55)
E.67 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:42 (02:02 – 02:12; 02:29 – 02:58; 04:26 – 05:09; 05:50 – 05:56)
E.68 – Radio Mitre 30/09/10 – 21:14 (00:32 – 00:52; 00:59 – 01:16; 02:08 – 02:27)
E.69 – Radio Mitre 30/09/10 – 21:20 (00:13 – 00:33; 00:47 – 01:01; 01:09 – 01:20; 01:42 – 01:54)
E.70 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:16 (00:50 – 00:59)
E.71 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:19 (00:05 – 00:33)
E.72 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:22 (00:00 – 00:23; 00:33 – 00:38)
E.73 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:26 (00:11 – 00:21)
E.74 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:28 (00:11 – 00:15; 00:31 – 00:49; 01:44 – 01:54; 02:10 – 02:13)
E.75 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:31 (00:31 – 00:37)
E.76 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:34 (00:30 – 00:45)
E.77 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:40 (00:15 – 00:29; 01:11 – 01:23)
E.78 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:14 (00:12 – 00:18; 00:48 – 00:53; 01:06 – 01:10; 01:33 – 01:42; 02:08 – 02:21)
E.79 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:18 (00:32 – 00:41)
E.80 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:21 (00:47 – 00:57; 01:04 – 01:22; 01:25 – 01:45; 01:50 – 02:01; 03:01 – 03:24)
E.81 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:25 (00:07 – 00:47)
E.82 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:27 (00:09 – 00:26; 00:33 – 00:45; 00:51 – 01:03; 01:34 – 01:37)
E.83 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:13 (00:04 – 00:39; 00:43 – 00:47)
E.84 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:16 (00:24 – 00:54)
E.85 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:22 (00:04 – 00:09; 00:16 – 00:23; 00:39 – 00:44; 01:16 – 01:21; 01:37 – 01:47; 02:56 – 03:01)
E.86 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:25 (00:11 – 00:32; 00:55 – 01:05; 01:45 – 01:55; 02:29 – 02:39)
E.87 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:29 (00:20 – 00:34; 00:39 – 01:01; 01:05 – 01:07; 01:15 – 01:21)
E.88 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:25 (00:09 – 00:30; 00:57 – 01:25; 01:35 – 02:12; 02:38 – 02:54; 03:06 – 03:09; 03:53 – 03:55)
E.89 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:29 (01:06 – 02:03; 02:43 – 03:04; 03:08 – 03:19; 03:30 – 03:33; 03:58 – 04:07; 04:13 – 04:25)
E.90 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:31 (00:18 – 00:58; 01:30 – 01:39)
E.91 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:34 (01:05 – 01:24; 02:03 – 02:14; 02:29 – 02:42; 02:47 – 02:50; 02:58 – 03:00; 03:16 – 03:23)
E.92 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:52 (00:05 – 00:28; 00:38 – 00:41; 00:46 – 00:49; 01:02 – 01:07; 01:13 – 01:33; 02:02 – 02:14; 02:26 – 02:32; 02:45 – 02:51; 03:49 – 03:56)
E.93 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:54 (00:11 – 00:14; 00:21 – 00:22; 00:39 – 00:46; 01:00 – 01:14)
E.94 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:23 (00:05 – 00:10; 00:19 – 00:27; 00:33 – 00:36)
E.95 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:25 (00:00 – 00:09; 00:24 – 00:33; 00:48 – 00:53; 01:13 – 01:17; 02:08 – 02:12; 02:59 – 03:07)
E.96 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:33 (00:21 – 00:39; 01:09 – 01:20; 01:39 – 01:57; 02:06 – 02:14)
E.97 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:48 (00:07 – 00:10; 00:47 – 01:11; 01:37 – 01:53; 02:11 – 02:15)
E.98 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:56 (00:02 – 00:04; 00:43 – 01:05; 01:19 – 01:28)
E.99 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:25 (00:07 – 00:08; 00:28 – 00:34; 02:28 – 02:34)
E.100 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:29 (00:41 – 00:44; 00:57 – 01:03)
E.101 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:31 (00:05 – 00:08; 00:16 – 00:39)
E.102 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:34 (00:05 – 00:06; 00:13 – 00:20; 00:31 – 00:36; 00:44 – 00:51)
E.103 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:45 (00:12 – 00:48; 01:03 – 01:08)
E.104 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:21 (00:17 – 00:22; 00:32 – 00:40)
E.105 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:24 (00:11 – 00:16)
E.106 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:28 (00:29 – 00:48; 01:44 – 01:51)
E.107 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:32 (00:30 – 00:38)
E.108 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:50 (00:14 – 00:29; 01:56 – 01:58)
E.109 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:54 (00:02 – 00:12; 00:21 – 00:22; 00:29 – 00:43; 00:49 – 00:53; 01:31 – 01:37; 01:46 – 01:49)
E.110 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:57 (00:32 – 00:58)
E.111 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:12 (00:02 – 00:09; 00:12 – 00:16; 00:19 – 00:23; 00:29 – 00:37)
E.112 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:15 (00:02 – 00:17; 00:53 – 01:01)
E.113 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:17 (00:05 – 00:19)
E.114 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:19 (00:06 – 00:09; 00:11 – 00:13; 00:47 – 00:52)
E.115 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:44 (00:17 – 00:30)
E.116 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:54 (00:03 – 00:11; 00:15 – 00:23; 00:52 – 00:56)

E.117 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:56 (00:04 – 00:09; 00:18 – 00:20)
E.118 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:58 (00:03 – 00:15; 00:23 – 00:35; 00:45 – 00:49)
E.119 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:14 (00:22 – 00:27; 00:36 – 00:41)
E.120 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:47 (00:27 – 00:39)
E.121 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:49 (00:02 – 00:21; 00:42 – 00:50; 01:01 – 01:10; 01:23 – 01:30; 01:41 – 01:48)
E.122 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:58 (00:04 – 00:16; 00:19 – 00:25; 00:37 – 00:42)
E.123 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:45 (00:03 – 00:12; 01:32 – 01:54; 02:09 – 02:15)
E.124 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:48 (00:06 – 00:07; 00:11 – 01:54; 02:09 – 02:15)
E.125 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:50 (00:20 – 00:27; 00:40 – 00:45)
E.126 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:57 (00:59 – 01:24; 01:59 – 02:08)
E.127 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:27 (00:00 – 00:06; 00:37 – 00:55; 01:47 – 01:55)
E.128 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:28 (01:04 – 01:24; 01:51 – 02:04; 02:28 – 02:50)
E.129 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:32 (00:17 – 00:27; 00:43 – 00:48; 00:58 – 01:02)
E.130 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:49 (01:16 – 01:23; 01:33 – 01:43)
E.131 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:51 (00:07 – 00:10; 01:27 – 01:34; 02:18 – 02:38; 02:45 – 02:52; 02:56 – 03:06)
E.132 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:56 (00:18 – 00:28)
E.133 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:58 (00:47 – 01:20)
E.134 – Radio Onda Cero 29/11/10 – 10:25 (00:00 – 00:10; 00:57 – 01:04; 01:20 – 01:23; 01:43 – 01:50)
E.135 – Radio Onda Cero 29/11/10 – 10:31 (00:15 – 00:27; 00:43 – 00:49)
E.136 – Radio Onda Cero 29/11/10 – 10:33 (00:41 – 00:50)
E.137 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:21 (00:16 – 00:21; 01:05 – 01:14)
E.138 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:23 (00:20 – 00:23; 00:45 – 00:51)
E.139 – Radio Onda Cero 29/11/10 – 10:25 (00:38 – 00:52)
E.140 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:29 (00:03 – 00:12; 00:35 – 00:42; 01:09 – 01:15)
E.141 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:44 (00:26 – 00:38; 00:53 – 01:07)
E.142 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:46 (00:08 – 00:19)
E.143 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:49 (00:02 – 00:18)
E.144 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:52 (00:02 – 00:18; 00:20 – 00:52; 01:01 – 01:03; 01:11 – 01:29; 01:32 – 01:47)
E.145 – Radio Onda Cero 01/12/10 – 10:57

Transcrições do Português do Brasil

P.01 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:16

O então hoje quando eu peguei o Estadão... sou assinante do Estadão há trinta e um anos... eu li aqui... me deu até uma:: vontade de vomitar... desculpe a expressão... porque:: o senhor Lula diz... é difícil atacar a corrupção porque às vezes o corrupto é o cara que tem a cara mais de anjo... é aquele cara que mais fala contra a corrupção... é aquele cara que mais denuncia porque acha que não vai ser pego... está se auto-retratando né? [...] o que acontece aqui nesse país é que há impunidade... a justiça é... super lenta [...] o caso do mensalão... está lá já desde dois mil e cinco e ninguém foi punido... se houve isso se houve aquilo... não precisa de ouvir mais ninguém... o país inteiro... o mundo inteiro sabe o que aconteceu... o próprio Lula disse... numa entrevista na França... que existe caixa dois... caixa três... não sei o que não sei o que lá... ele admitiu... e ele sabe... ele é uma velha raposa... então isso é preocupante porque a impunidade é que está fazendo esse país ser (solapado) do jeito que está [...] então infelizmente nós estamos desse jeito... hoje pela manhã eu ouvi na Jovem Pan... que a a que foi instalada a CPI do do MST e ouvi aquele:: ... senadorzinho de Sergipe... Almeida Lima... dizer... que não... eu vou tirar férias agora... o negócio vou só para fevereiro [...] entregou a a o galinheiro pras raposas... pros lobos... este país do jeito que está não dá [...]

P.02 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:47

O eu estava doida que vocês comunicassem no rádio... porque olha... eu tenho... dois netos... um neto e uma neta... eles usaram essas pulseiras... aí então a minha neta tem onze anos... o me/ o meu neto tem treze... e a mãe deles... compraram pra eles... mas simples... não sabia... sabe?

A sei... eu sei... éh...

O [ela falou pra mim assim... vó... a professora é tão chata... falou pra gente não usar essa pulseira... e eu olhei assim e pensei assim... é mesmo não tem nada a ver... né? mas eu falei assim... filha... deva ser porque você está colocando muito... não vai pra escola com essas pulseiras não... aí então outro dia eu estava ouvindo... ouvi no programa do Ratinho... quando eu ouvi o significado dessas pulseiras [...]

((debate sobre a questão das pulseiras coloridas, usadas por crianças nas escolas, as pulseiras teriam significados relacionados ao sexo))

P.03 – Rádio Capital 14/12/09 – 12:07

O [...] então... eu quero dizer que aqui em São José dos Campos... também está assim... em vista de São Paulo aqui é um é como se fosse um bairro de São Paulo... né?

A [é... é verdade

O [mas no domingo é aquela paz e::

A domingo é uma paz... ((risos))

O é... aquela paz... parece uma cidadezinha

((discussão sobre a situação do trânsito em São Paulo))

P.04 – Rádio Capital 10/12/09 – 12:30

O minha opinião é a seguinte... eu trabalhei ao lado do Enfarta Madalena... já tem alguns anos... e o Enfarta é um bar jovem... entende? é muito bom inclusive... e eu acho muito legal essa... coisa que estão fazendo para os não-fumantes... eu sou fumante infelizmente... inveterada... uma senhora de sessenta e quatro anos que não tem vergonha... mas eu acho muito bom isso... porque as pessoas não vão querer gastar dez reais ou cinco pra poder ir lá fora fumar né? [...]

((discussão sobre a lei que proíbe fumar em lugares fechados, e como está sendo cumprida por bares e casa noturnas de São Paulo))

P.05 – Rádio Capital 05/01/10 – 11:37

O [...] feliz ano novo pra todos da mesa e que Deus possa nos ajudar esse ano... bastante né?

A está certo

O possa nos dar saúde e paz

A muito bem... Susi

O né? e o que eu tenho a dizer Paulo é... a gente fica muito triste mesmo com isso... eu não consigo mais ver tv [...] olha... eu não queria estar na pele dessa mãe [...] a gente se põe no lugar dessa mãe... desse pai [...] a data mais comemorada de todas é o começo do ano... né? a entrada de ano... então... eu acho que essas pessoas elas estão anestesiadas ainda [...]

((discussão sobre a tragédia de Angra dos Reis, a partir da fala da mãe de uma das vítimas))

P.06 – Rádio Capital 05/01/10 – 12:15

- O [...] o meu marido... ele me ilude há mais de dez anos... ele faz o mesmo jogo... fala... ah essa semana eu vou ganhar...
- A olha só... que danadinho
- O [essa semana eu vou ganhar... e eu aí... tá bom ta bom... ta bom ta bom... e o cara nunca ganha... ele repete os números há dez anos...
- A ((risos)) há dez anos
- O [e eu estou naquela ilusão sabe? um dia eu vou ganhar [...]]
- ((discussão sobre o prêmio de fim de ano da megasena))

P.07 – Rádio Capital 07/01/10 – 11:57

- O [...] a gente grita grita grita... mas os togados lá em cima que detém o poder... eles continuam... aquele juiz que está... né? que foi preso lá... agora ele entrou na justiça pra receber o dinheiro dele que é uma fortuna... então quer dizer... eles continuam com o direito deles... só que esses que têm esses indultos igual esse que fez isso com essa senhora ele também vai ter esse indulto... né?... porque é igual o Silvio Brito falou... o doutor Cascione está aí... a lei favorece a eles... né?... só que foram criadas essas leis... também... não sei se você se recorda também ...na época do Lalau que o bandido não pode ser algemado... mas quem está sendo beneficiado com essas leis? [...] a população precisa acordar pra isso... Paulo... pra observar isso... eu fiquei esperando essa observação de vocês... a do doutor Cascione por isso... por que? eu não sei se você reparou... foi o Lalau ser preso... não... o bandido não pode ser algemado mais... isso correu rapidinho na câmara e foi julgado e foi feito [...]

P.08 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:00

- O [...] eu estou ligando pra te dizer assim que eu me sinto indignada... enojada com tudo isso... entendeu? a minha opinião é a mesma que o Silvio Brito... eu acho que esses bandidos eles têm que ter prisão perpétua... e eles tem que ter trabalho forçado... gente eles precisam trabalhar... precisam trabalhar muito... entendeu? puxa... tem tanta terra pra esses caras cultivar [...]
- ((sobre a situação do sistema judiciário e dos presídios))

P.09 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:04

- O [...] eu queria saber o que o a a população tem contra a época da ditadura [...] porque a maioria do pessoal da minha idade... você está entendendo?... que viveu essa época... você está entendendo? eu não vejo ninguém reclamar da ditadura... você entendeu?... eu vou ser sincero pra você... a gente vivia muito melhor... é que muita gente não viveu essa fase... mais os antigos talvez [...] só que é o seguinte... o povo... não tem condição de chegar e ir pra rua porque pra todo mundo está bem... você entendeu? todo mundo reclama mas ninguém faz nada... eu se não posso sair na rua sozinho... gritando... você está me entendendo? porque eu não vou ter como fazer nada... sozinho eu não vou ter... você entendeu? isso precisa mudar... certo? mas está bom pra quem tem dinheiro... você está entendendo? está bom pra uma série de pessoas aí... você está me entendendo? que não estão se importando com o que está acontecendo com aqueles que não tem condição [...] o que nós estamos vivendo nesse país é uma vergonha [...] o que a gente está vivendo é isso daí e ninguém faz nada... certo? a polícia é... uma grande parte dela é é:: corrupta... você entendeu? e a gente está desse jeito aí do... nessa situação que a gente está vivendo aí.

P.10 – Rádio Capital 07/01/10 – 12:48

- O [...] hoje esse programa está uma coisa maravilhosa... principalmente porque ele nos transportou há tempos vividos... viu Paulo? eu estou com setenta e seis anos e vivi uma... uma boa parte desse tempo do trio de ouro... e essa minissérie da Globo está uma coisa sensacional... como tudo que eles fazem... né? como tudo que eles fazem... né? [...]

P.11 – Rádio Capital 08/01/10 – 12:17

- O a respeito dessa notícia muito triste né? dessa moça Rosana... acontece o seguinte... ela não fez isso sozinha... e outra vez estamos diante desses cultos satânicos... mais uma vez... precisa-se muito observar essas coisas... esses templos... essas coisas aí... porque está acontecendo muito... muito... muitas vezes... então um dia é agulhinha em criança... outro dia é velinha na boca de moça... essas coisas no Brasil precisam ser bem observadas... porque está havendo repetições demais dessas... desses cultos satânicos... e outra coisa... essa moça não fez isso sozinha viu? [...]
- ((o programa discutia o caso do menino que foi encontrado com dezenas de agulhas no corpo))

P.12 – Rádio Capital 08/01/10 – 12:50

- O [...] olha Paulo... muito bonito isso tudo que vocês disseram... para nós que temos consciência do nosso dia a dia... mas eu me pergunto assim... eu não sei alguém viu a cara dele ontem falando... não convenceu nada... mas a cara... me perdoem o termo chulo... de safado que ele fez... quando ele estava pedindo desculpas em público... mas não convenceu... e outra né? ele não... ele convence mais é pegando o dinheiro do que falando né... aquilo lá é... ele convence mesmo só quem... coitado... ele subestimou a nossa inteligência... principalmente do povão né?... com aquela cara assim... ele não sabia... a impressão que dava é que ele estava dando risada [...]

((ouvinte comentando o discurso do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, que pediu perdão pelos seus pecados durante a cerimônia de nomeação de diretores para a rede pública de Taguatinga, no dia 07 de janeiro))

P.13 – Rádio Capital 08/01/10 – 12:50

- O a minha opinião... o:: Paulo Lopes... é que eu conheço essa... essa corja que está lá todinha... eu conheço que eu morei em Brasília cinco anos né? então eu conheço todos eles [...] o pai do Júnior Brunelli... que é aquele que aparece nas imagens orando... aquele barbudão lá
- A sei... aquele que estava chorando
- O isso... aquele é pastor... né? Eu sou evangélico mas eu acho que quando a gente tem que falar... tem que falar a verdade [...]

P.14 – Rádio Capital 20/01/10 – 12:34

- O [...] eu estava ouvindo aí a opinião da... do pessoal da mesa né?
- A sim... sim
- O e assim... realmente eles colocam como padrão aquele:... aquele modelo de mulher magra... né? ou então essas mulheres que freqüentam a academia... e realmente isso é muito péssimo... porque eu por exemplo... tenho uma filha de vinte e três anos... que ela é magérrima [...] ela estava de férias e:: conseguiu engordar só quatro quilos em casa... então ela tem essa dificuldade para engordar [...] só nós sabemos as dificuldades que ela tem com isso... inclusive para comprar roupa [...] você tem esse problema com roupa e assim... o fato que ela mesma não se sente bem magra assim [...]

P.15 – Rádio Capital 20/01/10 – 13:00

- O [...] eu sou aquela pessoa... doutor Cascione... que uma vez eu liguei sobre a polícia... que eu disse que se eu fosse a polícia corria quando chamasse [...] outra coisa... a São Paulo... esse solo bendito... é... parece casa de aluguel... as pessoas moram numa casa... vive ali... alguém fez um esforço pra fazer aquela casa... mas a pessoa diz... eu não vou fazer nada aqui porque a casa não é minha [...] eu não sou daqui... eu nasci em Sergipe e acabei de me criar na agricultura do interior de São Paulo... mas eu nunca fui passear no São João... nem nas festas de fim de ano no Norte... porque aquele dinheiro era pra mim construir uma casa [...] é falta de respeito... de compromisso com o lugar que eles vivem... essas pessoas que diz que voltam... se eles quisessem eles já tinham voltado em condição de viver lá... mas aqui é onde se ganha tudo... esse solo aqui é um solo bendito [...]

P.16 – Rádio Capital 21/01/10 – 11:32

- O [...] quando meu marido se aposentou... meu marido se aposentou sobre dez salários mínimos que ele pagava... hoje ele recebe menos... éh::... um pouquinho mais de cinco salários mínimos... quer dizer que defasou o dinheiro dele... então... quer dizer que a gente tem que viver com aquele mesmo dinheiro... mas apertando o cinto porque... senão... e quanto a esse negócio do cheque pré-datado... é aquela coisa... cheque... cartão... você compra no cheque... no cartão... só que você não prevê um incidente [...]
- A quer dizer que na sua opinião... a coisa não está boa não?
- O é lógico que não... Paulo... não está... não está boa não... é ilusão do Lula falar que está... sabe? e essa porcaria desse filme dele ninguém está vendo porque a pobreza é feia... não é bonita não [...]

P.17 – Rádio Capital 21/01/10 – 11:58

- O [...] eu concordo com tudo isso que meu amigo acabou de falar [...] pois veio a lista... e eu quero entender que material é esse que a minha neta de nove meses vai usar [...]

((discussão sobre o preço do material pedido nas listas de material escolar das crianças))

P.18 – Rádio Capital 22/01/10 – 11:56

- O [...] então eu discordo do Bolan... não está em São Paulo... tudo em São Paulo... tem alternativa realmente no Nordeste
- A que bom... que interessante
- O então eu queria dizer isso porque senão o pessoal pensa que é tudo São Paulo... São Paulo... e se meu marido está vivo realmente é graças a esse doutor que foi indicado pra nós... que é lá do Maranhão...

então meu marido viaja pra lá duas vezes por ano... até essas injeções que hoje custam dois mil e quinhentos reais [...] porque o câncer do meu marido está há doze centímetros do coração... e se há dez anos... se ele não tivesse fazendo esse tratamento lá... e o hospital do câncer de Barretos realmente é excelente [...]

P.19 – Rádio Capital 25/01/10 – 11:32

O [...] eu tenho um filho que vai fazer dois anos agora no mês... em março... eu com dois meses de licença eu voltei a trabalhar... carreguei meu filho por oito meses para o meu serviço que graças a Deus eu tenho uma oportunidade de poder fazer isso [...] se essa lei realmente prevalecer e for boa... tem que ser boa pras mães que são mães... não essas que termina de sair da maternidade e volta pra ter outro filho [...] tem que tomar cuidado com essa lei... tem que dar pra quem realmente precisa [...]

((discussão sobre a lei que prevê o aumento do tempo da licença maternidade))

P.20 – Rádio Capital 25/01/10 – 12:36

O [...] a minha irmã... ela... agora dia quinze ela operou também... e eu estive com ela todo esse tempo [...] então... foi dia quinze isso lá no hospital... na fundação Amaral de Carvalho no Jaú [...] até eu quero mandar um abraço pro doutor Joel... pra todos os funcionários dessa Fundação [...] ela está encarando muito bem... olha... a gente olha na fisionomia do rostinho dela... nem parece que ela passou por esse processo de cirurgia [...]

((discussão sobre as pessoas que lutam contra o câncer, a partir de uma notícia sobre o estado de saúde da apresentadora de televisão Hebe Camargo))

P.21 – Rádio Capital 26/01/10 – 12:55

O [...] eu fui no clínico geral porque eu estava com uns problemas assim... pessoais com um filho meu de dezesseis anos... aí eu expliquei pra ele que eu não estava conseguindo dormir à noite... aí ele virou pra mim com menos de cinco minutos que eu estava na sala... ele falou pra mim que eu estava com crise de depressão e:: falou várias coisas né? e me receitou esse remédio... falou pra mim que ia ser bom... que ia me ajudar... eu tomei esse remédio durante um mês... e ele começou a me emagrecer... mas com uma semana que eu estava tomando ele... ele começou a me tirar o sono... eu bebia muita água... de noite eu ficava igual zumbi... não dormia de jeito nenhum... quando dava cinco horas da manhã me batia aquele sono... que se deixasse eu dormia até uma hora da tarde [...]

P.22 – Rádio Capital 19/01/10 – 11:35

O [...] como o Eli ontem estava contando desse rapaz brasileiro que foi para a Indonésia... e acho que o Ari referia-se a esse brasileiro na verdade que foi... estava levando a droga... e agora ele é condenado [...] então... a única coisa que podemos fazer é rezar... somente isso... porque é filho se voltando contra pais... é pais sofrendo porque na hora que nós vemos essas mães acorrentando filhos [...]

P.23 – Rádio Capital 19/01/10 – 11:58

O [...] esse pessoal... os jovens de Brasília que foram pra rua é porque a CUT estava puxando eles pra rua... foi o que eu vi... as bandeiras lá... e isso porque é de outro partido... porque quando aconteceu as corrupções do governo... ninguém foi pra rua porque a CUT não levou... não era interessante pra eles levarem... a realidade é essa [...] então é isso que eu vejo... é uma incoerência [...] esse governo ganhou em capa de Veja... de escândalo... na política... no Brasil [...]

P.24 – Rádio Capital 23/06/10 – 11:28

O [...] eu acho que quem fez isso daí merecia um castigo muito grande... viu?... é um safado... é é:: é esses nóia que não tem o que fazer na vida... que fica fazendo isso... sabe?

A é... você falou esses nóia... o que que é nóia?

O ah... essas que fuma craque... maconha... esses doido

A [ah ta...tá...tá

O bêbado... essas coisas ridículas aí

A [é verdade [...]

O um santo que ajuda tanta gente... como eu também fiquei muito brava quando fizeram aquilo com a Nossa Senhora... né? [...]

((comentário sobre a notícia de que vândalos atearam fogo a uma imagem de Santo Expedito em Ourinhos, SP.))

P.25 – Rádio Capital 23/06/10 – 11:32

O [...] o meu pai me deu uma educação assim... embora ele sendo evangélico... ele sempre falava [...] filhos... não é porque somos uma família evangélica que temos que desrespeitar a religião alheia... a

religião alheia também é pra ser respeitada... por favor... façam isso [...] eu tenho respeito por aquilo que eu não conheço [...] o que aconteceu com relação a esses... vândalos né? que a gente não tem outra coisa a dizer... é gente que não tem fé em Deus... é gente canalha... é gente idiota... é gente boba... que quer fazer esse tipo de coisa pra fazer graça [...] acho que eles querem mais é sair nas páginas policiais... sabe? porque isso não é... sabe? coisa de gente que pensa [...]

((comentário sobre a notícia de que vândalos atearam fogo a uma imagem de Santo Expedito em Ourinhos, SP.))

P.26 – Rádio Capital 25/03/10 – 11:21

O [...] eu acho que eles deviam convocar as mulheres que vão passar... ter visita íntima com eles lá dentro pra ser mesária nesse dia [...] minha filha tem 21 anos... é uma menina universitária... que trabalha... que luta pelos seus direitos... ficar no meio daquela cambada... correndo risco de vida [...]

((comentário de uma ouvinte sobre a instalação de seções eleitorais em estabelecimentos penais em unidades de internação de adolescentes, e sobre o perigo que isso representaria para os mesários, usa a filha, que é mesária, como exemplo.))

P.27 – Rádio Capital 25/03/10 – 12:01

O [...] a partir do momento que uma pessoa grávida não respeita a própria barriga... e anda com aquela barrigão aparecendo... que torna-se até feio... porque uma mulher grávida é bonita... ela tem que se amar... ela tem que se respeitar... ela tem que... nossa... ela tem que se endear nessa época... essa época de gravidez é uma coisa muito linda... mas tem que haver respeito... como que fica hoje as grávidas por aí? você vê né? as barrigas fica tudo de fora... fica aquela coisa horrorosa [...] e aí essa criança nasce... ela também não foi preparada pra ser mãe nem pra ter família... sabe? essas adolescentes... não começa de hoje... já começa de uns trinta... cinquenta anos prá cá... as famílias... elas já estão assim meio que despedaçadas... sabe? aquela rosa meio murcha... [...] esse negócio que aconteceu aí na escola lá [...] quando as crianças saem da escola... entre o intervalo delas saírem e da gente entrar... elas ficavam esperando a perua... e aquelas crianças de oito... nove... dez anos... tudo brincando... e indo pro matinho... entendeu? isso eu vi [...] não é só nessa escola que acontece... não é só aqui que acontece... isso está acontecendo acho que no mundo todo [...] esse direito aí de menor... é é... do menor e do adolescente... aí isso é uma furada porque eu já precisei de uma ajuda muitos anos atrás e não tive... foi muito complicado [...]

P.28 – Rádio Capital 30/03/10 – 11:29

O [...] eu acho que deveria existir deixar eles presos... esses caras que cometem isso com as crianças... deixar preso [...] lá na igreja tinha um obreiro de lá... pegou a menininha de dois anos... éh... estuprou ela dentro do banheiro e depois deixou a menininha lá dentro do banheiro morta... né? [...] o que aconteceu? éh:: esse cara já está na rua [...] é revoltante uma coisa dessa

((comentário sobre a notícia de duas estudantes que teriam sido agredidas e violentadas em SBC))

P.29 – Rádio Capital 30/03/10 – 11:55

O [...] há mais de dez anos eu venho nesse sofrimento...

A e o que que está acontecendo... Neide?

O é uma garagem

A uma garagem?

O [o prédio é de uma vidraçaria... e na garagem dessa vidraçaria eles alugam pra salão de festa [...] me considero nova... né?

A claro

O mas não estou entrando na modernidade dessa garagem aqui não rapaz [...] eles invadiram o meu quintal né? pra poder pular essa janela... pra poder entrar pra dentro da festa... e... a polícia veio... só que a polícia veio e falou... olha meu amigo... só que é o seguinte... falou pro meu marido né?... vocês tem que botar a cara de vocês lá... pra mim fazer o BO e levar todo mundo (lá pra base)... e tinha um policial já de mais idade... falou pro companheiro... falou... mas a gente não aconselha o rapaz a fazer isso não... porque ele vai ficar marcado

A claro... exatamente

O [né? então agüenta essa noite e depois vocês conversam novamente com o dono [...] esse final de semana teve... de microfone

A nossa senhora

O agora você imagina... não sei se era casamento... o que que era... né? aquela microfone ligado... o cara fazendo aquela apresentação... então eu falei pro meu marido... falei... você bota... não vou falar palavrão porque a Neide é muito decente... você bota esse ((barulho imitando um apito)) a venda e vamos embora [...]

((ouvinte que conta sua história motivada pela discussão do programa sobre casas alugadas na cidade de São Paulo que viram boates nos finais de semana))

P.30 – Rádio Capital 31/03/10 – 11:23

O [...] um absurdo... né?... e muito pior ainda se ele tiver abusado nessa criança... né Paulo? [...]
((comentário sobre o caso da menina que estava seqüestrada há cinco anos e foi encontrada))

P.31 – Rádio Capital 31/03/10 – 11:45

A [...] Débora... mas o negócio do Maradona você acha que aconteceu por que?
O olha Paulo
A [porque o cachorro era dele... era a cadela... ele estava acostumado a beijar na boca...
O não sei... não sei... qual momento... uma hora ele ele foi agressivo com o cachorro também... quem me garante?
A [ou então tem um perfume diferente
O entendeu?
A [é um cheiro diferente... animal é animal
O sim Paulo... e tem dias também... que nem todo dia está pra ave Maria... né?
A exatamente
O aí o cachorro pega aquilo e guarda... uma hora que ele também que ele não estiver pra ave Maria dele... ele vai chegar junto com você [...]
((comentário sobre a notícia de que Diego Maradona, técnico da seleção argentina de futebol, teria sido mordido por seu cachorro))

P.32 – Rádio Capital 01/04/10 – 11:46

O [...] olha... eu estou horrorizada de de ter acontecido isso com essa igreja... eu:: estou aqui arrepiada éh::... de como que as autoridades não conseguem localizar esses vândalos... esses bandidos... esses marginais [...]

P.33 – Rádio Capital 01/04/10 – 12:20

O [...] eu fico doente quando eu não posso ouvir... eu adoro esse programa... adoro você... Paulo [...]

P.34 – Rádio Capital 22/06/10 – 11:48

O [...] até agora você não me falou da nossa festa junina do Torto
A ah... é verdade... teve festa junina lá no Torto
O [menino... aquela cachacinha boa... que agora não é mais a popular... é aquela do... aquela com carvalho [...] a mulherada toda rindo porque já não consegue mais fechar a boca... aquela coisa maravilhosa... enquanto isso... o povo morre de AIDS... o povo se mata em hospital... entendeu? e aquele povo é maravilhoso... Paulo [...]
((ouvinte comentando sobre a festa junina promovida pelo presidente Lula na Granja do Torto))

P.35 – Rádio Capital 22/06/10 – 12:15

O primeiro lugar... quero mandar um beijo pros gracinhas... o Ari Toledo... que é uma piada... mas ele está certo quando faz todas essas gracinhas com relação às drogas... as cocaínas... eu faço uma pergunta e quero que alguém me responda... é da competência de quem... acabar com as drogas?... no país?
A do governo federal... né?
O então... porque que que ninguém faz alguma coisa para acabar com isso? [...] eu tenho uma preocupação infernal com isso porque eu tenho dois filhos adolescentes e eu morro de medo... meu coração sangra só de pensar... nos meus filhos numa situação dessas... aí... eu quero morrer antes que isso aconteça [...] cadê os infelizes competentes pra acabar com isso? [...] mas aqui quando tentam quando eles querem fazer alguma coisa eles fazem... eles conseguem... quando eles querem dar segurança pra um magnata que vem lá de fora eles conseguem... não se aproxima nem Jesus Cristo nessa turma... então se eles quisessem... eles acabariam com isso... só que eu acho que é conveniente pra todos eles... é muita grana que rola... muita arma que rola e deve ser conveniente para todos esses incompetentes que não fazem nada pra acabar com isso

P.36 – Rádio Capital 22/06/10 – 12:46

O o meu comentário é o seguinte Paulo... eu não entendo de futebol... eu só torço pro futebol mesmo nessa época de copa do mundo [...] a gente sabe que... nem todo mundo que vai pra lá vai pra ganhar... e os brasileiros... todas as copas só quer ganhar... quer ganhar... e a gente não vai ganhar sempre... e quem acaba pagando o pato é o técnico... agora ele nessa pressão toda... ele já não gosta muito de dar entrevista... ele já é meio azedo... e e:: a globo é duro de engolir e aí fica... ele fica nesses palavões aí tudo né? [...]

((discussão sobre a reação do técnico da seleção brasileira, Dunga, à presença de um jornalista da globo numa entrevista coletiva))

P.37 – Rádio Capital 30/07/10 – 12:15

- A [...] mora onde Rosângela?
O Santo André
A ah...é verdade... Santo André... minha querida amiga de Santo André... boa a cidade de Santo André... hein?
O muito boa... eu amo essa cidade [...] eu lamento profundamente esse tipo de atitude... entendeu? [...] a igreja... todas elas... têm sofrido muitos ataques... essa pessoa... talvez... na sua vã loucura [...] Deus é amor... é ali presente... e o respeito está nisso [...] eu lamento muito essa falta de respeito... pra mim isso é realmente... é falta de amor... porque a pessoa que faz isso... esse tipo de provocação... não é uma pessoa que realmente tenha aquela Deus puro dentro de si [...]

P.38 – Rádio Capital 30/07/10 – 12:39

- O [...] eu quero agradecer imensamente está participando de novo... porque eu participo várias vezes... tá?...
A que bom Cássia... que bom
O [e agradecer esse espetáculo de inteligência que é a sua mesa [...] eu trabalho na área de segurança [...] mas só... Paulo... que às vezes o erro ta na própria empresa
A ah... muito bom você estar falando isso... vamos lá
O porque às vezes a própria empresa não investe no funcionário o que ele merece... aí você para pra pensar e fala... peraf... eu posso mais que isso... então eu vou buscar [...] é assim... esses dias eu fui no supermercado... fiz uma imensa compra num mercado grande... né? toda entusiasmada... sabe como é... né? dia de compra... aí no final quando eu fui efetuar o pagamento... a operadora virou pra mim e falou... só isso?
A só isso... ela falou?
O olhei pra cara dela e falei... nossa... o que é o valor do brasileiro... só isso... parecia que eu estava levando o que? uma bala
A que coisa absurda... hein?
O [então... acho que isso vem tudo da empresa [...]

P.39 – Rádio Capital 02/08/10 – 11:52

- O olha Paulo... eu... na verdade eu concordo... totalmente com essa matéria que saiu nesse jornal [...]
((o apresentador comentava uma matéria sobre o desempenho escolar de filhos de pais separados))

P.40 – Rádio Capital 03/08/10 – 12:00

- O mas esse Ari Toledo é uma comédia... né? [...] é assim olha... eu eu tenho um filho gay... eu já liguei pra vocês... já comentei sobre isso... e dentro da medicina... a medicina ainda não descobriu... né?
A exatamente
O a medicina não tem um estudo certo sobre isso... a psicóloga me falou que isso é um é é no cérebro mesmo [...]
((Ari Toledo, participante da mesa de debates, havia acabado de contar uma piada))

P.41 – Rádio Capital 05/08/10 – 11:33

- O [...] eu tive um parente preso... né? quase quatro anos [...] esse meu parente que esteve preso... eu visitei ele [...] você fala assim... aí ta... éh... re::: ressocialização... não é isso? a palavra é essa?
A é... a palavra é essa mesmo...
O é tudo mentira [...]

P.42 – Rádio Capital 09/06/10 – 11:25

- O Paulo... sabe? eu não sei como que as pessoas conseguem votar numa pessoa dessa... que nem vocês sempre falam... né? que as pessoas votam errado [...] parece que o Mão Branca é de (Tremendal)... ia ter um show dele na praça [...] todo mundo... a praça encheu de gente... e nada desse Mão Branca chegar [...] eu vi ontem a noite essa notícia
A ah... você ouviu ontem à noite
O eu falei... não... mas se o Paulo Lopes por esse assunto amanhã... eu vou ter que participar porque não é possível
((comentários sobre a notícia de que o deputado Mão Branca propôs um projeto de lei que prevê o dia do sexo, que seria no dia do aniversário dele))

P.43 – Rádio Capital 08/06/10 – 11:20

- O [...] sou ouvinte sua há muitos anos... viu?
A muito obrigado por isso

- O quando você trabalhava na Globo... você me deu uma cesta básica...
- A olha só
- O e a minha filha hoje... essa que tem Lúpus... hoje ela tem vinte e três anos... e na época ela tinha dois anos de idade
- A olha... que legal
- O e até hoje eu sou sua ouvinte e continuo sendo
- A muito bom Aparecida... me deixa feliz com sua fidelidade... saber que há tantos anos ainda guarda na lembrança uma cesta básica que eu dei
- O é... você me deu essa cesta [...] faz dois anos que a gente descobriu que ela tinha Lúpus... né? e ela começou com uma dor no braço... ela começou com uma dor no braço... e uma febre muito alta... aí meu marido levou ela no hospital São Paulo... aí descobriu que ela tinha Lúpus... nisso ela teve dois derrames [...]

((discussão sobre a Lady Gaga, cantora que afirmou ter Lúpus))

P.44 – Rádio Capital 11/06/10 – 11:40

- O [...] eu estou há um ano e meio na fila esperando uma ressonância magnética... pra mim poder operar... né? pra ver se precisa operar... só que essa dor que eu tenho [...] e até hoje... Paulo Lopes... um ano e meio... eu não consegui uma ressonância pelo estado... agora eu estou lutando... juntando dinheiro pra poder pagar particular... que é quinhentos e cinquenta reais... nesses popular pra pobre... sabe?... aí você paga menos que é quinhentos e cinquenta... pra fazer uma ressonância da coluna cervical... pra ver si essa dor que estou no peito é o nervo que está me repuxando [...] aí você chega lá com a receita... é remédio controlado... você fala pro médico... olha... eu tomo esse aqui que o ortopedista me passa... acabou... e eu não tenho consulta pra esses dias [...] eu sofro com essa dor... só quem sente sabe... Paulo

P.45 – Rádio Capital 06/08/10 – 11:35

- O então... eu tenho um amigo... que ele chama Sueli... no nome dele é Sueli José Pimenta [...] o pai dele colocou esse nome nele por quê? [...] eu conheço também uma pessoa... que contou uma história de um um senhor que foi registrar o filho também no interior uma época... antigamente... né? e ele foi no caminho... sem saber que nome ia colocar na filha... foi pensando nisso... juntava um nome daqui outro dali... o pessoal do interior também tinha essa mania de juntar nome... dois nomes... né? [...]

((discussão sobre nomes não usuais))

P.46 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:07

- O [...] o Miguel (Daudi) é a favor da pena de morte... só que é o seguinte... Jesus Cristo... ele não pensa que nem o ser humano [...] por exemplo... todos esses crimes aí... vão ter que passar pela lei... pelo julgamento Dele... está entendendo? e sobre quando você falou aqui que Deus deu... bateu nas pessoas lá
- A é... expulsou do templo... né?
- O isso... mas ali Paulo foi o seguinte... é que está acontecendo hoje com muitas igrejas... estão vendendo a palavra de Deus
- A ah... entendi
- O e ali ele falou assim... aqui é a casa do meu pai... uma casa de oração
- A ah... está certo... e não
- O ele não aceitava aquilo [...]

((discussão sobre a pena de morte, onde cada um dos debatedores defendeu uma opinião distinta))

P.47 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:19

- O eu acho que de dependendo do caso... se tem provas que a pessoa matou... tinha que morrer também [...] o político que rouba comida... remédio...
- A [está matando muita gente
- O [desvia dinheiro... é... esses não tem o poder na mão? ... eles não estão matando várias pessoas? ...então os políticos que fazem isso teriam que ser os primeiros a ser condenados a pena de morte [...]

P.48 – Rádio Capital 06/08/10 – 12:23

- O [...] se a pessoa... faz esses crimes hediondos... eles tinham que ser punidos com a morte... pra que sirva de lição pra... os outros... você sempre fala assim... que isso sirva de lição pro outro
- A [isso... eu sempre falo
- O [para que o outro não faça igual [...]

P.49 – Rádio Capital 12/08/10 – 11:28

O [...] aconteceu comigo esse fato... meu filho nasceu em mil novecentos e sessenta e quatro [...] então esses casos... olha... você vê... há quarenta e seis anos [...]

((ouvinte comenta o assunto de bebês trocados na maternidade, e conta sua história))

P.50 – Rádio Capital 12/08/10 – 12:00

O [...] os meus filhos nunca deram trabalho... e isso também... Paulo... vai muito da criação dos pais [...]

((resposta à pergunta do apresentador: é mais difícil criar meninos ou meninas?))

P.51 – Rádio Capital 12/08/10 – 12:14

O [...] olha Paulo... eu vou te falar uma coisa... eu acho que eu sou o contrário de todas essas mães que falaram aí [...]

P.52 – Rádio Capital 13/08/10 – 12:24

O [...] eu acho que o Lula... se ele quer fazer alguma coisa... ele faça com o dinheiro dele... não nosso dinheiro... né? eu tenho minha mãe que precisa fazer um exame... será que ele vai pagar pra minha mãe fazer logo? ((risos))

A é ((risos))

O ela precisa fazer o exame no coração... será que ele vai pagar pra ela fazer particular? ... entendeu? então é isso... Paulo... eu fico sabe? triste com essas coisas [...]

A foi o que a delegada Rose falou

O é verdade... eu concordo com a delegada... é isso mesmo... ele tem que fazer com o dinheiro dele... não com o nosso dinheiro

((Comentário sobre a notícia de que o Presidente do Paraguai, a convite do Presidente Lula, faria seu tratamento do câncer em São Paulo, sem pagar por isso))

P.53 – Rádio Capital 13/08/10 – 12:57

O [...] aos jovens... foi dado muitos direitos... o ECA está aí... que pai não pode fazer/educar... não pode dar uma palmada... não pode fazer nada... mas não deu dever nenhum pra eles... e... não dando... se você dá o direito e não dá o dever... é isso que vai dar sempre... é só isso que vai dar... você pega aquele idiota daquele Bruno... que ri... na cara de todo mundo... da barbaridade que ele fez... o jovem chega naquilo... e:: e é só isso que a gente vai ver [...] com o miolinho que eles têm agora com quinze... dezesseis anos... informação... eles vão achar que é bonito... que é lindo aquilo

((comentário sobre o caso do jogador de futebol que foi acusado de assassinar a ex-namorada))

P.54 – Rádio Capital 18/08/10 – 11:48

O [...] eu tenho uma irmã que por acaso... ela saiu de casa... com o namorado... fugiu... [...] entra no caso dessa menina... talvez ela nem esteja envolvida [...] minha mãe sempre foi aquela que levava e buscava no colégio [...]

((comentário sobre a prisão da filha do ministro do tribunal superior eleitoral, suspeita de ter mandado matar os pais; a ouvinte conta a história de sua irmã.))

P.55 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:25

O eu moro aqui em (Caíasera)... esse curso de Fazenda Grande... pra quem recebe a bolsa família... diz que tem um curso... para poder a pessoa se profissionalizar... e esse curso não está tendo... já tem um ano que eu me inscrevi... até agora não me chamaram para fazer esse curso... eu quero poder trabalhar e estou sem poder tomar esse curso que diz que está tendo para quem recebe bolsa família... e nada de eu ver esse curso

P.56 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:33

O [...] eu tenho filho que eu dou a pensão [...] então esse filho... aos dezoito anos [...] e ao fazer dezoito anos eu dei entrada para desoneração do... do... dessa pensão... já vai fazer vinte e dois anos... e isso até hoje rola aqui no fórum de Lauro de Freitas e não resolveu nada [...]

P.57 – Rádio Sociedade 27/10/10 – 08:45

O [...] na rua onde eu moro tem um... um orfanato [...] que eu vi... há pouco tempo... há pouco mais de uns trinta dias... (passar) praticamente um dia inteiro lá... assistindo a esse orfanato e as crianças desse orfanato ... o que acontece Zé... é que esse orfanato é uma indústria de sustentação... na minha opinião... de pessoas ociosas... porque tem uma família que é sustentada com alimentos... que mora em frente ao orfanato... eu vejo as cestas básicas entrando e saindo com a maior facilidade... saindo do orfanato e

entrando na casa da família... um dos moradores desse família construiu uma casa com doações desse orfanato... as crianças desse orfanato Zé... aquilo ali é um círculo vicioso... as crianças entram... né? abandonadas... crescem... engravidam... parem... e ficam e criam seus filhos lá e o ciclo continua e isso não para nunca... eu sou morador... estou falando porque eu sou morador... eu vejo isso todos os dias [...]

P.58 – Rádio Sociedade 09/11/10 – 08:45

- A [...] oi Valtinho... tudo bom querido?
O tudo bom... graças a Deus... melhor agora falando com essa... com essa rádio [...] quero mandar um abraço pro pessoal aí da () pessoal aí que trabalha aí
A fica a vontade cara
O botando essa voz aí de grande audiência pra funcionar nesse Brasil inteiro [...]

P.59 – Rádio Sociedade 12/11/10 – 08:45

- O [...] eu loquei um carro numa locadora aqui em Campina de Pirajá... e ao entregar esse carro eu tive uma surpresa... certo? que uma gracinha que tem na lateral do carro... no pára-choque dianteiro... caiu na estrada... e eu tenho certeza que essa grade já estava solta porque até o local que eu viajei não tive nenhum buraco na pista... sabe? tomar porrada e cair... ao entregar esse carro... esse () da locadora... pessoal da locadora disse que o carro teve isso teve aquilo... faltou tanta coisa [...] aí eu quero te pedir uma ajuda para que eu possa resolver isso aí... Zé Eduardo [...]

P.60 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 08:16

- O Zé Eduardo... você sabia que você é especial para Deus?
A Por quê... meu irmão?
O a bíblia diz [...] essa confusão econômica que está (indicando) no mundo inteiro... essa desavença... essa () que está aí [...] leia o capítulo XIII de apocalipse que lhe diz tudo isso ... tudo isso está se afunilando próximo... próximo... próximo [...]

P.61 – Rádio Sociedade 16/11/10 - 08:18

- O [...] só tem uma salvação para o Vitória*... sabe qual é?
A qual é?
O contratar aquela sonda que o pessoal tirou os mineiros lá do buraco... lá do Chile [...]
*((*Vitória: time de futebol da Bahia))*

P.62 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 08:46

- O [...] ela pegou a entrada para o diploma... né querido? o do técnico mesmo... coisa de medicina... o provisório... eles disseram que só podiam dar a ela daqui a um ano... que seria em janeiro desse ano [...] o Irmã Dulce exige que ela dê o original... aí ela foi na escola... a escola ela disse que não pode dar... só com um ano... aí mandou ela ir no ministério da educação pra darem uma autorização pra escola pra liberar o original... a escola de educação... a secretaria de educação disse que não existe essa autorização [...] aí volta pra escola a escola diz que tem que ter esse documento [...] não consegue emprego e na hora que consegue acontece isso [...]

((mãe que se queixa da escola técnica onde a filha estudou, pois devido à burocracia para liberar o diploma a filha não consegue um emprego como enfermeira))

P.63 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 09:51

- O o que mais me envergonha é as autoridades... ontem mesmo esse crime da criança de dez anos que aquele sujeito pegou e jogou debaixo do carr/do ônibus... aquilo ali deveria ter pena de morte [...] não deveria ter advogado para tirar um homem desse da cadeia [...]

((a pergunta proposta pelo apresentador do programa era: o que mais te envergonha no Brasil?))

P.64 – Rádio Sociedade 16/11/10 – 09:53

- O [...] a lei não funciona... esses crimes bárbaros como essa menina falou aí... que todo mundo está assistindo [...] de repente esses crimes bárbaros... Mário... tem que ter punição severa [...] um beijo para você e a minha resposta é essa... e eu vou ficar aguardando viu?... o sorteio [...]

((a pergunta proposta pelo apresentador do programa era: o que mais te envergonha no Brasil?))

P.65 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:40

- O [...] primeiro eu quero agradecer a... o trabalho do coronel [...] eu fui abordado por essa equipe [...] as pessoas foram bem tratadas pelos policiais... por isso eu gostaria de agradecer a mudança que o coronel está fazendo sobre as abordagens... não tem mais aquela agressão... entendeu? [...]

((o coronel era convidado especial do programa e estava ouvindo os elogios e reclamações dos ouvintes))

P.66 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:42

- O [...] vou parabenizar o coronel aí... viu coronel? Deus que lhe proteja... agora tem que segurar essa turma mesmo... botar pra quebrar mesmo... porque a violência está demais viu? não estou gostando não... horrível mesmo... (mandar) esse pessoal tudo embora mesmo... os turista embora porque... rapaz... eu não sei não [...]

((o coronel era convidado especial do programa e estava ouvindo os elogios e reclamações dos ouvintes))

P.67 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:43

- O [...] vocês defendem o pão de cada dia com esses brutos... vagabundos... essas coisas ruins que estão acontecendo aí [...] e a Fazenda Grande III está lhe agradecendo pela oportunidade... você foi lá uma ou duas vezes com a Choque... fazendo a revista lá naquele largo da Fazenda Grande III... mas eu quero dizer ao senhor que continua a mesma situação lá... muita droga... é muita gente fazendo bagunça... é som berrando a noite toda lá naquela festa... e realmente eu fico assim meio... meio por fora... porque às vezes dá vontade de sair... num dá pra ficar naquele povo

((o coronel era convidado especial do programa e estava ouvindo os elogios e reclamações dos ouvintes))

P.68 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 08:45

- O [...] porque a gente é família humilde... ele é.. é
A trabalhador rural... né?
O trabalhador rural... e agora por esses tempos ele não vai poder trabalhar... e inclusive eu tenho pressa de dizer primeiro que o meu maior sonho... eu não esperava que fosse dessa maneira... mas o meu maior sonho... Zé Eduardo é conhecer você [...] e antes de te fazer esse pedido...Zé... eu queria ter o poder de te dar um abraço [...]

((ouvinte pede ajuda porque o marido está doente e eles não têm nenhuma renda))

P.69 – Rádio Sociedade 22/11/10 – 09:33

- O [...] outra coisa... os orelhões... gente... a gente não tem um orelhão dentro do Hospital do Subúrbio... nem na área interna... nem fora... gente... isso é terrível... isso é péssimo porque tem pessoas que querem se comunicar com seus parentes e familiares... como que eles vão fazer isso? [...] disseram que iriam entregar a pista principal... ia ter o meio de transporte () os ônibus alternativos... e até então nós não estamos tendo esse acesso

((sobre as condições do Hospital do Subúrbio, em Salvador))

P.70 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 06:29

- A [...] a questão é de de de segurança meu amigo
O eu sei disso [...]

P.71 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 06:46

- O [...] eu estou querendo fazer uma denúncia... tem um... aqui na rua Alameda Rio da Prata... a uns duzentos metros descendo sentido a praia... tem uma obra... então esse camarada... que faz divisa com a lagoa da praia do Flamengo... então ali é de preservação ambiental... o camarada simplesmente... ele achou que a área dele era pouca... arrebentou o () da divisão do terreno dele com a lagoa [...] por isso que eu queria vir através de você fazer essa denúncia porque ali é uma área de preservação [...] e dizem que aquela obra é de um italiano... eu não sei [...]

P.72 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:45

- O [...] eu há mais ou menos uns dez meses... comprei um aparelho celular [...] esse aparelho começou a apresentar problemas [...] fui a assistência achando que era um problema simples... nesse problema simples ele teve de trocar peça né? e aí nesse... quando você vai deixar o aparelho... você não troca imediatamente... porque você tem um tempo para que você... tem que tirar um tempo seu pra vir resolver o problema... tirando esse tempo [...] tive que procurar outro tempo para ir lá resgatar o aparelho... vamos dizer que nesse período aí... trinta dias [...] tem um lance chamado atualização de software... esses aparelhos novos agora não é mais [...]

((os ouvintes ligavam para consultar a advogada que estava no programa))

P.73 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:47

- O [...] eu estou com um problema com um aluno da Área 1... eu sou mãe... e na matrícula eu fui fazer esse pagamento na própria faculdade e agora eles estão me cobrando... dizendo que o aluno está sem

este pagamento [...] eu tenho xerox desse documento que eu paguei... não é a primeira vez... e isso realmente é um transtorno para mim [...]

P.74 – Rádio Sociedade 23/11/10 – 09:50

O [...] em dois mil e oito eu comprei uma geladeira () e ela veio com defeito... eu não sabia que era defeito... imaginei que fosse normal... aquela com água na porta... depois eu fiquei sabendo que a água era normal... que aquilo era um defeito [...] quando eles receberam a intimação... eles mandaram me chamar... para me devolver um:: cartão-crédito... pra eu comprar outra geladeira... só que eu só podia comprar essa geladeira lá... eu disse a ele... como é que eu vou comprar essa geladeira aqui?... já vai fazer um ano e eu só posso comprar aqui... da mesma não tem mais... ah... senhora... não posso fazer nada... se a senhora quiser é isso [...]

P.75 – Rádio Sociedade 24/11/10 – 15:12

O [...] a gente que tem problema físico... chega no ônibus... Magrini... as pessoas fingem que está dormindo pra não dar o lugar [...] eu queria que você fizesse um apelo... você e Adelson... pra alertar esse povo aí... que tenha mais um pouco de consciência [...] eu quero que você mande um alocão para (César) que aquele dali... meu Deus... cadê aquele homem? [...] teve uma vez que ele andou passando um dia de sábado eu falei... uí... meu Deus... olha o meu amado lá... eu gosto daquela criatura demais... olha e desde quando eu estou ouvindo a sociedade... tinha o (Ed)... esse pessoal tudo [...]

P.76 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 07:26

O [...] aqui na rua... que é uma rua com mil metros de extensão... agora vieram asfaltar a rua... não colocaram meio-fio... não colocaram saneamento básico... estão asfaltando só duzentos metros... e o restante da rua fica entre a poeira... lama quando chove... rato... cheia de buraco... será que quem mora após esses duzentos metros que foram asfaltados é cachorro? ou então não é ser humano? eu queria que o Balanço Geral trouxesse uma reportagem aqui a respeito dessa rua aqui que a gente mora... que isso aí... não estão tratando a gente como ser humano... estão tratando a gente como bicho... e agora não é possível que a gente vai ficar aqui nessa lama e poeira... meu protesto é esse aí... e se não tomar providência a gente vai fechar a BR... fechar a via aqui que vai para ()... fechar tudo aí até tomar providência... e asfaltar a rua toda... uma rua dessa aqui que dá acesso até ao Hospital do Subúrbio

P.77 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 08:25

O já tem seis meses que eu fiz o pedido dessa máquina Cielo [...] quando foi no dia onze desse mês agora... a máquina parou porque o carregador da máquina não está carregando... aí eu ligo pra lá ... aí eles ficam... aí fica aquela demora... aí só aquela propaganda... éh::: a Cielo não deixa o cliente na mão... não sei o quê [...] não aparece ninguém pra vir aqui só trocar esse carregador da máquina [...]

P.78 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 09:42

O [...] Marinho... e esses olhos lindos que você tem? [...] e essa careca linda também [...] eu queria mandar meus sentimentos para a família do senhor Edmundo... eu conheci o senhor Edmundo... eu via o seu Edmundo fazendo aquelas coisas [...]

P.79 – Rádio Sociedade 25/11/10 – 09:51

O [...] eu agradeço a rádio Sociedade... essa é a minha felicidade... a minha expressão... a minha mensagem que eu deixo para todos [...]

P.80 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 06:29

A bom dia dona Lígia

O bom dia... Armando

A a senhora está em Mirante de Periperi?

O isso

A e aí dona Lígia? [...] pelo menos o pessoal esteve aí... olhou... tem que trocar uma peça

O isso

A ficaram de voltar né?... até quinta-feira

O é...

A para trocar essa peça

O isso [...]

((ouvinte conta sobre a dificuldade no conserto da máquina de lavar. Ela já havia ligado anteriormente para reclamar disso))

P.81 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 06:42

- O [...] eu quero que Armando Mariani fale no ar sobre a reclamação desses correios... que tem que tomar uma providência sobre esses correios [...]

P.82 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 06:52

- O [...] Armando... eu queria falar com você o seguinte... para chamar a atenção do nosso governador da Bahia... que o morador do Rio de Janeiro está de parabéns... e aqui em Salvador também nós precisamos dessa... de ter essa liberdade né? [...] tem que tomar vergonha e entregar esses bandidos safados [...]

((sobre a ação das polícias nas favelas do Rio de Janeiro))

P.83 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 07:09

- O [...] minha conta chegou no valor de cento e vinte e um e doze... aí eu liguei pra Coelba e disse... olha... ou vocês resolvem ou então vou entrar na Federal... porque eu já tenho um processo com vocês... e botou esse... contador digital... Armando... nunca vi um... contador pra roubar tanto... aí quando foi sexta-feira depois que eu falei com você... que eu cheguei... chegou aqui no valor de noventa e seis e cinquenta... mas mesmo assim eu ainda não tenho nada que resuma esse valor [...] o meu consumo médio... na verdade... dois mil e oito... dois mil e nove... seria vinte e oito...

A vinte e oito

- O é... só que depois que eu botei em Periperi que eu abri um processo que estava vindo nesse mesmo valor [...]

A e a Coelba diz o que?

- O só me diz... ah... porque o consumo é isso mesmo [...] a única coisa que eles fizeram na liminar... foi o que o juiz pediu que trocasse o contador... e eles chegaram aqui... não tinha ninguém em casa... botaram esse digital pela conta deles... entendeu? só que esse digital está demais

A eu não consigo entender que a Coelba ou a Embasa vai trocar um hidrômetro ou um contador... troca sem a presença do responsável

O exatamente...

A tem que ter uma pessoa pra acompanhar

- O [mas é isso que a Coelba faz [...] com certeza... com todo respeito isso aí é uma covardia... entendeu? que eles fazem quando não estamos em casa [...]

((COELBA: Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia; EMBASA: Empresa Baiana de Água e Saneamento))

P.84 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 07:27

A Valmir

O oi Mariani

A bom dia amigo

O bom dia Armando

A e aí? o que que você manda Valmir?

- O rapaz... aquele aumento nosso... que o INSS disse que não precisava entrar na justiça... entendeu? que dava um prazo de três meses... até hoje ninguém se fala mais isso... entendeu? [...] o Armando... Armando... um momento...

A ahn

O eu sou torcedor do Bahia... entendeu?

A certo

- O o Vitória luta tanto pra ter uma estrela naquela camisa e não consegue... não é isso? [...]

P.85 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 08:28

- O [...] eu moro aqui em Vista Alegre há vinte e oito anos... e minha mãe já mora aí em Fazenda Coutos também mais ou menos nessa faixa [...] minha mãe está desesperada... está querendo sair daí desse bairro [...]

P.86 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 08:30

- O [...] eu fui assaltada na quinta-feira no centro histórico [...] dois rapazes... naquele dia daquele movimento que houve no subúrbio [...] dá medo... Zé... essa é a grande verdade [...] só quem me socorreu foi aquele... o guarda... o guarda municipal... e dar queixa pra que? não é dizer que é mendigo... que é morador de rua não... que essa história de achar que só mendigo... morador de rua... pessoas pobres... mas não é não... acho que é de outros bairros que já sabia que ia haver esse movimento no subúrbio [...] levaram cento e cinquenta e nove reais... me deram um tombo na escada... na escada ali da casa lotérica... daquela casa lotérica que tem ali no fim de linha da rua Chile... tem um ponto de ônibus... e eles estão usando essa tática...

A lhe deram um tombo e meteram a mão no seu bolso

- O não...não... me deram um tombo e pisaram na minha mão... aí na hora só chamei por Jesus... e lembrei daquele cidadão que levou um tombo lá... na:: no... aquele senhor que vinha da barra... eu lembrei... na hora só lembrei dele [...]

P.87 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 09:42

- O [...] só está precisando de muita paz neste mundo [...]
A e na sua opinião... qual o principal motivo para tantas separações... minha querida amiga?
O olha... Mario Tito... é a falta de Deus... de diálogo e de compreensão... se os dois procuram compreensão... um atender o outro... ouvir o outro... eu moro... eu sou casada há vinte anos e procuro isso... compreensão... diálogo [...]

P.88 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 09:51

- A [...] na sua opinião... qual é o motivo para tantas separações?
O meu filho... olha... esse mal exemplo dentro de casa
A tipo?
O eu sou infeliz nesse termo aí porque eu vou fazer trinta e nove anos de casada e meu marido debandou [...]

P.89 – Rádio Sociedade 29/11/10 – 10: 06

- O [...] cada vez mais você brilha nessa rádio [...]

P.90 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 06:41

- O [...] ele fez aniversário de um ano de vida agradecendo também essa pessoa que doou o coração [...]
A o senhor queria fazer um contato com ele... é isso?
O isso... isso

((ouvinte conta que quer manter contato com a pessoa que recebeu o coração da esposa dele, mas tem poucas informações sobre o receptor da doação, já que só o escutou agradecendo numa rádio))

P.91 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 06:44

- O [...] eu já tenho uma questão na justiça... do serviço médico cirúrgico... há sete anos... aguardando para receber... essa já... uma conta já foi feita dentro do tribunal regional do trabalho... que aquilo não é tribunal regional de trabalho nenhum... aquilo ali não tem justiça naquilo... entendeu? [...] vai ter um novo leilão amanhã... dia primeiro tem um novo leilão... pra ser vendido esse hospital
A que hospital?
O Hospital Casa de Saúde Ana Nery... hospital psiquiátrico e Sanatório Bahia [...]

P.92 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 06:58

- O [...] vamos encaminhar a () na Ribeira... que é uma ONG que não tem nada... e aqui na Mangueira... um grupo de pessoas já estão se movimentando para atender essas pessoas que não tem nada pra comer em casa [...]

((ouvinte pede doações e explica para onde irão todos os alimentos doados))

P.93 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 07:22

- O [...] vai haver aumento de transporte público em janeiro... porque eles fizeram isso agora? desde o ano passado... né? porque não tem aula [...] eu sou totalmente contra... eu acho que não... o povo não merece isso [...] eu acho que o policial tem que ganhar mais do que esses políticos que não fazem nada... o policial tem que ser bem equipado... olhe... eu sou a favor até que os delegados tenham carro blindado... é um absurdo o que ganha um policial... principalmente aqui na Bahia... ficam esses candidatos aí sem fazer nada pelo povo [...] mas eu quero que você bata nesse aumento do transporte [...]

P.94 – Rádio Sociedade 30/11/10 – 09:24

- O [...] então eu quero te parabenizar... você... tua esposa... e continue assim com esse:: esse carinho... esse amor pra sempre [...] nossos governantes tem que investir mais em que? educação...
A lógico
O trabalho... para que esses traficantes não venham a recrutar jovens [...] trabalhei em três lugares... às vezes até quatro lugares dando plantão extra pra investir na educação de meus filhos... eu sei o quanto custou isso [...] então a minha opinião é essa... investir mais em educação e mais emprego... gerar empregos [...]

P.95 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 07:14

- A você está em Lauro de Freitas?
 O exato
 A estava falando daí agora
 O é... eu estava ouvindo... e foi por isso mesmo que eu liguei... olha Armando... a gente sofre também nessa área aí do Iguatemi e Parelela... muitas das vezes... principalmente à noite... como você falou... nessa área aqui [...] ali naquele primeiro ponto do:: da Paralela... em frente a Grande Bahia e ao () você tem... muitas das vezes eu estou na passarela e eu fico assim... eu vou pra que ponto? vou pra aquela estação que eles colocaram ali no meio... ou eu vou pra frente do ()? aí você tira na sorte... aí você está num ponto... você vê o ônibus passando no outro ponto... porque dividiram... o que vem... o que faz a linha Itaigara - Itinga por exemplo... que eu moro na Itinga... ele passa em frente ao () e o terminal da empresa ODM passa dentro dessa estação que eles colocaram ali em frente a Grande Bahia... então você está no ponto... nove... dez e meia da noite... você quer ir pra casa... seja o trajeto que for... ou pararela direto ou orla como da outra empresa... da Itaigara... aí você fica... olhando... aquilo me dá uma agonia tão grande... uma revolta... porque quando eles fizeram essa mudança eu tentei ligar pra vários órgãos... procurei... não é com a gente... não é com a gente... ligue pra não sei quem... ligue pra não sei quem... eu deixei de mão... porque eu não consegui... qual era o órgão público responsável por isso [...] a primeira vez que eu peguei o ônibus que vi que o ônibus não estava passando mais na frente do centro empresarial Iguatemi... eu pensei que iam fazer uma reforma ali naquele ponto [...] quer dizer... se trocou... se tirou os ônibus dessa região aí como... desses bairros aí como () [...] eu já disse... olhe... eu vou pro Iguatemi pegar ônibus ali mas pra dentro daquela estação eu não vou porque aquilo ali está um verdadeiro... é um verdadeiro... eu não sei nem explicar [...] mas sabe porque isso? porque não é eles que pegam ônibus... os grandes não pegam ônibus [...]

P.96 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 08:15

- O [...] eu gostaria só de dar a minha opinião ao prefeito... já que ele está fazendo curso de jornalista... porque jornalista não é só para ficar... que ele fique... procure saber que jornalista não é só pra ficar na cadeira sentado... no ar condicionado não.. que ele saia... nesse curso... ele procure sair e ver o transporte... dia de domingo de manhã cedo... no final de semana... que a gente não tem... ele procure pesquisar essas coisas [...]

P.97 – Rádio Sociedade 01/12/10 – 08:26

- O [...] você disse que essa pessoa que está aí... esse senhor [...]
 A doutor Reuber [...]
 O a cesta do povo já foi cesta do povo no tempo do outro governo [...] todo mês eu passava lá pra fazer compras... quanta coisa mais em conta... leite... frango... peixe... biscoito... essas coisas todas... eu passava lá... hoje se encontra fechada desde quando ele saiu do governo que entrou o governo de Jaques Wagner que fechou essa loja [...] só existia uma pessoa que trabalhava no caixa pra fazer tudo... essa pessoa não pode me atender pra receber o pagamento porque estava no caixa [...]

((Dr. Reuber Celestino era convidado e a ouvinte reclama das condições da Cesta do Povo, que fornece alimentos com menor custo para a população))

P.98 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 06:24

- O [...] a ladeira do Pau Miúdo... ela tem tanto capim... mas tanto capim... que está tão grande que eu estou vendo a hora de ter acidentes horríveis aqui [...] é lixo que o povo já... está jogando muito... né? então aqueles lixos vão pro meio da ladeira [...] já tem quase um ano... porque de antes... quando era outra gestão de... de () mas eles vinham tiravam o capim... São João... tiravam Natal e a gente já tinha aquele contato com eles mas depois mudou [...] eu moro aqui na rua cinco de novembro... mas a ladeira é mais pra cá um pouquinho... é rua Marquês de Maricá
 A Marquês de
 O [é... descendo essa ladeira aqui... sai lá no bairro Reis
 A pronto... está dado o recado... o pessoal da Limpurb... valeu dona Elizabete
 O oh Marinho... dá essa força aí pra gente
 A vamos dar... já está no ar a força... viu?
 O Jesus que lhe abençoe... abençoe toda a sua família... de vocês todos aí na rádio... que seja muito feliz nesse natal... nesse ano novo

P.99 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 06:27

- O [...] agora você está lançando essa campanha [...] estou passeando na casa de minhas filhas... vou pro Rio de Janeiro... mas estou esperando passar essa confusão... que minha filha mora perto do Rio de Janeiro [...]

((ouvinte pergunta sobre a campanha de doação promovida pela rádio))

P.100 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 06:45

- O [...] eu gostaria de fazer um... alertar a população a respeito de uma empresa de informática chamada Cedasp que fica na Carlos Gomes... no edifício União... primeiro andar
- A mas qual é o problema dessa empresa?
- O essa empresa... ela chega nos colégios [...] eles pegam... fazem a pessoa assinar o contrato lá... e esse contrato pra você pagar dezoito parcelas de cento e cinquenta [...]
- A depois chega lá e muda tudo... é isso?
- O é isso [...]

P.101 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 07:00

- O [...] chamaram a polícia pro pessoal [...] chegou um policial todo fortinho... todo malhadinho... foi lá com um pedaço de pau desse tamanho na mão... um porrete na mão [...]

((reclamação sobre o sistema de transporte Ferry Boat))

P.102 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 08:24

- O [...] queria falar um pouco sobre o bairro aqui... Recanto da Águas... Camaçari...
- A fale meu amigo
- O que infelizmente está esquecido do mapa... não tem saneamento básico [...] quando chove é aquela situação [...]

P.103 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 08:26

- O [...] Zé Neto... deputado estadual lá de Feira de Santana... mandou a secretária dele [...] alugaram a minha casa aqui durante um mês [...] e alugaram por mil reais... depois desceu pra quinhentos... já cheguei em trezentos e Luciano não quer pagar [...] eu acho que Zé Neto não sabe desse cachorrada [...]

P.104 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 06:27

- O [...] eu mora numa pequena viela... onde tem alguns postes... aqueles postes () Mariani... não sei se você sabe [...] já ligamos pra lá... eu ontem fiquei quarenta e sete minutos ouvindo aquela musiquinha... não consegui falar... é uma loucura ligar pra Coelba [...]

P.105 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 06:53

- O [...] no dia dez de novembro desse ano... meu filho saiu às quatro horas da tarde... quatro e meia mais ou menos para lavar a moto no (lava-jato)... nesse espaço de tempo a gente ficou esperando né? [...] não sei como foi... se foi... como é que se diz?... seqüestro... levaram ele para a Estrada de Vila ()... mataram... deram fim na moto... documento dele... documento da esposa... documento da moto... e até hoje a gente não sabe que fim levou esta moto [...]

P.106 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 07:05

- O [...] eu estou ligando para pedir uma ajuda ao público... pra trocar a carteira de meu filho... pra dar essa alegria a meu filho... ele está desempregado há três anos e ele necessita de trocar essa carteira de B para D e eu não tenho condição de ajudar porque eu tomo conta de um senhor mas o que eu ganho não dá para fazer isso [...] meu filho está em desespero... meu filho está num estado de nervos que só Jesus... e eu só tenho essa rádio... que essa rádio é a mãe desse povo desse Bahia para socorrer as pessoas [...] eu fui em várias auto-escolas e a mais barata que eu achei foi ali no edifício Max Center que é quinhentos e cinquenta à vista e seiscentos no cartão... mas eu não tenho essa condição [...] eu tenho fé... Armando... é por isso estou perseverando [...] um abraço... Armando... que o Espírito Santo de Deus dê um bom dia a todos vocês desse rádio

P.107 – Rádio Sociedade 03/12/10 – 07:14

- O [...] eu tenho oito anos encostada... quando foi agora o INSS me passou para uma reabilitação... a reabilitação era pra eu fazer no dia vinte de agosto... como a previdência entrou em greve... aí eles marcaram pra cinco de janeiro... e eu estou necessitando desse exame... eletroneuromiografia dos dois braços... que eu sinto muitas dormências... entendeu?... eu me encostei por causa disso... porque foi choque térmico que deu lá na empresa [...]

P.108 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 08:52

- O [...] a minha rua está tomada de poeira... a prefeita () ela começou a mandar o carro pipa pra ficar molhando a rua todos os dias pra tapear a gente... só que tem vários dias que ela não botou mais esse carro pipa [...]

P.109 – Rádio Sociedade 13/12/10 – 09:24

- O [...] é a primeira vez... desde mil novecentos e sessenta que eu não perco essa estação [...] eu estou precisando deste liquidificador... que eu trabalho com geladinho e o meu quebrou [...] que um exército de anjos celestial circule todos vocês... passo a passo... dia e noite meu filho... livrando deste mundo tão maldoso [...]

((a promoção da rádio dizia que o telespectador que ligasse concorreria ao sorteio de um liquidificador))

P.110 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:05

- O [...] a empresa que serve ao aeroporto... chamada (Aerosaque)... ainda não pagou o décimo terceiro dos operários... como é que estes operários vão fazer natal sem dinheiro?

((gravação na caixa postal da rádio, fala pausada.))

P.111 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:24

- O [...] eu quero muito te agradecer... te dizer muito obrigada... porque eu vejo várias pessoas serem atendidas com você e você é maravilhoso
A eu fico contente que conseguimos resolver o problema né?
O mas... Mariani... é engraçado ((aplausos)) que é de imediato né?
A [com boa vontade se resolve tudo não é não dona Inês?
O ah... pois é... mas deixa eu te contar a maior... o rapaz chegou com aquele papel na mão... procurou pelo meu nome e falou... a senhora que é a ouvinte do Mariani? [...] eu gostaria que você me fizesse uma (ressalva) por favor... em agradecimento a esse senhor Rosando
A Rosando?
O Rosando da Coelba
A da Coelba né?
O porque era bem no horário de almoço... o colega queria ir almoçar... ele falou... não... vamos resolver... resolveram o problema... até aquela terra que ele cavou... ele tirou... ele limpou a calçada... ele deixou limpinho... educadíssimo... atencioso... então... se é que a Coelba tem funcionário padrão... esse é um funcionário padrão [...]

P.112 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:36

- O o serviço que presta a TW é horrível... é terrível... eu já cheguei na fila do Ferry Boat dez e meia da noite e saí sete da manhã... eu tenho uma casa em Barra Grande... que sempre estou fazendo a travessia... e o valor da tarifa quem vai de carro é horrível... grande... muito grande... e a pessoa vai e volta... e o governador poderia olhar isso com mais tranquilidade... a população não agüenta mais

P.113 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 06:47

- A [...] quando é que a senhora vai lá agora?
O Mariane... eu quero ir antes... depois do Natal... que eu fui essa semana lá... porque a minha tia tem oito anos de cama [...]

P.114 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 07:05

- O [...] eu moro em Salvador e trabalho em Camaçari [...] como é que nós devemos proceder?... a gente que faz esse percurso Salvador... Camaçari... no mínimo dez vezes ao dia... como é que eles vão proceder?... se nós vamos ter alguma forma de de de abatimento... alguma coisa... Armando? você sabe essa informação? [...]

P.115 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 07:16

- O [...] a minha reclamação é contra a Embasa... entendeu?... no mês dez... o consumo da gente na realidade no máximo aqui é quinze metros cúbicos
A é o seu consumo médio?
O então no mês dez... veio vinte e oito metros cúbicos em apenas oito dias
A eita... não tem vazamento aí não?
O não... isso foi uma curiosidade nossa em olhar o hidrômetro [...] eles levaram o hidrômetro e trocaram... e agora estão me cobrando esse cento e quarenta e sete reais [...] eles disseram que lá tinha um pequeno comércio... eu digo não... lá tem uma sala lá que tem uma () a pessoa tem uma torneira... eles já

mudaram dizendo que era um ponto comercial e que o consumo é esse mesmo... que tem que pagar [...] e aquela cadeira de rodas... Ernani... que você me passou... minha tia veio a óbito entendeu? [...]

P.116 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 07:27

O [...] era a antiga sede da Coelba entendeu?

A abandonaram isso aí foi?

O abandonaram... roubaram tudo já que tinha dentro da sede... entendeu? e hoje é local de que mora ladrão... usuário de droga... entendeu? e aqui na rua hoje as pessoas tem medo de ficar na rua devido a essas pessoas que estão se alojando nela [...]

P.117 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 08:22

O [...] e também parabenizar o vereador Paulo Câmera... que foi um... é um dos únicos que se fazem presente e trabalham todos os dias na câmara dos vereadores em prol da melhoria para o povo... eu já tive a oportunidade de estar frente a frente com esse vereador [...]

P.118 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 09:51

O [...] o prefeito inclusive falou na imprensa que ia mandar fazer... mas até hoje não fizeram absolutamente nada... entendeu? e nós estamos muito com medo nessa chuva agora de verão... esse estrago que está tendo em São Paulo vai vir pra aqui... pra Salvador [...] desde dois mil e seis que nós estamos aqui... clamando e esperando realmente que essa cortina seja feita [...]

P.119 – Rádio Sociedade 14/12/10 – 09:54

O [...] que rádio maravilhosa é essa... menino! [...]

A Maria... meu amor... me conte uma coisa... você deixa de sair a noite com medo da violência?

O com certeza

A é mesmo?

O olha... eu frequento essa igreja... igreja aí de Iguatemi... eu não vou de noite [...] porque tem essas passarelas aqui que é um roubo total [...] eu morava lá do lado de Irará... desde pequena que eu ouço essa rádio Sociedade... os meninos disse... bota esse rádio logo nessa Sociedade que mãe não pode viver sem essa Sociedade [...] e Marcelinho Guimarães... esse lindo... que graças a Deus ele não foi deputado para cuidar do Bahia [...]

P.120 – Rádio Sociedade 20/12/10 – 08:08

O [...] vamos fazer um acordo Zezinho... tu pega esse dinheiro aí e dá pra alguém da prefeitura pra ver se dá uma arrumada nessa rua dois de julho [...]

A rua dois de julho?

O é... rua dois de julho

A mas qual é o problema da rua... Antonieta?

O sem calçamento... Mariani... uma poeira horrível... cheia de buraco... está praticamente interditada... Mariani... isso aqui

A e a muito tempo que está essa situação aí... né?

O há muito tempo... Mariane... desde que eu moro aqui... eu já reclamei com você várias e várias vezes... tem até aquela nosso cafezinho ali que a minha amiga Maria Rita quer que eu ofereça o cafezinho a você na minha casa... mas só depois que arrumar a rua né? [...] não tem carro que agüente esse negócio... quebra tudo... ninguém toma providência aqui [...] a retribuição é aquela cafezinho [...] que Deus te abençoe... continue te abençoando... a todos aí nessa emissora [...]

P.121 – Rádio Sociedade 20/12/10 – 08:13

O [...] eu comprei uma casa na Caixa d'Água... e esta casa quem me vendeu foi dona Maria da Glória Pimentel Soares Seabra... é uma senhora de setenta e quatro anos... lúcida... bem... e eu vi no jornal e fui com o corretor... gostei da casa e comprei... e isso foi no mês de outubro... então a casa ficou pra ser entregue dia vinte e cinco de novembro e até hoje ela não me entregou a casa [...]

P.122 – Rádio Sociedade 20/12/10 – 09:37

O [...] eu nunca vi uma gestão nessa dentro desse posto de Pirajá... então eu quero que tome a providência porque assim não tem condições [...]

Corpus em espanhol

E.01 – Radio Mitre 21/09/09 – 21:17

- A [...] y a vos te adoptaron... ¿y vos te enteraste cuándo... que te habían adoptado?
O bueno... yo de esto me enteré cuando tenía trece años [...]
A ¿y se supone... se supone... entre comillas... que tus padres... te dejaron ahí abandonada?
O bueno... te explico... era una joven pareja que venía... éh:: de Buenos Aires... del sur... pero supuestamente de Buenos Aires ...es la historia que contó la señora que atendía el hotel... porque el micro... el único micro que viajaba del sur al norte... éh:: paraba en el único hotel que había en ese momento acá
A sí...¿y la señora que contó de ese hotel... de qué hotel allí?... ¿por qué fuiste vos a ese hotel?
O hotel éh:: Centro... era una pareja que venía del sur hacia el el norte
A pero... como sabés que la pareja paró ahí... porque eso te lo contó tu mamá
O eso me lo contó la señora del hotel... eso me lo contó la señora del hotel... este:: la chica esta entró en trabajo de parto
A y la chica la chica que sería tu mamá... ¿vino del del sur de la República Argentina?
O sí... lo que ella... Marta... la señora esta que la conoció... que los conoció a ellos dos... sobretodo con ella habló más... le dijo que ellos este:: eran de Buenos Aires [...] eran de Buenos Aires... el dato que me dijo la señora... con familiares en el Norte... éh:: Tinogasta supuestamente... lo los familiares de él eran de Tinogasta y se iban a ese lugar [...]

E.02 – Radio Mitre 14/12/09 – 21:25

- A [...] Andrea... ¿qué pensás de la infidelidad?
O mirá... a mí no me gusta jugar a dos puntas porque ahí... ni con el pensamiento... porque se puede engañar de muchas maneras [...] pero pienso que no hay que jugar a dos puntas... aparte esa situación de estar jugando... de vértigo... de lo prohibido... mucha gente... bueno... que se engancha en eso [...]
A ¿y tirarías los veinticinco años con Marcelo?
O yo en ese momento pienso que no... ¿viste?... porque uno lucha cada día para construir el amor... para estar bien... para::: como una plantita... para... como dice todo el mundo... que hay que alimentarla [...]

E.03 – Radio Mitre 14/12/09 – 21:52

- O [...] me gustó mucho lo que dijo Pedro... eh: me gusta/ perdón... Pedro no... Carlos
A Carlos
O Carlos... un acto fallido... Carlos me pareció muy interesante porque me:: cuando yo tengo alguna duda consulto con algún amigo... yo no creo en la amistad del hombre y la mujer ¿eh?
A ¿no? ¿por qué?
O no no no.. porque este amigo en algún momento tuvimos algo y quedamos amigos... entonces yo a veces lo consulto [...] yo en realidad estuve casada veintitrés años... me casé a los veinte... con un señor de veintiuno... y estuve viviendo veintitrés años de tortura psíquica con él... y el seños me fue infiel [...] no me di cuenta nunca de lo que estaba haciendo él... cuando me separó hasta él mismo me lo tiro en cara
A pero vos no te dabas cuenta que él tenía otra::: otra::: ¿no?
O [no... para nada... para nada
A ¿pero a veces viste que se percibe eso?
O vos sabes que no... nunca lo percibí... pero ahora que pasó... después de todas esas experiencias... esta sobretodo... entonces sí me pongo ya más al tanto de que... bueno... cuidado pero esto pasó hace mucho... yo tengo setenta años [...]

E.04 – Radio Mitre 14/12/09 – 22:24

- O [...] hay una diferencia entre la infidelidad masculina y la infilida/ infidelidad femenina [...] es algo puramente sentimental... y yo diría que prohibido... algo que logre ponerla en contacto con la vitalidad y la seducción... y algo que consiga hacerla volver a sentir esa droga natural de enamoramiento... que que fluye a través de su cuerpo
A sentirse deseada
O claro... este tipo
A [es fundamental para una mujer sentirse deseada
O [pero por supuesto... por esto creo que curiosamente son diferentes... y en cuanto a que el hombre no ama... yo estaba escuchando recién a Frank Sinatra y yo digo... si si pudiera interpretar su letra... esto es lo que dice un hombre enamorado [...] estoy

profundamente enamorado de mi pareja que es mi segunda mujer... con la que no vivo y estoy feliz en cada reencuentro y podemos este... descubrir en esto... segundo... en este segundo capítulo en nuestras vidas [...] yo te aseguro... te aseguro que sí... todo esto que te estoy contando es para decirle a Raquel* que acá hay un señor... que nadie conoce... que está enamorado [...]

- A porque ahí hay gente que se muere sin haber conocido a un gran amor
 O o ningún amor
 A o ningún amor
 O claro... y además este... yo creo que hay que poner en su justo valor al amor
 A sin haber amado... ay que triste que es eso... la peor condena
 O sí... yo creo que sí...
 A es la peor condena que te puedo tocar en la vida
 O porque esta historia de tener una alegría uno solo es una alegría por la mitad... y el dolor es el doble ¿no? [...]

((*Raquel fue la mujer que habló antes y afirmó que los hombres no aman))

E.05 – Radio Mitre 11/01/10 – 21:29

- A [...] y la otra cuestión es esta... ¿la mujer... de treinta o alrededor de treinta... está teniendo una vida parecida a la de los hombres?
 O ¿en no buscar compromiso?
 A sí
 O y un porcentaje actualmente sí... la verdad es que sí... la mujer está muy independiente... las que tienen profesión con ... que están empezando su carrera... y le dedican mucho tiempo a eso... la mayoría no quiere tener hijos [...]

E.06 – Radio Mitre 28/01/10 – 21:55

- O bueno... con el tema de la intolerancia... eh... entre las cosas que movén la intolerancia... son las injusticias... y la falta de respeto entre los seres humanos... así que bueno... esas son dos... eh:: factores casi fundamentales... que llevan a la intolerancia entre las personas... entre los seres humanos hoy en día [...]

E.07 – Radio Mitre 28/01/10 – 21:57

- O hola...éh... Esteban
 A sí
 O con respecto a la tolerancia o intolerancia... yo no creo que la gente nazca de una u otra manera... eso va variando a lo largo de nuestras vidas [...]

E.08 – Radio Mitre 28/01/10 – 22:00

- O yo estoy desde los dieciocho años en el gobierno de la ciudad y he pasado por todos los gobiernos [...] lamentablemente tengo que decir que no voy a renunciar... porque es mi trabajo... tengo cuarenta y siete años... pero que nuestra situación es prácticamente la de esclavos... no podemos hacer ningún tipo de movimiento... que por una cuestión meramente economicista... no podemos progresar... no podemos aspirar a nada más... hasta que el poder político de turno tenga bien... levantar el interdicto... de cada tantos años... blanquear nuestra situación...este... eso es... bueno... creo que
 A pero digamos... nadie asciende dentro de...
 O [nadie puede ascender porque vos tenés un jefe () en cualquier área y ese jefe se jubila como jefe [...] este... no quiero con esto endiosar a nadie... ni tampoco... eh... hace un año que estoy luchando por esto... un año largo y realmente me está costando la salud [...] tendrían que abrirseme... si no las mejores puertas... al menos permitirme salir de mi especialidad en salud y meterme () de abogada para ver hasta donde puedo dar... aunque sea por el mismo precio... pero ni eso... es espantoso lo que está pasando [...]

((discusión sobre las condiciones de los trabajadores del Gobierno de la ciudad de Buenos Aires, la oyente, que ahora es abogada, expresa su indignación con el hecho de que no puede ascender en la carrera))

E.09 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:36

- O [...] ese muchacho que habló que dijo Videla... Videla hace treinta años que no gobierna más [...] hoy tenemos más fachistas que Videla... simplemente () cuando (dice) boliviano de mierda... todo ese tipo de cosa [...] yo soy vendedor profesional
 A ¿y qué cosas tenés que padecer como vendedor? ¿qué vendés?
 O [que me cortan una calle... que no puedo pasar por zona azul... y que te () que son los dueños... que te dicen... vos tenés un coche... jodete... embromate...]

ese tipo de cosas... son más fachistas que Videla [...] Videla ya viene con una escuela... porque yo estuve... cuando me tocó los [...] servicios militares... estuve en la parte acceso de ()... donde había el fachismo () no podía asumir a general alguien que sea democrático... ¿entendés?... o sea... quien entiende un poquito de eso... y Videla (viene de una) escuela... de estos tipos... son prepotentes... () ¿entendés? ese es el tema... Videla hace treinta años [...] todos los problemas que padecemos hoy... los padecemos por los políticos... y por todo este:: la intolerancia que existe en toda esta generación que nos gobierna

- A bueno... en esto coincidís con Martín... él habló de la intolerancia
- O exactamente
- A estamos intolerantes en todo... en todo
- O en todo... yo... mirá... padezco... y vos... cuando vas... vas con el coche que no te quieren dejar pasar... que quieren pasar primero... que esto... que te tocan bocina... que estás en un semáforo que te vas a arrancar... o sea... es intolerante la gente... ¿entendés?... ese era un poco el tema [...]

E.10 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:49

- O [...] tengo algunas medidas... apoyo crítico al gobierno... crítico... y otras realmente... y algunas proceden realmente... realmente me parece este:: muy contrarios al que yo pienso... pero eso no valida situaciones de reivindicar el pasado... este:: este gobierno so sometió en las elecciones [...]

E.11 – Radio Mitre 27/01/10 – 21:56

- O [...] vino Cámpora... que trajo a un ministro este:: del interior... un joven ministro de interior Esteban Righi... este:: que hizo el mayor acto de justicia... liberó a todos los presos políticos... entre los cuales salió François (Shiat)... un... este:: narcotraficante internacional que estaba este:: () de voto y y salió con... a ver... la protección de Abal Medina y toda esa caterva... este:: que figuraba en ese momento... Juan Perón alababa a esa juventud maravillosa... después esa juventud maravillosa pasaron a ser unos miserables [...]

((discusión sobre la historia política de Argentina))

E.12 – Radio Mitre 26/01/10 – 19:46

- O [...] yo pienso... en realidad... que el hombre debe usar en una determinada edad pantalones [...] no pantalones cortos... bermudas así... porque... principalmente si van a lugares públicos [...] no nos gusta a nosotras... y además en la confitería... en los bares... estamos sentadas en la calle Perú... fin de semana... en una confitería... bueno... lindo ... lindo el lugar... pero estos hombres con estas piernas así con estas... no no... estos pantalones cortitos así no quedan elegantes... no quedan finos

E.13 – Radio Mitre 26/01/10 – 21:27

- O [...] no fue el ejército el que actuó mal en la época de la represión... fueron los que en aquel momento la conducían... lo conducían... hay un sector de chicos preparados... que son los que después entraron como voluntarios [...] yo me pregunto... bajo una buena conducción... esa mano de obra que fue muy bien formada... o sea... por conocimiento ¿no?... de lo poco que yo puedo saber de lo que pasaba dentro de ese ejército... creo que con una muy buena conducción pueden hacer las cosas bien... es una opinión personal ¿no?

((discusión sobre el tema de los militares y la seguridad interior))

E.14 – Radio Mitre 26/01/10 – 21:50

- O [...] te estaba escuchando en tu reflexión... y yo pensaba ¿no?... los centros turísticos () también son lugares aptos para (agregar) estos pibes que no deben estar en la calle [...] sí... porque esto no es una improvisación... esto tiene que ser una cosa totalmente pensada [...] cuidado... que con estos quinientos pibes no sabemos que cerebro tenemos ahí [...]

E.15 – Radio Mitre 28/01/10 – 22:04

- O [...] con respecto a lo que están hablando de los desaparecidos... de los militares... sí... sí bien... no nos tenemos que olvidar... ¿no? porque se hicieron muchas cosas muy... muy terribles... pero tampoco nos tenemos que olvidar de la otra parte... que era todavía democracia cuando mataban... secuestraban... torturaban... también hicieron lo mismo... no estoy de acuerdo igual de que los militares hayan hecho lo que quieran... no tenían porque matarlos... ni porque torturarlos y desaparecerlos... eso no se hace la verdad

E.16 – Radio Mitre 25/01/10 – 21:33

- O el tema este de la Hiena Barrios... realmente es un asesino... por favor... que se () en la cárcel ese tipo... como todos asesinos deberían estar en la cárcel ese también es otro de ellos... hasta luego

E.17 – Radio Mitre 25/01/10 – 22:14

- O [...] lo que te quería decir con respecto a lo que yo haría con la Hiena Barrios... ojalá jamás... jamás... me pase a mí algo con un familiar y una cosa semejante
- A por que cometerías una locura
- O tal cual
- A ¿lo matarías?
- O sí sí... sin dudas ¿éh? sabiendo que yo después voy presa... que no salgo nunca más
- A sí... el tema el tema es este... pienso yo Ángela
- O perdoname... si este señor sale a la calle sale a la calle y la la la del problema hubiese sido yo... él habría que cuidarse más que de mí... mas de mí que de la justicia [...]

E.18 – Radio Mitre 21/01/10 – 22:13

- O [...] hay una persona a la que yo le pediría una segunda oportunidad pero ya eso es imposible... ya fue [...] yo siempre que fracaso me pregunto... que hice yo para que esto pasara [...]

E.19 – Radio Mitre 21/01/10 – 22:35

- O [...] una amiga mía... maravillosa... un hijo maravilloso... que queríamos mucho todos... al hijo le agarra una embolia cerebral... y está en coma... la madre por supuesto quería un milagro... pide una interconsulta con un afamado neurocirujano [...] llega el doctor a la clínica... donde estaba internado este chico... toma las los estudios y dice... en mi vida no vi un coágulo cerebral como este... para esto ya lo habían trepanado y lo habían () el coágulo... estaba en estado vegetativo... perdón... voy a hacer un comentario anterior a esto [...] entre todos los amigos que queríamos mucho a ellos... habíamos hecho una vaquita... como decimos nosotros... para juntar esa plata... bueno... sale de la terapia y dice... nunca en mi vida vi un coágulo como el de este chico [...] y le digo... doctor... autoriceme a pasar la terapia intensiva que lo desenchufó yo... ah... no... tampoco voy a hacer eso... la mamá se pasó veinticinco días en esa clínica al lado de su hijo [...] había... no recuerdo si eran dos meses... había sido fin de año... habíamos estado en una comida... y este chico que se llamaba Raul... me dice... ¿vos sabés que yo quiero donar los órganos?... pero todavía no estaba muy difundido el asunto [...] entonces... nadie puede juzgar esa madre

((discusión sobre la mujer que fue condenada a cadena perpetua en Grabetanha tras haber matado con una inyección de heroína el hijo que estaba en estado vegetativo))

E.20 – Radio Mitre 18/01/10 – 22:12

- O [...] mirá... sin la logística militar ... te guste o no te guste... la critiques o no la critiques... de Estados Unidos... en estos momentos Haiti será/ Haiti sería peor de lo que está padeciendo [...]

E.21 – Radio Mitre 01/02/10 – 22:28

- O [...] usted tiene polémica entre el oyente y eso es lo grandioso porque está tocando temas de la realidad... con respecto a eso yo le voy a robar un minuto [...] es vergonzoso que en un país la variable de ajuste sea un jubilado... y como usted dijo muy bien una vez... ¿qué hacen los jubilados?... pero señor... el jubilado no hace piquete... es un anciano... no grita... no golpea... no hace violencia... pasa de una agresión verbal que no llega a ningún lado... aquí en este país lamentablemente solamente los violentos [...] hoy... me quedé con los pelos de punta... vi un aviso... en un diario... una agencia decía ... aunque no hayas trabajado un día en tu vida... te jubilamos... ¿qué es esto?... ¿qué es esto?
- A sí... ¿qué curro es ese? ¿qué curro será ese?
- O [pero está en los diarios de hoy... el que quiere tomar el diario de hoy lo ves... pero ¿qué es esto? [...]

E.22 – Radio Mitre 24/06/10 – 21:28

- O [...] a vos te escucho muchas veces... y:: coincido un poco:: en lo que:: lo que te dijo Esteban... que vos cargás mucho las tintas sobre los encargados [...] no todos los encargados ganan cuatro mil pesos... me gustaría que también eso lo digas... que sean... que sean un poco más objetivo/que seas un poco más objetivo en ese tema y que también digas que los arreglos que se hacen en los edificios... porque yo leo las (despensas)... y veo los arreglos que se hacen... e a veces están media hora y cobran una fortuna... y eso también incrementa las (despensas) [...]

disculpame que te diga esto si a lo mejor te molesta... pero me molesta cuando vos cargás tanto las tintas sobre los encargados [...]

E.23 – Radio Mitre 24/06/10 – 21:40

- O [...] si yo tuviera superpoderes... me gustaría mucho... poder saber que pasa después de la muerte... conocer ese:: misterio increíble y... bueno... esa... eso es lo que me gustaría... tengo la certeza de que nos vamos a encontrar con nuestros entes queridos pero quisiera tener superpoderes para estar segura de todo esto

E.24 – Radio Mitre 24/06/10 – 21:56

- O aumentan las cosas... ¿quién se ocupa de que las cosas aumentan? [...] nunca éh... nunca vi a la presidenta dirigirse al pueblo para explicarle ese tipo de cosas... ella habla de cosas demasiado... éh:: grandes... demasiado... que:: a lo mejor hasta el pueblo mismo... el pueblo común no las entendemos... (está en otra)... tenemos que cambiar esto [...]

E.25 – Radio Mitre 24/06/10 – 22:07

- O [...] tuve que... este:: utilizar PAMI por primera vez... después de seis años de jubilada [...] extraordinariamente bien atendidos todos los jubilados... es para:: felicitarlos... éh:: las personas que te reciben desde el informe... hasta la atención del médico... creo que están preparadas para atender a () Federal... éh:: me emociona tener que contarte esto porque siempre escucho que son mal atendidos [...]

E.26 – Radio Mitre 24/06/10 – 22:28

- O mirá... yo soy jubilado y en los próximos días tengo que cobrar... y con todo esto que se está hablando [...]

((oyente comenta el miedo que siente con lo de que pagaron los jubilados con billetes falsos))

E.27 – Radio Mitre 24/06/10 – 22:59

- O [...] mire... justamente estaba escuchando su programa y... no me () usted la forma de proceder con la gente... ¿sabés por qué te digo esto? porque... hablé (unas) mujeres hoy con respecto a las preguntas que usted le hacía y ella le contestaba... y ella insinuó sobre la inseguridad... este:: todo lo que se plantea hoy... en este momento... como se vive en Argentina... y usted verdaderamente no responde... usted tiene miedo de quemarse... a dar una opinión contra el gobierno o contra... según... el parecer suyo... siempre se esquiva... y no da nunca una satisfacción a la gente que le pregunta... eso lo que me llama la atención [...]

E.28 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:00

- O [...] a mí me parece que es ilógico una persona que aportó cuarenta y cinco años... se va a jubilar con cuarenta y siete que en este país creo que los cuentan con los dedos de las manos gente así [...]

E.29 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:16

- O mira... Mirol... yo te voy a hablar sobre un tema que es el pan nuestro de cada día... la inseguridad... las muertes... las violaciones... yo tengo sesenta y cinco años y te juro... es la primera vez que veo esto... es la primera vez [...] cómo teniendo personas que nos dirigen el país... tenemos ministros de defensa... ministros de educación... presidenta... se ocupen de tantas banalidades y no se ocupen de la vida de nosotros... nosotros que salimos a la calle... Mirol... Mirol... nosotros no tenemos custodia... no tenemos autos... este:: blindados... salimos a la calle libremente... ese hombre que lo mataron delante su hijo... yo no entiendo más nada [...] por favor Mirol... que... que este país vuelva a ser el de antes... donde uno puede salir tranquilo a la calle [...]

E.30 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:36

- O [...] yo tengo setenta y ocho años y nací en esta casa [...]

((oyente habla sobre la casa y el barrio donde vive))

E.31 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:45

- O [...] me parece que quisieran que digas... que vengan los milicos y los metan ametralladoras
A no... eso no voy a decir nunca porque
O [yo sé
A porque de ninguna manera... no no... yo asesinos no quiero

- O [ya sé
A ya basta... ya tuvimos mucha muerte... ahora también estamos teniendo muerte
O ya sé porque yo te escucho siempre... este:: no... te digo esto porque a mí me pasó... yo tengo un comercio [...]
A he dicho veinte mil veces que no he votado este gobierno... ni a () ni a Kirchner... y los que voto siempre pierden que son los socialistas... ¿no?
O es más... y aunque fuiste claro y lo dijiste... estarías totalmente contento si este gobierno combatiera la inseguridad [...]

E.32 – Radio Mitre 24/06/10 – 23:50

- O el tema es este... el el:: problema es... escuché hablar que usted comentaba la lámpara (analógica)... es eléctrica o se puede tener... ¿cómo es eso? [...] bueno... quería decir de esto... por ejemplo... estoy haciendo juicios... (avances) por el cobro de más dinero... entonces [...]

E.33 – Radio Mitre 23/06/10 – 23:52

- O buenas noches... señor Mirol
A ¿cómo estás?
O yo estoy este:: más o menos enferma... quería que usted me diera un consejo... pero no de política* ni de nada de eso [...]
A ¿qué enfermedad tenés?
O yo tengo la enfermedad esa... que tenía Sandro... Epoc [...] la otra ((hija))... dice siempre que se va a trabajar afuera con el marido bue... casi nunca está... nunca está... la llamo... la llamo... y nada... nada... nada... ella tiene el poder para ir a cobrarme... no viene... no me llama para decirme... mamá... ¿cómo está? ... una vez yo llamé... le pregunté si
A [pero... pero... ¿ella va a cobrar tu jubilación?
O [no... no va... fui yo... arrastrándome... sola... no no... no va porque qué sé yo... no sé yo qué le... qué le pasa a esta chica [...] hoy mandé una señora a la doctora buscar una receta y dice... dígle a las las hijas de esta señora que vengan que yo voy a hablar con ellas [...]

((*las personas que llamaban antes hablaban sobre política))

E.34 – Radio Mitre 23/06/10 – 21:42

- O bien... y vos sabés que... estaba escuchando el tema de los billetes
A sí
O dos cositas te quiero decir
A dale
O yo he visto en cajas electrónicas... detectores de billetes falsos [...] si las personas se tomaran el trabajo antes de salir del banco... anotar en un papelito... las terminaciones de los billetes... también sería de:: efectivo... como... para... bueno... para corroborar que
A [en principio que corroboren que no termina con trescientos treinta y nueve b... y que no terminan todos iguales... porque si terminan todos iguales... todos... a todos les entregaron billetes con la misma terminación... o ¿sí? entonces... los billetes tienen cada uno una terminación diferente
O por supuesto... por eso ¿viste? habría que tomarse ese trabajito... yo entiendo que a veces hay señoras o personas mayores que no... no no pueden hacer eso... pero bueno si alguien los acompaña o o pedirle a alguien del mismo banco que se lo haga... que sé yo... porque realmente me imagino la decepción de esta gente ¿no? [...]

E.35 – Radio Mitre 23/06/10 – 22:03

- O o sea... mi idea es esta...éh::... pensamos todos en la () nadie me asegura que los cajeros... tengan el cien por cien de confianza... entonces a margen de eso... éh:: los bancos no se hacen responsables... que pasaría si a alguien... eh:: que le dan plata falsa... al encontrar un billete con plata falsa pone todos los billetes en un sobre de plástico... me sigue?
A lo sigo
O Y resulta que va... hace la denuncia a la policía... y estos billetes a través de un escaneo [...]

E.36 – Radio Mitre 23/06/10 – 22:14

- O con respecto al problema del dinero falso que le han dado a los jubilados... y... me queda otra duda... otra preocupación... ¿qué pasa con el dinero que sale de los cajeros?... ¿ese dinero también está firmado... controlado... todo cuando ingresa a los cajeros?... ¿qué... no puedan ser falsos?

E.37 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:17

- O ¿sabés qué pasa... Esteban... con Maradona? yo nunca simpatice con él... pero::: nunca me gustó la vida que llevó... pero bueno... eso fue problema superado quizás... pero yo creo que Maradona es el único argentino que realmente... verdaderamente... lleva la patria adentro... lleva la bandera... la escarapela... el escudo... todo en el corazón... en sus entrañas... y eso se lo transmite a los jugadores... es indudable... lo sabrás tal lo vez... tal pierda... ganen... los estimula... se llevan bien... está contento y eso levanta mucho la estima de un jugador

E.38 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:22

- O [...] yo recuerdo las alegrías que me dio jugando... me encantaba verlo jugar... también recuerdo cuando habló mal del hijo... recuerdo como quiere a su familia... es un hombre que podría estar viajando... tranquilo... y se pone esto a cuesta... como pone el amor a los jugadores [...]

((Sobre Maradona))

E.39 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:24

- O [...] estaba escuchando el tema este de Maradona... Maradona es como somos todos... acá parece ser... que aquellos que tienen la... la... que reciben la varita mágica para ser personalidades [...] ¿qué era más difícil? ¿ser Maradona de Villa Fiorito o ser Maradona de hoy? yo creo que es esa la cuestión [...]

E.40 – Radio Mitre 21/06/10 – 21:28

- O [...] los jubilados estamos amenazados... (a ser ya) reiteradamente estafados... pero del todo... entonces yo... lo único que pido... es a los señores jubilados... que traten de mantener su... su posición como tal frente a la sociedad y que traten en lo posible... de que nos paguen con el dinero que nos tienen que pagar... no con dinero trucho... para captar a todas estas personas sin vergüenzas que no hacen más que devorar nuestros intereses y nuestro dinero que hemos ganado con todo el sacrificio de tantos años de trabajo... para eso... para destruir a toda esta toda esta sociedad inmundada que tenemos lo único que sirve es la muerte... entonces yo... creo... que hay que ir armados al banco... que los jubilados tenemos que ir armados al banco... pues cuando un cajero no pague con dinero falso... pegarle un tiro... es de la única manera que vamos a terminar con la corrupción... terminado con los corruptos... si no... esto no se termina más... no es posible... que un pobre jubilado tenga que esperar para ir a cobrar la miseria que cobra para que encima se la de con dinero que es totalmente falso... esto está pasando en bancos importantes... yo le pediría al señor (Piano) que diga como entra ese dinero falso en el banco... por que por un agujerito no entra... ¿eh? son muchos millones los que entran de dinero falso... entonces eso es yo lo que quiero hablar [...]

E.41 – Radio Mitre 13/04/10 – 21:23

- O [...] la buena suerte... la mala suerte... hacia el opuesto... sería lo que uno recibe sin tener mérito alguno... sea bueno o malo... o sea si es malo... si uno no tiene mérito y recibe algo malo... eso debería ser mala suerte [...] hay que analizar... cuando uno tiene algo malo qué inferencia podrá haber tenido uno

A claro... ¿que hice para merecer esto?

- O claro... entonces... como me parece que a veces se da eso... por lo menos en mi caso [...]

E.42 – Radio Mitre 13/04/10 – 21:54

- O [...] me pareció muy muy interesante lo que dijo este hombre*... este:: escuchame... llamaba para hablar del tema de la suerte

A de la mala suerte... sí... ¿vos sos un tipo con mala suerte? [...]

- O yo quería poner punto con el tema anterior y eso es conclusión de todas las políticas que hemos vivido y al pueblo le das y... recibe... nada más... lo que dijo este hombre me pareció maravilloso [...]

A vos decís... Horacio... que a partir de El Secreto... por ejemplo... Ley de la Atracción... ¿tu vida cambió?

- O sí... te digo que sí... seguro... primero... dejé de tener la bronca... justificada o no justificada... contra aquellas personas que me agredían... primero... ¿por qué? porque yo digo bueno que (hagan) su vida... que a mí me interesa la mía [...]

((*este hombre = el hombre que habló antes))

E.43 – Radio Mitre 13/04/10 – 22:06

- O buenas noches Mirol... escucho tu comentario acerca de... bueno... las costumbres chinas de comer perro... yo te cuento que en el año sesenta y uno me puse en contacto con misioneros... que misionaban en China y bueno nos comentaron... adolescentes que éramos... esa costumbre ¿no? esa curiosidad... entonces toda cultura tiene algo bueno y algo abominable

E.44 – Radio Mitre 13/04/10 – 22:51

- O [...] yo te cuento... a mí eso del Gauchito Gil... una amiga que realmente... prácticamente... estaban por concederle monja... y todo eso... falleció... pero ella siempre me explicaba que dice que todo eso son leyendas... que eso no es cierto... y además yo... soy católica... pienso que realmente la gente que tiene miedo... a todas esas cosas... como ese señor que decía recién... es también ser un poco supersticioso... yo te digo que vivo por el parque de la cervecería Quilmes y está siempre cosas (así) de macumba puestas y todo... pero yo... no las toco pero paso por al lado y como creo tanto en Dios... pienso que eso no me va a llegar a mí... o sea... eso está en la fortaleza que uno tenga espiritualmente [...] en la misa de pascua en... la iglesia que vos... vos lo... vos tenés presente... fue a la Capilla donde está el padre Adolfo que es el padre sanador... cerca de mi casa... que no quiso salir al aire y todo eso... que él no quiere publicidad... bueno... y el también decía... en la misa de pascua fue... en este año... dice que... ¿cómo es? dice que todo ese () y todas esas cosas rojas que se cuelgan... eso es el demonio dice... si Dios no quiere () dice... y eso no es de Dios... realmente... y dijo clarito... no piensen que ponerse una cinta roja están (salvados) de todo... que no es que (crean) esas cosas y él digo... es el demonio... no existe eso de las cosas rojas [...] no hay que creer en eso... el sacerdote lo dijo en la misa clarito [...]
- A ¿el martes trece a vos no te cambia para nada?
- O no... no... al contrario... en esas cosas no [...]

E.45 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:18

- O trato de pensar en las cosas más simple
- A ¿por ejemplo?
- O este:: mi familia... que mis chicos están bien... de la salud de todo nosotros y eso me reconforta muchísimo [...]
- A [...] bien... entonces vos tenés tu:: tu fórmula... y la fórmula además es la de poner las cosas positivas... todos los días ponés una cosita positiva en la balanza
- O exato... este:: a parte de eso... vos tenés que pensar que... el problema que tenés vos... es inferior al problema que tienen muchas otras personas [...] uno siempre tiene caídas... y se vuelve a levantar... este:: y tenés que ver... por qué te caíste... bueno... este:: voy a tratar de no caerme más en esto... uno nunca está solo en la vida... ¿me entendés? entonces... en esas cosas uno encuentra paz [...]
- ((discusión sobre el estrese))

E.46 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:34

- O vos no sabés cómo te extrañé Esteban... porque estuve en Italia [...] yo quería hacer la comparación del estrese de los argentinos y de los italianos [...] donde más estuve... en Salerno... en un pueblo... muy lindo... de montañas... unas casas alucinantes... amuebladas que no te puedo explicar... con... si había cuatro personas... había cuatro coches... Audi... éh... bueno... estoy haciendo la propaganda... de esos caros [...]

E.47 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:41

- O [...] me estrés lo calmo con música [...] hago tejidos... a mano... a máquina... crochet... y he descubierto esto último... paren las orejitas señoreas... vayan a hacerse un curso de (padwork) [...] primero se corta... después se cose... y hay que saberlo hacer... por supuesto... bueno... y me entretengo un montón con eso... escucho música... cada dos horas... si escucho algo por radio vengo a mirar la tele lo que pasó... si lo dan... algún choque... algún... eso es fantástico [...]

E.48 – Radio Mitre 09/04/10 – 21:53

- O [...] yo estuve trabajando en uno de los mejores hoteles acá en Japón... () hasta el dos mil siete... final de ese año [...]
- ((oyente argentino que habla desde Japón y dice que escucha la radio por internet))

E.49 – Radio Mitre 09/04/10 – 22:37

- A ¿cómo andás con el estrés vos?
- O bueno... yo soy muy ciclotímica así que eso sube y baja
- A ¿sí?
- O sí... ya es... mi manera de... porque he luchado con eso toda mi vida... pero ahora colgué la toalla... soy ciclotímica y así me tengo que admitir... yo te llamaba por esto que dicen del estrés a ver
- A
- O esa señora que dice que en Italia [...] yo creo que estamos estresados por la pobreza... por los millones... estamos estresados por la indefensión [...] ahora van a hacer un lugar para los chicos que se drogan para enseñarles esto... yo estoy totalmente de acuerdo con eso... pero no cortemos siempre el hilo por el más ()... salgamos a correr a los que venden la droga... y como eso... es en todo... Esteban... no sé por qué es eso... a mí me estre/bueno... eso... a mí me estresa eso... la indefensión [...] a mí me gusta mucho mezclarme en la multitud... pero yo sola... yo sola en la multitud... ay... para mí eso es algo::: [...]

E.50 – Radio Mitre 05/04/10 – 21:58

- O bueno... con respecto al tema del casco...éh:: voy puntualmente a lo que estaban hablando... no creo que sea tan así... como ha determinado este juez que... bueno... según lo que escuché se ha basado en el que hay precedentes [...] yo vi un informe hace poco en televisión... éh:: en canal trece... de Suecia... con respecto a los vehículos... el tema es como arrancan... y bueno... eso sí... hay una firma de autos de Suecia conocida [...] con respecto a lo que decía la mujer que dice que tiene familia en España... éh:: no estoy de acuerdo tanto que sea por el tema de las multas... sino que es una formación... la gente ya está formada así...
- A uhum... se forman desde chiquitos... desde el jardín
- O exacto... la gente ya está educada de ese modo... sabe que cuando maneja tiene que usar el cinturón de seguridad [...]

((tema de la ley que no obligaría el uso de casco para los motociclistas))

E.51 – Radio Mitre 05/04/10 – 22:05

- O [...] bueno... respecto al tema que está tocando Mirol en este momento... mi aporte es que vivimos en una SOCIEDAD... y nos tenemos que grabar... que lo que yo hago siempre puede molestar al vecino... y cada vez esta sociedad está más llena de gente... más llena de autos... y cada vez nos () más... si no aprendemos a respetarnos vamos a reventar todos... pero aquí prima mucho el individualismo y eso es un gran error

E.52 – Radio Mitre 05/04/10 – 22:12

- A [...] ¿querías opinar sobre el tema del casco... la... el tránsito?
- O sí... quería opinar sobre eso... porque mirá... no estoy nada de acuerdo [...] suponte que soy yo el que ocasiona el accidente... ¿sí?... él que tiene un accidente con un motociclista... este moto/este motociclista puede fallecer y... yo me haría cargo... como dijo Pablo... de un:: homicidio culposo... pero si lo dejamos solamente ahí esto no no tiene la importancia que tendría... como que entonces uno tendría que estar cargando sobre su conciencia... sobre su alma... sobre sus espaldas con un homicidio que se pudo haber... no con un homicidio... perdón con una muerte que se pudo haber evitado
- A
- O [con una muerte que se pudo haber evitado... entonces eso es terrible...
- A está bueno eso
- O [si te querés matar y pegarte contra un paredón... bárbaro... pero no me hagan cargar sobre mis espaldas la irresponsabilidad de otro... porque eso ya es terrible [...]
- A habría que evitar los gastos inútiles y habría que volcarlo a los gastos verdaderos
- O seguro... seguro... ojalá en algún momento lo hicieran... creo que estamos muy lejos de eso, pero bueno [...]

E.53 – Radio Mitre 05/04/10 – 22:55

- O [...] yo viví siete años en Barcelona [...] para que le otorguen el carnet en Barcelona debés ir a la escuela y cuando llegás más o menos... aproximadamente... al monto de unos tres mil euros [...] por eso la gente habla de... cuando está una semana... dos semanas y no sabe lo que pasa... porque este fin de semana hablé con un... con otro de mis hijos... que vive en la frontera con Francia... en las rutas en Barcelona hubo más de cincuenta muertos... tienen un índice alto de siniestralidad ... y ni te cuento con las motos... a mí esto de las motos me tiene muy mal porque ha vuelto otro de mis hijos que vivía allá... y... el veintidós de noviembre se accidentó acá... llevaba casco... se salvó... el cuatro de marzo se volvió a accidentar... llevaba casco y se salvó... por eso... este juez que ha dado esta orden me parece escalofriante [...] vos ves lo que

te estoy contando... allá es cuestión de plata todo... las multas son altísimas pero a pesar de eso cada uno hace lo que se le () te lo puedo asegurar yo [...]

A ¿una mamá quiere que su hijo ande en moto?

O no... estoy desesperada Mirol

A pero... ¿cómo uno hace?... ¿viste?

O ¿y cómo evitás esto? [...]

E.54 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:30

O [...] en los dos mundiales que salimos campeones... el pueblo todo en la calle... desaforados... festejando... viviendo esa alegría que es única... porque nosotros lo vivimos así... sería muy hipócrita prohibirle... a nuestros hijos... la posibilidad de disfrutar de un partido... yo lo veo de esa manera [...]

A Alicia... ya que te tengo ahí... sabés que Luis Luque salió en libertad condicional ¿no?

O sí... sí sí sí

A el asesino de Maria Soledad Morales

O lo escuché esta mañana con Madalena

A ¿sabés lo primero que dijo cuando salió?

O no... eso no sé [...]

((discusión sobre la posibilidad de que los niños vieran los partidos del mundial en los colegios))

E.55 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:33

O [...] yo quería hablar sobre ese tema de que los chicos vean el partido en la escuela [...] yo creo que no es necesario la escuela... si ese mundial lo pasan nuevamente... que lo vean en la casa [...] creo que hay gente que se posiciona mucho en el fútbol y este::: hay un ejemplo en mi familia... bastante triste [...] mi suegro... el que fue mi suegro... gritó gol con tanto ímpeto que sintió un dolor en el pecho... se quedó viendo el segundo tiempo... no volvió a su casa... cuando volvió... en ese tiempo no había lo que hay ahora... ya hace muchos años... él tenía cincuenta y cinco años... era muy joven... mi suegro fue a cebar un mate y se quedó muerto... mi marido nunca... jamás volvió a la cancha de ()... pero bueno... eso fue una cosa que era un fanático... a mi marido le gusta el fútbol... tengo dos nietos que les gusta el fútbol... este chiquitito de nueve que yo le conté una anécdota muy linda... dije... mirá... el fútbol se lleva en el alma como se lleva el tango porque a mí me pasó eso... a mí nadie me enseñó a bailar el tango [...] un jueguito que parece jugadores de verdad... yo no sé como se llama... y él estaba jugando con eso en la computadora... más allá de eso... no es porque sea mi nieto... es muy inteligente [...]

E.56 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:40

O [...] entiendo que los tiempos cambien... y eso es necesario para que las cosas funcionen [...] para que el país nuestro se dedique más a la cultura del trabajo... que está escaseando muchísimo últimamente... está muy muy bajo el nivel del trabajo... Esteban... eso es lo que yo veo [...]

E.57 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:43

O [...] y que los chicos sepan en que lugar los chicos no tienen luz... que no tienen banquito... que no tienen mesa y que manden todas esas notas a la señora presidenta para que no mande las computadoras porque si las computadoras van y no hay luz... ¿para qué sirven? [...]

((sobre la educación y las pocas condiciones de las escuelas))

E.58 – Radio Mitre 12/04/10 – 21:56

O [...] te digo que en cualquier cantidad de oficinas... y hace veintiún años que trabajo ahí... se juntan grupos... para comprar un televisor... mirar los partidos de Argentina... y después ese televisor se rifa... entre todos los que lo compraron... esto pasa en todas las oficinas de todo el país [...] el nivel educativo que tiene este país... que estamos teniendo [...]

((discusión sobre la posibilidad de que los niños vieran los partidos del mundial en los colegios))

E.59 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:17

O [...] estaba escuchando eso de sufrir por amor [...]

A pero... ¿ni una sola lágrima... Pedro?

O sí... por dentro

A ah... por dentro... ¿vos sos de llorar por dentro?

O sí... eso es lo que me... lo que me... lo que me descalcó... mi personalidad es así [...]

E.60 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:23

- O [...] yo soy paciente oncológica... y tanto yo como muchísimas personas más con este mismo problema de salud... estamos desprotegidas [...] yo tomo un calmante muy fuerte y lo tengo que ir forzosamente a buscar en La Plata... nosotros somos de (La)... en (La) hay varias farmacias pero no me entregan esta droga [...]

E.61 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:25

- A [...] ¿vos sos de sufrir mucho... María?
 O más o menos... yo soy muy sensible... ¿sí?
 A sí ¿pero vos crees que las mujeres sufren más que los hombres? convenceme de eso... porque muchas mujeres dicen que sufren más... convenceme... ¿por qué?
 O no... yo creo que es más o menos igual
 A ¿vos decís igual?
 O sí... sí... sí... eso es un dicho de que la mujer sufre más que el hombre... no... yo creo que no [...]

E.62 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:40

- O [...] en La Plata... en el ministerio de salud de la provincia de Buenos Aires... hay una oficina que depende de la secretaría de salud de la nación [...] con una notita que le van a entregar cuando le entregan los medicamentos... un día... dos días... o tres días antes que se le termine esa tanda... va y retira el medicamento sin esperar... porque la primera oport/ la primera fase de este proceso... necesita mínimo cuarenta y ocho horas para abrir el expediente... ¿bien?... una vez que retiró una vez ya te dan una orden que no tienen que ir más que acercarse... entrega la orden esa y la fotocopia de una nueva receta... ¿no es cierto? como que debe continuar con esa medicación [...]

E.63 – Radio Mitre 30/08/10 – 22:07

- O [...] tengo cincuenta y un años y necesito cobrar el dinero que me paga es Estado por este:: por los hijos ¿no? [...] nadie nos informa qué debemos llevar [...] lo que queremos es que alguien nos diga de una vez... bueno... necesita esto

E.64 – Radio Mitre 31/08/10 – 21:13

- A las necesidades que tienen que cumplir las familia para prevenir la droga... todo lo que sea prevención... ¿a ver?
 O mirá... yo pensé en esto porque... tomé un poco historia esta semana... de la gente que tiene ya un problema instalado ¿no?... que habitualmente vienen con mucho desconcierto porque no saben como contener algo que ya está lanzado... que les faltan cosas en la casa... que les roban royas... que ya está lanzado el problema ¿no?... la historia anterior es que de alguna manera no sabían que hacer... estaban como desconcertados... se limitaban... se sentían represores... en muchos casos hablaban poco con los hijos... no sabían como hablar porque el código de los chicos no no no sintonizaba con el código de ellos... entonces ¿qué hacemos nosotros cuando empezamos a ver esto?... ¿cómo logramos que esto se transforme en algo que sea una empresa de curación? [...] yo lo que hago también es ponerlos en contacto con otros padres... esto es muy importante [...] yo trabajo con un grupo de padres... una asociación de padres que ya han tenido hijos en esta situación [...] cuando vos ves otro que pudo... eso te da fuerza [...]

((Sobre el tema de las drogas))

E.65 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:24

- A [...] ¿qué tenés ganas de escuchar y por qué?
 O y::: mirá... un tema que me pone un poco melancólica y al mismo tiempo un poco alegre que se llama horas... de Jorge Dexler
 A aha... me gusta... ese me gusta... Dexler me gusta [...]
 O y bueno... es un tema que me pone así un poco (cachonda) ((risa))
 A ¿lo tenés al muchacho al lado?
 O bueno... en este momento no... pero te tengo a vos al lado ((risa))
 A a mí me tenés un poco lejos ¿no?... pero
 O no... pero bueno... para compartir este momento [...]

E.66 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:37

- O [...] soy guardiana de plaza [...] tenemos que cuidar este:: el orden... que no se beba alcohol... por ejemplo... yo trabajo en una plaza cerrada... que tiene horario de apertura y cierre... y

- entonces... bueno... no puede entrar los animales...no se puede beber alcohol... no se puede fumar por supuesto marijuana... bueno... ese tipo de cosa tengo que ver [...] que todos puedan disfrutar
- A [en ese pequeño espacio disfrutar [...]]
- A tema musical... y ¿por qué?
- O bueno... eh:: es el óleo de la mujer con sombrero por este::
- A Silvio Rodriguez
- O Silvio Rodriguez... sí
- A ¿y por qué?
- O es un tema que mi hijo me cantaba cuando era adolescente en la playa... con su guitarra... y después en cada cumpleaños como regalo... en mi cumpleaños... él a final me cantaba esa canción que me emocionaba mucho... y hoy como él se casó con una brasileña y se fue... quiero recordarlo si es que ustedes me ofrecen esta oportunidad de recordarlo con esta canción [...]

E.67 – Radio Mitre 30/08/10 – 21:42

- A [...] ¿se conoce la historia de qué hizo Krishna?
- O sí
- A y por ejemplo... ¿qué cosas hizo Krishna?
- O por ejemplo... eso lo podemos encontrar en un libro sagrado que se llama [...] los hombres se estaban peleando y matando entre ellos... entonces él dice... no... pero... esto es irreligioso... tengo que ir a intervenir... entonces él desciende justo en el medio de una batalla... que es la batalla de () él aparece ahí... tenía como unos cuarenta años... da su instrucción... la batalla se desarrolla... triunfa la bondad y él... luego de que triunfa la bondad... deja el mundo en esa comisión y se retira [...] por ejemplo... habrás escuchado a Claudio María... otro día estábamos charlando... donde dice él que todo lo que nosotros estamos cosechando nuestro camino de la vida es porque lo sembramos atrás... entonces qué bueno sería que nosotros podamos hacernos cargo de todo esto ¿no? y decir... bueno estoy sufriendo esta situación... Dios... lo dejo en tus manos...
- A perdón... ¿quién es Claudio María?
- O Domingues
- A ¿y qué tiene que ver? ... ¿por qué lo tengo que escuchar?
- O tendrías que escucharlo porque la instrucción de él también sirve... o sea nosotros
- A la instrucción de Claudio María... pero si yo sigo la instrucciones de Claudio Maria Domingues él me recomendaba a mí que yo fuera a ver el maestro Amora en Tucumán... que es el que está acusado de varias violaciones
- O bueno... ¿pero a vos te parece que Claudio Maria Domingues sabía eso y aún así te mandó? [...] todos los seres humanos como hablamos en otra vez en este mundo hacemos algo en un punto [...]

E.68 – Radio Mitre 30/09/10 – 21:14

- O [...] había este::... una toma de la facultad de ciencias sociales... la que está en la calle ()... mi nieta va a ciencias sociales de la que está frente al parque Centenario... que por allá debe conocer... entonces eso a mí ya me trajo una inquietud [...] entonces la llamé justo la encontré que se iba a la facultad... y la expliqué... porque la mamá estaba trabajando... le digo... Sofía... pasa esto... ocho colegios secundarios tomados más una facultad de ciencias sociales [...] hace un rato escuché que... en el noticiero que () que no es santo de mi devoción... pero no importa... había dicho que todo esto que hacen los estudiantes... están quitándole derecho a los que realmente quieren ir a estudiar [...]

E.69 – Radio Mitre 30/09/10 – 21:34

- O yo quería decirte que... en Palmo... qué si la vida es mejor ahora que la que vivimos anteriormente... y yo viví anteriormente porque tengo la edad para eso [...]

E.70 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:16

- O [...] vamos a montones de sitios... a muchas concentraciones... yo soy de las que () con un jamón... un pollo... me conoce mucha gente por eso [...]

E.71 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:19

- O [...] yo me quedo alucinado con todo esto... yo estoy en Madrid... vivo en Madrid... pero durante diez años estuve en Paraguay

- A sí
 O entonces... allí la temperatura... ya ha llegado... teníamos las máximas de treinta y ocho... treinta y nueve grados... pero lo más bueno es que las mínimas... a las ocho de la mañana te daban veintiocho grados... pero ya lo malo no es eso... lo malo es que [...]

E.72 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:22

- O mira... es que quería contarte que... ha llamado una señora que recordaba un calor por la década de los noventa
 A sí
 O pues exactamente fue finales de julio... principio de agosto... recuerdo bien porque yo tuve a mi hija... a mi tercera hija... y fue un día de calina
 A qué espanto
 O de esos de calina... nublado... en la () dieron los mercurios cincuenta grados... nunca lo olvidaré [...] yo sé que no recuerdo otro verano como aquel... no lo olvidaré nunca [...]

E.73 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:26

- O [...] para darles un dato son las diez y media de la mañana... y estamos a treinta grados en Bilbao
 A oh... madre mía
 O yo... esto no lo había vivido en la vida [...]

E.74 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:28

- O [...] esta semana... el lunes... aquí tuvimos cuarenta y un grados [...] mi marido hizo la (mili) en el Sahara en el año setenta y tres... setenta y cuatro y claro... él cuenta que allí llegaron a cincuenta y dos... cincuenta y tres grados... los soldados deshidratados... entonces decía... con una calina que hacía allí... con un ()... entonces él claro... cuando nos dice eso [...] pero el año ochenta y dos hizo mucho calor... fue un año bueno... de cereales y de vino como ese... pero que yo tuve dos gemelas y no sabía donde ponerlas [...] pero este año está... este año está [...]

E.75 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:31

- O [...] soy ganadero... tengo ovejas... y por la mañana... bueno...cuando necesito... se trabaja... pero por la tarde... eso es horrible [...]

((sobre el tema del calor que hace en algunas regiones de España))

E.76 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:34

- O [...] ahora llegas a un bar... si no tiene aire acondicionado no entras... antes no había ninguno con aire acondicionado... entrábamos todos... los bares... o en cualquier sitio... cualquier tienda... y hoy ya es que estamos () coche sin aire acondicionado... ¿cómo te vas a comprar un coche de esos? [...]

E.77 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 09:40

- O [...] yo lo que te voy a decir es que en el año noventa y tres yo estaba en Alemania... en una ciudad que es la Selva Negra...y ese año en Europa hizo... yo no sé si alguien se acordará... una cantidad de calor [...] estoy yendo todos los veranos () las navidades así que... que conozco aquello... muchacho... pero vamos... allí tan pronto está lloviendo y te hace calor [...]

E.78 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:14

- O [...] yo creo que además este... esta remodelación envía claramente el mensaje de que [...] después me sorprende que Zapatero... en este turbillón de retificaciones en el que anda metido [...] que más o menos queda dentro de esa órbita de Zapaterismo [...] es un ministerio (adorno) para gestionar políticas superficiales... que si el trabajo... que si la libertad... este tipo de cosas [...] y creo que todo eso encaja bastante la idea de que [...]

E.79 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:18

- O [...] () que esté en política es patético... no sé... es patético que esa mujer esté en política... (yendo) al tema de su madre en () y ella... no sé... es patético esta persona [...]

E.80 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:21

- O [...] haciendo un análisis del aspecto físico de Ruvalcaba... pero si os fijáis... uhm... es de estas personas... le pasaba lo mismo... salvando las distancias... a () [...] bueno... tiene una escenografía él mismo... tiene una expresión corporal que hace olvidar si es más

guapo si es más feo... si tiene... ese dato simplemente lo destacaría aunque es absolutamente secundario... bueno... Zapatero ha hecho un gobierno... va a ser un gobierno en las próximas horas muy político [...] habrá probablemente alguna otra reforma... probablemente alguna medida más dura si no se alcanza la reducción del déficit prevista, como dijo ayer Helena () y esto ya es política... política y política... es saber vender el producto de una manera... bueno... pues que por lo menos a toda la izquierda [...] son los votantes genuinos de la izquierda... que están durmientes... silentes y que no tienen ninguna intención de despertarse... bueno... vamos a ver si esto lo agita Ruvalcaba [...] pero ojo con la figura de Marcelino Iglesias que no viene como digo a tapar los agujeros de las agrupaciones donde haya un lío... no...no... no... le ha elegido el presidente... estuvo en Moncloa según me acabo de enterar el lunes... el lunes bastantes horas con el presidente... en (tramando) esta estrategia [...]

E.81 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:25

- O [...] yo lo que quiero es que se vayan cuanto antes... al día de hoy me deben ochenta mil euros... trabajo con la sanidad pública... tengo una pequeña empresa... y estamos () los ahorros que tenemos porque hemos tenido la cabeza un poquito muy () todos estos años y tenemos para poder ir () y no quiero nada de nada de estos socialistas porque es la ruina... por lo menos en mi casa... y es porque nosotros no lo prevenimos y no lo... comemos todo... pero mi marido y yo y mis hijos... mis hijo ya están trabajando porque ya... uhn... mi marido y yo... y es una vergüenza... y esto es lo que hay... no los quiero ni ver [...]

E.82 – Radio Onda Cero 20/10/10 – 10:27

- O [...] se había instalado una cierta inercia... una cierta idea de que se iba a producir un cambio sobre el ministro del trabajo a la espera de abastecimiento sí... se ha precipitado un poco... en ese aspecto el presidente hay que reconocer [...]
- A lo que pasa es que algunos interpretábamos que esta gran remodelación quedaba pendiente hasta noviembre... hasta después de las elecciones catalanas
- O sí... eso dictaba el sentido común... pero a veces... no siempre [...] con el mapa iba un poco eso dibujado pues se procedería el cambio de gobierno... eso también nos dice una cosa... que en esos momentos el gobierno [...] a partir de esta semana... el viernes [...] cambia esto... cambia... el cuadro cambia totalmente [...]

E.83 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:13

- O [...] es una iniciativa que hizo el colegio de mi hija que lo encuentro bastante bien... que va reciclando los libros... entonces pagamos... esto empezó hace tres años... hemos pagado tres... una cuota de tres euros al año y el colegio va comprando los libros que se van a haciendo viejos o se van estropeando... y nosotros compramos pues a lo mejor los libros de fichas o los libros que están mejor este año pues han salido nuevos (te lo digo)... completamente este año... he pagado... que mi hija va a ser el sexto... he pagado cincuenta euros de libros
- A bien
- O o sea que... a parte material escolar... eso sí...
- A claro... lógico... lógico... por lo menos ayuda... claro [...]
- O eso también a los niños les hacen pues que bueno cuiden los libros [...]

E.84 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:16

- O [...] la culpa propia la tenemos los padres y sobretudo los consejos escolares que son los que aprueban que el uniforme lleve esta rayita y valga tanto dinero... en fin... y yo creo que la culpa la tenemos los padres que pensamos que un colegio concertado es un colegio privado y no es así
- A no...no... de hecho es una adelantez porque tienen () en muchos casos
- O efectivamente... es decir colegio (es adelante) especialmente por eso... pero los colegios yo creo... alguno de ellos han adoptado por este tipo de gastos para tener mayor ingreso [...]

E.85 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:22

- O [...] mira...yo os voy a exponer los problemas que me han presentado este año... mi hijo [...] estuvo enfermo... la enfermedad se le detectó en noviembre y ha perdido todo el curso [...] cuando... este año hemos tenido ya la lista de libro [...] yo ya lo había oído otros años y había dicho estos padres son unos exagerados... no [...] si el apartado uno está en el apartado cinco... y el apartado cinco en el apartado siete... pues mi hijo no sigue la clase ¿no?... eso... lo primero [...] ha andado dos años para cambiar el uniforme... pero claro... yo lo he comprado este año

[...] lo que a mí me ha costado un pantalón... veinte euros... este año... he visto los precios para el año que viene... y son cuarenta y seis euros cada pantalón [...]
(sobre el precio de los libros y materiales para niños que están en el colegio)

E.86 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:25

- O** [...] yo... mi hija... ya sé... la metí en un colegio concertado yo ya sé las características del colegio... ¿vale? pero a mí en su momento no me dijeron que yo tenía que pagar una cuota... es voluntaria pero... te lo dicen que es voluntaria pero si no la pagas estás metida entre comillas
- A** en la lista negra
- O** ahí está... esa cuota te dicen que es para arreglos [...] te dicen que es una cantidad como... ahora no me sale... como una ayuda y lo último esa cantidad te desgrava... ponen que te va a desgravar [...] y luego... que si empiezas a sumar... que si es actividad extra escolar... que haced esto... que de lo otro... yo creo que ya es demasiado... y eso que solo tengo una [...] con eso tengo todo dicho... ¿vale?

E.87 – Radio Onda Cero 01/09/10 – 10:29

- O** [...] cada profesor escoge el libro de texto que quiere... por lo tanto si el que le tocó el año anterior a hija mayor... pues... no le gustaba... lo cambia directamente... y eso deriva para mí de un problema digamos que es mucho más profundo [...] los profesores de enseñanza secundaria... es que no son profesores... no han estudiado la carrera para ser profesores... yo tengo un familiar que es profesor de química en una escuela... en un instituto de enseñanza secundaria... simplemente porque estudió la carrera de química en la universidad... estuvo buscando trabajo en todos los sitios... no la encontraba como químico... hizo un curso de tres meses [...] y ya es profesor [...] pero con eso quiero decirle que ese señor no tiene ni idea ni de sociología educacional ni pedagogía educacional [...]

E.88 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:25

- O** [...] yo hace cuatro años doy la luz a una niña y me llama una hermana de mi madre para felicitarme por el acontecimiento... hacía muchos años que no teníamos trato porque ellas no se llevaban bien... y en esa primera llamada pues aprovecha para decirme... que mi padre antes de morir le había dicho que yo era adoptada... y que buscara porque yo era adoptada [...] en principio llamo donde se suponía que yo había nacido... a mí siempre me habían dicho que había nacido en la clínica L'Alianza de Tortosa... entonces a la partida de nacimiento ponía una calle... yo la había visto muchas veces entonces dí por eso que la clínica estaba en esa calle... entonces con el catastro de Tortosa compruebo que no... que lo que había en esa calle... en aquel año... mil novecientos sesenta y ocho era la fonda ()... era todo el edificio de la fonda () representada por () Costa... hablo con esta señora que sigue viviendo allí [...] yo tengo unas fotos de mi bautismo y aparecen... en esas fotos aparecen varias de ellas en la pila bautismal... y en la posterior cena aparece una niña de doce años que me dicen los vecinos que es hija de la dueña de la fonda... yo la enseño las fotos... me lo niega varias veces que sea su hija y acabas mintiendo pero me dice que no se explica que hacía allí... que no conoce estas personas y que no sabe que hace su niña en mi bautismo... localizo a la comadrona que certifica mi nacimiento que es Margarita ()... de Tortosa y me dice que sí... que certificó ese parto pero que lo certificó en falso [...] continuo mi investigación en Benicarló y es cuando descubro que la sobrina de esta comadrona es mi madrina junto con su marido y que el resto de personas que aparecen en esas fotos del bautismo que yo no sabía quienes eran [...] y hasta ahí he podido llevar... constatado con estas personas [...] es un alivio saber que no soy hija de una persona que me ha estado maltratando siempre... entonces eso es un alivio [...]

E.89 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:29

- O** [...] yo en el año ochenta y cuatro... me quedo embarazada [...] me pongo de parto... me voy a urgencias... y ahí justamente la misma noche... en la que yo me pongo de parto antes de subirme a planta... ya me están hablando y diciendo si puedo dar a la niña en adopción... ya sabemos que es una niña por ecografía... ¿vale?... ya lo están comentando... yo en aquel momento quiero salir de allí corriendo pero ya los dolores son tan fuertes que no puedo salir andando ni en ese momento puedo avisar a nadie porque por acá entonces no habían teléfonos móviles... y mi familia no se encontraba cerca... me ingresaron... me tuvieron... no sé a quien estaban esperando porque yo estaba de parto y me decían que estaban () que con mis veinte y pocos años... es que estás tan jovencita que no sabéis lo que queréis... no estáis preparadas para ser madre... ¿cómo no estoy preparada para ser madre?... a mí me duele mucho... yo soy madre... mi hijo está naciendo... en este caso mi hija... y bueno... aquello fue... ponerme

tranquilizantes... dormirme [...] cuando me dijeron que la niña había muerto... a todo esto yo me escapé al nido a buscar a mi hija porque yo me quité las gomas... con toda la... la... bueno... pues... después de una cesárea... yo subí a ver a mi niña al nido... y allí me dijeron que cuidadito que esto era una locura y que si siguiera así la van a mandar al psiquiatra [...] has tenido mucha suerte de estar viva y ahora tienes que vivir por ti porque mira tu hija... mira si hubiera nacido habría sido un parto muy raro... estaría así ((ruidos)) me hacía esos gestos horribles [...] a todo esto... mi madre cuando llegó [...] yo moví cielo y tierra... porque yo llamé a un amigo mío que hoy está trabajando como médico en Francia... y él vino y me dijo... no te preocupes que yo voy a investigar dónde está esa niña [...] y la monja diciéndole a mi madre que la niña es preciosa... que la niña se le parece mucho a ella y que tiene que olvidar porque como está muerta no la puede ver porque es que eso es un trauma [...]

E.90 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:31

O [...] me dijo una señora que yo era adoptada... después de mucho luchar con mi padre adoptivo... me dio unos papeles donde ponía en un papel amarillo de los años cincuenta y ocho... entrego esta niña en adopción a estos señores por no poder alimentarla para no reclamarla jamás y me dan un papelito de un pueblo () que es () donde yo... me bautizaron... bueno... pues cuatro años estuve para dar ese paso... para ir al pueblo... a los cuatro años voy al pueblo con ese papelito solamente de la iglesia [...] me bautizaron en Málaga... y tengo un año menos... y todo eso... y fuera de la monjita [...]

E.91 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:34

O [...] mi padre por um lado... en el lecho de muerte me está confesando que él me compro a um cura em Zaragoza... y por outro lado... me di cuenta que la partida de nacimiento está totalmente manipulada... resultando de que yo ni he nacido... teoricamente.... y no sé quien son mis padres biológicos... entonces claro... a raíz de esto [...] mi padre me compro a mi por ciento cincuenta... o sea... aproximadamente unos quince mil de pesetas de ahora.... entonces es um delito... a mi padre le contaron de que esto era para pagar los gastos del parto [...] supongo que en aquella época... pues que no había ningún control... mi padre confió... a parte que iba recomendado por el padre de Antonio... porque el padre de Antonio Barroso ya lo había hecho antes... y entonces esa fue la gran sorpresa ¿no?... yo... cuando a él se lo comenté [...] empezamos a investigar... y a raíz de eso... pues [...] en este momento estoy en standby by [...] toda la información que tengo actualmente es esta... más alguna que... digamos... no puedo contar y esa es mi historia [...]

E.92 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:52

O [...] yo... la verdad es que tuve mucha suerte... mucha suerte porque conmigo lo intentaron hacer... me intentaron robar a mi hija... porque eso es un robo... y en el fondo... gracias a mi marido... y a su carácter fuerte pues... se acercó al médico y le amenazó... le amenazó porque nos dimos cuenta que aquello no era como tenía que ser... entonces esto es un caso muy famoso aquí en Madrid [...] este es un caso que estuvo desde los años setenta... ochenta... por ahí [...] se terminó la policía en ese hospital... en muchísimos casos de robos de niños [...] me llevan al ()... allí me duermen... porque tenían esa costumbre siempre [...] a mi marido le dice que la niña venía con muchas malas formaciones... y que no iba a salir adelante... y mi marido... bueno... se puso como un energúmeno... usted me enseña mi hija... usted me sube a mi mujer... o yo aquí ahora mismo le mato porque ¿qué es eso?... mi hija estaba bien... mi mujer estaba perfectamente... todas las revisiones han sido perfectas y usted no me puede decir ahora que esta niña viene mal [...] fui a hacer una revisión al año y pico dos años del parto... pues ese día... ese día casualmente yo presencié una conversación que el médico tenía con... porque a todo esto estaba () una monja muy famosa ahí [...] a raíz de todo esto pues... entonces... a poco tiempo en los periódicos vino toda la trama que tenían [...] nos enseñaba un bebé muerto para decinos que ese bebé era nuestro y que el niño había nacido mal [...] además es una cosa que la tengo siempre... desde aquel día... metida en mi corazón... tuve mucha suerte [...]

E.93 – Radio Onda Cero 23/09/10 – 10:54

O [...] estoy escuchando esto y quiero yo también participar [...] en el setenta y uno... enfín... que me puse de parto [...] llega una monja... y me dice que el niño había que llevarlo a la incubadora... pero ahí en este hospital de () como no había incubadora [...] un médico se lo recogió y le dio un número de teléfono... y le dijeron que en ese número de teléfono donde él tenía que llamar y preguntar cómo iba el niño... eso fue un lunes... que nació el niño [...]

E.94 – Radio Onda Cero 05/10/10 – 10:23

- O [...] yo pertenezco... según dijo el señor ()... pues... a la generación esa frustrada [...] yo terminé mi Carrera de historia en el noventa y siete... estuve un año... en ese mismo año me empecé a trabajar en un colegio [...] termina ese año porque el colegio... bueno... me dijeron que no podía seguir [...]

E.95 – Radio Onda Cero 05/10/10– 10:25

- O a ver... pues mira... yo te cuento... yo soy farmacéutico... yo hubiera querido estudiar medicina... lo que pasa es que bueno... con estas cosas de las notas [...] te encuentras que las posibilidades cuando terminas la carrera farmacia... pues eso... trabajar en una oficina de farmacia o entrar en la industria farmacéutica [...] para que te concedan una licencia pues eso... tienes que llevar años trabajando en una farmacia [...] los que podemos estar trabajando muchos años... no podemos acceder a eso [...] estuve siete meses en paro... esos siete meses en paro sin cobrar desempleo [...] tengo treinta y dos años... casi no tengo experiencia en nada porque no hay manera de conseguir experiencia para luego conseguir algo.... esto está muy difícil [...]

E.96 – Radio Onda Cero 05/10/10– 10:33

- O [...] se ha... no sé si maximizado... el tema de la preparación de los jóvenes españoles... se ha puesto muy de relieve que si tenemos idiomas... no tenemos idiomas... de si hay inglés... francés... y yo lo que creo es que esto es en el tema que se está tratando... de la generación frustrada [...] ahora mismo los jóvenes con treinta y cinco años siguen estudiando la segunda carrera... el tercer idioma... el cuarto master... y bueno... ¿y qué consiguen con eso? pues... ser uno más en la lista del paro [...] yo he tenido compañeros de trabajo mucho mejor preparados que yo... que sabían muchísimo menos que yo... en el día a día... en la resolución de problemas... en la capacidad de decisión... en la capacidad de liderazgo... en hacer equipo... eso sí... tenían setenta máster cada uno pero ¿hasta qué punto sirve eso? [...] ahora mismo hay ciento cincuenta universidades privadas... eso no puede ser excelencia... eso no puede tener cualidad [...]

E.97 – Radio Onda Cero 05/10/10– 10:48

- O [...] tengo cuarenta y cinco años y me considero de esa generación [...] y a los años mi padre se puso enfermo... me tuve que quedar absolutamente con todo y en ese periodo pues vino una empresa y nos hizo una suspensión de pagos que entonces... dieciséis miles de pesetas... pues eran muchas pesetas para poder aguantar un taller familiar... tuvimos que trabajar sábados... domingos... de todo... para intentar levantar esa deuda con los bancos [...] siendo autónomo... no tenía paro... no tenía nada... tenía que trabajar pues bueno... en lo que me salía como podía... de la forma que podía... sueldos... escandalosamente bajos para mantener a mi familia que era lo más importante que tenía en ese momento [...] mi vida es como las tres novelas estas que son a las cuatro de la tarde [...]

E.98 – Radio Onda Cero 05/10/10 –10:56

- O [...] primero lugar quería agradeceros que toquéis este tema [...] en la entrevista de trabajo no te preguntan que sabes hacer... ni que serías capaz de hacer... sino si tienes hijos... como te lo vas a dejar en tu casa cuando te vas a trabajar... cuantas horas estás disponible... con lo cual eso que se decía en la tertulia... es... por ejemplo... que se pregunta las vacaciones y el sueldo... pues yo no sé... en mi experiencia realmente no me han dado nunca ocasión a preguntar eso [...] yo creo que más que frustrada... somos a los que quieren frustrar... pero también somos los que tenemos que trabajar para (sacar) adelante el país... con lo cual espero que esto (varíe) [...]

E.99 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:25

- O [...] yo soy hermana de gemelos [...] nos llevamos muy bien los tres pero yo nunca puedo entrar en esa relación tan especial y tan cerrada que tienen ellos [...] lo quiero muchísimo y que son... bueno... estos tienen muchísima telepatía [...]

E.100 – Radio Onda Cero 25/10/10 –10:29

- O [...] con esas anécdotas le puedo explicar [...] bueno... mi padre nos conocía de aquella manera... mi madre sí... yo estaba enferma... yo tuve de pequeña [...]

((oyente que cuenta anécdotas sobre su hermana y ella que son gemelas univitelinas))

E.101 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:31

- O mira... me he jubilado este año y no me gusta nada la idea [...] tengo dos hermanas... que son gemelas... pero exactas... exactas como dos gotas de agua... y cuando eran pequeñas mi padre no las conocía... entonces mi padre pensó... pues le pongo una medalla a cada una de su nombre () las corresponde y bueno pues ya... las distinguimos... pero claro se fue un rollo... en un rato saca la medalla... total... que al final aquello no dio resultado [...]

E.102 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:34

- O [...] yo soy un gemelo [...] desde ya muy pequeñito a mí me (pilló) una moto... y se me descolocó la clavícula... y eso fue por la moto [...] si yo tengo gripe... él tiene gripe... y bueno... eso por un lado [...] lo del carnet... eso es típico... () a terminarse con mi coche y con mi carnet... eso es típico [...]

E.103 – Radio Onda Cero 25/10/10 – 10:45

- O [...] creo que la más importante de mi vida ha sido un sueño que tuvimos las dos con dieciséis años... dormíamos juntas... en cama de matrimonio... entonces yo estaba soñando... me estaba pillando un camión... entonces mi hermana me quería sacar de debajo de las ruedas... yo di un volteo en la cama y caí... entonces vino mi madre... ¿qué pasa? ¿qué pasa?... ay... que horror... es que me estaba pillando un camión... y mi hermana me dijo... es que yo te quería sacar... ya lo sé... yo lo estaba viendo... a raíz de aquello nos hicieron un estudio [...] anécdotas hemos tenido cantidad pero creo que esa es bastante importante [...]

E.104 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:21

- O [...] y ahora el veinticuatro de este mes vamos a Málaga [...] es decir... todas las que bajan de Valencia... Barcelona... pues... exponer la niña () y aquello se va abajo [...]

((una madre habla sobre la hija que practica un deporte, pero no tienen apoyo))

E.105 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:24

- O [...] campeones de España y no salen en ningún sitio... a veces eso da mucha pena [...]

((oyente que habla sobre el rugby, deporte que practica el hijo))

E.106 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:28

- O [...] son dos equipos... y tiras con el balón... si se te cae estás castigada y va a otro...
A el balón prisionero sería ¿no?
O sí... eso... exactamente... lo que pasa que aquí un poco... estando tan cerca de Francia el Brilet era como ... quemado... estás quemado... está castigado... me imagino que sea por eso... porque lo demás en todos los sitios he oído que es eso [...] nosotras ya con treinta y tantos años que íbamos a la gimnasia... cuando yo los niños teníamos un poco más crecidos pues aquel profesor nos animó a jugar [...]

E.107 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:32

- O [...] nos dedicamos... mi mujer y yo... porque este es un deporte de pareja... la fotografía submarina [...]

((oyente que llama para hablar del deporte que practica))

E.108 - Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:50

- O [...] el tiro con armas históricas... estamos hablando de armas que van del período... pues aproximadamente desde mil quinientos hasta mil ochocientos setenta... y España... España es una potencia en ese sentido [...] el tema que tiene esto es que lleva mucho trabajo detrás [...]

E.109 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:54

- O [...] estamos hablando de deportes minoritarios que tienen para mí todo el respecto porque es un sacrificio enorme... pero todos están... la mayoría... buscando metas... eso de triunfo... de medallas [...] soy senderista [...] tú puedes entrar en nuestro blog y las tiene () todas... puedes hacer esa misma ruta conociendo España... que es maravillosa... y la desconocemos totalmente... porque no somos capaces de cogernos un mero bocadillo e irnos al monte a patearlo... y compartir con esa gente [...] hay muchísima gente que se está dedicando a ese deporte sin mayor intención de metas... ni de triunfos ni de nada [...] y fomentamos a que la gente participe... y se una y comparta las cosas... aparte de todo esto... o sea... vivencias personales... rutas que te conoces [...] y no tenemos nada que ver con premios... ni medallas... ni nada de eso [...]

E.110 – Radio Onda Cero 26/10/10 – 10:57

- O** [...] hacemos vela en tierra
A muy bien... ¿y están federados o van por su cuenta?
O pues... bueno... ahora tenemos el problema... por eso... hablando... escuchando este programa de lo permisivo que fue antes el el poder asociarse en federaciones... ahora pues... pues... debe ser porque alguna región aprovechó o alguna comunidad se aprovechó demasiado de esto ahora hay un endurecimiento [...]

E.111 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:12

- A** ¿su invento cuál es Dolores?
O bueno... para mí el móvil sin duda alguna... por mi trabajo... por todo [...] pero sin móvil no me quedo... esto lo... más precioso [...] y el peor el coche con dirección asistida [...] hasta hace poco tenía unos bracitos como una joven de veinte... y desde que tengo un coche moderno eso es una () [...]

E.112 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:15

- O** [...] soy agricultor... ahora mismo estoy aquí labrando... y... de los inventos buenos que ha habido... en la agricultura ha sido por ejemplo el tractor... la máquina de () y la cosechadora... eso nos ha cambiado la vida... pero vamos... como de la noche al día [...] normalmente alquilamos las máquinas por () y nos reduce mucho () eso es una maravilla [...]

E.113 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:17

- O** [...] como enfermera que soy enfermera hace cuarenta años... nada menos... el aparato de () sin el fonendoscopio... que nos hacía los oídos hecho () yo tengo una perforación de tímpano... y con el aparatito ese... nos ha salvado la vida [...]

E.114 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:19

- O** [...] no se ha mencionado el carro de ir al mercado [...] hombre... eso... eso es fenomenal [...] el invento del cristal para mí siempre lo pienso... digo... no se oye hablar de eso pero me parece fenomenal [...]

E.115 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:44

- O** [...] todo lo que sea para quitar a la persona el ser dependiente me encanta... como también la cama articulada eléctrica... todo eso... pero la silla de ruedas que cuando les veo por la calle... les veo solos... la verdad que me da mucha alegría [...]

E.116 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:54

- O** [...] para mí... mira... el invento más maravilloso y que nos ha cambiado la vida a la familia entera ha sido el implante coclear [...] es un pequeño ordenador para que... mi hijo es zurdo... y a través de ese ordenador escucha y ha podido aprender a hablar [...] y gracias a ese invento tan maravilloso... pues mi hijo habla [...]

E.117 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:56

- O** [...] pues... mi invento... les voy a contar un poco mi historia porque así sabrán por qué ha sido tan importante ese invento para mí [...] para mí el mejor invento que existe es la webcan [...]

E.118 – Radio Onda Cero 28/10/10 – 10:58

- O** [...] yo también disfruto de los muchos inventos que se han mencionado... pero para mí uno decisivo es la máquina de coser... una máquina de coser puede salvar una familia [...] yo hablo de las excelencias de mi máquina en mujeresinquietas.com... donde... digo pues eso... que ha salvado una familia... porque una máquina de coser en la clase obrera... eso es fantástico [...] pues esta era mi aportación... la máquina de coser en estas (obreras) ha sido súper decisiva

E.119 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:14

- O** [...] el caballero se hizo un tatuaje en la espalda... pero un tatuaje... un Cristo... un Jesús Cristo [...] cuando vino... pues mira lo que tengo... (un dibujo que tatué) y ahora esto y ahora lo otro [...]

E.120 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:47

- O [...] yo te cuento un poquito... yo me hice hace unos diez años un tatuaje en el brazo izquierdo... un brazalete... muy bonito... y debajo me puse el nombre de la persona amada en ese momento [...]

E.121 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:49

- O [...] os cuento... yo hace unos años estuve como voluntario llevando un taller de guitarra en la cárcel de Soto del Real... aquí en Madrid... entonces por ahí había un personaje que se llamaba Carlos y se le solían (llamar) el Punk... que resulta que este tipo hacía tatuajes [...] el caso es que hubo un día que voy allí a impartir mi taller y me encuentro a otro... otra de las personas que estaba en el módulo [...] resulta que me enseñan la espalda del tipo y tenía lo que es toda la espalda... medio Jesús Cristo... pero solo medio [...] lo que había pasado es que justo en aquella época era cuando la cárcel de Soto era () y al punk le habían cambiado de centro [...] me parece que no lo completó... porque allí... que yo sepa... en el (módulo) donde estaba yo llevando el taller el único que pintaba era el hombre este [...]

E.122 – Radio Onda Cero 03/11/10 – 10:58

- O [...] yo cuando tenía unos dieciséis... diecisiete años... me hice un tatuaje de estos de que no es permanente... que se ponen la tinta las mujeres a los labios... (esos) que se borran en dos o tres años [...] tenía que haber sido una calavera con una espalda... y terminó siendo aquello una calabaza con un cuchillo atravesado [...] con el tiempo... cuatro o cinco años pude taparlo con otro encima... pero... bueno... aquello no se borraba de ninguna manera [...]

E.123 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:45

- O [...] te llamo desde Mallorca para explicarte un poco por encima lo que es la Sibila... porque me parece que de todos los nombramientos de la UNESCO puede que sea el más desconocido [...] antiguamente... al acabar el canto... que se acompaña únicamente de un órgano... con la espada rompían una serie de hilos que colgaban de parte a parte de la iglesia... de los cuales colgaban panes... panes de navidad... () de navidad... entonces rompían... al acabar el canto... con la espalda... aquel... aquel hilo... los panes caían [...] a mí me ha alegrado muchísimo que se reconozca este canto porque creo que no se conoce más que en Mallorca [...]

E.124 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:48

- O [...] Bueno... mi padre era cetrero [...] bueno... mi hermano ha heredado esa afición [...]
A ¿la caperuza para que se le ponen?
O la caperuza pues... frecuentemente se les pone pues para que no se asusten cuando van en el coche... todo eso se les pone pues para que el pájaro no se asuste [...]

E.125 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:50

- O [...] ahora mismo se declaran los (castells) patrimonio cultural inmaterial de la humanidad... porque estamos próximos a elecciones en Cataluña [...] me parece fenomenal... pero que toda la gente sepa que esto se produce por la proximidad... a las elecciones [...]

E.126 – Radio Onda Cero 17/11/10 – 10:57

- A [...] ¿y usted donde se pone en el (Castell)?
O yo... en la piña...
A ¿abajo?
O abajo... muchas veces me ponen () porque soy pequeña () es decir... ahí donde hay un hueco para que la piña no se abra... que los hombres no se () digamos... alguien que se ponga ahí en medio agachadito para que aquello no () [...] y cuando ves que tu hijo está arriba... y que se puede caer... tú te ponés ahí y aguantas el el... el () para que aquello no se caiga... y que si se caiga... se caiga encima tuyo

E.127 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:27

- O hola... buenos días... Carlos
A ¿cómo está señora?
O muchas gracias por (esta) oportunidad maravillosa que nos ofrecéis [...] cada vez son más los españoles... los residentes... los que tienen aquí su DNI... que antes incluso eran donantes... donantes de caritas... donantes de los bancos... y ahora resulta que se tienen que acercar... a pedir alimentos y a comer en los comedores... eso es así [...] a quién no podía prescindir cinco

euritos por mes para ayudar esa obra tan tan estupenda que se hace en todos los bancos de alimentos [...]

E.128 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:28

- O [...] además el banco de alimentos tiene un problema adicional... antes contaba básicamente con excedentes de grandes superficies... supermercados... la crisis () cada día (estos) supermercados y grandes superficies (aquilatan) más sus pedidos... y ya no tenemos ese excedente que era lo de los cuatro días antes de que caducara el producto [...] hay que buscar a la gente... que lo necesita porque de alguna manera... o sea... se avergüenza de algo de lo que no es culpable... hay que enterarse de buscar donde está esa persona... esa familia que está necesitando [...] y ahora... y voy a aprovechar esto... porque está en relación directa a caritas y el banco de alimentos precisamente (Marbella) que de alguna manera parece una ciudad frívola y que no lo es en absoluto... tenemos este fin de semana un bazar... a favor enteramente de caritas que se nutre la generosidad de esta ciudad que es maravillosa [...]

E.129 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:32

- O [...] me choca que veo a familias que no... aparentemente no tienen muchos problemas... y veo una acumulación grande de productos... del banco de alimentos ¿no? [...] no sé... no sé que perfil de persona necesitan para que le den esos alimentos [...] veo también eso... que veo demasiado cantidad de alimento a gente [...] entonces pido que se tenga un poquito más de control...que realmente esos productos se repartan a gente que realmente lo necesitan [...]

E.130 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:49

- O [...] las familias... digamos... normales... lo que tú dices... con niños... para que no vean ese tipo de ambiente [...] y después... por ejemplo... si mi madre consigue pues que le dan paquetes de galletitas o bollitos o... pues... le dan a los niños pequeños... y van repartiendo de esa manera

E.131 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:51

- O [...] yo agradezco que puedas tocar este tema [...] tuvimos una denuncia... entre comillas... de una vecina de donde nosotros estamos que... bueno... pues que esa persona tenía [...] yo pediría por favor... me parece muy bien la labor... hoy martes concretamente somos nueve personas... voluntarias las que nos ponemos a repartir alimentos en la asociación donde estamos... por no hacer publicidad no la digo... pero que yo pido por favor que esto se extreme mucho la información [...] yo pido desde mi humilde voz que por favor esto se esté vigilando [...] pero hay veces nos enfadamos nosotros mismos... los voluntarios... diciendo ¿cómo esta persona puede venir a por alimentos? [...]

E.132 – Radio Onda Cero 23/11/10 – 10:56

- O [...] yo pienso que sí...que hay que dar publicidad porque cada vez necesitamos muchos más voluntarios... porque cada vez son más las familias que necesitan este tipo de acogida [...]

E.133 – Radio Onda Cero 23/11/10 –10:58

- O [...] y cada vez hay más gente española en el albergue... porque antes era más... se documentaba que era más... una señora... que era más negros... más gente africana o marroquíes... pero cada vez hay más españoles y lo que pasa es que yo pensaba que era... que un albergue era... pues eso... indigentes... drogadictos... toda esa gente cuando te das cuenta... cuando estás adentro... te das cuenta de que es impresionante la gente que hay... gente con cultura... gente que () la noche por la mañana () vida... y que si no fuera por estas organizaciones [...]

E.134 – Radio Onda Cero 29/11/10 –10:25

- O [...] a mí lo del partido vecinal... me suena parecido a lo del grupo independiente liberal... () solidaridad catalana por la independencia... eso lo que quiere decir [...] lo que la gente piensa ante esta situación económica... y cuando se gobierna haciendo tonterías... pues se castiga al que hace tonterías... que ante esta situación económica [...] la gente opta por políticas liberales o lo más parecido a eso para salir de la crisis [...] solo en Cataluña el PSC sacó diecisiete esaños de ventaja al PP... si extrapoláramos estos resultados [...]

E.135 – Radio Onda Cero 29/11/10 –10:31

- O [...] él decía que la sociedad española y los partidos políticos en general en el resto de España... deberían de reflexionar sobre su nueva relación con el catalanismo ¿no? después de estas elecciones [...] no solamente los demás los que tenemos que reflexionar sobre esa situación... sino ellos también ¿no?

E.136 – Radio Onda Cero 29/11/10 –10:33

- O [...] la herencia que está dejando Zapatero... Blanco y Rubalcaba... al partido socialista... es... en este minuto... algo sobre lo que tienen que reflexionar

E.137 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:21

- O [...] este verano nos decidimos... la vecindad... a arreglar el patio [...] y nos hacen los escalones y el último escalón... (no le deja) de siete centímetros... lo que entra los dedos del pie... le decimos que eso cómo lo ha dejado así [...]

E.138 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:23

- O [...] llevo desde hace año y medio detrás del carpintero [...] yo la última vez le dije... oye... o me separo del marido porque todos los días bronca a cuenta tuyo... dice... no mujer... que esto no es nada [...]

E.139 – Radio Onda Cero 29/11/10 –10:25

- O [...] empecé a mirar el presupuesto el tema de cambiar la plaqueta de la cocina... la plaqueta y el () del cuarto de baño... pues tanto... los muebles del baño nuevo... tanto... esto... tanto... bueno... pues total... una vez que tuve el presupuesto [...]

E.140 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:29

- O nosotros teníamos un piso... muy oscuro... un primer piso... que decidimos reformarlo porque era muy antiguo [...] volvimos a () el piso... con otros contratistas nuevos... entonces... pero vamos... eso se ha alargado tres años [...] el fontanero... que ese no había manera de (pillearlo) por eso se ha ido alargando todo [...]

E.141 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:44

- O [...] dejé a mi marido con los albañiles para que él los () desde las instrucciones... porque mi marido no se mete en nada de eso... él paga lo que sea... pero él meterse con albañiles y todo eso... nada [...] me habían hecho cada... había siete escalones... y cada escalón de una altura... unos de diez centímetros y otros de veinte centímetros... imagínate tú... bajando esas escaleras... para romperse uno [...]

E.142 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:46

- O [...] me compré una casa vieja... y mi presupuesto era muy pequeño... muy pequeño... entonces la reformamos mi padre y yo... que el hombre era la fuerza bruta y yo la que tenía las ideas... bueno... no habíamos hecho nunca nada de esto [...]

E.143 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:49

- O [...] eso que estás contando () a lo que nosotros nos pasó... mis padres tienen una casita en un pueblecito de Extremadura en Campanario... y allí () que es vecino de la casa... que es amigo... que es prácticamente familia... y bueno... que nos hace la obra... que nos hace la... que este hombre a mí no me gusta... papa [...]

E.144 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:52

- A ¿y la suya cómo fue? o ¿cómo es?
- O pues la mía fue internacional... porque eso fue [...] el mismo día que vamos a firmar... nos dice el dueño de la casa...mira... si no queréis comprar la casa... yo lo voy a entender... pero es que anoche el pozo... se estropeó la bomba... me basó el agua... y todo () está completamente inundado... lo cubre el seguro... pero bueno... hemos peleado mucho por la casa... es la más bonita...tal... nos quedamos la casa... nos tuvieron tres meses largos... eso era un mes de agosto () de agosto... el último día de octubre nos quitaban unos ventiladores que hacían un ruido mortal... los teníamos que tener... para secar aquello un poquito [...] por un lado era sótano... pero por el otro lado era la () del jardín [...] tenía que hacer eso... nos viene una fotocopia del dibujo original... y (cambiado) bolígrafo encima () donde estaba el registro... teníamos que pagar seiscientos euros por eso [...] mi marido [...] empieza a cabrear como nos cabreamos

aquí... aquel no le entendía... mire... vamos a ver... esto es... es que lleva... yo no llevo cuatro horas de dibujo... voy a hacer una fotocopia... no es un dibujo... sí... sí pero esto tiene un trabajo porque yo esto lo tengo que firmar [...]

E.145 – Radio Onda Cero 01/12/10 –10:57

A ¿cómo fue su obra?... a ver... cuéntenos

O ay... pues fue un desastre porque... bueno... principio era una especie de compromiso que mi madre... me dijo... no te preocupes que este hombre no (te acuerdas) que es conocido de la familia... que trabaja estupendamente... y bueno... pues resulta que íbamos a reformar el cuarto de baño [...]